

# **MOSAICO POETICO.**

# MOSAIKO POETICO,

## POESIAS BRASILEIRAS

ANTIGAS E MODERNAS, RARAS E INEDITAS,

acompanhadas de notas, noticias biographicas e criticas, e  
de uma introducção sobre a litteratura nacional,

**PUBLICADO**

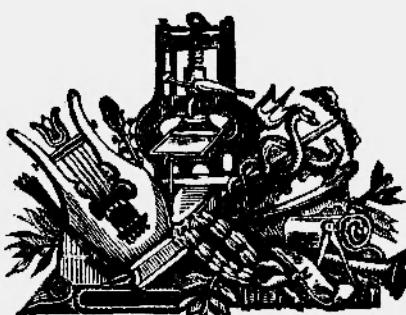
SOB OS AUSPICIOS DE UMA ASSOCIAÇÃO,

POR

*Emilio Adet*

5

*Ioaquim Norberto de Souza Silva.*



RIO DE JANEIRO.

TYPOGRAPHIA DE BERTHE E HARING, RUA DO OUVIDOR N. 123.—1846.



Nascida sob a influencia estrangeira, ou surgida de entre as crenças, usanças e costumes, tem todas as nações sua litteratura primitiva: as que porém se desenvolvem lentamente no seio das commoções de todos os povos, cheias de espirito cavalleiroso, de fé, de entusiasmo e de amor, são sem dúvida alguma muito mais ricas do que essas que avultam e se engrandecem no meio de uma civilisação prospera e crescente, como acontece com a do Brasil. É todavia para notar que não obstante possue o Brasil uma litteratura primitiva que prospera de dia em dia, inspirada o mais das vezes na lata do espirito nacional contra a metropole, ou sob a influencia do espirito de conquista e da civilisação, e igualmente desabrocha cheia de frescura e de alento, como uma flor agreste de suas matas em torno ao pomposo alardear dessa natureza dos tropicos, e sob o grandioso esplendor do azular do céo.

Foi sempre em as mais adiantadas epochas que os povos reconheceram a necessidade que tinham de se embeber nos conhecimentos dos primeiros passos de sua infancia. Esta epocha, que não tardará, pois que o crepusculo desse dia começa de vislumbrar de entre as sombras de tão longa noite, graças aos ensaios e esforços estreados, não despontou ainda de todo para o Brasil; como porém não nos serão agradecidas as gerações do futuro, por não deixarmos se dispersarem e se perderem no volver do tempo, como em epochas em que não possuimos a sublime arte de Guttenberg, tantas e tantas producções que, disseminadas e desamparadas à pocira dos annos, ahí jazem como que condemnadas ao olvido, por parecerem não ter mais que una limitada importancia, e que no entanto, reunidas que sejam, formarão o corpo de toda uma litteratura.

Hão todos os modernos povos reconhecido a necessidade de remontar á sua origem, aos primeiros dias de sua infancia, essa expressão primitiva de suas paixões e de seu sentir, para melhor explicarem o presente; é o systema de Vico e de Herder, é a philosophia da historia, pois que o pensamento humano é uma como cadêa infinita, cujo primeiro elo deriva de Deos, e cujo derradeiro remonta á sua origem, como symbolo da eternidade; cadêa que encerra em toda a sua extensão as phases da humanidade.

Colligio a Allemanha os mythos preciosos dos cantos dos Nibelungen, do Jivro dos heróes (*Heldenbuch*), e os esparsos dos *minnesænger*, seus cantores de amor, nos quaes se resume toda a sua poesia cavalleirosa da idade media; possue a Hespanha de ha muito o seu *Romancero*, em que ressumbra a heroica altivez de seu caracter; recupera Portugal sua indole nacional que assoma nessas paginas do *Cancioneiro* e do *Romanceiro*, que recentemente viram a luz publica; conserva e procura a França, sem afan, os poemas de seus *trouvères*, esses cantos de amor da alma inspirado pelo christianismo; colleccionaram os povos do norte, especialmente a Inglaterra e a Dinamarca, as poesias de seus bardos, cujo brilhantismo, cuja louçania, cuja freseura são como raios do sol que adormecem sobre a neve, e que scintillam nas faces lapidadas e diaphanas dos montes gelados.

Pertence agora ao Brasil o ajuntar e colligir todas estas poesias, ora brilhantes, ora suaves, ora satyricas, ora donosas, ressumbrando de amor, que ahi passaram, que ahi passam desconhecidas e inapercebidas, e que por sim acabam por cahir no remoinhar do tempo, em cujo vortice desapparecem, como o ouro entre as mãos desses filhos de Tamandaré, esses mimosos de Tupá, que não conheciam o valor das riquezas que desdenhavam de possuir. E pois essa tarefa comprehendemo-la nós publicando o *Mosaico Poetico*, assim de que possua tambem o quinto imperio o seu archivo onde consigne parte de sua gloria, litteraria, na qual mais se patentêa a nacionalidade de sua litteratura, pois que sempre nos trabalhos do pensamento esparsos, primitivos, espontaneos dos povos é que hemos de encontrar-a. Conterá por conseguinte esta publicação as producções ineditas ou raras, as mais completas possiveis, dos poetas dos passados seculos, como tambem algumas vezes muitas das poesias modernas que perecer não devem para o edificio intellectual. Tencionavamos a principio fazer uma publicação com o titulo de *Biblioteca Brasileira*; não lhe podiamos porém dar a mesma variedade que ao *Mosaico Poetico*, que não traz seguidas todas as producções dos autores, posto que sempre completas havendo no fim do livro um indice para classifical-as.

Uma introdução historica, rapida e concisa sobre a litteratura brasileira

---

precede as poesias, cujos autores e autoras montam ja a mais de cento e cincuenta; notas succinctas, e encerrando ás vezes alguma erudição, acompanharaõ essas producções; assim como se achará tambem breves notícias biográficas e críticas que darão a conhecer a vida desses Brasileiros illustres e suas obras.

Não será por ventura aos contemporaneos, que de passo aproveitamos para aqui o dizer, que iremos mendigar a recompensa de nosso trabalho; nem tão pouco se nos dá que mesmo em má conta nol-o levem, não comprehendo-o em toda a sua extensão, pois que apenas lhe pedimos o apoio, porque tão somente as gerações futuras nol-o saberão agradecer, ja quando o Brasil houver decorrido parte do periodo litterario que hão todas as nações de percorrer para tocar o apogeo, ja quando emsím tiver raiado para elle uma dessas epochas que tudo sabe comprehendér, sem nada excluir, e que merece o ser chamada — o grande seculo !

15 de maio de 1844.

E. A. e J. N. de S. S.

# INTRODUÇÃO.

A historia da litteratura é a historia da humanidade. Sahida da mesma origem, nascente immensa e fecunda que produz torrentes, rios e regatos que dividem-se, subdividem-se, modifiquem-se, alteram-se, tomam a cor do ceo por onde passam, e depois se unem ao infinito para de novo dividirem-se, a litteratura, como a humanidade, é um circulo immenso que sempre engrandece-se, e cujo eixo unico, o ponto de intersecção, é Deos.

Perdem-se todas as origens humanas na treva do passado; nada vêm os homens senão atravez do veo espesso que estende a immensidate ante seus olhos; mas no que é lhes dado distinguir descobrem elles que todas as nações pesam sobre outras, que nenhuma epocha existe sem levar o cunho das antecedentes; pois tudo o que existe é o producto, a criação da criação anterior; e tudo o que é tomou a existencia do que foi.

Assim como o sanscrito é a fonte d'onde manham todas as linguas falladas pela creatura humana, da mesma maneira a mais alta antiguidade onde penetra a intelligencia é sobre os povos do Indastão, do Egypto, da Persia e da Judéa: o *Ramayana*, o *Mah-bharata*, a *Bíblia*, eis-ahi as antigas epopéas colhidas no meio das tradições primitivas que desaparecem na luz da eterna divindade.

A India faz com que a sua influencia pese sobre a Grecia, a Grecia sobre Roma, Roma sobre as litteraturas da idade media; depois então as litteraturas modernas nascidas sob o influxo de todas as outras.

As litteraturas da idade media, a principio christans, creadas sob a influencia do Oriente, do amor divino revelado pela Bíblia, perdem em breve este caracter, não de todo filho da epocha, porém sim da mais alta antiguidade,

parecendo a primeira revelação de Deos, e que as nações da Europa, principalmente a França e Alemanha, renovaram, e denominam renascimento. Sim, a litteratura que se poderia chamar oriental, e que renovaria o christianismo, com um entusiasmo mais puro e mais santo, com uma idéa mais sublime e infinita, foi em breve abafada pela litteratura grega e latina. A Italia, a Espanha e Portugal recebem sobretudo o influxo de Virgilio e de Horacio, os representantes de toda a poesia de Roma; a França, a Alemanha, a Inglaterra a de Homero, scio immenso que encerra o drama, isto é Eschylus, Sophocle, Euripides e Aristophane; que encerra a poesia lyrica, isto é Sapho, Anacreonte, Pindaro.

O Brasil por seu turno, colónia immensa de Portugal, debaixo de seu dominio, recebe a lingua, os costumes, os conhecimentos, e emfim a litteratura dos conquistadores portuguezes, que pouco e pouco se modifica, a principio pela diferença do clima, depois pelos eventos politicos, pela alteração do caracter, pela influencia das litteraturas de todas as outras nações, trazidas pela liberdade do commercio e principalmente dos livros.

Essas tribus errantes que, ou dobraram o cerviz ao jugo da civilisação dos conquistadores, ou subtrahirem-se embrenhando-se pelas florestas em busca das solidões das feras; esses Tupinambás valentes e esforçados, esses Tomayos fortes e robustos, esses Caethés indomados e valerosos, esses Tupiniquins pacíficos e hospitalarios que habitavam o Brasil, cujo Deos era Tupá, essa excellencia, essa potencia espantosa, que lhes fallava pelo *tupaqununga*, que era o trovão; que se lhes revelava pelo *tupaberaba*, que era o relâmpago; cujo templo eram as magestosas florestas, e que pareciam

descender de uma só nação, como parece indicar a língua tupica, dispersa em seus vários dialectos; elevavam-se acima dos povos americanos pela sua imaginação ardente e poética: as encantadoras scenas, que em quadros portentosos oferece a natureza em todos os sitios, os inspirava, e de povos rudes e barbaros faziam-nos povos poetas. No seu estudo pois se encerram verdadeiramente as primeiras epochas de nossa historia litteraria, e que fôr curiosa indagar nesses monumentos que dizem existir nas velhas bibliothecas de alguns mosteiros, recolhidos pelos jesuitas, e trazel-os à luz do dia, que muito serviriam á philologia, pois nem os trabalhos especiaes de Vater e alguns missionarios jesuitas, nem o que se pôde colher do *Mithridates* de Adelung, das obras de Humboldt, de Ayres de Cazal, de Simão de Vasconcellos, do principe de Neuwied e do coronel Eschwege, pôde dar profundo conhecimento da língua e dialectos brasílicos.

Tornado porém o paiz de outros possuidores, nova litteratura deveria nacer da nova língua por elles imposta, apezar dos estudos que fizeram da tupica para melhor comprehenderm as nações indianas a que se alliaram, e apresentar deveria uma tal ou qual nacionalidade, inspirada pelas scenas encantadoras e assombrosas de uma natureza virgem e nova aos olhos dos conquistadores, porém o século decimo sexto se passará em persiadas lutas, em conquista do paiz, em fundações de villas que prosperaram rapidamente, e na catechese e civilisação da mor parte das tribus, que de bom grado se sujeitaram á influencia do christianismo, cujo prestigio em si mesmo magestoso e mysterioso, cujo espirito de verdade, a infinita misericordia que delle ressumbra, os enlevava; aos jesuitas sobretudo se devem estas conquistas de paz e conciliação, onde a palavra do evangelho e da convicção substituia ao estampido do canhão dos conquistadores.

Com o decimo sexto século apareceram alguns genios, porém estreou dominada pela escola de Gongora e Marini, cuja influencia lavrará no meio dia da Europa. Bento Teixeira Pinto, o primeiro de nossos litteratos, segundo a ordem chronologica, é autor do *Dialogo das Grandezas do Brasil*, manuscrito nunca publicado; do poema *Prosopopéa*, dirigido a Jorge

de Albuquerque, e da *Relação do Naufrágio* no qual tomou parte. De todas as suas obras apenas podemos ver esta ultima, e o unico mérito que lhe damos é o ser ella produçao do mais antigo litterato do Brasil. Gregorio de Mattos e seus irmãos dão-se ao cultivo da satyra, ridicularisam os costumes e usos da epocha, fazendo o povo rir-se a custa de si mesmo, quacs outros Juvêncios e Persies. Manoel Botelho de Oliveira e Bernardo Vieira Ribeiro gozaram de muita popularidade na Bahia, e foram os predilectos do marinismo e gongorismo. O primeiro é autor da *Musica do Parnaso*, onde ha muito a aproveitar; o segundo de varias poesias publicadas na *Phenix renascida*. João Mendes da Silva, autor do *Christilados*, poema em honra de Jesus Christo; de *Hero e Leandro*, adquire reputação de excellente poeta.

Do começo do decimo oitavo século até o meiado, o gongorismo e marinismo fazem ainda sentir seus effeitos, e as letras começam de renascer, e pouco a pouco se vai reconhecendo o erro do passado seu'lo. Apparecem alguns poetas, eximios oradores honram o pulpito, ve o Brasil a sua historia narrada por filhos de suas matas, e funda-se na Bahia a *Academia brasílica dos esquecidos*, sob os auspicios do vice-rei D. Vasco Fernandes Cesar de Menezes, entusiasta das bellas lettras. A essa academia pertencem distintos Brasileiros, de entre os quaes gozam de credito de poetas João Brito de Lima, que de nossos autores é o que maior numero de obras apresenta, mas que nem todas se publicaram, nem seus assumptos foram bem escolhidos, e Gonçalo Soares da França, que entre todos os nossos poetas mais digno assumpto escolhéra para a composição de sua epopeia *Brasilia*, poema do descobrimento do Brasil por Pedro Alvares Cabral, do qual le o primeiro canto n'uma das sessões da academia, e muitos aplausos obtém. Canello de Noronha, Rodrigues de Lacerda, Borges de Barros, instruido nas línguas latina, hispaniola e italiana, e José de Oliveira Serpa publicam varias poesias ligeiras, mysticas e profanas. Alexandre de Gusmão, que assaz isolou-se de todos esses autores, ja pelo seu talento, ja pelos seus conhecimentos, ja pelos seus escriptos, ja pela sua posição como minis-

tro do rei D. João V, e Antonio José, genio nímiamente comico, adquirem grande reputação de exímios poetas. Baixa Alexandre de Gusmão ao tumulo ralado de pezares, que com o terremoto de Lisboa não só perdeu sua mediocre fortuna, como consorte e filinhos, e tambem seus manuscritos, que foram devorados pelas chamas. Feceto como Molière, appellidado o Plauto da lingua portugueza, é Antonio José arrastado ás fogueiras da inquisição, onde perece horrivelmente. Suas numerosas operas abundam em scenas comicas, o estylo é corrente e o dialogo mui bem sustentado, maneja o, variado e repleto de ditos picantes.

Do meiado ao fim do decimo oitavo seculo tu lo progrede. O Brasil ja mais avançado na carreira da civiliisação vê sahir de seu seio litteratos de nomeada. Claudio Manoel da Costa compõe muitos e mui bellos sonetos, elegantissimas cançonetas e a *Fundação de Villa Rica*, poema frio e algum tanto insipido, e em geral escrito em versos frouxos e prosaicos, e, ainda mal, rimados dous e dous. Gonzaga eter-nisa sua paixão ardente, mas candida, em bellas poesias. Basilio da Gama imortalisa-se com o seu *Uruguay*, a melhor de suas produções; o estylo é correcto, a dicção adequada, e os versos ora simples, ora sublimes e sempre apropriados ao objecto de que tratam. O *Qui-tubia*, os *Campos Elyseos*, a *Declamação tragi-ca* são poemas que so tem por defeito a pouca extensão que deu-lhes. Alguns de seus sonetos são notaveis pela energia do estylo e pompa da versificação, algumas de suas odes são dignas de apreço. Antonio Caetano, seu irmão, igua'mente poeta de grande merito, deixa-nos entre estimaveis odes uma sobre a inauguração da estatua equestre de D. José I, assaz elegante. Alvarenga Peixoto compõe bellos sonetos, traduz a *Merope* de Massi, e faz representar o drama em verso *Enéas no Lacio*. Cordovil rima a *Poética* de Horacio, e produz muitas poesias. Vidal de Barbosa cultiva com feliz successo a poesia lyrica, e não equivocos testemunhos nos restam de tal nas suas odes. Silva Alvarenga prima na poesia erotica, rivalisa com Gonzaga, mas não o excede com sua *Glaуra*, colleção de poesias eroticas. A fóra essas premicias de seus engenhos, possuimos bonitas odes, canções horacianas e um poema heroi-

comico, o *Desertor*, adornado de bonitos episodios. Seixas Brandão Silva da Costa assigna-se na carreira litteraria com composições insignes. Silva Mascarenhas, secundo orador, exímio poeta, morre depois de tres annos de alienação, e d'ahi a perda de suas composições e tradueções poeticas. Santa Rita Durão eleva á sua memoria monumento duravel, canta as romanescas aventuras do celebre Caramuru, possuido como Camões do mais santo amor da patria. A par de pessimas oitavas sobresahem harmonicos versos, oitavas escriptas com delicadeza excessiva, e muitos episodios que assaz o realçam.

No começo do seculo presente grandes poetas aparecem, mas ainda embichidos nas idéas do paganismo, e com tudo ja Caldas e S. Carlos reconhecem a necessidade da reforma da poesia brasileira; abalanciam-se a outra fonte mais pura e menos profanada a beber inspirações: e nos cantos de Tenreiro Aranha, de Mello Franco, de Fonseca e outros vislumbram a espaços os clarões que scintilla atravez da treva da tyrannia o facho da independencia da nação. S. Carlos arroja-se à poesia epica; vate prodigioso dos mysterios de sua religião, bebe inspirações na Biblia, onde colhe as flores com que paramenta sua grande epopéa, a *Assumpção da Virgem*, que recorda o inspirado de Pathmos, o Paraíso de Dante, o cantar cheio de amor divinal de Klopstock e do moderno Alexandre Soumet. Caldas, todo penetrado de Deos, todo inspirado por sua religião, eleva-se á esphera de nosso primeiro lyrico. Suas odes, suas cantatas sacras são cheias de sublimidade, e respiram um odor celeste que enleva. A cantata *Pygmalião*, e a ode o *homem selvagem* são composições de grande valia e primor. E este genio irmão de Lamartine, como elle vê Deos atravez de um prismo puro, santo e sublime. O conego Pereira da Silva compõe e tra-luz numerosas poesias satyricas e heroi-comicas, e neste genero temos o seu poema a *Estolida*. Tenreiro Aranha é poeta em que vislumbram os raios da independencia nacional. Mello Franco compõe as suas melancolicas *Noites sem sonno*, e escreve o bello poema heroi-comico o *Reino da Estupidez*. De Fonseca sobresalhe o poemeto a *Victima da amizade*, que revela o seu talento.

\*

Com a proclamação da independencia, vasto campo se abre à patria litteratura. Com a luz que derrama o pharol da liberdade lhe esvacecem as trevas da torva ignorancia: diffundem-se por todos os angulos do nascente imperio as sciencias, as artes e as letras, e em tempo de entusiasmo a poesia se eleva para cantar a independencia da nação. Grandes e de nome são os poetas que florem em annos de tanta gloria. José Bonifacio de Andrade e Silva é um dos que mais se assinalam: mas admira que não nos deixa cousa de maior valia que esses fragmentos de poesias, e essas tão bellas composições escriptas por ventura no estylo de Francisco Manoel, e cuja melancolia tem alguma cousa deste philosophismo mysterioso que caracteriza os Allemães, e que penetra tanto em Burger, Uhland e Kerner. José da Natividade Saldanha, que emparelha com Pindaro na hardidez, com Diniz na magestade e pompa da versificação, deixa-nos bellas odes, sonetos, dithyrambos e cantatas que encerram grande copia de bellezas poeticas. Alvarenga dá-se à poesia erotica, e deixa-nos mui bonitas cousas que correm impressas e traduzidas em francez e inglez. Em igual genero de poesia se distingue D. Maria Josephina Pereira Piuto Barreto. Luiz Paulino é poeta elegante e de algum merecimento; o soneto composto na hora da morte é rico de poesia e cheio de unção religiosa, recorda a ode de Gilbert, sublime, balbuciada tambem a alma prestes a exhalar-se para o ceo. M. F. Araujo Guimaraes, A. da Silva e Souza, que traduz a *Jerusalem libertada*, J. de Almeida Coelho, Bernardino Ribeiro e sobretudo Evaristo Ferreira da Veiga, são poetas de merecimento; assim como tambem os Srs. Borges de Barros, J. da Gunha Barbosa, autor do poema *Nietheroy*; J. G. F. dos Santos Reis, Luiz dos Santos Titara, autor de *Paraguassú*; Elio Ottoni, o de *Job*; J. G. Ledo, Castello Branco, Carvalho e Silva, Silva Pontes, Araujo Viana, Antonio Carlos, Montezuma, Alves Branco, Santos Barreto, D. Delphina, D. Beatriz, F. Moniz Barreto, Theodomiro dos Santos, Amaral, Araujo, Cândido de Lima, e emfim o Sr. D. J. G. de Magalhães.

Ja madame de Stael e Chateaubriand ha-

viam criado a nova escola do christianismo: Lamartine se immortalisava com suas melançolicas e mysticas meditações; Victor Hugo com sua poesia cheia de orientalismo; e a moderna Alemanha trilhava os passos dos Schillers e Goethes; na Inglaterra Byron, na Hespanha Martinez de la Rosa, em Portugal Garrett e Feliciano de Castilho, na Italia Monti haviam dado o signal para a reforma, e forçoso era ao genio brasileiro erguer o estandarte da reforma, e pois nova epocha começa com o autor dos *Suspiros poeticos*, Antonio José, O'gjato e *Confederação dos Tamayos*, poemas de um bello colorido, e poesia donosa e bella. Porto Alegre é autor da *Voz da Natureza*, cantico sobre as ruinas de Cumas, e de algumas *brasilianas* que revelam o fogo de uma imaginação ardente. Odorico Mendes é poeta cujas composições encetam riqueza de linguagem; *Hymno á tarde*, *O meu retiro* são as suas melhores produções. Em numero são os autores que conta a nova escola; ineditas ou impressas, o publico aprecia as composições de Araujo Coutinho, Pinheiro Guimaraes, Lemos Magalhães, Rodrigues Silva, Queiroga, Teixeira, Teixeira e Souza, Octaviano, Soyo, Andrade, Macedo, Albuquerque Maranhão, Dutra e Mello, Souza Silva, e Rio.

Eis o passado e o presente da poesia brasileira, e qual será o seu futuro? O seculo marcha, e com elle os povos; e a vós, mocidade brasileira, cumpre o marchar, que em vós reside a força, a constancia, a inspiração e o amor, sem as quaes fallecem as mais sublimes emprezas; vedo que o edificio que se começa em um seculo não termina-se que em outro, para orgulhoso erguer-se no porvir; trazei pois a vossa pedra, que segundo seu valor e peso teréis nella quinhão de gloria, que será ella o vosso nome gravado nas paginas da eternidade; trabalhai sobretudo com fé e esperança, sem descansar nem desalentar, tanto mais elevado será o edificio que tendes de transmitir às gerações futuras, tanto mais o verão alçar-se ao longe, colocado no presente, coroado pelos raios do horizonte de um lado, contemplando o passado do outro, divisando o futuro, e mais e mais se approximando de Deus!

# MOSAICO POETICO,

## POESIAS BRASILEIRAS

### ANTIGAS E MODERNAS, RARAS E INEDITAS.

A'S ARTES.

POEMA.<sup>1</sup>

Já fugiram os dias horrorosos  
De escuros nevoeiros, dias tristes,  
Em que as artes gemeram desprezadas  
Da nobre Lysia no secundo seio.  
Hoje cheias de gloria resuscitam  
Até nestes confins do Novo Mundo.  
Graças á mão augusta que as anima!

Vejo grave matrona meditando,  
Com os olhos no céo; a mão exacta  
Dos planetas descreve o movimento;  
Por justas leis calcula, pesa e mede  
Forças, massas e espaços infinitos.  
Dous genios voadores lhe apresentam  
Movel eburneo globo, em que ella grava  
Os limites do imperio lusitano.  
Ella dirige sobre os vastos mares  
Nadantes edificios que transportam  
Os thesouros, e as armas de que treme  
O ultimo occaso, o primeiro oriente.

A par desta outra deosa move os passos<sup>2</sup>  
Da firme experiençia sustentada,  
Ella conhece as causas e os efeitos;  
Ella exerce, ella augmenta e diminue  
Da natureza as forças; a luz pura  
A travez do crystal separa os raios,  
E mostra aquellas primitivas cores  
Que formam a belleza do universo.  
Por suas leis os diferentes corpos  
Se ajuntam e se movem; o tridente  
Que levanta e que abate as negras ondas  
Escuta a sua voz, e o mesmo Joye,  
Se troyeja e fulmina, reconhece  
Que ella o move, ella o rege, ella o desarma.

<sup>1</sup> Recitada na sociedade litteraria do Rio de Janeiro, em o dia dos annos da rainha D. Maria I.

<sup>2</sup> Mathematica.

<sup>3</sup> Physica experimental.

<sup>4</sup> As experiencias da materia electrica sobre o raio.

Funesta gloria, que custou a vida  
Ao novo Prometheo, que impio roubara<sup>5</sup>  
A subtil chamma do sagrado Olympo!  
Por ella o nauta illustre e valoroso<sup>6</sup>  
Vendo abaixo dos pes as tempestades,  
Vai sobre as nuvens visitar a esphera.

E tu, quem és, oh nympha, tu que ajuntas,  
Indagas e descobres os thesouros  
Que secunda produz a natureza?<sup>7</sup>  
Recebe as tuas leis todo o vivente;  
O nobre racional, o vil insecto,  
O mudo peixe, as aves emplumadas,  
As indomitas feras, e escamosas  
Mortiferas serpentes, o os amphibios  
Que respiram diversos elementos.  
Dos vegetaes na immensa variedade  
Tu conheces os sexos, e distingues  
Quacs servem ao commercio, e quaes restauram  
A perdida saude; tu nos mostras  
A prata, o ouro, as pedras preciosas,  
Com que opulenta a inclyta Lisboa  
Vaidosa sobre o Tejo se levanta:  
A tua mão benefica, rasgando  
Occultas vêas d'asperos rochedos,  
Arranca o ferro que revolve os campos,  
Por quem o lavrador recolhe alegre  
Do seu nobre suor o doces fructos.

E tu, que com poder quasi divino<sup>8</sup>  
Imitas portentosa, rica e bella  
As producções da sabia natureza,  
Vem, ensina aos mortaes como a materia,  
De mil diversos modos combinada,

<sup>5</sup> O desgraçado professor de Petersburgo Richman, que morreu experimentando o conductor da materia electrica.

<sup>6</sup> Falla o autor de Pilâtre de Rosier, que considera como o primeiro aeronauta; porém nós reivindicamos a gloria para Bartholomeu Lourenço de Gusmão, natural de Santos, cidade da província de S. Paulo. Vid. *Memorias Academicas dos Srs. visconde de S. Leopoldo e F. Freire de Carvalho*.

<sup>7</sup> Historia natural.

<sup>8</sup> Chimica.

Forma infinitos mil corpos diversos ;  
 Uns que respiram, outros que vegetam,  
 Outros que nem vegetam nem respiram.  
 Por tua mão laboriosa vejo  
 Em pedra transformar-se a molle argila,  
 Em crystal as aráas: tu desatas  
 A união dos metaes, e ainda esperas  
 Formar o ouro brilhante, que ennobrece  
 Da inculta patria minha os altos montes.  
 E se eu tremo de horror, vendo-te armada  
 Uma mão de mortíferos venenos,  
 Agradecido e respeitoso beijo  
 Outra mão, que benigna me prepara  
 As riquezas e as forças que reprimem  
 A pallida doença, rodeada  
 Dos espectros da morte... Ah vem, o bella  
 Irman da natureza enfraquecida, <sup>9</sup>  
 Que provida conservas, que renovas  
 Da humana vida a preciosa fonte.  
 De que serve o valor e os cheios cofres  
 De Midas ou de Cresso, se desmaiam  
 Em languidez os membros, quando a febre  
 E os correios da morte acelerados  
 Do afflichto coração ás portas batem.  
 Então cheia d'amor da humanidade  
 (Misera humanidade!), pouco a pouco  
 Tu a consolas e ergues d'entre as sombras  
 E frio horror da negra sepultura.  
 Estende, estende, ó deosa, a mão benigna  
 Á fraca humanidade! E tu, que podes  
 Unir os rotos lacerados membros, <sup>10</sup>  
 E com saudável e polido ferro  
 Afugentas a morte, e que conheces  
 Todos os laços da structura humana,  
 Entorna o doce balsamo da vida  
 Sobre os tristes mortaes. Ja reconheço  
 Outra formosa nympha, que descreve <sup>11</sup>  
 Toda a extensão da terra, o mar, os rios,  
 As famosas cidades e as montanhas,  
 De polidas nações brandos costumes,  
 E de barbaros povos fera usança.  
 Sincera indaga, e cuidadosa exprime.  
 Com ella vem bellissima donzella, <sup>12</sup>  
 Que com grave eloquencia narra os factos

Que o mundo viu desde a primeira idade :  
 Ella nos mostra em quadros diferentes  
 Os tempos, as nações, e a varia sorte  
 De imperios elevados e abatidos,  
 As allianças, a implacavel guerra,  
 O progresso das artes, e a ruina.  
 Mas que illustre matrona entre as mais vejo  
 De verdes louros coroada a frente ? <sup>13</sup>  
 Tem nas mãos plectro euríneo e lyra d'ouro,  
 Que celebra os heróes, e que eternisa  
 No templo da memoria o nome e a fama  
 Dos inclytos monarchas; ja das deosas,  
 A companchia escuta; ja repousam  
 As nuvens sobre o cume das montanhas :  
 O rouco mar, os ruidosos ventos,  
 A fonte, o rio, os echos adormecem ;  
 Reina o silencio ; em tanto so'ta aos ares  
 Cal'iope divina a voz sonora.  
 Os tyrannos da patria, assoladores  
 Do povo desgraçado, são flagelos  
 Que envia ao mundo a colera celeste ;  
 São dos mortaes o horror, a infamia, o odio ,  
 Mais cruéis do que a peste, a fome e a guerra.  
 E seu dia natal é dia infausto,  
 Dia de imprecação, epo'ha triste,  
 De susto e de geral calamidade ;  
 Mas o monarcha generoso e pio,  
 Amor, delicias, esperança e gloria  
 Na nação venturosa que protege,  
 É dom raro e magnifico que nasce  
 Da eterna mão que move os céos e a terra.  
 O dia, o feliz dia que primeiro  
 O deu ao mundo, é dia assignalado,  
 É dia de prazer; o povo unido  
 Levanta as mãos ao ceo ; os puros votos,  
 Com as lagrimas de gosto misturados,  
 São a publica voz e o testemunho  
 De gratidão, de amor e de ternura.  
 Tal é, rainha augusta, a vossa imagem ;  
 Tal foi o inclito rei, que teve a sorte  
 De deixar à saudosa Lusitania  
 A digna filha, generosa herdeira  
 Do grande coração, do vasto imperio.  
 Se elle invicto abateu com braço herculeo  
 A horrivel hydra, os detestaveis monstros,  
 Deixou tambem aos vossos firmes passos  
 Da bella gloria abertos os caminhos.  
 O coro illustre das reaes virtudes

<sup>9</sup> Medicina.

<sup>10</sup> Cirurgia.

<sup>11</sup> Geographia.

<sup>12</sup> Historia.

<sup>13</sup> Poesia.

Vós segue em toda a parte, e a esperança  
Da nação venturosa junto ao throno,  
Ergaendo os olhos e alongando os braços,  
Pe vós confia, e so de vós espera  
Os bellos dons da paz e da abundancia.  
Vejo por terra a estúpida e maligna  
Cohorte da ignorancia, e se ainda restam  
Vestigios da feroz barbaridade,  
O tempo os vai tragando: assim as folhas  
Murchas e aridas cahem pouco a pouco  
Dos proprios ramos nas regiões d'Europa,  
Quando, pesado, o triste e frio inverno  
Sobre o carro de gelo açouta as Ursas  
E fere as nuvens com aguda lança.  
Chegam por vós aos mais remotos climas  
Premiadas as artes; eu as vejo,  
Eu as ouço que, juntas neste dia,  
Entre os transportes de prazer entoam  
Ao vosso amavel nome eternos hymnos.  
Elles voam, levando ao céo sereno  
Nas brancas azas os mais ternos votos  
De respeito e de amor que vos consagra  
Rude, mas grato, povo americano.

Ja destes votos nasce e se derrama,  
Como a neve dos Alpes, a torrente  
Da vossa gloria, que de dia em dia,  
Igual ao vosso nome, se levanta;  
E os ultimos vindouros admirados  
Inda a verão crescer no amor dos povos.  
E tu, que triste e pensativo observas  
Este de gloria eterno monumento,  
O' fero tragador dos bronzes duros,  
Arroja o curvo ensanguentado ferro,  
E confundido e temeroso adora  
Aos pes do regio throno lusitano  
Da rainha immortal o nome augusto.

*Silva Alvarenga.*

#### À INAUGURAÇÃO DA ESTATUA EQUESTRE DO REI D. JOSÉ I.

ODE.

Aonde me arrebato?  
A humana vista não se atreve a tanto!  
Arqueja o coração como opprimido  
Com a vasta alegria;

Ja se amiuda o palpitar das vêas;  
São menores as forças que as idéas.

Ouço quebrar nos ares  
Os roucos echos do metal fundido;  
Ja o purpureo veo cahio per terra,  
E a respeitosa Almada,  
Que vio brilhar primeiro o regio vulto,  
Como o Gange que adora o sol que nasce,  
Sobre as aguas do Tejo inclina a face.

Assim, quando a montanha que troveja,  
Vio de um raio de gloria o rosto tinto  
Do conductor das Tábues,  
Que marcha curvo e que não sente o peso,  
Em roda se abalaram os outeiros,  
E as penhas assustadas  
Se embrulharam em densos nevoeiros.

Ornam o alegre povo  
As cores cem que a aurora as nuvens pinta;  
Per entre as tranças negras vem cahindo  
Em torto fio as p'rolas indianas;  
Quanto o sol ao nascer e ao morrer cria  
Brilhante pedraria;  
Fere os olhos, voltéa o vento brando  
Nos chapéos os cocares ondeando.

Gyram per toda a parte  
Os quentes eixos das carroças leves,  
Que mal tocam a aréa;  
E as crespas erinas do andaluz cavallo  
Turvam a vista do cocheiro dextro;  
Tudo o que tem diante  
Cuida que é sonho o vago caminhante.

Tal em quanto reinou do pai guerreiro  
O pacifico filho,  
Vio ao redor de si ferver as praias,  
E os muros opprimidos  
Com o peso da gente estranha e fera  
Que achava com seus olhos  
Muito mais do que a fama lhe dissera.

Sagrado juramento,  
Que nasceste no céo e o céo protege,  
Vôa das nossas bocas  
E vai seguro e ufano  
Sobre os degrãos do pedestal robusto  
Tocar a mão do Tito lusitano.

Eterna causa, que os imperios mudas  
E as cidades abates e edificas,  
Conserva o grande rei que tu nos deste,  
E si, para alongar a sua vida,  
Querem os teus decretos soberanos  
Os nossos annos, dá-lhes os nossos annos.

*A. Caetano de Almeida.*

#### A CLORI.

Borboleta namorada,  
Que nas luzes abrasada,  
Quando expira nos incendios,  
Solicita o mesmo ardor :  
  
Tal, oh Clori, me imagino;  
Pois parece que o destino  
Quer, por mais que tu me mates,  
Que appeteça o teu rigor.

*Antonio José.*

#### CIUMES.

A leoa embravescida  
Ao se ver destituida  
Do filhinho tenro e caro  
Com furores e bramidos  
Rompe a terra e fere o ar:  
Assim eu em meus gemidos  
Bramo, peno e sinto e choro.  
Vendo, oh Deos, o qu'eu adoro  
N'outros braços descansar!

*Antonio José.*

#### ALEGRIA.

O navegante  
Que, combatido  
De uma tormenta,  
Logo experimenta  
Quieto o vento,  
Sereno o ceo,  
Tranquillo o mar;

Como eu nem tanto  
Se alegra vendo  
Que vai crescendo  
Minha ventura,  
E vai cessando  
De meu gemido  
O suspirar.

*Antonio José*

#### SONETO.

Adora as leis de amor, Tirse formosa!  
És imagem, meu bem, d'um paraíso;  
Sim, Jove, o mesmo Jove, perde o ciso,  
Delira ao ver-te a face portentosa! . .

É mais bello que Venus, mais mimosa! . .  
Que graças! que prodigios eu diviso  
Ao deslizar teus labios um sorriso,  
Soltando a voz suave e maviosa!

O nadador d'Abido, audaz e forte,  
A vaga retalhando embravescida,  
S'exporia por ti á mesma sorte.

Ouve a voz de minha alma enternecid'a:  
Viver sem te gozar é cruel morte,  
Em teus braços morrer é doce vida.

*Albuquerque Maranhão.*

#### PARECER AMOROSO.

#### EPIGRAMMA.

Visto que mal hão de ter,  
Se te virem so comigo,  
Dou-te, oh Marcia, um parecer:  
Nunca so me venhas ver,  
Taze amor sempre contigo.

*M. de Paraíba guá.*

### Botelho de Oliveira.

Poeta cheio de encanto, de gosto e de doçura foi Botelho de Oliveira para a sua epocha, em que dominava a escola de Gongora e de Marini, com todo o seu cortejo de antitheses, de trocadilhos e de concetti; era o sol do inverno que então agradava, cujos raios, por debelis e calmos, tanto apreciamos, e em quanto que Gregorio de Mattos satyrisava e redicularisava o seu seculo, campeava elle á frente da sua escola com a sua *Musica do Parnaso*.

Nascido na Bahia em 1636, concluiu os seus estudos em Coimbra, regressando depois á patria, onde, ocupando-se na advocacia das causas forenses, amenisava o tedio da profissão com o entretenimento da poesia, compondo esses coros de rimas italianas, castelhanas, portuguezas e latinas, que depois formaram a *Musica do Parnaso*, que so tem por defeito o defeito do seculo.

Gozando de alguma popularidade, não só foi vereador do senado da Bahia, como capitão mor de uma de suas comarcas, todavia sua vida foi tranquilla e serena, até que della passou para outra existencia mais pura e amena, em janeiro 9 de 1711.

Sobresahem de entre os coros de sua *Musica do Parnaso* muitas poesias bonitas, nas quais assaz se distingue a doçura de seus versos, e que como flores desabrocham no meio dos espinheiros. Não jazem elles ahi por entre a alluvião de outras muitas sem merito algum para o gosto da actualidade? E entretanto essas flores ahi estiveram, sem que uma mão as colhesse, como estas flores agrestes de nossos ermos desconhecidas e perdidas.

### SOBRE OS MALES ORIGINADOS PELO OURO.

#### CANÇÃO.

Os monarchas sustentam poderosos,  
N'este metal prezado,  
Imperios, se vio lentos, generosos;  
Porém, tendo nos reis imperio amado,  
Executando faceis vituperios,  
Tem imperio nos reis, é rei de imperios.

A justiça corrompe verdadeira  
No ministro imprudente,  
Quebra as regras de justa, as leis de inteira;  
Pois esta fôrma no interesse ardente,  
Não com fiel, mas infiel desprezo  
Da cobiça a balança, do ouro o peso.

Inferno, se padece lastimoso,  
Não se logra ouro claro  
Nas graves pretenções de cubicoso,  
Nos obsequios solicitos de avaro;  
Um o procura, outro não goza delle,  
Este Tantalo está, Sisypho aquelle!

Quando faltava d'ouro a gentileza,  
A gente pobre e rica  
Lograva idade de ouro na pobreza;  
Mas quando n'esta idade se publica  
Em contrarios motivos de impiedade,  
De ferro idades fez, não de ouro idade.

Qual aspid que entre flores escondido,  
Na florida belleza  
Brota ao peito o veneno mal-sentido;  
Assim pois na luzida gentileza  
Mata o metal, matando brilhadores  
Nos luzimentos um, outro nas flores.

Profanando de Danae a van pureza  
Em chuivosos amores,  
Apezar de engenhosa fortaleza,  
Apezar dos cuidados guardadores,  
Murchou na chuva de ouro rigorosa  
O modesto jasmin, a virgem rosa!

Entre o logro da paz solicitada  
A guerra determina,  
Bem que ouro brilha, engeita a paz dourada;  
E quando marchas profusões afina,  
A paz compra, de sorte que na terra  
Guerra se ve da paz, é paz da guerra.

A natureza em vêas escondidas  
Crêa o metal occulto,  
Quiçá piedosa das mortaes feridas;  
Mas quando o desentranha humano insulto,  
Da mesma vêa d'onde nasce bello  
Corre logo a ambição, mana o desvelo.

O rigor se arma, a guerra se resina,  
A cubiça se apura,  
A morte contra o peito se fulmina,  
O engano contra o peito se conjura,  
De sorte que accumula ao peito humano  
Rigor, guerra, cubiça, morte, engano.

Canção, suspende já de Euterpe o metro,  
Que em Philis tens para cantar no Pindo  
De seu cabello de ouro, ouro mais lindo!

*Botelho de Oliveira.*

#### A ANARDA.

Qual gyrasol por amante  
Solicita o ingrato sol,  
Tal meu peito gyrasol  
O sol de Anarda brilhante ;  
E qual no estio flammante,  
Quer zephyro e quer verdor  
O prado, quer meu amor.  
Abrasado na esquivança,  
O verdor de uma esperança,  
O zephyro de um favor.

Qual o centro natural  
Deseja o fogo nocivo,  
Qual pretende o mar esquivo  
Do rio ameno o crystal ;  
Tal busca em desejo igual  
De Anarda no senhorio,  
Que é centro de ardor impio.  
Que é mar de crystaes brilhante,  
De meu peito o fogo amante,  
De meu pranto o largo rio.

Qual o monte sublimado,  
Qual a planta envelhecida ;  
Esta de folhas despida,  
Aquelle de cans nevado ;  
Querem n'um e n'outro estado  
De abril o bello horizonte ;  
Taes querem de Anarda a fronte,  
Como abril de graça tanta,  
De meu pensamento a planta,  
De minha firmeza o monte.

*Botelho de Oliveira.*

#### A ROSA.

Na bella Anarda uma rosa  
Brilhando desvanecida,  
Padeceu por atrevida,  
Menoscabos de formosa ;  
Po's que Anarda vergonhosa,  
Com mais bella galhardia,  
Do que era d'antes, se via,  
Pois quando se envergonhava  
Mais vermelha se jactava,  
Mais formosa se coria.

*Botelho de Oliveira.*

#### O BOTÃO DE ROSA.<sup>1</sup>

Botão de rosa,  
Mimosa flor,  
És o retrato  
De meu amor.

Se tu tens nas breves folhas  
Suave, purpurea cor,  
Nas pulchras faces de Lilia  
Arde em chaminas e rubor.

Botão de rosa,  
Mimosa flor,  
És o retrato  
De meu amor.

Se o ar vizinhos perfuma,  
Com o teu suave odor,  
De Lilia o virgineo baso  
Inspira e convida a amor.

Botão de rosa,  
Mimosa flor,  
És o retrato  
De meu amor.

Tu abres o rubro seio  
Ao formoso beijaflor,  
Nos botões do seio della  
Abre a vida o casto amor.

<sup>1</sup> Inedito,

Botão de rosa,  
Mimosa flor,  
És o retrato  
De meu amor.

J. G. Ledo.

A' LIBERDADE.

ODE.

Vem, vem dos ceos, oh liberdade, oh deosa!  
Tão sublime, qual és, te mostra aos homens,  
Que do vulto a severa magestade  
Os despotas assuste!

Da lei, na dextra, o código sagrado  
Que aos fóros e ao dever demarca as raias,  
Temp'rádo escudo, onde resvalam golpes  
Da ambição sempre armada.

Qual na estiva estação a terra anhela  
O orvalho em que revive a natureza,  
Assim por ti suspiram os teus filhos,  
Flagello de tyrannos.

Com que horrorosas cores se não pintam  
Os perversos Mandões! Dizem que o crime  
Anda após os teus passos, que pretendas  
Destruir altar e thronos:

Que armado do nível queres se alinhem  
Os bens, as condições, fingindo sonhos  
De impostura igualdade, que deribe  
Social, sublime escala.

Oh que mal te conhecem! Quanto pôde  
De abjecta servidão costume antigo;  
Que as bocas vis de estúpidos escravos  
Teus sacros dons blasphemam!

Quantos se forjam tresdobrados ferros  
Contra teus pulsos na officina astuta  
De monarcas soberbos, que a capricho  
Partilham o universo! <sup>1</sup>

Mas tu zombando do aloucado arrojo,  
Ris de seus planos, e rasgando a venda  
Que a verdade encobria, patentêas  
Ao homem seus direitos.

Por si o sabem: de um governo as formas  
Tem só por fito a publica ventura;  
O que a mal preza, e em sonhos devanéa,  
Mentio aos seus deveres.

República se chame, imperio ou reino,  
Se baséa em tal maxima; eis, levantas  
Ahi patentes aras, e recebes  
Incenso, sacrificios.

Em quanto co'o potente pé comprimes  
O sagaz despotismo que se eleva,  
Dissipas com a luz negros horrores  
Da disforme anarchia.

Vem a nós! . . . Mas ja vejo-te nos lares  
Da patria minha: ah nunca mais nos deixes!  
O ha, na nossa America teus templos  
Na base não vacillam!

Evaristo Ferreira da Veiga.

JONIO E OLINA. <sup>1</sup>

. . . Se amor fôra crime,  
O homem não fôra o reo;  
Porém sim o sacro ceo;  
Porque, sendo o seu autor,  
O homem formou mais fraco,  
Do que o doce e terno amor.

CALDAS BARBOSA.

Ao tempo em que surgia  
La d'entre o oriente,  
O pai do ameno dia,  
O bello sol fulgente,

Um sabiá suave,  
Com placido gorgorio,  
Prestava á natureza  
Dulcissimo recreio.

<sup>1</sup> A santa alliance nos seus congressos libertáidas.

<sup>1</sup> Inedito.

Jonio, que perto estava,  
Chorando o seu destino  
Às margens do saudavel  
Cattete crystallino,

Depois de ter ouvido  
O canto harmonioso,  
Estas palavras solta  
Ao musico plumoso :

« Ah ! quem gozar poderá  
Tua felicidade,  
Não conhecendo os tristes  
Efeitos da saudade !

« Por todo o prado adejas,  
Ora poucando em flores,  
Que brilham matizadas  
Com exquisitas cores ;

« Ora trinando alegre  
Com tanta melodia,  
Que aos passarinhos todos  
Excedes na harmonia.

« Se chamas carinhoso  
Tua gentil consorte,  
Logo em seu gesto sentes  
De amor vivo transporte.

« So eu em vão suspiro  
Pela gentil Olina ;  
Em vão seu nome invoco  
Por toda esta campina ! »

Continuava Jonio  
Desta arte o seu lamento,  
Enchendo de queixumes  
O prado, o bosque, o vento.

Eis que rapidamente  
Olina lhe apparece,  
E cheia de ternura  
Seu coração lhe offrece.

Amima-o junto ao peito  
Com amoroso encanto ;  
Meiga lhe beija a face,  
E lhe mitiga o pranto.

E terna lhe consente  
Mais tacitos favores . . .  
E quasi a vida exhala  
Em soluços de amores ! . . .

*J. A. de Silva Paz.*

#### A D. IGNEZ DE CASTRO.

##### SONETO.

Debaixo desta pedra inculta e dura  
Jaz de Pedro a consorte, Ignez formosa ;  
Jazem também com ella em paz ditosa  
A innocencia, a virtude, a formosura.

Não foi a causa dessa morte escura  
Horrendo crime, culpa vergonhosa ;  
Seu delírio foi ser de um rei espousa,  
Ser amada e amar com fé tão pura.

As filhas do Mondego o caso infando  
Longo tempo chorando memoraram  
As madeixas subtils desentrançando.

O Mondego gemeu, os ceos troaram,  
E os amores dos labios se apartando  
As duras setas pallidos quebraram.

*Natividade Saldanha.*

#### A D. IGNEZ DE CASTRO.

##### *Na Quinta das Lagrimas.*

##### SONETO.

À sombra deste cedro venerando  
Momentos mil gozaste encantadores ;  
Aqui mesmo sentada entre os verdores  
Te achou mil vezes Pedro suspirando.

Parece-me que estouinda escutando  
Teus suspiros, teus ais e teus clamores  
Parece-me que a fonte dos amores  
Inda está de queixosa murmurando,

Aqui viveu Ignez! . . E reclinada  
A bordo desta fonte clara e pura  
Fei, que horrivel memoria, traspassada!

Mortaes, gemei de magoa e de ternura!  
N'sta rara belleza não manchada,  
Foi culpa o amar, foi crime a formosura!

*Nat-vidade Saldanha*

#### A MENINA A LA MODA.

##### EPICRIMMA.<sup>1</sup>

«—Ai, Maria! Vem depressa,  
Desaperta este colche;  
Eu me sufoco. . . ai, ja temo  
Estourar como um foguete! »

«—Nhanhanzinha, está tão bella! . .  
Mas enfim dá tantos ais. . . »  
«—Oh espera! Estou bonita?  
Pois então aperta mais »

*J. M. de Macedo.*

#### A MORTE DO REI D. JOÃO V.

##### SONETOS.

É morto o fidelissimo monarcha,  
De Lysia amado rei, quem tal diria!  
É morto, pois ja soa na Bahia  
A perda que nos deu a cruel Parça.

A quanto o sol rodêa e o mar abareia,  
Creio que a nossa magoa chegaria;  
Dos olhos se ausentou, morreu no dia  
De Santo Ignacio o grande patriarcha.

Porém morto o não quer ter a memoria  
Por gozar de João a magestade,  
A graça n'esta vida transitoria.

Pois mostra a fé mais pia com verdade  
Que elle vivo estará na eterna gloria,  
Nós n'este mundo muitos de saudade.

*J. Sodré Pereira.*

Aquelle augusto rei, cuja grandeza  
Nos ambitos do mundo não cabia,  
Quando a immortalidade merecia  
Então paga o tributo à natureza.

E o orbe não bastava a redondeza  
Para esphera de sua monarchia;  
Porém hoje a um sepulcro a morte impôa  
Lecahido o d. ixou de tanta alteza.

Foi la timosa accção, mas claro ingano  
Padece a Parça em mal tão fementido  
Contra o nosso monarcha lusitano.

Pois qual nos astros sempre o sol luzido  
Se reproduz morrendo, o soberano  
Fica em suas acções reproduzido.

*J. Borges de Barros.*

Lamenta Europa, America suspira,  
Africa se estremece, Asia se assusta,  
Quando o golpe cruel da Parça injusta  
Contra o maior monarcha se conspira.

Tanto o seu grande nome o mundo admira,  
Que de suas acções a fama augusta  
Ao pregão de immortal quando se ajusta  
Esconde ao quinto João funesta pyra.

Mas no so sentimento se reporte,  
Reprima-se o pezar, bem que profundo,  
Porque o nosso rei goza melhor sorte.

Levou o para dar-lhe o ceo jocundo  
Vida em que ja não tem poder a morte,  
Coroa que não tem igual o mundo.

*J. de Oliveira Serpa.*

<sup>1</sup> Inedito.

Urna pequena, americano povo,  
É para o rei dos homens a presente,  
Porque é so mausoleo conveniente  
O mundo todo, o velho e mais o novo.

A coberta que tem tambem reprovo,  
Pois limitada a julgo e indecente  
Que so o ceo azul e transparente  
Por digna campa lhe consigno e approvo.

Essas tochas que luzem cento a cento  
Poucas e escuras são, e so serviam  
As estrellas que ves no firmamento.

Aguas que de tristeza os olhos criam  
Pequenas gotas são, que em tal tormento  
Ser lagrimas diluvios so podiam.

*S. M. Itaparica.*

Amado rei monarca preeminente,  
Príncipe augusto sempre idolatrado,  
Por assombro no mundo respeitado,  
Heroe que a fama louva dignamente.

Oh quanto se compara ao Etna ardente,  
N'este egregio sepulcro illuminado  
Meu peito em saudades abrasado  
Mostrando em vossa morte a dor que sente!

Mas inda que da Parca o bravo insulto  
De vossa vida me roubasse a gloria,  
Nunca me ha de apartar de amante culto.

Terei mais, sabio rei, essa victoria,  
Porque a morte não quebra o sacro indulto  
De quem vive no eterno da memoria.

*A. Ferreira Mendes.*

**A D. VASCO DA GAMA.**

**ODE.**

Os bellicosos peitos,  
De mil triumphos nunca satisfeitos,

Prosopopeia em que falla a cidade da Bahia personificada.

De que são testemunhas  
Os ilustres brasões que estão pendentes  
Nas elevadas frentes,  
Vencendo o vento irado e o mar profundo,  
Passam a dominar a todo o mundo.

Guerra o Tejo pregoa,  
O som veemente pelos ares soa,  
E ve turbada e triste  
Que maiores triumphos Lysia somma,  
A populosa Roma.  
Armas se ajuntam pelo reino inteiro,  
Palpita alegre o coração guerreiro.

Já branqueam as velas  
O jecto forte às horridas procellas,  
E o Tejo as crespas ondas  
Vaideso estende pelas longas praias,  
Opprimida das faias  
Pa armada entrega o mando glorioso  
O rei prudente ao Gama valeroso.  
  
Ja vão soltando ao vento  
As fortes náos do bellicoso accento  
Dos castellos respondem  
Sulphureas bocas tremem a terra, e soa  
Gloriosa Lisboa.  
Movem-se as náos que os mares vão rompendo,  
Mil triumphos a Lysia promettendo.

As flammulas nos ares  
Voam, e descem a beijar os mares,  
E o guerreiro valente,  
Que os brancos pannos ve mover na praia,  
Não se turba eu desmaia,  
Ant's jura fazer sempre notoria  
Em toda a parte a lusitana gloria.

Vai-se a terra afastando,  
E a grande armada as ondas apartando,  
Quando na lusa praia  
O sacro Tejo a frente levantando  
Alegre e venerando  
Endireitando o collo e a barba espessa,  
Com grave accento assim dizer começa :

« O' fama generosa,  
« Suspende um pouco a trompa harmoniosa,  
« Com que por todo o mundo  
« Gyras cantando o nome soberano

« Do Grego e do Troiano,  
« Volta os olhos verás no mar sagrado  
« Mais digno empenho a teu clarim dourado

« De Neptuno opprimido  
« Admira pelas praias o bramido,  
« Verás fugir as ondas  
« Co temor de leão, que adorna a proa,  
« Com a regia coroa,  
« E os ventos esquecidos das procelas  
« Firmar os hombros nas redondas velas.

« Verás que senhorã  
« Fe África inculta a costa negra e feia,  
« Verás prostrar por terra  
« As soberbas columnas do Thebano  
« Com valor mais que humano,  
« Ignotas regiões irão surcando,  
« Rudes, barbaros povos subjugando.

« Verás com aspecto ioso  
« Arrancar da cabeça o louro honroso,  
« Com que Líeu se adorna,  
« E verás illustrar as praias pobres  
« Com edifícios nobres,  
« Da grande Ásia opprimida a maior parte  
« Farão turbar de horror a mesmo Marte.

« Esforça o nobre alento,  
« Afina e muda as vozes do instrumento,  
« Que na futura idade  
« Serás ao som da trompa sonorosa  
« De canta-l-ois vaidosa;  
« Não duvides dos efeitos singulares,  
« São Portuguezes os que ves nos mares!

#### *Basilio da Gama.*

#### A LISE.

Morpheo doces cadãas estendia  
Com que os cansados membros me enlaçava,  
E quanto mal o coração passava  
Em sonhos me debuxa a phantasia.

Lise presente vi, Lise, que um dia  
Todo o meu pensamento arrebatava,

Lise, que na minh'alma impressa stava.  
Bem apezar de sua tyrannia.

Corro a prendel-a em amorosos laços  
Buscando a sombra que apertar intento,  
Nada vejo, ai de mim, perco os meus passos.

Então mais acrelito o fingimento,  
Que ao ver, que Lise foge de meus braços,  
A crê pelo costume o pensamento.

#### *C. Manoel da Costa.*

#### A NISE.

Não ves, Nise brincar este menino  
Com aque la avezinha? Estende o braço,  
Deixa-a fugir, mas apertando o laço,  
A condena outra vez ao seu destino!

N'essa mesma figura eu imagino,  
Tens minha liberdade, pois ao passo  
Que cuido que estou livre do embraço,  
Então me prende mais meu desatino.

Em um continuo gyro o pensamento,  
Tanto a precipitar-me se encaminha,  
Que não vejo onde pare o meu tormento.

Mas fôra menos mal esta aancia minha,  
Se me faltasse, oh Nise, o entendimento,  
Como falta a razão a esta avezinha.

#### *C. Manoel da Costa*

#### A HARMONIA DA BELLEZA.

Sereia encantadora  
Afaga o navegante,  
Que intrepido nadante  
Intenta triumphar;  
  
Repara que a belleza  
Contém tal harmonia,  
Que em doce melodia  
Obriga a naufragar.

*Antonio José.*

## DESPEDIDAS A UM FILHO.

SONETO.<sup>1</sup>

Filho, vem ca, escuta um pai amante  
Que este ultimo adeos vem dar-te triste,  
Que sempre te amei muito, tu o viste,  
Que honrado te eriei, isso é constante.

Hoje tomando a região distante  
Que te mando estudar, tu ja me ouviste;  
Se tens empenho igual ao que me assiste,  
Filho, vem ca, escuta um pai amante.

Vai, filho, estuda e faze cuidadoso  
Com que pagues a um pai, que antes ausente  
Te quer ver do que ver-te em seu repouso.

Permitta emsí o céo omnipotente  
Que os olhos que hoje arraso de saudoso,  
Algum dia os arrase de contente,

*A. G. Ferrão Castilho*

## EM RESPOSTA A SEU PAI.

SONETO.

Pai e senhor, se um filho teu amante  
Pôde hoje achar-se alegremente triste,  
Que me entristeço ao apartamento, viste,  
Mas em obedecer-te estou contente.

Vou com efeito a região distante,  
E que quero estudar, tu ja me ouviste;  
Empenho igual ao teu respeito assiste,  
Pai e senhor de um filho tão amante.

<sup>1</sup> Inedito, bem como o seguinte. Do autor deste soneto diz B. da Silva Lisboa na sua *Memoria das pessoas illustres da Bahia*, manuscrito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: «Em versos satyricos foi temível na força e energia de metter alguém a ridículo; era dotado de estro poético, e deixou mui bellos versos manuscritos de elegias e satyras.»

Prometto ir estudar, e cuidadoso  
Farei por consolar o pai ausente  
As letras dando todo o meu repouso.

Ao pai enxuga o pranto, céo potente,  
Que se hoje faço o pai de mim saúoso,  
Em um dia o farei de mim contente.

*P. G. Ferrão Castilho.*

## AOS VICIOS.

SATYRA.<sup>1</sup>

Eu sou aquelle que os passados annos  
Cantei na minha lyra maldizente  
Torpezas do Brasil, vicios e enganos.

E bem que os descantei bastante mente,  
Canto segunda vez na mesma lyra  
O mesmo assumpto em plectro diferente.

Ja sinto que me inflamma e que me inspira  
Thalia, que anjo é da minha guarda  
Des que Apollo mandou que me assistira.

Arda Bayona e todo o mundo arda,  
Que a quem de profissão falta a verdade,  
Nunca a dominga das verdades tarda.

Nem um tempo exceptua a christandade  
Ao pobre pegureiro do Parnaso  
Para fallar em sua liberdade.

A narracão ha de igualar ao caso,  
E se talvez ao caso não iguala,  
Não tenham por poeta o que é pegaso.

De que pôde servir calar quem cala?  
Nunca se ha de fallar o que se sente?  
Sempre se ha de sentir o que se falla.

Qual homem pôde haver tão paciente  
Que, vendo o triste estado da Bahia,  
Não chore, não suspire, e não lamente?

<sup>1</sup> Inedita.

Isto faz a discreta phantasia ;  
Discorre em um e outro desconerto,  
Condemna o roubo, increpa a hypocrisia.

O nescio, o ignorante, o inexperto,  
Que não elege o bom, nem não reprova,  
Por tudo passa deslumbrado e incerto.

E quando ve talvez na doce troya  
Louvado o bem, e o mal vituperado,  
A tudo faz fociño e nada approva.

Diz logo prudentaço e repousado,  
Fulano é um satyrico, é um louco  
De lingua ma, de coraçao damnado.

Nescio, se disso entedes nada ou pouco,  
Como moscas com risos e algazarras  
Musas, que estimo ter, quando as invoco !

Se souberas fal'ar tambem falláras,  
Tambem satyrisáras se souberas,  
E se foras poeta poetisáras.

A ignorancia dos homens destas eras  
Sisudos faz ser uns, outros prudentes,  
Que a mudez canonisa bestas feras.

Ha bons, por não poder ser insolentes,  
Outros ha comedidos de medrosos,  
Não mordem outros não por não ter dentes.

Quantos ha que os telhados tem vidrosos  
E deixão de atirar sua pedrada,  
E sua mesma telha receciosos.

Uma so natureza nos foi dada,  
Não creou Deus os naturaes diversos,  
Um so Adão creou, esse do nada.

Todas somos ruins, todos perversos.  
So nos distingue o vicio e a virtude,  
De que uns são comensaes, outros adversos:

Quem maior a tiver do que eu ter pude,  
Esse so me censure, esse me note,  
Calem-se os mais, chitao e haja saude.

*Gregorio de Mattos.*

### A D. JOÃO DE ALEMCASTRO.

#### SONETO.

Quando Deos redemio da tyrannia  
Da mão de Pharaó endurecido  
Ao povo hebreu amado e esclarecido,  
Paschoa ficou da redempção o dia.

Paschoa de flores, dia de alegria  
A este povo foi tão affligido,  
O dia que por Deos foi redemido,  
O qual sois vós, senhor, deos da Bahia.

Pois mandado pela alta magestade  
Nos remio de tão triste cativeiro,  
Nos livrou de tão vil calamidade.

Quem ser póde, senão um verdadeiro  
Deos que veio estirpar desta cidade  
Toda a afflição do povo brasileiro!

*Gregorio de Mattos.*

### Santa Maria Itaparica.

Educado nas sagradas e profanas letras, dotado de águdo e penetrante engenho, ilustrado pelo estudo da poesia, para a qual o formara a natureza, abraçou Manoel de Santa Maria Itaparica o Instituto Seraphico da província da Bahia, em que nascera, no começo do decimo oitavo século, onde foi amado e prezado pela communhão de seus sabios, e entre os quais terminou pacificamente o viver deste mundo, embalado pelas virtudes christãs.

De entre as suas poesias avulsas, muitas das quais vamos publicando, sobresahe o bello poema em oitavas rimas, dado à luz em Lisboa sob o titulo de *Eustachidos*. Pena é porém que obra tão apreciada e louvada tão de raro appareça nas bibliotecas, todavia sabemos por

, Quando sucedeu no governo da Bahia a Antonio Luiz Gonçalves da Camara Coutinho. Este soneto é inedito.

informações authenticas, que o seu autographo e seus exemplares impressos se conservam na cidade da Bahia, sob a poeira do archivô de seu convento.

### A MORTE DO REI D. JOÃO V.

#### CANÇÃO FUNEBRE.

Oh tu, grande cidade e populosa,  
Que és do Brasil metropole florente,  
Hontem tão festival e tão contente,  
Hoje porém tão triste e tão saudosa;  
Ja sei que te moveu a este pranto  
E luto tanto,  
A nova triste  
Que bem ouviste,  
Oh cruel sorte!  
Da feliz morte  
Do teu grande monarca, que reinando  
Te foi com novas glórias exaltando!....

Essa tua continua primavera,  
Privilegio do clima em que naceste,  
Bem te posso dizer que hoje a perdeste:  
Não é agora ja o que antes era:  
Pouco importam ás arvores frondosas  
E bem vistas  
Com muitas flores  
De varias cores,  
E as campinas  
Com mil bonitas,  
Se toda essa frescura e essa beleza  
Se confunde com pena e com tristeza.

Cruzando vão os paramos do vento  
Sem festejar o sol com melodia,  
Os seus habitadores que algum dia  
Faziam coro e musico instrumento,  
Algum tempo se ouvira a voz canora,  
Porém agora  
Os passarinhos  
Nós seus raminhos  
Não dão recreios  
Com seus gorgéios,  
E so no alto silêncio gemem graves  
Com vozes tristes as nocturnas aves.

\* A cidade da Bahia.

Esses que do crystal com prisões frias,  
Ou de liquida prata com correntes,  
Prendem de abril delicias florescentes,  
Soltam de Flora verdes aladas,  
Todos correm ao mar de que nasceram,

Mas se poderam  
Recolher a agua,  
Que a triste magoa  
Deste desgosto  
Se traz ao rosto,

Grande parte da terra inundariam,  
Porque grossas enchentes tomariam.

Correndo pelo bosque o tigre horrendo,  
Dá morte ao javali, que vai fugindo;  
A voraz onça com furor Bramindo  
Ao cervo segue que ja está tremendo;  
Mas todos esses animaes ferozes  
Muito velozes  
Tão matadores  
E tragadores,  
Ouvindo o pranto,  
Que causa espanto,

As saloras presas deixariam,  
E para as suas covas fugiriam.

Tudo sem ordem e confuso assiste;  
Palido o sol com nuvens se escurece;  
E no occaso tambem não apparece  
A alampada que alegra a noite triste;  
So se ouvem os gemidos lastimosos

E dolorosos  
Que o sentimento  
Incita ao intento;  
E todo o dia,  
E noite fria,

Soam as vozes do metal fundido,  
Retumba o bronze a espaços repetido!....

S. M. Itaparia.

### A BACCHO E A AMOR.

#### DITHYRAMBO.<sup>1</sup>

COVO.

A Baccho brindemos,  
Brindemos a amor;

<sup>1</sup> Toada do hymno de Riego, cantado em Paris por Brasileiros e Hespanheiros.

**Embora aos coreundas  
Se sobre o furor.**

voz.

**Em brodio festivo  
Mil copos retinam,  
Que a nós não nos minam.  
Remorsos crucis.  
Em jubilo vivo  
Juremos constantes  
De ser, como d'antes  
A pátria lieis.**

coro.

**A Baccho brindemos,  
Brindemos a amor;  
Embora aos coreundas  
Se sobre o furor.**

voz.

**Conscios amados,  
Se a pátria affligida  
Por nós clama e lida,  
Pois longe nos ve;  
Jamais humilhados  
Ao vil despotismo,  
No seio do abysso  
Fiquemos em pé.**

coro.

**A Baccho brindemos,  
Brindemos a amor;  
Embora aos coreundas  
Se sobre o furor.**

voz.

**Gritemos unidos  
Em santa amizade:  
« Salve, ó liberdade!  
« E viva o Brasil! »  
Sim, cessem gemidos,  
Que a pátria adorada  
Veremos vingada  
Do bando servil.**

coro.

**A Baccho brindemos,  
Brindemos a amor;  
Embora aos coreundas  
Se sobre o furor.**

voz.

**A não combatida  
Da tormenta dura  
Furores atura  
Do rabido mar:  
Ja quasi sumida,  
Resurge, e boiando  
La vai velejando,  
Sem mais sossobrar!**

coro.

**A Baccho brindemos,  
Brindemos a amor;  
Embora aos coreundas  
Se sobre o furor,**

voz.

**Bem prestes, amigos,  
Vereis vossos lares;  
Tão tristes azares  
Jamais voltarão.  
Os vis inimigos  
So colhem vergonha;  
E negra peçonha  
Distillam em vão.**

coro.

**A Baccho brindemos,  
Brindemos a amor;  
Embora aos coreundas  
Se sobre o furor.**

voz.

**Se a pátria nos ama,  
Amal-a sabemos;  
Por ella estivemos  
O sangue a verter.**

Se a patria nos chama  
Iremos contentes  
Com peitos ardentes  
Por ella morrer.

CORO.

**A Baccho brindemos,**  
Brindemos a amor;  
Embora aos coreundas  
Se sobre o furor.

VOZ.

Patricios honrados  
Aos ternos meus braços  
Em mutuos abraços  
**A unir-vos correi.**  
C'os copos alçados  
De novo juremos,  
Que amigos seremos....  
Ja bebo, e bebei.

CORO.

**A Baccho brindemos,**  
Brindemos a amor;  
Embora aos coreundas  
Se sobre o furor.

VOZ.

**A Venus fagucira,**  
**A Baccho risonho,**  
Ninguem, por bisonho,  
Se esqueça brindar:  
Moafa ligeira  
Tomemos agora;  
Amigos, vão fôra  
Tristeza e pezar.

CONO.

**A Baccho brindemos,**  
Brindemos a amor;  
Embora aos coreundas  
Se sobre o furor.

*J. B. de Andrada e Silva.***A CLORI.**

Ves, oh Clori, a flor gigante  
Que procura firme amante  
Seguir sempre a luz do sol?

Desta sorte sem desmaios  
Sol que gyram são teus raios,  
E meu peito gyrasol.

Mas ah, Clori, que a luz pura  
De teus raios mais se apura  
De meu peito no crysol.

*Antonio José.***OS ENCANTOS DE AMOR.**

Se amor é um encanto  
Que inflamma  
Na chamma  
Tyrannico ardor;

De ver não me espanto  
Um peito  
Desfeito  
**A encantos de amor.**

*Antonio José.***SAUDAÇÃO À ARCADIA ULTRAMARINA.**

ODE.

Emfim eu vos saudo,  
Oh campos delcitosos,  
Vós, que à nascente Arcadia em grato estudo  
Brotando estais os louros mais frondosos!  
Eu vos vou descobrindo  
Bellas estancias do pastor Termindo.

<sup>1</sup> Termindo Sipilio era o nome acadêmico de J. Basilio da Gama na Arcadia de Roma.

Já sinto que respira  
Uma aura em voz suave,  
Orfeo pulsa de novo a doce lyra,  
Ouve Thebas de novo o plectro grave,  
Seu numero é mais terno,  
Que o que muros ergueu, parou o Averno.

Que pastores tão novos  
São estes, que vos pisam,  
Como entre tristes e grosseiros povos,  
De nova gala os campos se matizam;  
Quem forma estas cadencias?  
Quem produz tão mimosas influencias?

Se os olhos me não mentem,  
Os venturosos nomes  
Gravados n'estes troncos ja se sentem,  
**Tu**, tempo gastador, os não consomes,  
Driario aqui diz este,  
Nimpheo diz outro, aqui diz outro Eureste.

Na mais copada faia  
Abrio o ferreo guine,  
O nome de Termindo, o sol que raiá,  
Aqui bate primeiro o claro lume,  
Elle o ve, elle inveja;  
Eterno o nome, eterno o tronco seja.

Ah se da gloria vossa  
Pastores ca me vira  
Tão digno, que na bella Arcadia nossa  
Igualmente meu nome se insculpira.  
Entre a serie preclara  
De Glaucest<sup>3</sup> a memoria se guardará.

Mas onde irá sem pejo  
Collocar-se atrevido,  
Quem longe habita o sereno Tejo,  
Quem vive do Mondego dividido,  
E as auras não serenas  
Do patrio Ribeirão <sup>4</sup> respira apenas?

<sup>1</sup> Poetas brasileiros, cujos nomes desconhecemos; do ultimo temos algumas poesias que iremos publicando.

<sup>3</sup> Claucest<sup>3</sup> Saturno, nome academico do autor.

<sup>4</sup> O Ribeirão do Carmo em Marianna, cidade de Minas Geraes.

Sim, vosso caro abrigo,  
Pastores, pôde tanto,  
Que despertando do silencio antigo,  
Erguer bem posso sem vergonha o canto:  
Comyosco está Glaucest<sup>3</sup>,  
Comyosco faz soar a flauta agreste.

Se não cantar os feitos  
Do bom pastor d'Anfriso,  
Se de Jove e de Marte entre os eleitos,  
Não espalhar cantando um doce riso;  
Saberei n'esta praia  
A Tytiro imitar junto da faia.

Em vós, oh campos, cresça  
A vegetante pompa;  
Cresça o verde esplendor; em vós floresça  
A murta, o louro, e na dourada trompa  
Do monstro sempre errante,  
O nome de Termindo se levante.

#### C. Manoel da Costa.

#### ADEOS À VIDA.

Adeos, minha vida.  
Vida sem prazer,  
Fruir-te não posso;  
Adeos, vou morrer!

Myrrhada doença  
O alento me prende,  
A pallida morte  
Seus braços me estende.

Revolve-se a terra,  
A cova se abrio,  
Meu corpo baixou,  
A lousa cahio.

Do mundo illusões  
Na campa findaram,  
Quaes flores viçosas  
Depressa murcharam.

<sup>1</sup> Inedito.

Adeos, minha vida,  
Vida sem prazer,  
Fruir-te não posso;  
Adeos, vou morrer!

Começava o dia  
De buzir agora,  
Cobrindo negra nuvem  
O fulgor da aurora.

Tudo tem um termo  
Mais remoto ou breve,  
Meu corpo entreguemos,  
Que à terra se deve.

Saudades!.... não deixo;  
Prazeres não tive!  
Virgem de paixões  
Meu peitoinda vive.

Amigos!.... qual delles  
Comprova o que diz?....  
Amores?.... quem ama  
Um triste infeliz!

Família!... meus pais!...  
Lembrança cruel,  
Por vós é que trago  
Da saudade o feli.

Deixo-vos!... mas ainda  
Nos havemos de ver,  
O céo nos prepara  
Tão grato prazer.

Oh eternidade,  
As portas me abri;  
Delícias celestes  
Me guardam ahi!

Adeos, minha vida,  
Vida sem prazer,  
Fruir-te não posso;  
Adeos, vou morrer!

*F. Octaviano de A. R.*

### À RESTAURAÇÃO DO PORTO.

ODE.

Jam fulgor armorum fugaces  
Terret equos, equitum que *vultus*,  
Audire magnos jam videor duces  
Non indecoro pulvere sordidos.

HORACIO.

Desceci do Gympo, honrados Lusitanos,  
O ferro vencedor tomai na dextra,  
Correi aos patrios campos alagados  
D'aduvião horrenda.

Tu, valente Sertorio, e Viriato,  
Que as aguias triunfantes abatistes  
Das romanas cohortes espalhadas  
Por toda a redondeza;

Egas, Nunos, Corrêas, e Menezes,  
E quantos vio a Hesperia sustentando  
O throno portuguez nos fortes homens,  
Que nunca se acurvaram:

Vós, a quem vio Atlante temeroso  
Banhado em sangue barbaro as areias  
De Arzilla, Mazagão, Tanger e Ceuta,  
Da Mauritania freio;

Albuquerque, Almeidas, Castros, Gamas,  
Que fizestes tremer o Indo e o Ganges,  
Saldanhas, Mascarenhas destemidos,  
Assombros Pacheco;

Eia, vinde, acodi aos vossos lares:  
Um Totila cruel, um Alarico,  
Um Attila soberbo, um Odoacro,  
Da Gallia se levanta:

Herulos, Codos, Hunos, Visigodos,  
Menos barbaros eram que as phalanges  
Do Corso, de conquistas mais sedente  
Que o filho de Philippe.

Do polo de Callisto até o antarctico,  
A feia Allecto espalha a guerra ardente,  
Sacode Erynnis o funesto facho,  
Convulsa a terra treme.

Traição, a vil traição, precede os passos  
Do despota fatal, que o mando abala,  
Na boca a protecção, a paz no rosto,  
No coração perfídia.

Ja profanado tem por vezes duas  
Do Douro illustre as margens aguerridas,  
Qual sanhudo leão, derriba, mata,  
De presa não se farta.

Eia, vinde... Mas não; em paz tranquilla  
Os prazeres gozai, que merecestes:  
Inda brilha o valor, inda se alverga  
Nos peitos portuguezes.

Em vossos netos vivem destemidos  
Os valentes Miltiades. Os campos  
De Marathonia ve tintos de sangue  
O soberbo Dario,

Os fidos Espartanos, que trocaram  
Por nome sempiterno a doce vida,  
De Xerxes contra as forças assombrosas  
Trezentos peljando,

Que mais fizeram que os valentes Lusos,  
Ao principe fieis, á patria firmes,  
Do Cavado nas margens, e do Douro,  
Os Gallos destroçando?

Posthumios Fabios, Manlios e Camillos,  
Vede novos Tarquinios, novos Brennos,  
Que aos Lusos as cadeias promettiam,  
Mordendo a dura terra...

Zama de Scipião a gloria canta,  
O Africano vencendo que no Trebia,  
Em Cannas, em Tesino, em Trazimene,  
As aguias abatera.

Machado, Bacellar, forte Silveira,  
Impavidos encaram, venceem, matam  
Os soberbos Francezes, que a victoria  
Alistada trazão.

De Iena o vencedor altivo e fero,  
Co'os triumphos pomposos fascinado,  
O ferro portuguez provar não ousa,  
Treme, recua e foge.

Milagres que outra vez vira o Salado,  
Ourique, Aljubarrota, linhas d'Elyas.  
Em nossos dias viram renovados  
Do Minho os ferteis campos..

Lima, Douro, Mondego, Tejo, e Zezere,  
E tu tambem, illustre Guadiana,  
Rivaes do Rheno e Tibre, correm tintos  
Co' o sangue dos imigos.

Também o nome teu meus versos honre,  
Generoso Wellesley, filho de Marte,  
Vivam os teus Britannos defensores  
Dos fidos Portuguezes.

Resta arte o grande Affonso, soccor do  
Do Germano Guilherme, desbarata  
Os filhos de Ismael, que irosos guardam  
A famosa Lisboa.

Abate, ó Musa, voos atrevidos,  
Que da patria soltou amor sincero.  
Dos Lusos o louvor pertence a Phebo,  
A fama à eternidade!

*F. de Araujo Guimarães.*

#### A VOLTA DO ESPOSO.

Vem a meus braços,  
Prenda querida,  
Prazer e gloria  
De minha vida.

Meu triste pranto  
Vem enxugar,  
Minha saudade  
Vem metigar.

Ah vem, não tardes!  
Dá-me o transporte  
De te abraçar,  
Caro consorte..

Contra este peito  
Angustiado  
Da dura ausencia,  
Tão maltratado,

Onde a saudade  
Fez moradia,  
Que de receios  
Estremecia.

Da tyrannia  
Bem recordado,  
E de aflições  
Tão magoado.

Mas, bem seguro  
Do teu amor,  
Tinha esperança,  
Tinha valor.

Ben haja o ceo  
Que te livrou  
De tantos males,  
E te aguardou.

*D. Francisca V. S.*

### A MORTE DE RADCLIFF.

#### SONETO.

Quid mihi mors? Virtus post fata virescit,  
Nec sœvi gladio perit illa tyranni.

RADCLIFF.

Elevado ao Zenonico transporte  
Estoico coração, alma sublime  
Sem que a vista do algoz o desanime,  
Da morte encara afiouto o ferreo corte.

De uma alma liberal, de um peito forte  
A voz e os sentimentos não supprime,  
Ja dest'arte gritando, alheio ao crime:  
«Tyranno, que pezar me causa a morte?»

«A virtude, que o peito me guarnece,  
«Essa, por mim ha muito idolatrada,  
«Depois de negros fados resplandece:

«Aos golpes ferros da cruenta espada  
«Não se curva, não murcha, não fenece,  
«Antes surge de soes abrillantada!»

*Pinto Vedras.*

### A ESPERANÇA.

É tal a esperança  
N'um peito amoroso,  
Que o bem duvidoso  
Alementos lhe dá.

Se em duvida o gosto  
Suspende o gemido;  
Um bem possuido  
Que glória será!

*Antonio José.*

### INVOCAÇÃO.

Se a Farea enfurecida  
Te usurpa a doce vida,  
Te irá buscar esta alma  
Só para te animar.

Vem pois, amor querido,  
Que o terno meu gemido  
Ao teu cadaver frio  
Alementos pôde dar.

*Antonio José.*

### OS DOUS CONSORTES.

#### EPIGRAMMA.

«—Para que, ceos, despossei  
Homem tão desenchavido?  
Logo não vi que um pandorga  
Não servia p'ra marido?»

«—Minha Eva, é só a raiva  
Que te faz guinchar assim;  
Se acaso eu fosse pandorga,  
Não te agradavas de mim.»

«—Não se ufane por ter sido  
O alvo de meu amor,  
Todos sabem que a mulher  
Pega sempre no peior.»

*J. M. de Macedo.*

## A MARILIA.

Esses teus olhos, Marilia,  
Não sei que attractivos tem ;  
Quem quer que seja em te vendo  
Por força ha de querer bem,  
E até pede o coração  
Que não queira a mais ninguem.

Ninguem vive sem amar,  
E se ha mundo alguem,  
Que venha ver os teus olhos,  
Quero ver se não quer bem ;  
E até pede o coração  
Que não queira a mais ninguem.

*Alvarenga.*

## A CIVILISACAO ERRANTE.

## SONETO.

Foi nas margens do Nilo que primeiro  
Raiou aos homens a civil cultura,  
E na Lybica praia a māi natura,  
Então seu ar despio rude e grosseiro.

As terras de Asia, fado aventureiro  
As sciencias guiou ; alli fulgura  
Tyro, Phenicia, e o Chaldeo procura  
Mundos de luz no espaço derradeiro.

Depois na Europa vem buscar abrigo  
Deixando as regiões da roxa aurora,  
A polidez que as artes traz consigo.

Liga cruel jurou de a lançar fóra ;  
Mas para a receber no scio amigo,  
A quarta parte nova surge agora.

*Evaristo Ferreira da Veiga*

A VOZ INTERCADENTE.<sup>1</sup>

Compadecete de mim,  
Rouca voz intercadente,

<sup>1</sup> Inedita.

Solta este som magoado,  
Para exprimir o que sente.

O quadro é so de misérias  
Intrincado labirintho ,  
Mortal, tu es o que eu fui,  
Mas não sentes o que eu sinto.

Não fujas, não desampares  
Um esqueleto ainda vivo ;  
A compaixão é um preludio ,  
Que oferece à dor linitivo.

Se a esperança de quem pede  
Tem a virtude por sim ,  
Ah soccorre-me, não tardes,  
Compadecete de mim !

*Eloy Ottoni.*

## A AUSENCIA DE ARMIA.

## RONDÓ.

O campo viçoso,  
De flores juncado,  
Em si esmaltado  
O riso trazia.  
Agora despido  
Sem fresca verdura,  
So pinta a amargura,  
Retrata a agonia.

Perguntas a causa ?  
Ausentou-te Armia.

O rio engrossava  
Em agua abundante,  
Soberbo, arrogante  
Das margens sahia.  
Agora em segredo  
Mofino ja corre,  
Parece que morre  
A sua alegria.

Perguntas a causa ?  
Ausentou-se Armia.

O gado formoso  
Alegre brincava,  
Ligeiro buscava  
A relva macia.  
Agora espantado  
Nos montes errando,  
Tristonho balando,  
Pavor desafia.

Perguntas a causa ?  
Ausentou-se Armia,

As settas funestas  
Lançava Cupido,  
Nem Paphos, nem Cnido.  
Mais ledo o não via.  
Agora encerrado  
Em ermo retiro,  
Saudoso suspiro  
Aos ares envia.

Perguntas a causa ?  
Ausentou-se Armia.

Zombava da sorte  
Elmano ditsco,  
No seio mimoso  
O prazer bebia.  
Agora aos suspiros  
Sucedem os ais,  
Em ancias fataes  
Aborrece o dia.

Perguntas a causa ?  
Ausentou-se Armia.

Ha pouco de um bem,  
Que adora constante,  
O bello semblante  
O gosto infundia.  
Agora em tormentos  
Exhalando a vida,  
A morte convida,  
A morte tardia.

Perguntas a causa ?  
Ausentou-se Armia.

F. de A. Guimarães.

### AO EXCELLENTISSIMO BARÃO DE CAXIAS.

ODE.

#### ESTROFHE 1.

É breve o adeos do heróe. A esposa chora,  
A joven, bella esposa; as innocentas  
Flhinhas, a quem tanto o pai adora,  
Choram tambem, dos braços seus pendentes  
Como doux anjos que prender intentam

As duas partes caras,  
Que de amor puro, unidas, se alimentam.  
Maranhão, Maranhão, tu as separas !  
«Meu Rio de Janeiro, em ti eu deixo  
«Tudo que é meu, adeos ! e não me queixo..»

#### ANTISTROPHE 1.

Vamos, comtigo irei ao fim do mundo.  
Ja fumega o vapor no cavo lenho,  
E luta contra o mar hirto, iracundo,  
E contra o vento opposto ao nobre empenho.  
Arribemos ! Mas onde ? Na Victoria !

Bom presagio, oh guerreiro !  
Eia, partamos ; la té acena a gloria.  
Quebrou- se a quilha do veloz madeiro !  
Que importa ! ja la vem o Guararapes !  
Onde os perigos a que não escapes ?

#### EPODO 1.

Quer Deos habituar-te  
A mil perigos grandes,  
Assim de que dest'arte

<sup>1</sup> Capital da província do Espírito Santo, onde arribámos depois de cinco dias de tormentosa viagem.

<sup>2</sup> Ao entrar no porto do Rio Grande do Norte deu a barca de vapor em que íamos contra um penedo occulto nas marés altas, e de grande perigo nas baixas, de modo que, fazendo um grande rombo na quilha, ficou impossibilitada de continuar a viagem.

<sup>3</sup> Brigue escuna *Guararapes*, vindo de Pernambuco, escoltando uma embarcação de transporte com tropas para o Maranhão.

Tua alma se ennobreça,  
Teu peito se endureça,  
Teu nome à gloria mandes ;  
E quando em qualquer parte  
Teu nome repetirem  
Que digam os que o ouvirem :  
Foi grande, foi feliz,  
Honrou o seu paiz.

## ESTROFHE II.

Exulta, oh Maranhão, eu te saúdo,  
Eis o teu salvador ! enxuga o pranto,  
Tens por ti sua espada, e seu escudo :  
Comigo entoa da victoria o canto,  
Que a vil caterva, sanguinaria, infame,  
Que os campos teus devasta,  
Como de tigres esfaimado enxame,  
Que em grei de ovelhas entre sangue pasta,  
Ha de, ao luzir do ferro rutilante,  
Dobrar humilde a fronte petulante.

## ANTISTROPHHE II.

Ves como alegre e cheio de esperança  
Em torno delle o povo respeitoso  
O contempla como astro de bonança  
Que no abumbrado ceo surge radioso  
Sua nobre presença tudo anima,  
Os peitos se roboram,  
So se repete um nome : « O Lima ! ó Lima ! »  
E mil olhos parecem que o devoram.  
Da governança o heroe as redeas toma,  
E ao lado do valor justiça assoma.

## EPODO II.

Não so a dextra forte  
Sabe empunhar a espada,  
E dardejar a morte  
Em procellosa guerra.  
A sua fronte encerra  
Uma alma sublimada,  
Que dá-lhe ao rosto, ao porte  
O nobre, grave aspecto  
De homem sisudo e recto  
De altivo coração,  
E lucida razão.

## ESTROFHE III.

A sua egregia voz chefes, soldados  
Recobram a perdida disciplina:  
Todos de novo brio electrisados  
Se mostram ao heroe que os examina.  
Eil-o ja no Munim ; <sup>4</sup> e assoberbando  
O tempo pluvioso,  
Em debil lenho o rio vai sulcando,  
Que de Caxias desce pressuroso ;  
Caxias, que entre ruinas se lastima  
Que tão tarde viesse o forte Lima.

## ANTISTROPHHE III.

Por toda a parte o perfido inimigo  
Que de rapinas vive, foge errante,  
E vendo de seus pes erguer-se o p'riso,  
Curvo se entrega à força triumphante.  
La se restaura o Brejo ! Os mais astutos  
Satellites do inferno,  
Inda do proprio sangue mal enxutos,  
Levam ao Piauhy o horror do averno ;  
Mas la do general o mando echoa,  
E apôs a espuria raça a morte voa.

## EPODO III.

Que nuvem tão sombria  
Agora se levanta,  
Escurecendo o dia  
Em toda a Mirityba  
Até o Parnahyba ?  
O Maranhão se espanta,  
E todo se arropia  
Co' a nuvem negra e crassa,  
Prevendo atroz desgraça ;  
La vai o Lima audaz,  
E a nuvem se desfaz.

## ESTROFHE IV.

Eis o Itapucarú <sup>5</sup> cheio de orgulho

<sup>4</sup> Rio Munim, em cuja margem direita está a villa do Icatú.

<sup>5</sup> O Itapucarú oito vezes por nós atravessa-do ; suas margens são assaz povoadas, e n'ellas se levantam as villas do Rosario, Itapucarú-mirim, Codó, e a Cidade de Caxias.

Vendo-o passar de novo em ferrea quiha,<sup>6</sup>  
Que as aguas rompe com feroz marulho,  
Qual nunca vira, estranha maravilha!  
**A** vista do igneo vaso fluminense  
As margens se povoam,  
E louvores do povo Maranhense  
**A** tão prestante heroe nos arcs soam.  
**A** rapidez do bravo a todos move,  
E entre benções seu nome à gloria sobe.

## ANTISTROPHE IV.

Eil-o na Vargem-Grande! Eil-o em Vianna!  
Eil-o em Caxias! Eil-o em toda a parte!  
**A**qui a furia aplaca a intriga insana,  
Alli da guerra ensina as leis e arte.  
Quem o chama! Eil-o ja! Pos dos desertos,  
Raios do sol ardentes,  
Deleterios vapores, danmos certos,  
Estação pluvial, caudas torrentes,  
Vós nao podeis desalentar seu peito,  
Eu, que o louvo, o segui no honroso feito.

## EPODO IV.

Quem ja por ti fez tanto,  
Sangui-regada terra?  
Vós que escutais meu canto,  
Desfeitos os temores  
Não vistes os horrores  
Que eu vi da irada guerra.  
Sangue corria e pranto,  
O incendio crepitava,  
**A**morte audaz voava;  
O ceo se consternou  
**E** o Lima a vós mandou.

## ESTROFHE V.

Bem se ve que não é a vez primeira  
Que em marcio jogo os olhos teus lampejam  
**E**m frente da cohorte brasileira,  
Acendendo valor nos que pelejam:

<sup>6</sup> Allude á barca de vapor *Fluminense*, fabricada no Rio de Janeiro, a primeira que atravessou os rios do Maranhão, excitando admiração e espanto aos habitantes do interior, muitos dos quaes se benziam ao vel-a passar.

Vio-te Montevideo, vio-te a Bahia  
Quando da independencia  
Os echos do Ypiranga repetia,  
E ferro appoz dos Lusos à inclemencia  
Sangue de heroes as vés te ennobrece,  
E entre heroes o teu nome resplandece.

## ANTISTROPHE V.

Qual brilhante pharo<sup>1</sup>, que assoberbando  
O mar, que em vão minar-lhe a base intenta,  
Os escolhos e syrtes indicando,  
Em tempo de bonança e de tormenta  
Animo embebe em duvidosos lumes;  
Tai te contemplo, oh Lima!  
Nada te assusta, porque a Deos so temes,  
Esse gladio, a quem tanto a patria estima  
Eu tua mão pujante, não manchára  
O anjo da justiça se o empunhara.

## EPODO V.

Ante mim appareça  
Quem diga: mente a musa.  
Consinto que pereça  
Meu nome e minha gloria,  
Se seu abono a historia  
Ao canto meu recusa.  
Nem mais do ceo mereça  
O vate ser ouvido.  
Oh! graças! desmentido  
Jamais, jamais serei;  
Verdades so cantei.

## ESTROFHE VI.

Cheia de orgulho a lamina repousa,  
E a penha em tua mão bem vale a espada;  
Os teus preceitos affrontar não ousa  
Dos vicios a caterva amedrontada.  
Sublimes pensamentos esquecidos,  
Surgi do fundo d'alma,  
Acolhidos sereis e protegidos  
Por elle, que do justo empunha a palma;  
Novas galas os templos ostentando,  
Vão seu sacro fervor apregoando.

## ANTISTROPHE VI.

Eu te agradeço, oh céo, o dom sagrado  
De a ti poder subir na voz canora  
Dignos feitos de um filho teu amado  
Credor d'epica tuba atroadora.  
Contemplando prodígios singulares  
Se arroba a minha idéa,  
E vendo honrados meus paternos lares,  
De gloria e immortal fogo em mim se atêa;  
Mas tudo é pouco; do meu canto a cima  
Muito assomas, Luiz Alves de Lima!

## EPODO VI.

Complete este meu canto  
A patria agradeçida,  
E mostre ao mundo o quanto  
Alta virtude estima,  
De quem com o meu Lima  
Por ella offere a vida  
Com amor puro e santo.  
Grande Lima, se a invaja  
Ja contra ti braveja,  
Ao grito seu em vão  
Responda o Maranhão!

*Magalhães.*

O CRAVO.<sup>1</sup>

Se eu podesse as tuas cores  
As de Lilia comparar,  
Lindo cravo, eras sem preço,  
Quanto te havia eu prezar!

O carmim de suas faces  
É mais suave e mais brando,  
Renova-se a todo o instante  
Alento novo tomando.

Porém, como tu possues  
Grato aroma que deleita,

Busca a linda, a bella Lilia,  
E seus cabellos enfeita.

Entre as tranças delicadas,  
Onde amor tem seu tesouro,  
Ostenta tua belleza,  
Esmalta seus fios de ouro.

Alli, depois de existires  
Quanto tu possas durar,  
Morrerás, e a mão de Lilia  
Teus restos vai conservar,

Ja murcho, secco e sem cores  
Por ella serás guardado,  
Gozarás os ternos beijos  
Daquelle a que foste dado.

Oh quem me dera tambem  
Em terna flor me mudar,  
Para no seio de Lilia  
Viver contente, e espirar!....

*J. J. de S. S. Rio.*

## SONETO.

Achou Fabio um torrão de barro louro,  
Que amassou de vagar muito a seu geito,  
E delle fez um homem tão perfeito,  
Que a todos parecia ser de ouro.

Ninguem se lhe atrevia em seu desdono,  
Mas o tempo, que a nada tem respeito,  
Na grande perfeição fez tanto efeito,  
Que elle proprio lhe foi falso aguardo.

Olhou Fabio, que é justo, e então pondera  
Que a vaidade deste homem, a que elle ama,  
Contra o mesmo factor logo se altera,

Levanta o braço e contra o vicio exclama,  
Derriba a mesma estatua que fizera,  
E do estrago somente dura a fama.

*Basilio da Gama.*

<sup>1</sup> Inedito.

**SALIX E PHOLOE, OU A ORIGEM DO  
SALGUEIRO CHORÃO**

**METAMORPHOSE.**

Amante de Pholoc, Salix formoso,  
Num fresco bosque um dia amor cantava.  
A discreta Pholoe alli soia  
Deixar vagar seu molle sobresalto :  
Ora unindo ao das aves o seu canto,  
Ou pensativa á margem dos ribeiros ;  
Ora colhendo sem escolha flores,  
Sem arte enfeita a natural belleza,  
Se encontra seu pastor gosta de vel-o,  
Mas sem corar sorri, ama sem crime.  
À innocencia fiel, Salix unia  
O respeito ao desejo, o medo á esperança ;  
Té que o hymeneo loução tornar quizesse  
Em consorte ditoso o terno amante.  
Se amor zomba de ti, ó razão fraca !  
Quem contar pôde com teus vãos protestos !  
Pholoc confia na ramage exclusa,  
E do banho á frescura se entregava.  
Frendosos lotos recurvados n'água,  
Com verde manto seu pudor protegem.  
A quieta soledade, e a dos bosques  
Quasi luz, mais do qu'ella deleitosa,  
Tudo lhe diz : « Por tí vela o mysterio ;  
« Nympha, não temas temerarias vistas.»

Para as aguas que tantas graças banham,  
Salix, o crime não, conduz-te o acaso.  
Foi zephyro que as folhas afastando,  
Descobrio-te o segredo, a culpa é delle.  
Ceos ! que attractivos para amantes olhos !  
Gentil juiz no Ida, tão absorto  
Paris, não foi, com Juno sem adreço,  
Sem veo Minerva, sem petrina Venus.  
Atraiçoa o crystal de inquietas aguas,  
D'eburneo seio alli, virginæs mimos,  
La no liquido azul as tranças d'ouro;  
E toda Venus ao surgir das ondas.  
Salix é outro, e chamma seductora  
Queima nas vêas, e faísca aos olhos ;  
Quer fallar, falha a voz, e para o rio  
Curvado, a vista fixa, o ouvido attento,  
Teme que o halito, agitando os ramos,  
Susurro delator assuste as aguas.  
Pholoc la vem tomar na fallaz riba,  
De tantas perfeições avaras fraidas :

Ligeira marcha, e a cada movimento  
Mostra um novo thesouro ás vistas avidas.  
« Que fazes insensato ? Que delirio ? »  
Parte, e grita : « Cruel ao menos pára !  
« Os assaltos do ardor veos mal defendem,  
« Eu morro se não cahes nua em meus braços ! »  
Ceos ! foi o grito da surpresa virgem.  
À voz do susto a onda ao longe brama,  
La no profundo as Naiades tremeram,  
Com murmúrio queixoso o bosque geme.  
Diana acode á voz, na dextra o arco,  
Corre a honra vingar de seus dominios.  
Deosa, o pudor salvaste, e inde te irrita  
Não consummado ultrage ? Salix foge,  
Raivosa a Deosa a setta solta, e o fere,  
O prodigo ! seus pes no chão se arreigam,  
Tronco nodoso, quer correr, não pôde.  
Lenhosa casca ja lhe envolve os membros :  
Do rosto as rosas enverdecem, murcham ;  
No ar em ramos os cabellos brotam ;  
E os braços que supplice aos ceos erguia,  
Symbolos do pezar, languidos cahem.  
Salgueiro, as aguas busca, e as folhas pallidas,  
Da amada ausente ainda a imagem buscam.

*V. da Pedra-Branca.*

**Silva Alvarenga.**

Vio a luz no meioado de seculo passado, na villa de S. João d'El-Rei, Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, que muito honrou as musas brasileiras.

Estudou na universidade de Coimbra, e la recebeu o grão de bacharel em jurisprudencia, e publicou, por occasião de sua reforma, o bello poema heroi-comico, *O Desertor das Letras*, que grangeou-lhe e estima dos contemporaneos, apesar de homem de cor, preconceito do tempo.

Regressando á patria, ocupou-se no ensino publico de rhetorica e poetica, cuja cadeira alcançara; a musica e poesia foram o entretenimento de suas horas de vagar; e deixou algumas odes e canções horacianas, e outras poesias avulsas de merito, como um dos melhores poetas da Arcadia Ultramarina, sob o nome de Alcindo Palmireno.

*Glaura*, colleção de rondós e madrigaes de delicadeza e harmonia extrema, encerra versos elegantes; avultam ahí as imagens da patria, e oxalá a regularidade do metro não lhe dêsse tal ou qual monotonia que cansa.

A tradução de Anacreonte, em que tanto esmerara-se, e que ficou por imprimir, desapareceu no dia de sua morte, em primeiro de novembro de 1814.

Silva Alvarenga desceu o tumulo ralado de desgostos, de tão jovial e folgazão que era !

### A GRUTA AMERICANA.

#### A BASILIO DA GAMA.

N'um valle estreito o patrio rio desce  
De altissimos rochedos despenhado  
Com ruido, que as feras ensurdece.

Aqui na vasta gruta socegado  
O velho pai das nymphas tutelares  
Vi sobre urna musgosa recostado;

Pedaços d'ouro bruto nos altares  
Nascem por entre as pedras preciosas,  
Que o eco quiz derramar n'estes lugares.

Os braços dão as arvores frondosas  
Em curvo amphitheatro, onde respiram  
No ardor da sesta as Dryades formosas.

Os Faunos petulantes, que deliram  
Chorando o ingrato amor, que os atormenta,  
De tronco em tronco n'estes bosques gyram.

Mas que soberbo carro se apresenta ?  
Tigres e antas, fortissima Amazona  
Rege do alto lugar em que se assenta.

Prostrado aos pés d'a intrepida matrona,  
Verde, escamoso jacaré se humilha,  
Añphibio habitador da ardente zona.

Quem és, do claro eco inclyta filha ?  
Vistosas pennas de diversas cores  
Vestem e adornam tanta maravilha.

Nova grinalda os genios e os amores  
Lhe oferecem e espalham sobre a terra.  
Rubins, saphyras, perolas e flores.

Juntam-se as nymphas que este valle encerra,  
A deosa acena e falla : o monstro enorme  
Sobre as mãos se levanta, e a aspera serra  
Escuta, o rio pára, o vento dorme.

« Bríhante nuvem d'ouro,  
« Realçada de branco, azul e verde,  
« Nunciada de fausto agouro,  
« Veloz sobe, e da terra a vista perde,  
« Levando vencedor dos mortaes danos  
« O grande rei José d'entre os humanos.

« Quando ao tartareo agonte  
« Gemem as portas do profundo averno,  
« Igual à espessa noite  
« Voa a infesta discordia ao ar superno,  
« E sobre a lusa America se avança  
« Cercada de terror, ira e vingança;

« E's a guerra terrivel  
« Que abala, atemoriza e turba os povos,  
« Erguen-do escudo horrivel,  
« Mostra Esphinge e Medusa e monstros novos;  
« Arma de curvo ferro o iniquo braço :  
« Tem o rosto de bronze, o peito d'aço.

« Pallida, surda e forte,  
« Com vagaroso passo vem soberba  
« A descarnada morte.  
« Com a mese rima triste fome acerba ;  
« E a negra peste, que o fatal veneno  
« Exhala ao longe, e offusca o ar serero.

« Ruge o leão ibero  
« Desde Europa troando aos nossos mares,  
« Tal o feroz Cerbero  
« Latindo assusta o reino dos pezares  
« E as vagas sombras ao trifauce grito  
« Deixam medrosas o voraz Cocyto ;

« Os montes escalvados,  
« Do vasto mar eternas atalaias,  
« Vacillam assustados  
« Ao ver tanto inimigo em nossas praias,  
« E o po sulphureo, que no bronze soa,  
« O céo, e a terra e o abyssmo atroa..

« Os echos pavorosos  
 « Ouviste, ó terra aurifera e fecunda,  
   « E os peitos generosos  
 « Que no seio da paz a gloria inunda,  
 « Armados correm de uma e d'outra parte  
 « Ao som primeiro do terrivel Marte.

« A hirsuta mantiqueira,  
 « Que os longos campos abrasar presume,  
   « Vio pela vez primeira  
 « Arvoradas as quinas do alto cume,  
 « E marchar as esquadras homicidas  
 « Ao rouco som das caixas nunca ouvidas.

« Mas, oh rainha augusta,  
 « Digna filha do ceo justo e piedoso,  
   « Respiro, e não me assusta  
 « O estrepito e tumulto belicoso,  
 « Que tu lanças por terra n'um so dia  
 « A discordia, que os povos opprimia.

« As horridas phalanges  
 « Ja não vivein d'estrago e de ruina,  
   « Deixam lanças e alfanges,  
 « E o elmo triplicado e a malha fina;  
 « Para lavrar a terra o ferro torna  
 « Ao vivo fogo e á rigida bigorna.

« Ja cahem sobre os montes  
 « Fecundas gottas do celeste orvalho;  
   « Mostram-se os horizontes,  
 « Produz a terra os fructos sem trabalho;  
 « E as nuas graças, e os Cupidos ternos  
 « Cantam á doce paz hymnos eternos.

« Ide, sinceros votos,  
 « Ide, e levai ao throno lusitano  
   « D'estes climes remotos,  
 « Que habita o forte e adusto Americano,  
 « A pura gratidão e a lealdade,  
 « O amor, o sangue, e a propria liberdade. »

Assim fallou a America ditosa,  
 E os mosqueados tigres n'um momento  
 Me roubaram a scena magestosa.

Ai, Termindo, rebelde o instrumento  
 Não corresponde á mão, que ja com gloria  
 O fez subir ao estrellado accento.

Sabes do triste Alcindo a longa historia,  
 Não cuides que os meus dias se serenam,  
 Tu me guiaste ao templo da memoria;  
 Torna-me ás musas, que de la me acenam.

*Silva Alvarenga,*

### AOS BAHIANOS.

#### ODE.

Na liberdade está a felicidade,  
 e no valor a liberdade,

#### THUCYDIDES.

Altiva musa, ó tu que nunca insenso  
 Queimaste em nobre altar ao despotismo,  
 Nem insanos encomios proferiste  
 De crueis demagogos.

Ambição de poder, orgulho e fausto  
 Que os servis amam tanto, oh nunca, musa,  
 Acenderam teu estro; a so virtude  
 Soube inspirar louvores!

Na abobada do templo da memoria  
 Nunca comprados cantos retumbaram:  
 Ah! vem, ó musa, vem, na lyra d'ouro  
 Não cantarei horrores,

Arbitraria fortuna! desprezível  
 Mais que essas almas vis, que a ti se humilham  
 Prosterne-se a teus pes o Brasil todo,  
 Eu nem curvo o joelho.

Beijem o pe que esmaga, a mão que açouta,  
 Escravos nados, sem saber, sem brio;  
 Que o barbaro Tapuia, deslumbrado,  
 O deos do mal adora.

Não, reduzir-me a po, roubar-me tudo,  
 Porém nunca aviltar-me pôde o fado:  
 Quem o morte não teme, nada teme;  
 Eu nisto so confio.

Inchado de poder, de orgulho e sanha,  
Treme o visir, se o grão-enhor carrega,  
Porque mal dirigio sobreelho iroso,  
Ou mal dormio a sesta.

Embora nos degrãos do exelso throno  
Rasteje a lesma, para ver se abate  
A virtude que odia, so me alenta  
Do que valho a certeza.

E vós tambem, Bahianos, desprezastes  
Ameagas, catinhos; desfizestes  
As cabatas que perfidos urdiram  
Inda no meu desterro.

Duas vezes, Bahianos, me escolhestes  
Para a voz levantar a prol da patria,  
Na assembléa geral; mas duas vezes  
Foram baixados votos!....

Porém enquanto me animar o peito  
Este sopro de vida que inda dura,  
O nome da Bahia, agradecido,  
Repetirei com jubilo.

Amei a liberdade e a independencia  
Da doce, cara patria, aquem o Luso  
Opprimia sem dó, com riso e mofa:  
Eis o meu crime todo!

Cingida a fronte de sanguentos louros,  
Horror jamais inspirará m u nome;  
Nunca a viuva ha de pedir-me o esposo,  
Nem seu pai a criança.

Nunca aspirei a flagellar humanos;  
Meu nome acabe, para sempre acabe,  
Se para o libertar do eterno olvido  
Forem precisos crimes!

Morrerei no desterro em terra estranha,  
Que no Brasil so vis escravos medram.  
Para mim o Brasil não he mais patria:  
Pois faltou à justiça.

Valles e serras, altas matas, rios,  
Nunca mais vos verei; sonhei outr'ora  
Poderia entre vos morrer contente;  
Mas não, monstros o vedam.

Não verei mais a viração suave  
Parar o aereo voo, e de mil flores  
Roubar aromas, e brincar travessa  
C'o tremulo raminho.

Oh paiz sem igual, paiz mimoso!  
Se habitassem em ti sabedoria,  
Justiça, altivo brio, que ennobrecem  
Dos homens a existencia....

De estranha emulação aceso o peito,  
La me ia formando a phantasia,  
Projectos mil para vencer vil ocio,  
Para crear prodigios!

Jardins, vergeis, umbrosas alamedas,  
Frescas grutas então, piscosos lagos,  
E pingues campos, sempre verdes prados,  
Um novo Eden fariam.

Doces visões! fugi; ferinas almas  
Querem que em França um desterrado morra;  
Ja vejo o genio da certeira morte  
Ir afiando a souce.

Gallicana donzella lacrimosa,  
Trajando roupas luctuosas longas,  
Do meu pobre sepulcro a tosca lousa  
So cobrirá de flores.

Que o Brasil inclemente, ingrato ou fraco,  
As minhas cinzas um buraco nega:  
Talvez tempo virá que ainda prante  
Por mim com dor pungente!....

Exulta, velha Europa, o novo imperio,  
Obra prima do eco, por fado impio....  
Não será mais o teu rival activo  
Em commercio e marinha.

Aquelle que gigante ainda no berço  
Se mostrava ás nações, no berço mesmo  
É ja cadaver de crueis harpias,  
De malfazejas furias!

Como, ó Deos! que portento! a Urania, Venus  
Ante mim se apresenta? Riso inciso  
Banh-a-lhe a linda boca, que escurece  
Fino coral nas cores.

« Eu consultei os fados que não mentem, »  
 ( Assim me falla a piedosa deosa )

« Das trevas surgirá sereno dia  
 « Para ti, para a patria. »

« O constante varão que ama a virtude,  
 « C'os berros da borrasca não se assusta ;  
 « Nem como folha de alemo fremente  
 « Treme á face dos males. »

« Escapaste a cachopos mil ocelltos,  
 « Em que ha de naufragar, como até agora,  
 « Tanto aulico perverso. Em França, amigo,  
 « Foi teu desterro um porto. »

« Os teus Bahianos, nobres e briosos,  
 « Gratos serão a quem lhes deu socorro  
 « Contra o barbaro Luso , e a liberdade  
 « Metteu no solo escravo. »

« Ha de emsím essa gente generosa  
 « As trevas dissipar, salvar o imperio;  
 « Por elles liberdade, paz, justiça  
 « Serão nervos do estado ! »

« Qual a palmeira que domina usana  
 « Os altos topos da floresta espessa,  
 « Tal bem presto ha de ser no mundo novo  
 « O Brasil bem fadado. »

« Em vão de paixões vis cruzados ramos  
 « Tentarão impedir do sol os raios ;  
 « A luz vai penetrando a copa opaca,  
 « O chão brotará flores. »

Calou-se então ; voou. E as soltas tranças  
 Em torno espalham mil sabecos perfumes,  
 E os zephyros , as azas adejando,  
 Vasão dos arcos rosas.

*J. B. de Andrade e Silva.*

### Antonio Ferreira Mendes.

Antonio Ferreira Mendes, que viveu pelos primeiros annos do seculo decimo oitavo, seguiu a profissão ecclesiastica. Era de vasta comprehensão, tinha bastante queda para a

poesia, que cultivou com gosto em os momentos de vagar; mas tão de raro publicava as suas producções, que apenas apparecem as consagradas à morte do rei D. João V , e que nos inhabilita de dar um juizo de melhor critica sobre sua maneira de poetar.

### SONETO.

Sagrada ensanaçāo da divindade,  
 Aqui do cadasfalso eu te saudo ;  
 Nem com tormentos, com revezes mudas,  
 Fui teu votario, e sou, ó liberdade !

Pôde a vida brutal ferocidade  
 Arrancar-me em tormento mais agudo ;  
 Mas das furias do despota sanhudo  
 Zomba d'alma a nativa dignidade.

Livre nasci, vivi, e livre espero  
 Encerrar-me na fria sepultura,  
 Onde imperio não tem mando severo.

Nem da morte a medonha catadura  
 Incutir pôde horror a um peito fero,  
 Que aos fracos tão somente a morte é dura.

*Antonio Carlos R. de A.*

### AO REI D. JOÃO V.

#### SONETO.

São vossos annos sempre venturosos,  
 Fidelissimo rei, porque a virtude  
 Que vos prospera a temporal saude,  
 Quando os aumenta os faz tambem gloriosos.

E se quereis que sejam mais famosos,  
 Vosso heroico valor nunca se mude,  
 Esperando que o céo propicio ajude  
 Vosso altos designios generosos.

Eternos durarão vossos estados,  
 Em premio das virtudes singulares  
 Que fazem vossos reinos respeitados.

E a Deos rendemos graças não vulgares  
De sermos com justiça governados  
Por um monarca que merece altares.

F. X. de Santa Theresá.

—  
ESCUТА-ME.<sup>1</sup>

Porque furtas os teus labios  
Aos beijos que os meus lhes dão?  
Oh! queinda virgem de amores,  
Não conheces a paixão;

Que se a paixão conheceras  
E um só beijo meu fruirias,  
Singela e linda menina,  
Como então amor sentirias!...

A mão que avara me escondes  
Uma vez deixa oscular;  
No gelo da indiferença  
Quero meu fogo apagar!

Quero.... mas es inocente,  
Não devo ensinar-te a amar;  
Fique em paz teu coração,  
Só o meu sique a penar!...

F. J. de Souza Silva.

—  
IMITAÇÃO DE PARNY.

ELEGIA.

Como esquivos se foram! pressurosos  
Passaram qual relâmpago os instantes  
Doces e puros, languidos e bellos,  
Em que nos labios teus bebi a vida!...  
Então dos olhos no amoroso espelho  
Eu lia minha sorte, eu lia o dito!  
Hoje tudo mudou; se tu ve avistas,  
Qual do raio ferido viandante,  
Triste e muda as palavras desconheces!

— Inedito.

Se os joelhos te abraço ás vezes terno,  
Gelido riso teu o ardor me quebra;  
Houve um tempo (talvez delle te olvides)  
Em que deliciosa m'espargias  
Sobre a existencia a taça dos prazeres.  
Ai... tudo se mudou!... teu peito é outro;  
Amor, delícias s'esgueiraram delle,  
E a tetra mão da horrida lembrança  
Veio nos olhos meus dar-lhes assento!

F. Octaviano de A. R.

—  
A AVEZINHA.

Avezinha solitaria  
Saudosa, amante e triste,  
Sou, nos echos que repito,  
De continuo a suspirar;  
E no canto em que procura  
Dar allivio a seu tormento,  
Mais cresce o rigor violento,  
Mais se aumenta o seu penar.

Antonio José.

—  
A AFFONSO DE ALBUQUERQUE.

ODE.<sup>1</sup>

Onde, musa, me levas inflamado?  
Onde me guia teu furor divino?  
Em transportes de gosto arrebatado,  
A curva lyra atino.  
D'Africa vejo os asperos lugares,  
Vejo rasgados nunca vistos mares.

Ondeando as reaes altas bandeiras,  
Vê o assustado Ganges, treme a terra  
C'o rouco som das tubas pregoceras

<sup>1</sup> Differe da publicada no *Parnaso Brasileiro* do Sr. Conde J. da Cunha Barbosa, e reproduzida no *Parnaso Brasileiro* do Sr. J. M. Pereira da Silva; seguimos a lição da *Collecção de poesias ineditas dos melhores autores portugueses*.

**D**a turbulenta guerra;  
**E**is que medroso ouvindo o oriente  
**T**reme assustado o Samorim potente.

**E**denso fumo envolto ardente em ira  
**V**omita o bronze a sibilante bala,  
**O** triste horror por toda a parte gyra,  
**A**ltos muros escala  
**O** invicto Affonso, e os naires bellicosos  
**D**o largo ferro fogem temerosos.

**P**arte da negra barba retorcida  
**S**obre o espaçoso peito cabelludo  
**L**he ondeia, com a vista ensurecida  
**E**rguendo o largo escudo,  
**N**o punho aperta a rutilante espada,  
**A**sia ja nostra a face ensanguentada.

**D**'entre os espessos barbaros a'fanges  
**V**ejo arrancar os louros vencedores ;  
**F**ogem cortadas timidas phalanges.  
**D**'entre mortaes clamores,  
**D**o guerreiro Albuquerque nome e gloria  
**V**ejo subir ao templo da memoria.

**V**olta o grande Orfação o rosto irado,  
**A** guerreira cidade vejo afflita  
**C**abir sobre seu sangue derramado.  
**D**omada a furia invicta,  
**A**os pes do vencedor obediente  
**O** collo offerece á aspera corrente.

**M**ostra a terra nas costas fumegantes  
**B**oiano em sangue corpos exulados,  
**P**ernas e braços inda palpitantes,  
**N**os mares descorados.  
**G**uerra, guerra ja ouço em toda a parte  
**B**radando irado o lusitano Marte.

**A** tragadora chamma crepitante,  
**S**obre as azas do fumo suspendida,  
**S**obe a lamber os ares vacillante,  
**M**as cahe enfraquecida  
**S**entido de Vulcano o duro effeito  
**V**olve no immundo po o afflito peito.

**J**a triste sobre as cinzas assentada  
**N**o meio dos temores e agonias  
**C**o a fria mão na face ensanguentada  
**C**hora os passados dias,

Ouvindo entre o rancor, o medo e o susto  
**D**o guerreiro Albuquerque o nome augusto.

**O**rco Ganges forte e celebrado  
**D**etem um pouco a tímida corrente,  
**E**u o vejo entre sustos d'escravo  
**C**hegar obediente,  
**C**om vacillantes passos duvidoso  
**A**vencedora mão beijar medroso.

**A**decantada Ormuz sempre guerreira,  
**G**oa, Pangim, Malaca bellicosas  
**T**urbadoras celem pela vez primeira  
**A**espada furiosa,  
**E**sobre seus estragos e ruinas  
**T**remolar vejo as vencedoras quinas.

**O**' guerreiro Albuquerque, a vossa historia,  
**P**or mais que corra a tragadora idade,  
**D**'Africa esplanto, de Lusitania gloria,  
**V**ive na eterni lade ;  
**E**o vosso nome no sagrado templo  
**A**os futuros heroes sirva de exemplo!

*Vidal de Barbosa.*

#### AO REI D. JOÃO V.

##### SONETO.

Grande rei, em que todo o mundo admira  
**D**e virtus ornada a magestade ;  
**P**rinicpe, em quem à sombra da piedade  
**E**da justiça Portugal respira ;

Rei cujo aspecto magestoso inspira  
**T**emor, respeito, amor, fidelidade ;  
**S**ol que para influir felicidade  
**A**o seu imperio pelo imperio gyra ;

Hoje com gosto tal vos felicito,  
**Q**ue vos auguro um throno luminoso,  
**U**m circulo de lustres infinito.

Meus votos ouça o Todo Poderoso,  
**A** quem por honra sua solicito  
**Q**ue vos conserve sempre glorioso !

*F. X. de Santa Theresa.*

## AOS ANNOS DE UMA MENINA.

SONETO.

Era um sitio do rosas matizado,  
Aonde amor depondo a prenhe aljava.  
Da terna māi nos braços descansava,  
Deposta a venda, o arco desarmado.

Apezar da estação, risonho o prado,  
Risonha toda a natureza estava,  
Por lei de Jove o tempo respeitava  
Um dia que era a Venus consagrado.

O mesmo travesso suspendia  
Da boca o riso, quando a māi formosa,  
Afagando-o nos braços lhe dizia :

« Fez annos Carolina virtuosa,  
« Vamos colher em honra deste dia  
« Em Chypre a murta, em Amarantha a rosa.

Eloy Ottoni.

## UM DESAFOGO.

La beauté sans amour, dont les pas nous  
entraînent,  
Femme aux yeux exercés  
Dont la robe flottante est un piège où se  
piennent  
Les pieds des insensés !

VICTOR HUGO.

Eu te amava cruel! e insensato  
Fruia o prazer de ser amado  
Um dia, quando a sorte menos barbara  
Meus pezares findasse, e satisfeita  
Do damno meu, outro infeliz tomasse!  
Oh! como eu me illudi! como imbecil,  
Caprichoso pensei, como a criança!

<sup>1</sup> Inedito.  
<sup>2</sup> Inedito.

Ser amado por ti, mulher sem alma!  
Ser amado por ti, por ti, tyranna!  
Por ti, que escondes nesses attractivos  
Uma alma dura, indocil, sem affecto!  
Tambem a flor mimosa, cujo cheiro  
Cuja belleza, cuja cor encanta  
Attraher do enamorado plumoso  
Inconstante amador vistas presitas  
E oculta traiçoeira muitas vezes,  
Peçonhento reptil, que pensa astuto  
No bote com que certo empolgue a presa.  
Tal é tua belleza, assim teus dotes  
Tão mimosos, tão caros, tão divinos,  
Cautelosos escondem, acobertam  
A fealdade de tua alma ingrata!  
Triste do infeliz que, seduzido  
Pelo encanto desses ternos olhos,  
Pela belleza de teu lindo rosto,  
Chegar a amar-te, pobre miseravel!  
Seus ais, o pranto seu e seus suspiros  
Irão em vão roçar em teus ouvidos  
Com riso mofador, do orgulho altivo  
Farto infallivel, simularas não vel-os!  
Em troca desse afan, desse amor forte,  
Colherá, inda mal, um desprezivel  
Olhar que esmaga, qu'anniquila e mata  
Aquelle que a sagir-lhe não sabera!  
Usana a fera, contente como tigre  
Da carnagem e do sangue que espargira,  
Se espeirará no estrago que fizera;  
Se sois, humanos, do exemplo amigos,  
Se vosso corações puros e virgens  
Não soffreram ainda esses rigores  
Da mais forte, mais barbara, mais terivel  
Das paixões do homem, fugi de vel-a!  
Ah! seus encantos seduzem e cativam;  
Seus olhos podem tanto, que até temo  
Que os mesmos deoses cedam de vencidos!

## O NOME DE OCARLINA.

MADRIGAL.

Festivo beijo timido da virgin  
C'o a mente erra de amores,  
O brilhante matiz que a borboleta

Deixa nas azas ver por entre as flores,  
O mystico clarão frouxo da estrella  
    Que no ceo se esvaece,  
O hymno me'ancolico da pomba  
    Que os bosques enternece,  
E da quebrada vaga os sons pausados  
    Nos rochedos magoados.  
E de lyra romantica e divina  
Os mais aereos sons, são menos doces  
    Que o nome de Ocarlina.

*A. de Queiroga.*

#### A ILLUSAO.

Feliz tempo dos meus primeiros annos!  
Em qu'eu cuidava que a maior ventura  
Kra ser conhecido entre os humanos  
    Como um filho amado  
    Da madre natureza  
    Por Deos animado  
    De excelso talento  
    Da diva poesia,  
    A cujo alto accento  
    O mundo abalado,  
    Seguindo a harmonia,  
Reconhecesse que quem targe a lyra  
É um anjo entre os homens disfarçado,  
Cuja augusta missão so Deos inspira.

Feliz tempo em que o sol se me antolhava  
Como um astro sem mancha coruscante,  
Luz eterna que nunca se eclipsava!  
    Eu nelle so via  
    Um carro radiante  
    Onde Deos vivia,  
    E sempre gyrando  
    Sem outro destino  
    Que ir tudo aclarando  
    De um fogo divino.  
Tal eu cuidava ser do genio a sorte;  
Então nodoas no sol não descobria;  
Hoje sei que sujeito é tudo à morte.

Tudo o que existe, tudo o que respira  
Tem principio e tem fim. Murcham as flores,  
A luz se apaga, o universo expira.  
    Que vale a belleza,

Que valem amores,  
Se em nada ha firmeza?  
    Pe que serve a gloria  
    Ganhada n'uma hora,  
    Se é tão transitoria?  
    Renome e grandeza,  
    Tudo se evapora!  
Mas contra as leis de Deos não murmuremos;  
Imitemos, meu bem, a natureza,  
E as venturas de amor juntos gozemos.

*G. de Magalhães.*

#### A D. THOMAZ JOSÉ DE MELLO, GOVERNADOR DE PERNAMBUCO.

##### SONETO.

Muito tempo não ha que o mar cobria  
Este mesmo lugar onde hoje estamos,  
Ainda agora a área que pisamos  
Mal secca está das aguas que vertia.

Quem cansado chegar de longa via  
Escutando das aves os reclamos,  
À sombra poderá de verdes ramos  
Passar as horas do calmoso dia.

Se entre nós se celebra o grande Henrique  
Porque fez este aterro, e a crer-me novo  
Que ainda a sua memoria eterna sique.

Que dirá de Thomaz o grato povo?  
De Thomaz, que não só renova o dique,  
Mas que todo o Recife faz de novo?

*F. de Sales.*

#### A. C. Ferrão Castilho, e seu filho.

Primou na poesia satyrica Antonio Gomes Ferrão Castilho, morgado do Porto-da-solha, que na força e energia de manear o ridiculo rivalisou com Gregorio de Mattos. Dotado de talento e cultivando-o desde a

infancia, juntando aos dotes da natureza os dotes da fortuna e a nobreza de seu nascimento, mereceu as sympathias das pessoas gradas da Bahia, d'onde era natural.

Herdeiro de seus titulos e de sua fortuna, não o menos digno se mostrou de seus talentos o seu filho Pedro Gomes Ferrão Castilho, em cuja educação tanto se esmerara.

Ambos viveram pelos annos do seculo passado.

#### ▲ MEMORIA SAUDOSA DA IMPERATRIZ D. MARIA LEOPOLDINA.

Pôde o imperio deixar afortunado,  
Com denodo affrontar procissões, mares,  
Para do grande Pedro unida ao lado  
Benigna serenar nossos pezares;  
Tornar nação a um povo agrilhoado,  
Que mal cumpre carpir-se nos seus lares  
Pôde.... que a fiel musa não se illude,  
Carolina sem par, tua virtude.

Como do Olympo nume que baixara,  
Em transportes de gosto recebida  
Não desmente aos prestigios quanto obrará;  
Enquanto o mundo passeára em vida;  
Que o pranto d'infelizes qu'enxugára  
Das garras da oppressão na triste lida  
Com titulante esforço, é tal victoria  
Que excede as expressões, deslumbra a historia.

De pais a filhos, netos, descendentes,  
Se transmite o dever, amor não cessa;  
Com indeleveis cifras permanentes,  
Eterna gratidão n'alma se expressa;  
S'assim ha de viver entre outras gentes,  
S'assim da gloria o templo s'endereça,  
Tem na fama gentil quem firme a escude  
Da morte não sofreu o golpe rude.

Beneficencia cega, amor, ternura  
Ao mundo inteiro sem orgulho ensina;  
Seu amor maternal, sua candura  
Não é d'humano ser por ser divina;  
Entre os humanos nova creatura

Tal se endeosa a rara Carolina!  
Desta vida zombando transitoria,  
Do saudoso Brasil vive em memoria.

Mas se à fragil materia sobranceira  
N'alma se imprime sensação mais grata,  
Se solta a vida da prisão rasteira  
N'outro hemispherio eterna se dilata  
A par da potestade justiceira,  
Que essencias divinas aguarda e acata  
Vives... que espaço e tempo ao mundo allude,  
Inda que o tempo morra, o tempo mude.

Bem como à nossa idade se passaram  
Heroínas ilustres que existiram,  
Que em virtudes christãs se assinalaram  
Ou em civicos dons se distinguiram,  
Que mais duraveis que padrões que alçaram  
Outros em breve typo se erigiram,  
(Com surpresa do globo) a mais notoria  
Ha de aos astros voar a tua gloria!

Tal qual foste p'ra nós que ser te prezess  
Junto ao nome de quem benções tiveste:  
Bem como a outras nações e aos Portuguezes  
O faz real penhor que auxilios preste  
Para a guardar de crueis revezes;  
É este teu solar, teu povo é este,  
Do teu Brasil primeira divindade  
Tu és e tu serás em toda idade.

Mas que importa ao Brasil tamanha dita  
Ter entre os numes tutelar vaidoso,  
Se a cada instante a recordal-a o excita  
O quadro da ternura o mais saudoso,  
Nos ternos fructos d'união inclyta?  
Perante quem se acurva carinhoso  
Eis nos ternos penhores d'amizade  
Monumentos de magoa e de saudade!

*João José Vahia.*

#### A SAUDADE MATERNA.<sup>1</sup>

De ti teus pais saudosos se despedem.  
Neste fúnebre asylo

<sup>1</sup> Inedito.

Da paz e do silencio  
Vertendo amargo pranto,  
Da mais viva saudade retalhados.  
Cruel saudade que jamais se extingue!

Adeos, Egydio!... adeos! E para sempre!...  
Longe de teu sepulcro chorar vamos  
Por toda a nossa vida  
Tua existencia tanto em flor cortada!<sup>3</sup>

Este o penhor do amor e da amizade,  
Que teus pais te consagram  
Do amor e de amizade  
▲ ti tambem devidos.

Um solido consolo  
Sim ha de acompanhar nossa existencia:  
( Graças à religião de teus maiores  
Santa religião, de quem es filho. )  
Por teus inumeraveis sofrimentos,<sup>4</sup>  
Por teus costumes sempre sãos e puros,  
Por tua vida merencoria e justa,  
Tua inocente vida,  
E tua castidade,  
Novo anjo dos ceos nos ceos habitas  
Que part'la es de Deos na eternidade!

Pelo que nos concerne neste mundo,  
On le talvez mui pouco habitarmos,  
Onde tu tens irmãos que te pranteam,  
Onde parentes que te commemoram,  
E honra-te as qualidades,  
Um segundo consolo nos aguarde  
Capaz de prolongar triste velhice!

Talvez por elles trasladados inda,  
Inda possamos ver, beijar teus ossos  
E regal-os co'o pranto da saudade,  
Eterno pranto que jamais se extanca!  
E entao aonde nos tire o fado  
Sobre os teus restos, venerando restos,  
Restos caros á dor e ao pranto e a magoa,  
Entiados embora,  
Consolados daremos  
O agonioso..., derradeiro arranco!...

<sup>3</sup> Egydio José da Silva Freire, natural do Maranhão.

<sup>4</sup> Viveu dezoito annos e oito mezes.

<sup>4</sup> Al usão ao prolongado e doloroso padecimento de doze annos de enfermidade.

Adeos, Egidio! adeo!... E para sempre!...  
Longe de teu sepulcro chorar vamos  
Por toda a nossa vida  
Tua existencia tanta em flor cortada!

D. Anna da Silva Freire.

#### À MORTE DE P. RODRIGO DE SOUZA COUTINHO, CONDE DE LINARES.

##### EPICEDIO.

Non sibi, sed patriæ vixit, regique, suisque,  
Quod daret, inde diyes; felix numerare beatos.

HORACIO.

Assim aquia veloz, cortando as nuvens  
Vai de Phœbo liber o lume eterno,  
E dos mortaes os olhos assombrados,  
Seu trilho não rastejam

Assim por Boreas baixjado o lenho  
O sa so campo de Neptuno lavra,  
E deba'nde a saudade mesta espre ta  
Vestigios de momento.

Maligna inveja, alcando a face horrenda,  
Ora ent'e os immortaes procura o justo,<sup>5</sup>  
Contra quem despedio com furia brava  
A setta envenenada.

Coutinho sobre as azas da virtude,  
T asponto os astros, por vereda ignota  
À sedenta ambição, ao ocio torpe,  
Encara a eternidade.

Com suspiros saudosos Lysia expressa  
Da p'rra ingente o amargo sentimento,  
E culpa em sua dor o ceo tyranno,  
O ceo que lh'o roubara.

Fatal necessidade! Lei soberba,  
Que os perversos e os bons baralha injusta!  
Que não possa esquivar-se á urna ingrata  
O nome de Coutinho!

<sup>5</sup> Muitos versos ha nesta composição que recordam as odes de Horacio.

**L**eixa o veo, ó mur a luctuosa,  
**D**eixa da sepultura as frías margens,  
**O** heroe que merece o tu louvores  
Da Parca tu defendes.

**D**eixa à morte os despijos menticosos,  
**E**m firmes laus deo que o tempo insulte,  
**L**a tua grat d o gava a l na rança,  
E do vazio a eloxia.

**A**inda em verde anno se escolava  
Da sciencia os acaites muiis curiosos,  
Espantou-se o Município dos talentos  
Do segundo Bernoulli.

**O**Pado ve do zelo m le ar ente,  
E profundo s ber nobre eavalois,  
Empa a das neg o, da patria amada  
Os direitos sustentá.

**O**Pado e o lo ia vicem ternos laços  
Hymeneo apertar com bons auspicios,  
E as chaminas que ardem no nos firmes peitos,  
Jamais se entibiam.

**J**a de Lysia feliz ao vasto imperio  
Encosta os homens com valor prestante,  
Qual o robusto Atlante o globo imenso  
Sustenta denodado.

**C**audoso Amazonas Indo, Ganges,  
Quantos o claro Tejo as leis r cebem,  
**O** colo inclinam co monarca exelso,  
E o ministro respeiam.

**I**ntrepida marinha arrostra os p'rigos,  
Debella os inimigos, vence Eolo,  
**E** de Jovo à dextra entregaria  
Da Neptuno o tridente.

**M**as não bastava que de Pitt a estrada  
Trilhasse glorioza: novo Cesar,  
Em quanto algum rival vencer lhe falta,  
Nenhum vencido julga.

**C**olbert, Richelleu, fracos modelos  
▲ sua imitação inda prestavam  
**O** amigo do seu rei, mais que ministro,  
Sully o seu exemplo.

Em servidas procellas, entre escos hos,  
Por miserios naufragios infamados,  
Guia o ufa o baixel seguro e forte,  
As ondas nao recôa.

Nuvem ligéira esconde agora o sabio,  
Que b illhava, qual P. che entre as estrelas,  
Aos livros volte, aos livros companheiros  
Na muda soledade.

Assim de Roma nos viçosos dias  
Pequen o campo cultivava a elo  
Illustris seu dor, que as leis dictâra  
Ao orle amedrontado.

No clima que elle preza, clima ingrato,  
O amor da pátria de envolve extremo,  
Ca Inteireza encuado e da verdade,  
Que o berço lhe esbalaran

As sciencias que falam da Mayorte  
O sanguinoso estre, no ce alripa  
Do throno de Jofas lobos auspiciois,  
No Bra il venturoso.

As vedadas prisões quebra o comércio,  
Salta barreis os que a suligão defende:  
Por vez primeira caudellosos rios  
Sob a qui ha se curvam.

Minerva e P illas, em abraço eterno  
Juram da gloria transportar a etancia,  
O ministro imortal que o bem do estado,  
Não o proprio, desela.

Mas onde, ó phantasias, onde te engolphast  
Onde da gratidão te eleva o fogo?  
Ao pranto velo, ao parto, que é devido  
As cinzas de Coutinho.

Eu não temo pisar aceras brasas,  
Quando á virtude o elogio tecio:  
Reccio, sim, que as vozes da amizade  
Suspeitosas pareçam.

A inveja deixemos triste peso  
e a sua confusão, do seu opprobrio,  
O rubor que lhe tinge a baça frente,  
Louvor é mais seguro.

*Araujo Guimaraes.*

## A UMA NÃO

ODIZ.

Cutros cantam as belicas fadigas  
Dos versos immortaes progenitores,  
E as victorias antigas  
De que são testemunhas  
As scipes de ouro e as azuladas uñas.  
  
Que eu das vossas em rezas  
Diria alto senhor a menor parte,  
E quero ao som da lyra  
Ajuntar mais um eco à vossa gloria  
Sem abrir os annaes da antiga historia.

Africa ineulta e feia  
Qu' estende a vaivas partes  
Fertil de monstro, a deserta areia,  
Illustrada por vós de novos lumes  
Aprendeu menos asperas costumes.  
  
Nós vemos restaurado o uimento  
La tropa militar, as ilhas gemem  
Co peso de seguros edificis  
Que encerram no oceano  
Todos os reios que forja Vulcano.

Admira o caminhante  
Ns lugares vizinhos  
Os vistosos caminhos,  
Os jardins o orifício e bejos,  
E os montes erreados de castellos.  
  
Se i' imiros breultos não temenos,  
A vós é que se deve a segurança.  
Vós fazeis sem tardança  
Que as sulas nos uirão os lugares  
Lescam dos montes a povoar os mares.

O robuto madeiro,  
Que nasceu n' stes e imas quasi eterno,  
Val ver nos mares o primeiro inverno,  
E alri do as viles luanças e re ondas  
Pasa a ser novo habitador das ondas.

Não mais á antiga idade  
Cibre a não guerra ira,  
Que se atreviu primaõa,

Procurando diverso horizonte,  
Perdeu de vista os montes.

Eu vi que o deos Neptuno se apparelha  
A ostentar nos homens  
O edificio atlante, que adorno  
De pintadas made ras praguas  
Affronta o mar c' o as basitanas quinas

A augusta sombra do famoso tio,  
Que no uelo de tanta invicta tropa  
Diras paes à sua opa,  
Ao ver nus vessas maos todo o governo  
Fica vaidosa no descanso eterno

O vosso illustre irmão ao pe do throno,  
Na sua ch'a Lisbon,  
A Lameca coroa,  
Nas sua mãos enterra  
O arbitrio dos estranhos e da guerra.

Mas vós tendes mais gloria,  
Pois qu' estes p' l' mar profundo  
Talvez a um novo mundo  
Em tão remoto hemisferio,  
Alma real, dignissima de imperio.

*Basílio da Gama.*

---

 Antonio Martins de Araujo Soares.

Antonio Martins de Araujo Soares, que foi  
um bravo militar como excelente poeta, segundo o dizer de um biographo nacional,  
nasceu na cida de da Bahia e viveu pelos annos  
do començo ao meado do seu o passado.

Nao sei em que o já varcamos por uma  
ou outra pr'fueçao, desp' endinado pre o combate  
na a flor que se despega em seus pediclos de  
um florido arvore, e que o vento arrasta  
de val e em vello e teva longe; todavia ele e pare  
ce dieno de leal rança, pol' combinar o re  
pousar da fadiga dos annos com o gastar horas  
peccio ao sabor da poesia.

---

A elegante e riquis lira n'lo Serpeito -  
que o auor viu laçar ao mar no Rio de Janeiro,  
no vice-reinado do conde da Cunha.

## AO AUSE-TAR-SE DE UMA NETA.

SONETO.<sup>1</sup>

Fora preciso, a terminar meus dias,  
Depois de onte bastros malfadados,  
Que quiz ssen ainda, negros fados,  
Le dores e arregar-me e de agonias!

Não do tumulo me atemam cinzas finas,  
Nem l'embrança 'lo ossos mal humados;  
Menos fat'is tormentos i'leads  
Em de peito de humanas garantias.

De um D' os terrivel, como se afieira,  
Não temo as iras, nio; elle é clemente,  
Eu deude a mais perfeita creature.<sup>2</sup>

Só me pungo a saudade da inocente  
Neta, roubada pela ser e dura  
A quem a tem amado extrinsecamente.

*Maximiano J. da Motta.*

## A EULINA.

A angelica figura  
Pe Eulina a centadiva, Eulina bela  
A qualquier creatura  
Faz o s'no d'amor morrer por ella:  
A qualquier creatura  
D'E lina encanta a divinal figura.

Sempre l'la amor  
Sua alma exste cheia de blandura,  
Seu rosto encantador  
É retrato da mesma formosura:  
Seu rosto encanta lor  
Nos duros peitos faz gerar amor.

Seu cano sempre brando,  
Seus engragados olhos matadores,

Estão de quando em quando  
Aos brutos convi anfô a ter amores:  
Estão de quan lo em quan o  
Ferindo à gente o riso e o gesto brando.

Tão divinal figura  
Cativa os corações mais insensiveis,  
Morrerá de ternura  
Quem ouvir suas flallas attendive s:  
Morrá de ternura  
Quem ver de Eulina a angelica figura,

*A. C. de Lima*

## SAUDADES DE ALCINO.

Chora saudoso  
Seu caio bein.

DO AUTOR.

De Marilia Alcino ausente  
Mal v'zia a triste sorte,  
E achava mais doce a morte  
Que a vida sem ver seu bein,  
Porque ao lado de Marilia  
Somente alegria tem.

Na idha gravada a t'nh'a  
A todo o instante do dia!  
E noite em sonho so via  
A imagem de seu bem,  
Porque o nome de Marilia  
No peito gravado tem.

Seu lide, cruel saudade  
Re lava o peito do triste,  
Mas elle sabe que existe  
Na memoria de seu bem,  
Porque o peito e Marilia  
Ternura e firmeza tem.

A lyra loura envoia-llo  
Triste Alcino suspirava,

<sup>1</sup> Inedito.<sup>2</sup> Entende-se com os humanos em geral,  
como obra prima do Criador.<sup>3</sup> Inedito.

**E** depois assim cantava  
Com saudades de seu bem :  
**e** Ninguém iguala a Marilia,  
Nada mais encantos tem.

**e** Seu rosto, seus lindos olhos  
Tem a minh' alma cativa,  
E será, enquanto viva,  
Fim'e escravo d' meu bem,  
**P**orque as graças de Marilia  
Meu peito vencido tem.

**a** Quando seus labios beijava,  
De praz e quasi morria;  
**S**e me lembr'a que existia  
'Stand'o ao lado de meu bem  
**O**! o quanto é linda Marilia!  
Quantos attractivos tem!

**a** Quan lo sua voz divina  
Te amor sonora cantava,  
**O**paz me arrebatava  
Ouvindo cantar meu bem;  
Que d'cura tem Marilia!  
Que expre são tão terna tem!

**e** Oh quem me derainda vel-a!  
Que praz e não sentia!  
De tudo me esqueceria  
Tornand o a ver o meu bem;  
Pois quando vejo Marilia  
Não me lembra mais ninguém.

*J. J. de S. S. Rio.*

#### SONETO.

Certa moçila da tabularia  
Ensaiva a burlesca galopada,  
Produzindo medonha trovoada  
No assolho por onde percorria.

Era noite; uma luz na mesa ardia,  
Mas cis que mesa e luz cahe empurrada  
Pela dama, que, dando uma tapada,  
Sem ter par que a sostesse a li cahia.

*Inedito.*

Oh desgraça! ... Ja queima a luz tyrania  
O vestido cortado por Franceza,  
E a moça ar le tambem co'a roupa insana.

Quem deu as chamas tão cru i prestes?  
As anquinhas de filhas de banana,  
Com que a dama ajudava a natureza!

*J. M. de Macedo.*

#### O ARREPENIMENTO.

Ja te quiz bem,  
Eu nao te nego;  
Estava cego  
Quando te quiz,  
**'S**e era em tens olhos  
Meus olhos podia,  
Eu me env ronho  
Do mal que fiz.

*Alvarengs.*

#### SONETO.

Consaña a natureza, ou preuiçosa,  
As suas perfeições nos escondia;  
E o que de antigas belas se dizia,  
No mundo era uma his oria fabulosa.

Eis que um dia se apresta gloria  
A mostrar aos mortaes quanto podia:  
Tu foste, sim, tu es, gentil Maria,  
De seu p der a prova preciosa.

Co'as virtud s. co'as graças de mãos dadas,  
Em ti formou raris ima belleza,  
Que vence as outras tanto exageradas:

Mas qual será da terra inda a pobreza,  
Se outras bellas não vem por ti moldadas,  
Que o teu molde quebrou a natureza!

*Caldas Barbosa.*

## O CIUME.

Selvatica fera  
Da brenha mais tosca  
Se encrespa, se enrosca,  
Se encontra a consorte  
Gê o amante rival.

Se o rustico instincto  
De um bruto padece,  
Bessa pa' mim, e  
Uma alou de arada  
Dos zelo no mato.

*Antonio José.*

## AO SR. JOÃO NEPOMUCENO CASTRIOTO.

## SONETO.

No cem-tal o dia ñ da illustre fama,  
Que o nome d's heroes eterna entoa,  
Teu feito, Castrioto, es az resoa,  
Que a fente tua d' Laurei entraia.

Virtudes e valor teu peito inflamma  
Quando em invocio campo o bronze atroa,  
E quando a meiga paz branda revoa  
Em ti, valor, virtude acende a flamma.

Dos negros antos do hediondo abysmo  
Libertando o amigo, cor-joso,  
Suspindiste o cutello ao de-potismo.

Tão nobre ação tornou-te respeitoso;  
N' alvejar entriste do heroísmo,  
Tens no temp' da gloria eterno gozo!

*Costa Leal.*

## PORQUE LHE APPARECE O SOL.

## MADRIGAL.

Quando, Anarda, o sonino brando  
Quer suspender meus tormentos,

\* Inedito.

\* O Dr. M. J. da Motta.

Condenando os soffrimentos,  
Os d's vceios embargando;  
Lura pouco, porque quando  
Cuido que em bello artebol  
Estou vendo teu pharol,  
Foge o sonno a cova fria,  
Porque lhe amanhece o dia,  
Porque lhe apparece o sol.

*Botelho da Oliveira.*

## AO DESTROÇO DA ESQUADRA TURCA

EM 1827.

## SONETO.

De sangue aunciosos da opprimida gente,  
Qu'a terra habita, aonde heroes viveram;  
A tregosa amiga perfidas romperam  
Os brutos escravos do crescente.

O numero dos seus enormente  
Avulta co os que da África vieram,  
Mas ao regrado, alto valor cederam  
Da christan, bella armada trip-teo.

Tr' me em Byzancio o barb'ro Ottomane,  
Feroz blasphema e aforan malicio.  
E jurainda banhar-se em sangue humano.

A Grecia solta da esperança o grito,  
Parte um raio de luz, rasga-se o engano,  
E o fanatismo atroz baixa ao Coeyto.

*Evaristo Ferreira da Veiga.*

## J. Sodré Pereira.

Nascido na Bahia em os primeiros annos  
do seculo decimo oitavo, descendente de no-  
bre familia, cultivou Jeronimo Sodré Pereira  
as bellas letras no regaço da paz e tranquili-  
dade de um existir ameno e tranquillo.

Entre as muitas poesias que compuzeram  
apenas raras se publicaram. A elegancia do  
estilo, a docura da versificação formam todo o  
seu merito.

## AOS GREGOS.

## ODE.

O musa do Brasil, tempora a lyra  
Irixe o canto meu, vem inspirar-me:  
Acerl-me na mente estro divino  
De heroico assumpto digno!

Se comigo choraste os negros males  
Que a saudosa cara patria oppriem,  
De Grecia rena ci'a altas fagunhas  
As lagrimas e s queim.

Se ao curvo alfange, se ao peleuro ardente  
Pallida malvada a Grecia vendet;  
As bandeiras da cruz, da liberdade,  
Farpadasinda ondoso,

As baionetas, que os servis amestraram,  
Carnagem, fogo nao assustem, pitos  
Que amam a liberdade, amam a patria,  
E de Re lenos se prezam.

Como as gotas da chuva, o sangue em opa  
Arido po de can, os desvastados:  
Como do funeral lugubre cino,  
Gemidos mil retumbam.

Crianças, matronas, virgens puras,  
Que à apostasia, que à desgraça vota  
O feroz Moslemim, filho de inferno!  
Como martyres morrem.

E consentis, oh Deos! que os tristes filhos  
Fa redemptora cruz, Arajes, Tu cos  
Exterminem do solo antigo e santo  
Da abandonada Grecia?

Contra algozes os miserios combatem;  
Contra barbaros erus honra e justica  
A Europa gemit; os tyranos frios  
Com taes horrores folgam.

Rivali la'les, ambicão, temores.  
Sujo interesse a i'rite e'pa la prendem;  
E o sangue de christãos, que lagos forma,  
Um ai'les não errance!

Perecerás, ó Grecia, mas contigo  
Murcharão de Allion honra e renome:  
O sordido egoismo que a devora  
É ja do mundo espanto!

Não desmais porém, a divindade  
Robará tu brago; e na memoria  
Gravará para exemplo os altos feitos  
Dos ilustres passados.

Eis os mirrados ossos ja s'animam  
De Milcades! ja da canja fria  
Ergue a cabeça; e grito dà tre'endo  
Para acordar os netos.

Fellenes, Irada, ó vos prele divina,  
Pasta d'entrevaidão, meus misericordios!  
É tempo d'quebrar g'iao perado,  
E de vingar infamias.

Se arrastas de Tríias alto muro  
Para o crim' punir que amava e causára,  
Então porque sofri's a largos annos  
E stupros e adulterios?

Forca assento e lergo os dentes micos  
O sagrado Ilion, Parna o o Pindo:  
Mord, selo de luto. Humanidade  
Faz vecejar a lyra!

Ante'ell'pi'os proas se escamera  
Euxino, céu e mar e locos tem  
Levar atos e leis f'radas plagas  
E da Libya e da Europa.

Um pugilado de heroes estão p' dir  
Cujur de sangue pesa o vasto ponto!  
Montes de corpos i'da palpitan tes  
Estrumavam os tempos!

Ah porque não sereis o que ja foste?  
Mad u'st o vass'el e o vass'el do?  
Enio sia in la os mesmos e tes montes,  
Estes mares e portos?

Se Esparta ani'elosa, Athenas, Thebas  
O franti'ida braga não tivessem  
Em seu sangue banhado, nunca a Grecia  
Curvara e collo a Roma.

E se de Constantino a infame prole  
Do fanatismo e go não houvera  
Aguçado o punhal, eh nunca as luas  
Tremularam usanas!

Depois que feste, a Grécia miseranda!  
Do despotas bruta s brutal escrava,  
Em a esquerda o Koran, na dextro a espada  
Barbarie prega o Turco.

Aesaz sorveste ja m. Tões de insultos:  
Ja longa escravidão pregou teus crimes;  
O ceo tem perdão. Eis, já compre  
Ser Helleios, ser homens.

Eis, Grecos, jurai, mostrai ao mundo  
Que s. i. digas de ser quais fostes d'antes:  
Eis, monarcas de todo, ou sed e Heres!  
A sim fallou, calou-se.

E qual fizera na voa secundida  
Pelo tufo do porto, a sembra augusta  
Desaparece. A Grécia é destrada:  
Oa liberdade ou morte!

J. B. de Andrade e Silva.

### A TULIPA AO SOL.

IMITAÇÃO DE CORNEILLE.

O Pôlo encantador, mitido e puro,  
A quem d'vo meu ser e bri heratismo!  
Ast o mínia dos céos, adorno e gloria,  
E villa do universo.

Une ao meu esplendor e às graças minhas  
Tua imortalidade encantadora:  
Assombrar tu verás o mundo i teiro  
As cores que me afornam.

Ah! seja o thono meu d' T'rsse a fronte:  
Se tão almo prazer eu conseguisse,  
Então vaidosa flor das belas flores  
Eu serei a rainha.

Albuquerque Ma anhão

### AO SR. JOÃO CAETANO DOS SANTOS

*Por occasão de haver desempenhado o  
caracter de Antônio José.*

D'impia figura pelo tempo extinta,  
E um poeta t'ci as flas cizas;  
E um nome ás surgir que a pátria adorna:  
Com isto I vantei um monumento,  
Cm'ra estatua compus; dei-lhe a palavra.  
E ta Le d'ste o movimento e a força.  
Igmaes p'ções de gloria a nós pertencem;  
E como esta obra a nós deve a existencia,  
No futuro tavez i'os l'a devatas.

N'arte sublime, que ás paixões dá vita,  
Sempre mestre e discípulo de ti mesmo,  
Os vers de Talma, com quem tu sonhas  
Ovante segue, escurecendo a inveja  
Que já nem ousa disputar teu genio.

Tu de xarás teu nome; avante, oh! Juvent  
Que a storia que predizem teus amigos  
Será pelo p'vir sancionada.

*Magalhães.*

### À SRA. D. ELLA SEZEFREDA,

*Por occasão de haver desempenhado o  
caracter de Marianna.*

SONETO.

Tu que da seena vas colhendo os flores,  
Calcando-as na a via mal trilhada  
Até qui pelo val zo desprezada,  
Que ainda não conhece seus fulgores.

Tu, que mostrando vas d'arte os primores,  
Por um g'no f'z feliz sempre inspirada,  
Avante, Estrella, na tão ardua estrada  
Em que aplausos recebes e louvores.

Não ha classes p'ra o genio quando a gloria  
De perfum-s o cobre, e o nome envia,  
Para mundo, ás paginas da Listoria.

**A** par do mestre, que tens passos guia,  
Com paixão, Estrela, o templo da memória,  
E que delle e de ti se fa le um dia.

*Maga hæs.*

### A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL.

SONETO.

**S**inistro agouro de mortal que branto  
No pavez andar erguam o beado;  
O da Iber a leão, com os arabels,  
Rugio, estremeceu d'horror, d'espanto.

**P**erfidia e susto de dobrava o manto  
Que envolve a aquce a purpura e cajado,  
**O** Tejo sobre a urna recostado  
Com a mão no rosto vio da Iberia o pranto.

**D**a virtude as principais corrompendo,  
Rapido impulso d'contagio forte  
Em Lysia faz que soc o grito horrendo.

**O**fúrora explosão ribomba ao norte,  
E o Brasil, por salvar-se, a voz erguendo,  
**P**roclama o grito. « Independência ao morte ! »

*Eug Ottoni.*

### O ACAENTAR.

**É** hora ! O sol escondeu-se,  
Já não cantam os sarrinhos,  
Mas repousam nos seus ninhos  
Que fabricam em tanto amor !

**V**em dormir pois, minha filha,  
Até quando dia for !

**S**obre ombro meu reclina  
Esse semblante inocente,  
**C**erra os olhos docemente,  
Goza do sonno o langor !

*Inedito.*

**D**orme, dorme, minha filha,  
Até quando dia for !

**D**orme ! E a fada das sonhas  
Com teus encantos te afizue !  
**D**orme ! — a ilusão te embriague,  
Que da vida estás no albor !

**D**orme, dorme, minha filha,  
Até quando dia for !

**A**manhã, em o sol nescendo,  
Amanhã, em oves triunfando,  
Tu de peito ás gozando  
Mater dos mitos de amor !

**D**orme p'ri, oh triste filha,  
Até quando dia for !

*M. Theresa da M. S.*

### ROMANCE.

**O**h que amor meu peito encerra,  
Amor que por ti se cova !  
Qu não te vas desta terra,  
Ou se te fores eu e i va...»

**A**mar que teu peito encerra  
Só p'ra mim has de querer...  
Ou me não vou desta terra  
Ou se eu for hei te levar.

**M**inha patria largarei,  
O que n'ella posso r,  
Os parentes deixarei  
Somente por te seguir.

**S**e a patria queres deixar,  
E della o teu possuir,  
Faço gosto em te levar,  
Se fazes em me seguir.

**S**e arrecessas meu amor,  
Arrecessas vão findar,  
Porque sinto em meu ardor  
Um amor que sabe amar.

**Eu de amor não arreccio**  
**Para arreccios formar,**  
**Porque tu tens no teu seio**  
**Um amor que sabe amar.**

**Não será tua esquivança**  
**Motivo para meu mal ;**  
**Nem será tua mudança**  
**O prazer de uma rival.**

**Não será minha esquivança**  
**Motivo para teu mal ;**  
**Nem de mim uma mudança**  
**O prazer de uma rival.**

**Se per minha formosura**  
**Mal te cabem vis falsias,**  
**Não mal andei se em ternura**  
**Te dei o que merecias.**

**Se per tua formosura**  
**Mal me cabe uma fa'sia,**  
**Bem andaste se em ternura**  
**Me deste o que eu me merecia.**

**Oh que galé será aquella**  
**Que rasga as ondas do mar ?**  
**Oh que galé vai tão bella**  
**Prestes a terra deixar !**

**Velejando empavesada**  
**Sobre os mares se embalança,**  
**Em a sua popa alçada**  
**Brinca a bandeira da França.**

**Mar em fóra a velejar**  
**Se parte a ga é francesa ;**  
**Ondas do saigado mar**  
**La corta com ligeireza.**

**Traz ella se ve nadante**  
**Linda turba de mulheres....**  
**Navio, por um instante**  
**Eu te supplico que esperes.**

**Tu levas Caramuru,**  
**A vida do meu viver !...**  
**Ou deixa Paraguassú,**  
**Ou pára, e me ye morrer.**

**Se me não tinhas desfeito,**  
**Qual eu tinha, igual ardor,**  
**Porque acendeste em meu peito**  
**Incendio do meu amor ?**

**Não tens dô do meu amor,**  
**Nem dô do meu triste lim ?**  
**Matas minha alma de dor,**  
**E me abandonas assim ? !**

**Oh que ingrata creatura !**  
**Que falsia tão estranha !**  
**Oh que tamanha tristura !**  
**Oh que esquivança tamanha !**

**Como escrava ia servir**  
**Servindo Caramuru...**  
**Te seguiria a não seguir**  
**A infame Paraguassú !**

**Pois que não posso contigo**  
**Já viver vida de amor,**  
**Fico sem ti, e comigo**  
**Vou morrer morte de horror !**

**Vou-me p'ara morte me andando,**  
**É minha hora chegada...**  
**Mas porque morro te amando,**  
**Vou da morte enamorada...**

**Disse : e ja pallida e fria**  
**Se escorrega, e cai do leme ;**  
**E da morte n'agonia**  
**Estrebucha, morre, e gime.**

**N'isto as outras nadadoras**  
**Em vão valei-a quizeram ;**  
**Porém não eram ja horas,**  
**Que valei-la não poderam.**

**Elle não pôde valei-a,**  
**Nem dar vida a tanto amor ;**  
**Sem chorar não pôde vel-a,**  
**Nem vel-a morrer sem dor !**

**Quebrai-vos rochas de dores,**  
**Chore o amor, a praia gema...**  
**Campos, murchai ; seccai flores,**  
**Porque é morta Moema !**

**AOS MANES DE MEU PAI, O SR. CIRURGIÃO-MOR JOAQUIM JOSÉ DA COSTA.**

SONETO.

..... Se eu podesse  
Aqui ficar, como uma dura estatua,  
Debruçado sobre esta sepultura  
Em pedra convertido!

MAGALHÃES.

Oh! cinzas de meu pai que adoro tanto,  
Recebe esta coroa entrelaçada  
De saudades e suspiros, e regada  
Continuamente d'um saudoso pranto!

Quem poderá quebrar o ferreo encanto  
Desta da morte habitação sagrada,  
Tornar-te ao corpo essa alma sublimada,  
E assim remir-te d'um cruel quebranto!

Mas mortal como sou, n'este remanso,  
So me cumpre chorar, e reverente  
Rogar a Deos, senhor, por teu descanso.

Porém que voz escuto omnipotente!  
« Este que choras, diz, eu t'o afianço,  
« Vive n'outra morada eternamente! »

Narciso José da Costa.

**AO REI D. JOSÉ I. PRIMEIRO \***

ODE.

Os resplendores novos  
A filha de Hyperion à terra envia,  
E o sol brilhando aos portuguezes povos  
Traz no adornado coche o claro dia,  
Em que o lustre primeiro  
Se completa, eis quando enchendo os ares  
As vozes populares  
Clamar-se ouviram pelo reino inteiro  
Real, real, por D. José primeiro.

\* Inedito.

\* Quinto anniversario da sua acclamação.

Ouvio o nome augusto  
O rico Tejo, o fértil Douro undoso,  
O minho fresco, o Guadiana adusto,  
E o torcido Mondego vagaroso  
A notícia levarem  
Ao antigo oceano; e em quanto ouvia,  
E os fados presidia,  
Os indomitos ventos se calaram,  
E as nymphas pelas grutas o escutaram.

Sobe principe digno,  
Sobe ao throno paterno, e delle ampara  
A tua Lusitania; o ceo benigno  
Em ti o seu socorro lhe prepara;  
Se ao som do bravo Noto  
Com increspadas ondas o mar gême,  
Não pôde o grande leme  
Regido ser por qualquer nauta indoto,  
Mas so por sabio e provido piloto.

Os pallidos aspectos  
Viram tremor a terra, e do alto cume  
Prostrades polo chão os nobres tectos  
Da cidade abrasada em vivo lume,  
Estende a poderosa  
Mão á afflita Lisboa o rei clemente,  
E a face decadente  
Levantará do estrago mais formosa,  
Qual n'outro tempo a Thebas fabulosa.

Vive da patria tua,  
Amado pai, que os deoses te offendem,  
Por ti o reino indigno se destrua  
Dos negros monstros que a discordia acendem  
A ignorancia por terra  
Se desterre e se expulse como escrava  
I o solio que occupava.  
Tu restaura magnifico, e conserva  
Os sagrados altares de Minerva.

Por ti em varias partes  
Se costuma a fortuna a ter propicia  
O mercador pelas lucrosas artes,  
Que Mercurio ensinou aos de Phenicia:  
Com a florida cabeça  
A ti do alto ceo Astrea torne  
Sempre o teu lado adorne,  
E claras leis, co'as quaes o reino cresça  
No candido regaço te ofereça.

Farás cahir por terra  
Da mão de Marte a espada que as memorias  
Renovar quererá da dura guerra  
Nos peitos esquecidos das victorias :  
Tu resiste severo  
Ao Hespanhol terrivel que se avança,  
Nem soffres sem vingança  
Que o pé ferrado do cavallo ibero  
Trithe a seara do lavrador sincero.

Não mais c' o a mão no rosto  
Poesia estarás triste e abatida  
Com o solto cabello descomposto,  
Quebrado o louro, e a lyra entrouquecida :  
Olha como contentes  
As Tagides mil aras te levantam,  
E docemente cantam  
Da Arcadia os brandos versos innocentes,  
Dando-lhe assumpto acções tão excellentes.

E vós, nymphas do Douro,  
Virá tempo em que n'este alegre dia  
Tambem as crespas longas tranças d'ouro  
Orneis da rama que o Parnaso cria :  
Mostrareis com espanto  
Que o Tejo não é so ás musas grato,  
E n'um plausivel acto  
Canções compondo dignas d'heroe tanto ;  
Começará a ouvir-se o vosso canto.

*Basilio da Gama.*

### ASSUMPÇÃO.

#### TOEMA.

#### CANTO PRIMEIRO.

#### ARGUMENTO.

*Parte a Senhora de Epheso para o ceo. O Padre Eterno ordena ao archanjo S. Miguel que a vez encontra. E reclamações dos apostolos vendo o sepulcro vazio. Descripção do carro do triumpho. Entretanto desce a embaiizada celeste.*

Cantem alguns da illustre mãi do Eterno  
A ventura de ser; outros do averno

Os tropheos que alcançou, mal que animada.  
Aqueles a virginea flor nevada,  
E outros dons que a fizeram na carreira  
Mortal unica ser, ou ser primeira ;  
Que eu canto, por matrir minha ternura  
Sua assumpção ditosa à etherea alta.

O' tu, grande signal, raro portento  
Dos seculos e do ethereo firmamento ;  
Nova idéa brilhante; a mais perfeita  
Do archetypo exemplar ; e tão accepta,  
Que chegaste a ser delle, oh maravilha !  
Doce mãi, linda esposa, cara filha,  
Aspira os votos meus ; e que meu canto  
Cause á terra prazer, ao orco espanto.  
Aspira, ó Virgem, por que cante e diga  
Quanto a verdade e a devação obriga.

Pulchros celieu torres, que os assentos  
Ocupais dos siderios aposentos ;  
Rubis, d'onde refracta a formosurá,  
Desde o berço da luz, da luz mais pura :  
Vós, que mil vezes n'esta santa empreza  
Medistes-vos co'a barbara fereza  
Do chaos ; e de seus monstros e tyrannos  
Frustrastes as traíções e negros planos ;  
Se por mim celebrada se sublima  
Vossa augusta princeza em doce rima,  
Dai tambem novo ardor ao canto n'oso  
Que, sendo por quem é, tambem é vosso.

E tu, Igreja, tu nunca invocada,  
Musa do ceo, de estrellas coroada ;  
Nesta via escabrosa e tão' confusa,  
Ah ! digna-te de seres minha musa.  
Os mysterios descobre ao vate altivos.  
Que em cofres d'ouro guardam teus archivos ;  
Dize-lhe como pôde a tanta altura  
Elevar-se a terrena creatura ;  
Que louros recebeu, que recompensa  
Da alta mão, que no premio é grata e immensa.  
E é crivel que essas furias la do averno  
Obstassem aos decretos do Ente Eterno,  
Relutando atrevidas, que a ditosa  
Virgem galgassee a sphera luminosa ?  
Acaso sobre os bemaventurados  
Teminda um influxo estes malvados ?  
Ou seu negro rancor, cu' seus tormentos,  
Os arrastam a taes atrevimentos ?

E tu, padre christifero, cocheiro  
E carroça gentil do pregocio  
Esquadrao da evangelica pobreza,  
Nosso muro e brasão, nossa defesa ;

\*

Ta que, em teus membros nunca profanador,  
Como em ouro, trazias engastados  
Os purpureos rubis do autor da vida,  
Estampa em seus ardores esculpida;  
Tu que, à inclyta māi inda no mundo,  
Deste provis de um culto o mais profundo,  
Vem, pois lhe foste em vida tão amigo,  
Romper o pego em meu baixel comigo.

E vós, martyres, virgens, confessores,  
Da immortal primavera immortaes flores;  
Vós, 6 santos e santas, que tranquillos  
Nas praias do prazer certos asilos  
Ja possuis; tocada a meta e o norte,  
So inquietos pela nossa sorte;  
A vós todos invoco; minha empreza  
Escendo em vós encontre, e alta defesa,  
Mostrai-nos de harmonia novos modos,  
Cantem todos o bem, que toca a todos.

O carro magestoso, obra traçada  
Por desenho dos anjos, destina-la  
A fins tão venturosos, ja mui finas  
Ia deixando as torres ep̄esinas.  
Resta na Asia-Menor esta cidade,  
Celeberrimo emporio n'outra idade,  
Colonia que, se o erro não impera,  
La das margens do Thanais viera.  
Antiga fundação dessas frecheiras  
Penthesileas, e outras mil guerreiras,  
Que em tuas aureas margens beber vias,  
Claro Thermodoonte, as aguas frias.  
Acerrima no orac'io da impostura,  
Que cultos tributou á van figura  
Da trigemina dea, cujo templo,  
Sendo da arte e do gosto raro exemplo,  
E typo de um engenho alto e profundo,  
Um dos sete milagres foi do mundo.  
Mas tanto que o pharol da fé brilhara,  
E do erro infame as sombras espancára,  
Attrahida adoptou-a com tal zelo,  
Que no berço da lei ja foi modelo.  
Por discipulas tendo esclarecidas  
Sete igrejas sieis, recem-nascidas,  
Mas hoje em dia, oh dor! que a senhoréa  
Do impostor de Medina a vil cadéa,  
Perdeu seu nome, e tão det'riorada  
Se apresenta da fama ja passada,  
Que é sombra do que foi, triste memoria  
Do antigo esplendor de sua gloria.  
Aqui deixára a Virgem estampadas  
Suas virgineas ultimas pegadas.

Aqui à doce sombra do outro filho  
Tocou a meta do seu aur'o trilho.  
Aqui os moradores lacrimosos  
Da boca fria e exangue os preciosos  
Derradeiros suspiros recolheram,  
E a seus despojos monumentos ergueram.  
Rematando o obelisco desta gloria  
Com grão capitel d'ouro por memoria:  
Pois vingaram depois os filhos seus  
Os direitos de ser a māi de um Deos.

Era no tempo frígido e sereno,  
Em que ao nosso hemisphério o riso ameno  
Ja mostra a primavera: vida ganha  
O verdor dos jardins, e da campanha  
Ia o sol em Astrea quasi entrando,  
Seus raios inda frouxos dardejando.  
O torto cajueiro se adornava  
Das purpureas folhinhas, que brotava.  
Cobria-se de flores a mangueira,  
E o ar embalsamava a laranjeira.  
A sua fruta d'ouro, que em doçura  
Vence a Aristeo, cahia de madura.  
O terno sabiá buscando amores  
Ja saudava por entre os mil verdores  
Do copado pomar, seu senhorio,  
A chegada das aguas e do estio.  
Das ursas o Pyrois se desviava,  
E ao capripedo termino voltava.  
Do polo artico a parte toda escura  
Deixando, o eco da linda cynosura,  
O Lapão frio, a inculta Noruega,  
A quem natura quasi tudo nega.

No frio agosto pois, e desta illustre  
Cidade se apartava a pompa e o lustre,  
Quando na etherea casa soberana  
Do Olympo, onde se escreve a sorte humana,  
Aquelle que no céo e fóra existe,  
A cujo alto poder nada resiste,  
Que traja a luz que em seraphins habita,  
E a comprender-se emfim não se limita,  
Meios de honrar a santidade ordia,  
E fallando consigo so dizia:  
« Pois que! Ja mais o rosto e o casto peito  
« De meus justos tingio por meu respeito  
« Uma lagrima só, que o tal excesso  
« Não deixasse ver logo o cunho impresso  
« De minha grata mão; e ora apoucado  
« Tenho o meu braço immenso abreviado  
« Com quem comigo foi das creaturas,  
« A mais rica em finezas e ternuras ?

« Ja nessa prisca idade que passara  
 « Fiz meu nome atroar, e a minha vara ;  
 « Tremeu o chão por onde o Nilo mora,  
 « Com os deoses sacrilegos que adora ;  
 « Ouvio-me a voz o mar, e mal que ouvio,  
 « As phalanges de Memphis engolio :  
 « Oito lustres o ceo, por meu mandado,  
 « Regalou a Jacob, meu servo amado ;  
 « Vio o Nebo e o Sinai mudos de espantos,  
 « E depois de prodigios taes, e tantos,  
 « Tenho hoje o coração tão pouco terno  
 « Para a māi coroar do Verbo Eterno ?  
 « E aonde está meu poder ? aonde os meus  
 « Brios ? Não será assim : eu sou um Deos. »  
 Disse : e a natureza, que escutára  
 A voz da força imensa que a creára,  
 Com profundo respeito e se sobreja,  
 Respondeu de joelhos : « Assim seja. »  
 Então odor mais fino que a panchaia  
 Por todo o sanctuario ja se espraia.  
 Ribombam mil troyões, trisulcam raios,  
 Pregões do seu furor e seus ensaios.  
 Um arco de esmeraldas fulgurante  
 Ja brilha mais que a filha do Taumante.  
 E os vinte quatro santos anciões,  
 Que estão de pe com harpas entre as mãos,  
 Em respeito ao Senhor, que a Estyge aterra,  
 Suas coroas d'ouro poem por terra.  
 Certo ja Michael da voz do Eterno :  
 ( Michael domador do negro inferno,  
 E um dos sete que com zelo incrivel  
 Guardam do Immenso o throno inaccessible  
 Forma elegante torna, e veste a idade  
 Dos risos juvenis da puberdade.  
 Apenas sobre o labio apparecia  
 Superior, que a purpura tingia,  
 O pubere signal, que o peregrino  
 Semblante ser inculca masculino.  
 Ja calça uns borzeguins rubros ; brillantes  
 De rica abotoadura de diamantes.  
 Eis nascem das espadoas crystallinas,  
 Com pontas d'ouro as azas argentinas.  
 O peito de alabastro orna a couraça  
 De escamagem de prata, dura moça.  
 No elmo singular, que em parte encobre  
 Loura crespa madeixa, se descobre  
 Inclinada plumagem resplandente,  
 Dos olhos illusão ; nem sabe a mente  
 Discernir se é topazio, ou diamante,  
 Que assim varia as cores tremulante.

Empunha a mão direita o ferro, emblema  
 Da sua intrepidez e força extrema.  
 Brilhante franja d'ouro, que apanhava  
 Um mui grosso rubi, parte mostrava  
 Da column de jaspe : e assim luzia,  
 Que o pharol das espheras desmentia.  
 Nunca a fabula vio a prole armando  
 De Thetis ou de Venus, e lhes dando  
 Vulcaneo bronze d'ouro entretecido.  
 Guerreiro tão gentil, nem tão temido.  
 Se ella o visse, diria por seus vates,  
 Que armado era o fatal deos dos combates :  
 Mas desarmado, longe dos horrores  
 Da guerra, era o gentil deos dos amores.  
 Pintava o aureo escudo por memoria  
 As mais bellas acções de sua gloria.  
 Alli sentindo estava o peso enorme  
 Da planta angelical o drago informe.  
 E a cauda com mil gyros enroscando,  
 De estrellas terça parte ia arrastando,  
 Estava todo o ceo pasmado e mudo  
 Ao duello assistindo : e o sanhudo  
 Cherubim desertor, que se cegara  
 Das luzes que o Eterno lhe outorgara,  
 Atrevido disputa ao proprio dono  
 O imperio dos ceos, e o mesmo throno.  
 La vem rodando ; e bate com soada  
 Nas fornalhas do abyssmo : na pancada  
 Mugiram as cavernas do profundo.  
 E o choque fez tremer a todo o mundo.  
 E se apraz comparar com muito o pouco,  
 Qual estampido fero, horrendo e rouco,  
 Que o pedaço da rocha desunido  
 Rolando faz, das aguas aluido :  
 E o que encontra converte em vil pocira,  
 Troncos, vimes, calhaos, herva rasteira :  
 Té que batendo o plano, treme o plano ;  
 Tal baqueou Lushel la no Sumano.  
 Fatal metamorphose ! A grande estrella  
 Ja vai se escurecendo : e eclipsa a bella  
 Forma : toca a madeixa, e logo sente,  
 Por douradas melenas, crista ingente.  
 Olha depois as mãos, e as viperinas  
 Mãos ja lhe mostram garras serpentinas.  
 Como reptil no chão ve-se estendido,  
 Marchando antes de pe, com garbo erguido.  
 Novo monstro fatal, cerulea cobra,  
 Que umas vezes se dobra, outras desdobra,  
 Ja dá silvos subtis : negras escamas  
 Pelo indomito collo arrojam chamas.

Um moto ondulatorio vago e horrendo,  
Pela espinha dorsal lhe anda correndo.  
Eunfim é a sobe-ha tão valente,  
Que faz de um cherubim feia serpente.  
Mais avante se via debuxado  
O velho Synedrim, ja desprezado.  
Que, quando a Synagoga foi princeza,  
Della foi este principe a defesa.  
Tambem se via a face alli gravada  
De uma virgem gentil; mas carregada  
No aspecto; a quem ornava rogagante  
Manto de aureo lavor, obra importante.  
Sostinha a mão direita um vaso d'ouro,  
Aonde ante a materia leva o louro.  
Dos extremos dos labios lhe sahia  
Niveo circlo, que raios despedia,  
A sinistra porém tinha abraçada  
A victimá do ceo a era sagrada.  
Pendentes traz ao cinto as chaves d'ouro  
Que abreem da santa igreja o grão thesouro.  
Olhos no ceo, chaminas no peito, e a peça  
Da coroa triregna na cabeça.  
Outros muitos brasões do illustre archanjo  
Resumia o pavez em bello arranjo.  
Por timbre, em letras d'ouro, que cegava,  
« Quem como Deos? » de longe coruscava,  
Qual o artista subtil que delineia  
Com as ruivas conchinhás da alva aréa  
Ramos, folhas, frutinhas, lindas flores,  
Columnas, pedestaes, vasos, lavores;  
Té que apresenta em destra contextura  
Um todo de formosa architectura;  
Assim trajava, ornato por ornato,  
O ministro do ceo sereno e grato.  
Mas alem desta externa gentileza,  
Inda era mais gentil por natureza.  
Tal no lindo painel aurea moldura  
Realça mais a graça da pintura.  
Apênas elle estava revestido,  
Quando cores do Olympo esclarecido,  
Lodos querem seguir o chefe illustre,  
Anhelando ter parte em tanto lustre.  
O' tu, revelação, raio celeste  
Da razão immortal, tu que desceste  
Out'ora sobre os vates soberanos,  
A explicar-lhes do ceo altos arcanos,  
Nem agora dizer-me que anjos erão  
Que o cortejo da Virgem compuzeram.  
Ensino-me seus nomes e excellencias,  
Seus empregos, lugares, precedencias,

Que sem o teu soccorro em causa tanta  
Não dá passo o mortal nada adianta.  
Junto ao throno do Eterno estão presentes  
Milhares de milhares destes entes  
Que ao som das harpas d'ouro de contíno  
Louvam as perfeições do Ser divino.  
Intelligencias puras, sublimadas,  
De argila crassa e vil jamais manchadas,  
Dotadas da razão, de altos conselhos,  
Das idéas archetypas espehos,  
Em ordem, natureza e qualidade  
Mais perfeitas que a nossa humana lade.  
Estrellas, que a luzir na eco começam,  
Antes que os protoplastas appareçam;  
Do mundo na primeira madruga la  
Co'a a luz do Eterno a elas emprestada.  
Vem logo os seraphins altas bellezas:  
Dos vulcões divinas chaminas acesas:  
Que entoam sem cessar o doce canto  
Do trisagio eternal, tres vezes santo.  
E os que na fonte só da divindade  
Bebem a grandes sorvos a verdade:  
Pelos vates antigos inspirados  
Lucidos cherubins denominados.  
Espíritos de luz, astros brilhantes,  
Em dotes ricos, em saber prestantes,  
A cuja vista os sabios mais felizes,  
Que atroam nos lyceos, são aprendizes.  
Anjos emfin na graça os mais crescidos,  
Se os primeiros não foram tão subidos.  
As dominações altas que o Superno  
Poder tem, vendo ser o empenho eterno  
Tropheo da mãi de um Deos, sua victoria;  
Não quizeram roubar-se em tanta gloria.  
Moveram-se os poderes cujas frentes  
Cingem faxas de estrellas resplgentes.  
E que tem de contíno as furias presas  
Nas tartarcas fernalhas sempre acesas.  
Vem os thronos depois, que o tratamento  
Tem de serem do eterno throno e assento,  
Em cujos peitos mostram-se gravados,  
Em letras de diamante, os mais sagrados  
Nomes do grande Jehovah terríveis,  
A humana intelligencia incomprehensíveis.  
De graça e de poder autorisados  
S guiam-se os sublimes principados,  
Que, quaes principes altos e senhores,  
As hierarchias regem infriores.  
Das roupas, que em branura a neve excedem,  
Raíos de luz brilhantes se despedem,

Cobrindo os pés mimosos virginas  
Fios de aljofar, rosas matinaes.  
Taes dos justos serão, ou mais formosos,  
No ceo um dia os corpos gloriosos.  
Tambem, virtudes, vós alli viestes,  
Distincta llor dos esquadrões celestes.  
Por quem na terra são os virtuosos  
Em obras e palavras poderosos.  
Vós dizeis : pára incendio deixa a presa :  
Logo o incendio contem sua braveza.  
Por vós se torna a fluidez estavel,  
Cabe da parca a tesoura illacrimavel,  
Pára na esphera o jornaleiro Etente;  
E muda de lugar o valle e o monte.  
Nao se esquecem de vós tambem meus versos,  
O' archangos illustres, que diversos  
Em officios sois nuncios relevantes,  
Que as commissões encheis mais importantes.  
Emfim os anjos vem, que em tratamentos  
Mais inf'ri: res são, e nos assentos :  
E que são dos terrenos viageiros  
Guardas, guias fieis e companheiros.  
Nas planices celestes ha um templo,  
Obra no gosto rara, e sem exemplo :  
Cujas cornijas são, cujas semalhas  
De ouro puro massiço : as ricas talhas,  
Onde a dedalea mão se esmira e apura,  
Outros tantos tropheos são da esculptura.  
Ee um mosaico formoso e bem lavrado  
Se mostra o pavimento matizado.  
Ve-se a riqueza com subtil engenho  
Acolá disputam'o o desempenho.  
Sustenta-se esta machina importante  
Sobre columnas altas de diamante.  
No fundo do edificio rico e immenso  
Ha um altar, chamado o altar do incenso.  
Onde gyram em torno as sempre ardentes  
Regativas dos justos. Diferentes  
Estão em outro a parte, qual thesouro,  
Utensis mil sagrados, tudo de ouro.  
Candelabros, thuribulos, navetas,  
No risco e no lavor obras completas.  
E o fogo santo, nunca morto lume,  
E massas exquisitas de perfume,  
Com que o throno de Deos, e o ceo inteiro  
Rescendem sempre de suave cheiro.  
Aqui pois os celestes se fornecem  
De quanto para o exito carecem.  
Mas o chefe'gentil que os conduzia,  
Breye falla fazendo, Ihes dizia :

« Eternos moradores do estrellado  
« Polo, ja mais emprego tão honrado  
« Se nos encarregou : nem a memoria  
« Recorda-se de acção de tanta gloria.  
« Qualquer pois por si, e todos juntamente,  
« O meio arbitrem mais conveniente  
« De honrar a gran princeza desta corte  
« Celestial, e honral-a de tal sorte,  
« Que mais obriguem nossos sacrificios  
« Da mai o amor, do filho os beneficios.  
« Coragem que, se acaso não me engano,  
« Vem contra nós as forças do Sumanos.  
« Bem conhecis que longe a sua manha,  
« Como se irrita, como enfim se assanha,  
« Se alguma acção brillante o Eterno ordena,  
« Que a n's motive gloria, e a elles pena.  
« Quanto mais os perversos são batidos,  
« Tanto mais reproduzem-se atrevidos.  
« Elles conhecem bem sua desgraça,  
« Mas conhecem em vão : daqui não passa.  
« Podem do ceo propicio obter piedade,  
« Como se humilhem ; nada de humildade.  
« No crime endurecidos e aviltados  
« Querem antes soffrer desesperados.  
« Tambem seu odio contra Deos não causa :  
« Mas juro-vos que eu so com esta lança ;  
« (Mostrando a lança) por vingar o Eterno,  
« Sou capaz de varar a todo o inferno. »  
Elle diz : e ja todos diligentes  
Sahiram pelas portas resplandecentes ;  
Portas que ha muito havia aferrohado  
Do primeiro mortal o crime ousado ;  
Mas que se abririam, quando enfim voltaria  
Aquelle que da morte triumphara.  
Não sabe com mais ardor, nem mais contente,  
O enxame dos pequenos innocentes  
Do gymnasio das letras, procurando  
O lar nativo, e os passos apressando,  
Onde os chama a lembrança e amizade.  
Das mães que tambem morrem de saudade ;  
Como os anjos a pompa, que convinha  
À santa mai de Deos, sua rainha.  
Mas enquanto estas cousas se passavam  
Dentro da sala eterna, os que choravam  
A morte da deipara ditosa,  
Por mitigar o pranto e dolorosa  
Idéa da saudade, que os magoa.  
Suspiram que alvoreça a tocha eóea.  
Apenas pela esphera o pintor louro  
Tingindo vinha as nuvens de cor d'ouro,

E no clarão do rubido horizonte  
 Mascava os freios de diamante o Etonte,  
 Quando prestes se ergueram do seu leito,  
 Que aos amantes o sonno é pouco aceito.  
 Não longe do lugar um predio estava  
 De um habil hortelão, que conservava  
 Todo o tempo purpureas frescas rosas,  
 Hervas de aromas, flores mil cheirosas  
 Os aligeros coros das campinas  
 Vem cedo aqui provar as vozes finas.  
 N'este vergel ameno parecia  
 Rirem duas auroras a porsia.  
 Uma, que o ceo pintava de mil cores,  
 Outra, que o retratava em suas flores,  
 Tal o crystal brilhante e lisongeiro  
 Espalha tudo em si, que tem fronteiro  
 O sol, mal que nascia, visitava  
 Este lugar das graças, que o encantava.  
 E o rocio a dourar, novo thesouro  
 Nas folhinhas ostenta em gottas d'ouro.  
 Tal singe a fabula que auricorria ;  
 Tocando as mãos de Midas a agu' fria.  
 E a chuva, em que se Jove transformara  
 Quando de Acrisio as torres violara.  
 Alli verde alecrim sempre germinas,  
 Exhalando de ti fragrancias finas,  
 Cujo raminho debil e florido  
 E da provida abelha tão querido.  
 Rasteira mangerona nos verdores  
 Traçando mil debuxos e lavores  
 Alcatifa cheirosa alli tecia ;  
 Que n'isto as de Achemenia esta vencia.  
 Com listras de carmim toda engracada  
 Branquejava a açucena que orvalhada  
 Das matutinas lagrimas da aurora,  
 Quanto mais se ve rir, tanto mais chora  
 O eterno amarantho não recêa  
 O raio abrasador da luz phebêa ;  
 Dizendo : flor nenhuma lhe excedia,  
 Pois que vendo-as morrer, jamais morria.  
 Pelas lisas columnas gyra em torno  
 A debil trepadeira, novo adorno,  
 Do qual, nobre Corintlo, te esqueceste,  
 Quando a ordem das tuas compozeste.  
 Sobre o lucido tanque transparente  
 Das aguas preguiçosas, fielmente.  
 O narciso se via retratado,  
 De sua propria sombra namorado.  
 Aqui pois o saudoso ajuntamento  
 Provisões ajuntava ; e para o intento

Festões tecendo de purpureas flores,  
 Vai o prazo abordar dos seus amores.  
 Mas que sustos, oh ceos ! , quando ja via  
 De longe revolvida a campa fria !  
 Que pasmo ! Que silencio amargurado !  
 Vendo perto o cofre espoliado  
 Dos ossos virginães, do seu thesouro !  
 Pelo plano espalhados com desdouro  
 Os pavosos veos, com que a piedade  
 Envolve os restos da mortalidade !  
 Então madidos olhos alongando  
 Pelo golfo estellifero, um alcando  
 A voz entercortada, e com o dedo  
 Attentando no chão, rompe o segredo :  
 « Este mundo, ó feliz, que por deçura  
 « Te fez sorver so dozes de amargura ;  
 « Este mundo traidor, mundo de ferro,  
 « Onde em perpetuo misero desterro,  
 « Como escrava servil, somente magoas  
 « Tinhas no coração, nos olhos águas ;  
 « Comtigo usando, quanto usar devia,  
 « Inda assim mesmo não te merecia.  
 « Não é por certo verdadeira,  
 « Onde a sorte se chora de estrangeira.  
 « Embora escondam pedras preciosas  
 « Rotas fragas de serras escabrosas :  
 « Que o seu natal paiz, se bem contemplo,  
 « São diademas dos reis, joias do templo.  
 « O ceo ha muitos dias murmurava  
 « Por boca da saudade, e se queixava  
 « De ver n'elle habitar tanto intervallo  
 « De tempo, quem não era de habitual-o.  
 « Cesse agora a final, rainha augusta,  
 « De tão piedosa queixa causa justa.  
 « Deixa-o pois, voa a Deos, busca as estrellas,  
 « Que são dignas de ti, tu digna dellas.  
 « E do seio do filho, onde os agrados  
 « Recolhes , destes ermos malfadados  
 « Sofre, bendita, soffra (que os gemidos  
 « Nossos não envenenam teus ouvidos),  
 « Sofre pois, que em segredo te digamos  
 « Os tristes casos que ainda aqui choramos.  
 « Não foi, não foi, ditosa creatura,  
 « So por ti que subiste a tanta altura.  
 « Acaso o throno illustre, donde imperas  
 « Por mil virtudes inclytas que encheras,  
 « Fixando-te no summo da grandeza,  
 « Te fez degenerar tua nobreza ?  
 « Não, não : no peito, de honra abrigo.  
 « Não muda a sorte nova o genio antigo.

« Olha pois...» Quer dizer, e mais não pôde,  
Tolhendo a voz a dor, que ao peito acode.  
Tal o roxo cantor da primavera,  
Enchendo a mata espessa e a clara esphera  
De seus doces requebros, não cuidando  
No mal que o caçador lhe estava armando,  
Estaca de repente no gorgeio,  
Suspense a voz, supita-a de receio,  
E sem finalizar vâa assustado  
Do golpe que o não fere, e foi errado.  
 « O' marmore ditoso ! (outro dizia  
Ao jazigo, que todo rescedia  
Cheiro celeste) ô marmore ditoso,  
 « Tu so, tu so podeste venturoso,  
 « Entre milhares de cinzel brincados,  
 « Tocar tão santos membros delicados.  
 « Pyramides, columnas, mausoleos  
 « Da vaidade e da morte iguaes tropheos,  
 « Onde mais a soberba ostenta o nada,  
 « Quanto se julga mais exalçada ;  
 « Aprendeai deste tumulo o que é gloria,  
 « A morte expira aqui, perde a victoria.  
 « O' marmore, tu so no seio altivo  
 « Guardaste o ouro, throno de Deos vivo.  
 « Tu es o rico annel, onde engastado  
 « Foi singular diamante, unico achado.  
 « Guardam regios palacios com empenho  
 « As bellas producções do humano engenho ;  
 « Guarda a terra em seu seio, qual thesouro,  
 « Ricas vêas de prata fina e d'ouro,  
 « Flammigeros rubis, ríjos diamantes,  
 « E outras riquezas mais. Nas rebramantes  
 « Cavernas guarda o mar, além da massa.  
 « Que a Sabeia e a Pancaia em cheiro passa ;  
 « Miudo aljofar, que a conchinha eria,  
 « E perolas mais grossas de valia.  
 « Guarda emfim toda a vasta redondeza  
 « Raridades de preço, e tal belleza,  
 « Que acendem a avidez do peito humano ;  
 « Mas guardar o despojo soberano  
 « Da Virgem, mãi de um Deos, tu so podeste :  
 « Tu so ventura tanta mereceste :  
 « Tu pois, ô pedra, vences em riqueza  
 « Palacios, mar e terra, e a natureza.  
 « Mas como consentiste que roubada  
 « A joia fosse em ti depositada ?  
 « Que desculpa darás ao mundo inteiro  
 « De teu descuido e zelo passageiro ?  
 « Não ves que a imparcial posteridade  
 « Pôde lançar-te em rosto esta maldade ?

« Ah ! nem sabes em ti quanto tiveste ;  
 « E nem eu explicar-te o que perdeste.  
 « Serás comtudo, sacro monumento,  
 « Digno de eterno culto : alto e opulento  
 « Tropheo de mil despojos adornado,  
 « Do estrangeiro fiel nunca ignorado.  
 « Não são assim de Babylonia os restos  
 « De mortiferas serpes sempre infestos.  
 « Em torno de ti pois para memoria  
 « Vegetem de prodigo e tanta gloria,  
 « Não do acypreste as ramas lacrimosas,  
 « Mas pudicos jasmins, virgineas rosas,  
 « E outras flores mimosas de alto porte,  
 « Como tropheos ganhados sobre a morte  
 « Dizendo, os que as ceifarem algum dia,  
 « São flores do sepulcro de Maria. »  
 Dest'arte os varões santos se expressavam,  
 E os lares ja buscando, que habitavam,  
 Voltaram com remissos, frouxos passos,  
 Deixando os corações alli em pedaços.  
 As funereas exuvias carregando,  
 Que à princeza tocaram : reiterando  
 N'ellas osculos de amor, sagrados restos,  
 Mais ricos que os auriferos aprestos  
 Que ornam paços de reis ; e que a riqueza,  
 Que em si fermenta e peja a natureza.  
 Entretanto ja o carro luminoso,  
 Altar portatil, throno venturoso  
 Da Virgem, tinha arado de seu passo  
 Grande parte do ceo : por todo o espaço  
 Raios a rutilar tão soberanos,  
 Que se Deos publicasse seus arcanos,  
 Teriam visto aquella madrugada  
 Novo signal no Olympo, da apartada  
 Terra o viajor ainda mal desperto ;  
 Do mar o nauta calejado e experto  
 Em chapas d'ouro fino alli se viam  
 Mil emblemas que a Virgem descreviam.  
 Um lirio entre os espinhos, consa estranha !  
 Em cativeiro a arca na campanha :  
 Um esgalho fatal, onde enroseada  
 Estava a verde serpe : a ensanguentada  
 Boca halitos de morte bafejando.  
 O fraudulento pomo ia mostrando.  
 Cuja cabeça indomita supplanta  
 Com masculo vigor virginal planta.  
 Todo o contexto emfim de sua vida,  
 Por diversos pedaços repartida.  
 Qual a magra pintora, a natureza,  
 Que a flor ornando com delicadeza.

E no clarão do rubido horizonte  
 Mascava os freios de diamante o Etonte,  
 Quando prestes se ergueram do seu leito,  
 Que aos amantes o sonno é pouco accito.  
 Não longe do lugar um predio estava  
 De um habil hortelão, que conservava  
 Todo o tempo purpureas frescas rosas,  
 Hervas de aromas, llores mil cheiroosas  
 Os aligeros coros das campinas  
 Vem cedo aqui provar as vozes finas.  
 N'este vergel ameno parecia  
 Rirem duas auroras a porsia.  
 Uma, que o ceo pintava de mil cores,  
 Outra, que o retratava em suas flores,  
 Tal o crystal brilhante e lisongeiro  
 Espalha tudo em si, que tem fronteiro  
 O sol, mal que nascia, visitava  
 Este lugar das graças, que o encantava.  
 E o rocio a dourar, novo thesouro  
 Nas folhinhas ostenta em gottas d'ouro.  
 Tal singe a fabula que auricorria ;  
 Tocando as mãos de Midas a aguz fria.  
 E a chuva, em que se Jove transformara  
 Quando de Acrisio as torres violara.  
 Alli verde alecrim sempre germinas,  
 Exhalando de ti fragrancias finas,  
 Cujo raminho debil e florido  
 E da provida abelha tão querido.  
 Rasteira mangerona nos verdores  
 Traçando mil debuxos e lavores  
 Aleatifa cheirosa alli tecia ;  
 Que n'isto as de Achemenia esta vencia.  
 Com listras de carním toda engracada  
 Branquejava a açueena que orvalhada  
 Das matutinas lagrimas da aurora,  
 Quanto mais se ve rir, tanto mais chora  
 O eterno amarantho não recéa  
 O raio abrasador da luz phebêa ;  
 Dizendo : flor nenhuma lhe excedia,  
 Pois que vendo-as morrer, jamais morria.  
 Pelas lisas columnas gyra em torno  
 A debil trepadeira, novo adorno,  
 Do qual, nobre Corintho, te esqueceste ,  
 Quando a ordem das tuas compozeste.  
 Sobre o lucido tanque transparente  
 Das aguas preguiçosas, fielmente.  
 O narciso se via retratado,  
 De sua propria sombra namorado.

Aqui pois o saudoso ajuntamento  
 Provisões ajuntava ; e para o intento

Festões tecendo de purpureas flores,  
 Vai o prazo abordar dos seus amores.  
 Mas que sustos, oh ceos ! , quando ja via  
 De longe revolvida a campa fria !  
 Que pasmo ! Que silencio amargurado !  
 Vendo perto o cofre espoliado  
 Dos ossos virginas, do seu thesouro !  
 Pelo plano espalhados com desdouro  
 Os favorosos veos, com que a piedade  
 Envolve os restos da mortalidade !  
 Então madidos olhos alongando  
 Pelo golfo estellifero, um alcândo  
 A voz entercortada, e com o dedo  
 Attentando no chão, rompe o segredo :  
 « Este mundo, ó feliz, que por deçura  
 « Te fez sorver so dozes de amargura ;  
 « Este mundo traidor, mundo de ferro,  
 « Onde em perpetuo misero desterro,  
 « Como escrava servil, somente magoas  
 « Tinhas no coração, nos olhos aguas ;  
 « Comtigo usando, quanto usar devia,  
 « Inda assim mesmo não te merecia.  
 « Não é por certo verdadeira,  
 « Onde a sorte se chora de estrangeira.  
 « Embora escondam pedras preciosas  
 « Rotas fragas de serras escabrosas :  
 « Que o seu natal paiz, se bem contemplo,  
 « São diademas dos reis, joias do templo.  
 « O ceo ha muitos dias murmurava  
 « Por boca da saudade, e se queixava  
 « De ver n'elle habitar tanto intervallo  
 « De tempo, quem não era de habitat-o.  
 « Cesse agora a final, rainha augusta,  
 « De tão piedosa queixa causa justa.  
 « Deixa-o pois, voa a Deos, busca as estrellas,  
 « Que são dignas de ti, tu digna dellas.  
 « E do seio do filho, onde os agrados  
 « Recolhes , destes ermos malfadados  
 « Sofre, bendita, soffra (que os gemidos  
 « Nossos não envenenam teus ouvidos).  
 « Sofre pois, que em segredo te digamos  
 « Os tristes casos que ainda aqui choramos.  
 « Não foi, não foi, ditosa creatura,  
 « So por ti que subiste a tanta altura.  
 « Acaso o throno illustre, donde imperas  
 « Por mil virtudes inclytas que encheras,  
 « Fixando-te no summo da grandeza,  
 « Te fez degenerar tua nobreza ?  
 « Não, não : no peito, de honra abrigo.  
 « Não muda a sorte nova o genio antigo.

« Olha pois...» Quer dizer, e mais não pôde,  
Tolhendo a voz a dor, que ao peito acode.  
Tal o roxo cantor da primavera,  
Enchendo a mata espessa e a clara esphera  
De seus doces requebros, não cuidando  
No mal que o caçador lhe estava armando,  
Estaca de repente no gorgeio,  
Suspende a voz, supita-a de receio,  
E sem finalisar vâa assustado  
Do golpe que o não fere, e foi errado.  
 « O' marmore ditoso ! (outro dizia  
Ao jazigo, que todo rescendia  
Cheiro celeste) ô marmore ditoso,  
 « Tu so, tu so podeste venturoso,  
 « Entre milhares de cinzel brincados,  
 « Tocar tão santos membros delicados.  
 « Pyramides, columnas, mausoleos  
 « Da vaidade e da morte iguaes tropheos,  
 « Onde mais a soberba ostenta o nada,  
 « Quanto se julga mais exalçada ;  
 « Aprendeи desto tumulo o que e gloria,  
 « A morte expira aqui, perde a victoria.  
 « O' marmore, tu so no seio altivo  
 « Guardaste o ouro, throno de Deos vivo.  
 « Tu es o rico annel, onde engastado  
 « Foi singular diamante, unico achado.  
 « Guardam regios palacios com empenho  
 « As bellas producções do humano engenho ;  
 « Guarda a terra em seu seio, qual tbesouro,  
 « Ricas vêas de prata fina e d'ouro,  
 « Flaminigeros rubis, rijos diamantes,  
 « E outras riquezas mais. Nas rebramantes  
 « Cavernas guarda o mar, alcin da massa,  
 « Que a Sabeia e a Pancaia em cheiro passa ;  
 « Miudo aljosfar, que a conchinha eria,  
 « E perolas mais grossas de valia.  
 « Guarda emfim toda a vasta redondeza  
 « Raridades de preço, e tal belleza,  
 « Que accendem a avidez do peito humano ;  
 « Mas guardar o despojo soberano  
 « Da Virgem, māi de um Deos, tu so podeste :  
 « Tu so ventura tanta mereceste :  
 « Tu pois, ô pedra, vences em riqueza  
 « Palacios, mar e terra, e a natureza.  
 « Mas como consentiste que roubada  
 « A joia fosse em ti depositada ?  
 « Que desculpa darás ao mundo inteiro  
 « De teu descuido e zelo passageiro ?  
 « Não ves que a imparcial posteridade  
 « Pôde lançar-te em rosto esta maldade ?

« Ah ! nem sabes em ti quanto tiveste ;  
 « E nem eu explicar-te o que perdeste.  
 « Serás comtudo, sacro monumento,  
 « Digno de eterno culto : alto e opulento  
 « Tropheo de mil despojos adornado,  
 « Do estrangeiro fiel nunca ignorado.  
 « Não são assim de Babylonia os restos  
 « De mortiferas serpes sempre infestos.  
 « Em torno de ti pois para memoria  
 « Vegetem de prodigo e tanta gloria,  
 « Não do acypreste as ramas lacrimosas,  
 « Mas pudicos jasmins, virgineas rosas,  
 « E outras flores mimosas de alto porte,  
 « Como tropheos ganhados sobre a morte  
 « Dizendo, os que as ceifarem algum dia,  
 « São flores do sepulcro de Maria. »  
 Dest'arte os varões santos se expressavam,  
 E os lares ja buscando, que habitavam,  
 Voltaram com remissos, frouxos passos,  
 Deixando os corações alli em pedaços.  
 As funereas exuvias carregando,  
 Que á princeza tocaram : reiterando  
 N'ellas osculos de amor, sagrados restos,  
 Mais ricos que os auriferos aprestos  
 Que ornam paços de reis; e que a riqueza,  
 Que em si fermenta e peja a natureza.  
 Entretanto ja o carro luminoso,  
 Altar portatil, throno venturoso  
 Da Virgem, tinha arado de seu passo  
 Grande parte do ceo : por todo o espaço  
 Raios a rutilar tão soberanos.  
 Que se Deos publicasse seus arcanos,  
 Teriam visto aquella madrugada  
 Novo signal no Olympo, da apartada  
 Terra o viajor ainda mal desperto ;  
 Do mar o nauta calejado e experto  
 Em chapas d'ouro fino alli se viam  
 Mil emblemas que a Virgem descreviam.  
 Um lirio entre os espinhos, cousa estranha !  
 Em cativeiro a arca na campanha :  
 Um esgalho fatal, onde enroseada  
 Estava a verde serpe : a ensanguentada  
 Boca halitos de morte bafejando.  
 O fraudulento pomo ia mostrando.  
 Cuja cabeça indomita supplanta  
 Com masculo vigor virginal planta.  
 Todo o contexto emfim de sua vida,  
 Por diversos pedaços repartida.  
 Qual a magra pintora, a natureza,  
 Que a flor ornando com delicadeza

Corrobora o pistillo enfraquecido ,  
Desenvolve o estame contrahido ,  
As antheras polvilha, e com primores  
Do petalo purpureo aviva as cores ;  
Não de outra sorte o ceo fez lisongeiro  
No thalamo da esposa do cordeiro.

A machina paxavam a porfia  
Os cidadãos do reino da alegria.  
Tendo por grão mercê da sua sorte ,  
Algum emprego ter n'este transporte.  
E tanto se prezavam carregados .  
Que o peso não sentiam de prezados.  
Sobre um globo de estranha architecatura  
Ia a unica Phenix, virgem pura :  
Leda no gesto, angelica, serena ,  
E da celeste unção tão rica e plena,  
Que bem mostrava ser mimosa filha  
Daquelle pai, que é todo maravilha.  
Dos olhos columbinos, onde a graça  
Thesouros ajuntara em nada escassa ,  
Mil reverberos vivos reflectiam ,  
Que do seu doce culto o orbe enchiam.  
O zephyro, que alguma vez alçava  
O veo avaro e rico que occultava  
Da annellada madeixa os fios d'ouro ,  
Ria de gosto a expor tanto thesoure ,  
Fulgente tunica de cor incerta  
Traz vestida, que rico cinto aperta.  
Cinto digno de ver-se ; obra e desenho  
Do gosto angelical. No desempenho  
Tecida estava, como por memoria ,  
Da revolta de Eden em breve a historia.  
Via-se o par no pranto ja immergeido ,  
Da graça nu , de folhas vis cingido.  
Da floresta exulado da innocencia ,  
Victimas do afan, alvos da indigencia.  
Eis d'ouro um cherubim mostrava alçada  
Na dextra vingadora flammea espada ,  
Ameaçando os colonos aggressores  
De vir colher no vacuo Eden as flores.  
Em tanta desventura, em tantas penas  
Virginea planta se divisa apenas  
Conculcando o dragão ; alta vingança !  
Dos padres tão chorada na tardança.  
Tinha no cinto a angelica destreza  
Tambem bordado o Horch; e na aspereza  
Da escabrosa montanha afigurada  
A silva, em labaredas não crestada.  
Mais avante ancião de grão respeito ,  
Maduro na razão, grave no aspetto ,

Que uma açucena empunha, venturoso  
Guarda, que o nome tinha so de esposo.  
Logo o nuncio na forma humana alada ,  
Que la do Olympo desce co' embaiizada ;  
Tambem se via a candida pombinha ,  
Emblema do Alto Espírito ; que tinha  
Do bico d'ouro um raio que tocava  
Da Virgem o peito, e a Virgem secundava.  
Sem que a prole do ceo, não vista empreza  
Desbote a flor da virginal pureza ,  
Depois arido plano, que sequioso  
Do rocio do ceo, um branco e airoso  
Lirio offertava de novel frescura ,  
Como se blasonava de cultura.  
Logo estrella fulgente, nos seus raios  
Semi ter diminuição, sem ter desmaios ;  
E um vaso em sim de argila virgem, onde  
O nectar, que orvalhara o ceo, se esconde.  
Nobres trofeos, satídica pintura  
De politica māi, de virgem pura ;  
O resto serpeando com largueza  
A'jofares, rubis, toda riqueza.  
Em sim manto ceruleo sobretudo ,  
Brincando rosas d'ouro no velludo.

Nunca o prisma ante os olhos applicado  
Em lindas cores foi tão variado ;  
Nunca do velho chaos a longa idade  
Vio formusura tal, tal magestade ;  
Nem o trino poder a produzia ,  
Quando do nada as aguas extrahira ;  
Se é que ella não foi essa formosa  
Matrona illustre, de astros luminescente  
Que tu , aguia sublime , has desenhado ,  
La nas grutas de Pathmos exula-lo.

Mas vendo a Virgem neste acatamento  
Dos anjos, que era nella todo o intento  
Fazer brillar do Eterno a magestade ;  
Deixando-se tocar desta humildade ,  
Que humilde o mais soberbo tornaria ,  
Para o ceo crystallino assim dizia :  
« O' tu, pintor gentil, que tens pintado  
« O ceo de estrelas, de matiz o prado ;  
« Substancia bemfazeja, essencia  
« Se manifesta mais pela clemencia ;  
« Tu, ante quem os evos vão passando ,  
« E em vez de te adorar vão te aggravando ;  
« Grava embora na argila vil a imprensa  
« Do teu saber, da tua dextra immensa ;  
« Pinta o denso vapor, doura dos raios  
« Desse sol que ja meia sofre desmaios ;

« Troveja, mostra em mim os teus poderes,  
 « que quanto mais mostrares ou fizeres,  
 « O prazer que minha alma e peito lava,  
 « E merecer de ti ser tua escrava.  
 « Oh! ditoros aquelles cujos peitos  
 « Generosos enchendo os teus preceitos,  
 « O período fecham felizmente  
 « Do teu divino amor na pyra ardente.  
 « Sem a morte temer; a desprezel-a,  
 « Longa a vida a fazer, com encurtal-a.  
 « Sábios que as tuas leis investigaram,  
 « Os misterios da graça penetraram.  
 « Que por ti, não por suas reflexões,  
 « Calçam o mundo, zombam das paixões.  
 « Será delles feliz sempre a memória;  
 « Eterna a fama, e o nome, eterna a glória.  
 « Mortais massas subirão aos céos,  
 « Milagres d'arte, do saber tropheos:  
 « Dos insultos do tempo eterno insulto,  
 « Onde brilhe seu nome e impere o culto.  
 « Virão de longe os povos concorrendo  
 « Suas cinzas beijar e as recolhendo,  
 « Leões publicarão agradeceídos  
 « Os dons do céo, por elas recebidos.  
 « Virão os mesmos reis, virão príncepes  
 « Que os joelhos curvando das grandezas,  
 « À face absterão de seus altares.  
 « Seus sceptros e seus dons mais singulares.  
 « Mas que fundo de gloria! lis prepara  
 « Para tanto benfazeja! Que preclaro  
 « Coro! Que províncias, que tesouros!  
 « Quantos tropheos sublimes, quantas louras!  
 « Será com elles o prazer e a vida  
 « Uma só causa em ambas confundida.  
 « Bem como com a brasa o ferro casa,  
 « Que não parece ferro, mas se brasa.  
 « E por mais que blasoneiem exercícios,  
 « De altas virtudes, de altos sacrifícios,  
 « Será sempre mais alta a recompensa.  
 « Ditha de ti, e como tu immeasa.  
 « Fallow assim, e quando assim fallava,  
 « O pejo as faces da rubor coreava.  
 « Tal a aurora, raiando vergonhosos,  
 « Pintando vem o céo de car de rosa.  
 « Este discurso os anjos recolheram,  
 « E em laueinas de prata transcreveram,  
 « Aturdidos de ver quanto a humildade  
 « Desconhece seu preço; e na verdade  
 « Quem lo assim ella os outros elogia,  
 « Também se retratava, e não sabia.

Tal debuxa o crystal do tenue a alheia  
 Sombra, e a si jamais se delincha.  
 Entretanto o ministro sublimado,  
 Nuncio do Deos altissimo enviado,  
 Deixa o Empyreo, feliz lugar donde  
 Jamais o Ser Eterno a face esconde,  
 E onde os materiais são diamantes,  
 Ouro, perlas, e cousas semelhantes.  
 Que estio compondo os paços sublimados  
 Em que habitam os bemaventurados.  
 Ja as estrelas atraç deixa brillantes,  
 Que são milhões de soos flammigerantes,  
 Que em tanta longitude e tanta alteza  
 Perdem a luz, e perdem a grandeza.  
 Esquadras de oradores, que publicam  
 As obras do Senhor, e glorificam.  
 E de ateo a cegueira condenando  
 Contra o impio dos céos estão pregando.  
 Atravessa depois a cinta d'ouro,  
 Fóra da qual não rola o diaño louro.  
 Onde estão repartidas doze casas,  
 Que tu, ardente Phebo, entrando abraças,  
 Collecção de estrellinhas, claras, puras,  
 Que o Egypcio nomeou. Nestas alturas  
 Desce para Saturno, a quem lezíos  
 Cíneo gyrando estão, beci como archeicos:  
 Vendo a fexa que o cinge rubra e ingente,  
 Que o anel se appellida vulgarmente.  
 Bate os azedos novo, e num momento  
 Atravessa de Jove o apescoço.  
 E os seus satelites, menor escolta,  
 Que em torno deste centro dão a volta.  
 Qual a mão mercantil, que avidamente  
 Vai debruçar as costas do oriente,  
 Por ensacar diamantes, e senhora  
 Ser de mil produções que eria a aurora:  
 Ja deixi de Bengala o vasto seio,  
 Deixa Síria, e pressa pelo meio  
 De Sumatra, e dessa auror Gheronesa,  
 Que vio no luxo morte o fogo acceso:  
 Tel o nuncio do céo vai prograldando  
 Passar de linda grei, elle mais lindo.  
 Peçam lá mais um pouco já da terra  
 A orbita astrovesca onde se exerce,  
 A luna alli seis phases; branca lúa,  
 Que brilha com a luz que não é sua;  
 E que o manto de estrelas se desata.  
 O mar, a terra e o céo cobre de prata.  
 Toca enfim nossa turbida atmosphera,  
 Onde o raio se inflamma e a navegação.

Que em vapores da terra o sol attrahe,  
E sobre a terra em agoa e fogo cahe.  
Descansa por um pouco sobre o cume  
Do Thabor, onde o sacro eterno lume  
Em carne revelara a tres amantes  
A hypostatica gloria; as crepitantes  
Ayas bate de novo demandando  
Anatolia; de la de cima olhando  
As illas e as cidades mais florentes,  
Que estao juncando o mar e os continentes.  
Ja deixa Ptolomaida arruinada;  
Deixa a Phenicia e Tyro, que chamada  
Foi rainha dos mares: tu, Carthago,  
D'alli vens, que levaste a Roma o estrago:  
Cujas praias ja foram conhecidas,  
Do murice purpureo ennobrecidas.  
Ja o Tyrrheno mar se mostra ao lado  
Da mão sinistra: mar tão decantado  
Das viagens do Grego e do Troiano;  
Um facundo e sagez, e o outro humano.  
Mar enfim que jamais estos conhece,  
E de ilhas mil famosas se ennobrece.  
Assim vinha o celeste buscando  
A sacra pompa do cortejo, quando  
Não a vendo a final nestes lugares  
Sobe á esphera outra vez, e tenta os ares.

## CANTO SEGUNDO.

## ARGUMENTO.

*O principe das trevas, invejoso do triunfo da Virgem, ajunta um concilabulo para o impedir. Entretanto os anjos vão levando a Senhora, narrando uns aos outros varias passagens illustres de sua vida. Arma-se uma temivel opposição por artificio diabolico. O archanjo S. Miguel chega n'esta occasião, e com a milícia celeste dissipa esta manobra infernal. Faz seu cortejo á Virgem. Determinam os anjos leval-a ao paraíso, onde estão Enoch e Elias.*

**M**as enquanto o celeste nuncio corta  
As orbitas do ceo, a Estyge aborta  
Infame ardil. O autor da má zizania  
Arrebenta de inveja, arde de insanía,  
Como visse que a pompa ao ceo subia,  
Invito seu poder e tyrannia.  
Numa horrivel prisão, que fez o Eterno

Na mais interna furna la do inferno,  
Onde um recto juiz sopra inflexivel  
Contra os reprobos chamma inextinguivel,  
Habita Lucifer, sentindo o peso  
De Deos, que ali o supplanta em ira aceso.  
E um monstro medonho e tão disforme  
Na massa colossal do vulto enorme,  
Que se o doce repouso e a paz gozara,  
Deitado duas geiras ocupara.  
De tão sombria e horrenda catadura,  
Que faz pavor á mesma Estyge escura.  
No reprebo semelhante retractado  
Ve-se todo o rancor d'un condemnado.  
Os olhos afiguram dous cometas  
Que ardem entre duas nuvens pretas.  
A boca era, se abria, internamente  
Estuante fornha. Quando ardente  
Do p'rio o ar pestifero basjea,  
De vivas brasas turbilhões dardeja.  
Assim de Etna o gigante, se respira,  
Laves de enxofre acceso a Jove atira:  
Todo o monte convulso se a outro lado  
Revira o enorme corpo, meio assado.  
Não é tão feia, não, a noite umbrosa  
Que sapanha o viajor em mata idosa,  
Perdido entre fusis, raios frequentes,  
Urros de tigres, silvos de serpentes,  
Como este monstro singular e incrivel,  
Quasi sem forma, quasi indefinivel.  
Se o cantor ulyssco vira este demo,  
Diria ser gentil o Polyphem.

Em torno delle gyram a milhares  
Vâos espectros, nas formas singulares.  
Do peccado e da morte infame raça  
Que lhe faz corte, que lhe faz a praça;  
As Eumenides, furias tão medonhas,  
De grifo armadas e fataes peçonhas;  
A fera Erinix ou cruel Alecto,  
De serpes engrenhada a coma e aspecto;  
Carybdes, Scylla, esphinges disconformes,  
E d'un so olho as Gorgonas enormes;  
Equipedes Nubigenas monstruosos  
Da leve nuvem partos vergonhosos;  
Triformes Geríões, Janos bifrontes,  
Os Aloidas altos mais que os montes;  
Hydras de cem cabeças, mil serpentes  
Na escama verdes e na crista ingentes;  
Nas mãos com a tocha a anguifera Megera,  
E com flagello horrivel; a chimera,  
Que labareda om turbilhões vomita.

A blasfemia, que de continuo grita  
 Pelas furnas do chaos : « Guerra aos ministros  
 « Do rei do Empyreo, sempre a nós sinistros. »  
 De forças taes os anjos se vestiram,  
 Des que rebeldes la do sol eshiram.  
 Entre si estes monstros se aborrecem,  
 Debellam-se uns aos outros, não conhecem  
 A paz, nem união ; antes se mordem  
 Co'atroz rancor. Enfim tudo é desordem!  
 Certo ja dos triumphos da divina  
 Mai do seu Deus, blasfema e desatina.  
 E no throno, em que rege a infame praga.  
 Numa cobra enfaxada, que lhe afaga  
 Co a triplice lingua os labios, fero e irado,  
 Dando forte punhada e rede brado,  
 Exclamou : « Onde está meu heroísmo ?  
 « De que me serve ser chefe do abysso ? »  
 Do brado o echo retumbou no averno,  
 E as furias, que exercitam la no inferno  
 Nas almas condennadas o suppicio,  
 Pareram de assustadas o exercicio.  
 « È crivel (continua) que a donzella  
 « De Nazareth nascesse em tal estrella,  
 « Que calcando meu sceptro e minha furia,  
 « Ostente a meu pezar ser minha injuria ?  
 « Ja no instante fatal, em que bafeja  
 « O halito da vida malfazeja,  
 « É na graça gerada : desprezados  
 « Meus terríveis grilhões, grilhões sagrados,  
 « Que sem reserva arrasiam os humanos  
 « Sejam escravos, sejam soberanos :  
 « Vive pois, e vive sempre ativa,  
 « De meus carinhos desdenhosa e esquia :  
 « Surda à sagrada voz do meu preceito,  
 « Sem menor attenção a meu respeito :  
 « Morre a final, de si sempre senhora,  
 « Do mundo, e seus encantos vencedora :  
 « Víctima de um rival, e o vituperio  
 « Dos poderes da morte, e meu imperio.  
 « E agora, por mais summa da desgraça,  
 « Sobre as azas dos anjos ao ceo passa  
 « A gozar de uma gloria nova e immensa,  
 « Tratando-me com tanta indifferença ?  
 « E sou eu inda aquelle que por sorte  
 « Houve o reino das trevas e da morte ?  
 « E quem crer pôde, vendo que não pude  
 « Domar uma mulher, que assim me illude ?  
 « Quem humilde virá d'aqui em diante  
 « Prostrar-se a minh em ar de supplicante,  
 « Offerescer-me dous, víctimas raras

« E perfumes quicmar nas minhas aras ?  
 « Mas tambem se largar de mão a empreza ?  
 « Ja não é mostra infame de fraqueza ?  
 « Não farei tal ; a honra nada cede ;  
 « Um prompto desagravo a injuria pede :  
 « Hei de me oppor ; fatal, bravo transtorno  
 « Vou causar no triumpho estulto. Em torno  
 « Delle raios, trovões, nuvens, tormentas,  
 « Guerras de sangue, e horror sempre sed ento  
 « Tudo farei valer quer eu consiga  
 « Ou não, o bom successo desta intriga.  
 « Atacar é signal sempre de forte,  
 « Venceer algumas vezes é da sorte »

Como isto disse, chama o brado ingente  
 Um ministro infernal, seu confidente,  
 Por convocar as furias, que a milhares  
 Vagam por terra, e vagam pelos ares.  
 Era o tal confidente, seu correio,  
 Um monstro nunca visto, negro, feio :  
 De gibo, pontas, unhas, juba e pello,  
 Sem ser tigre, urso, boi, leão, camello,  
 Ja mais a phantasia em voo errante  
 Compoz chimera tão extravagante.  
 Nem o enfermo febril, quando mal dorme,  
 Vio em sonhos visão mais disconforme.  
 Comtudo, por cumprir qualquer intento,  
 Fra rapido mais que o pensamento.  
 Por azas cartilagens estendidas  
 Usava, de unhas cornas guarnecidias ;  
 Como as aves que fazem crebros gyros  
 Na escuridão dos sepulcraes retiros.  
 Do infame rei do averno alto conceito  
 Gozava, e grande estima ; e era aceito,  
 Por ter enchedo com gentis destrezas  
 Muitas vezes do Tartaro as emprezas.

Ha quem diga que fôra embusteiro  
 O movel principal, o autor primeiro  
 Do escandalo fatal do pasaizo,  
 Quando inda alli folgava a paz e o riso :  
 E que depois, o mundo ja avançado  
 Em annos, este monstro ao crime usado,  
 O vencedor venceera de Golias  
 Pela espousa gentil do honrado Urias:  
 E que enfim, la na scena do Calvario,  
 No infando deicidio, temerario,  
 Insufflou quanto pôde, aconselhando  
 Esse aborto traidor, fructo execrando,  
 Escandalo fatal da humanidade,  
 Homem só na figura, o mais maldade?  
 Por estes altos feitos grão valia

Lograva em todo o abysmo, e procedia  
Aos mais autorizados e mais velhos  
Em lugar, em nobreza, e nos conselhos.  
Mas do rei sobretudo era estimado,  
Porque trazia o chaos sempre intrigado;  
Que é este de ordinario o distintivo  
Mas grandes cortes de um valido alto.

Ardendo ja na honra do monarca  
Bate o voo fatal, que o mundo abarca.  
Enboca enorme tubo retorcido,  
Cujo tremendo som foi logo ouvido.  
Ouvio do polo austral a plaga fria;  
A do Arcturo, em que é eterno o gelo, e o dia  
Dura seis mezes; e os paizes onde  
Fica o berço da aurora, e o sol se esconde.  
Ao bosque as aves trepidas fugiram,  
E à gruta as feras, que a trombeta ouviram.  
Os pequenos de susto ao lar correram,  
E nos maternos mantos se esconderam.  
Tel o guincho voraz da aereo abutre,  
Imquanto o estruine e revolver se nutre,  
Clama a ave de Marte, que ha inimigo,  
E a prale pelo instineto busca al rigo.

Com este horrendo en-aio principia  
As comissões do Tartaro, que o envia.  
Dando as ordens que teve, e convocando  
Os monstros que no esphera andam gerando  
Pestes, raios, tufões, ou outros danos,  
Com que lezam os miserios humanos.  
Desce depois á terra, e nella impresa  
Os que habitem nalguma vil charneca.  
E nos porticos velhos, detestados,  
Por serem delles mesmos assembrados.  
E aquelles que alta noite ou ás escuras  
Atterrariam os mosteiros com figuras  
Phantasticas e espectros mil horrendos,  
A que chiamam vampiros, ou duendos.  
Não lhe esquecem as furias, que os odia,  
Gozam de presidir aos feios vicios.  
Tambem vos convidou, pais da impiedade.  
Nos oraculos vãos da antiguidade.  
Voa a Delphos, dahi passa a Dodona,  
Onde o carvalho infame o erro abono.  
Atravessa depois a Lybia ardente  
Por servidas areas; finalmente  
Chega ao fano de Amon, tudo convida  
O ministro infernal com dura lida.  
Depois de ter enchedo a infame empreza,  
Volta outra vez aos lares da tristeza,  
Deixando a terra livre da odiosa

Presença de uma furia tão damnosa.  
Eis vem a chusma; as testas engrenhadas  
De viboras, com sangue salpicadas.  
Nunca foram do enfermo os varicos sonhos  
Tanto para assustar, nem tão medoahos  
Os Geriões triformes, nem tão feras  
As esphinges, arpias e seréas.  
Nunca se viram, nunca, taes semblantes.  
Nem tão feras frias e extravagantes  
Nos delubros pagãos, que ainda a historia  
Nos conserva em traslados por memoria;  
E se confiam por modelo áquelles  
Que a arte prezam de Parrhasio e Apelles.

Alguns adoram d'homens, mas disformes  
Nos queixos e narizes; tão enormes,  
Que quer tudo fugir, tudo é desgosto.  
Ao ver tão altera o humano rosto.  
Quaes as larvas burlescas que na festa  
Publica o valgo inventa, pinta e apresta  
De velhas e de velhos asquerosos,  
Por dar medo a pequenos, riso a idosos.  
Taes erio, e mais feras, as figuras  
Daquelleas enormissimas diaburias.  
Jamais tantos enxames denegridos  
Nos putridos estruines com zumbidos  
Se condensam de moscas, como as furias,  
Que vão vingar do chaos falsas injurias.  
Ja se introduzem pelo orco avaro  
Em grão tumulto, e foram no Tenaro  
Com gritos, guinchos, silvos e alaricos  
Dos outros igualmente recebidos.

Pisando vão per una braceiro eterno,  
Té chegar onde assiste o rei do inferno,  
Vendo ao passar torturas inauditas,  
Que alli soffrem as almas ja proscriptas.  
As graves penas dos blasphemadores,  
Que contra o cœo vomitam inje horrores;  
Dos ministros do altar de mäs condicções;  
Das justiças venas de mäos corruptas;  
As dos yates, em metro perigosos,  
Que abusaram da musa; os espartidores  
Tormentos dos fatos heresiarcas.  
Que os povos seduziram, e os monarca,  
O erro a derramar, que novo encanto,  
Rasgado a tunica da Madre Santa;  
Dos aqutes tambem o som ouvindo,  
Que nos reas sem cessar estão zunindo;  
O tinir das algemas e cadéas,  
Que alli se arrastam nas masmorras feras;  
E o clarido horrivel, que fazendo

Os reprobos estão , dentes rangendo,  
E bradando na immensa escuridade :  
O' vingança de um Deos ! O' eternidade !  
    Viram das penas entre o rigorismo  
Um impio, que exclamava em todo o abysso :  
« Tomai de mim, mortaes, tomai dos meus  
« Damnos o ensino, e não zombeis de um Deos. »  
Oh esteril pezar ! oh tardo acerto !  
Oh vozes de quem clama no deserto !  
Viram tambem a pena, nunca ouvida,  
Que alli padece o ingrato deicida.  
Ai infeliz ! seu mal é tão subido,  
Que lhe fora melhor não ter nascido.  
Todos elles padecem, não só o daimo  
Da privação de Deos, que é o soberano  
Mal dos males ; porém tambem a pena,  
Que a sofrer nos sentidos os condenna.  
Morrendo sem morrer, sempre fervendo  
Em fogo que não morre ; jamais tendo  
Esperanças de allivio , pois no inferno  
É nulla a redempção, ja disse o Eterno.  
Num total abondono sepultados  
Jamais, jamais de alguem serão lembrados.  
Em vão choreim, em vão bradem chorando,  
Que dos anjos e justos, que exultando  
Vegetam em perpetuas alegrias,  
Nenhum ouve seu pranto ou agonias.  
Porque do condennado que padece,  
Ninguem se dóe, ninguem torna interesse.  
    Vão emfim outros males divisando,  
Que estão os condennados supportando.  
Porquanto estes malditos, se padecem  
Tambem supplicios mil,inda carecem  
Das tartareas prisões. Pois so do mundo  
La na conta final é que no fundo  
Do abysso elles serão por sim lançados,  
Para sempre penar aferrothados.  
Debalde intentem da fornatha ardente  
Fugir ; presos serão eternamente.  
Tal nos gyros dedaleos, que intrinca  
Avido pescador na lympha amara.  
Entra o incauto aquicola, anhelando  
O bocado traidor , mas farto quando  
Quer ao largo tornar, por mais que lida,  
Não acha mais nem porta, nem saída.  
    Eis ja se se arranja a turba mal aceita,  
Uns à esquerda e outros à direita.  
Formando-se em coroa ou circu indino  
O senado do chaos luciferino.  
Uns assentam-se em lamiñas ardentes,

Outros em vivas brasas rubescentes.  
Arde na escura sala a ingrata massa  
Do enxofre que no chaos por cheiro passa.  
    À vista desta turba amotinada  
Satan de olhos no chão, face agastada,  
O rosto sobre a mão, fingindo o geito  
De uma interna aflição, do negro peito  
Arranca alto suspiro, ergue a viscera,  
E à canatha fallou desta maneira.  
« O' inelytos poderes que do inferno  
« Comigo r partis o grão governo ,  
« Meus collegas fieis, caros amigos,  
« E não menos recurso aos meus perigos ;  
« Que attentado foi este machinado  
« Contra vosso poder, nunca violado ?  
« Como assim consentis de sangue frio  
« Insultos taes no vosso senhorio ?  
« Como deixais agora impunemente  
« Atravessar a esphera resplandente,  
« E galgar as celestes hierarchias  
« Essa pobre mulher, māi do Messias ?  
« Sois vós acaso os principes do mundo,  
« Os reitores das trevas do profundo,  
« Oraculos fieis, cuja verdade  
« Tão respeitada foi da antiguidade ?  
« Respondei : ah ! estais em grande aperto ;  
« Degenerastes ; não, não sois por certo.  
« Que! esgotaram-se as fontes do recurso ?  
« Ja nada alcança mais vosso discurso ?  
« Ja não tend s um raio, ou um coriseo,  
« Que reduza a po tudo, a cinza e cisco ?  
« Ja vos não lembram mais no paraíso  
« As ameaças ? Foram brinco e riso ?  
« E se então ja nos quiz calcar o collo.  
« Que esperais, se subir agora ao polo ?  
« Se a tenue sombra so, oa se sen nada  
« Ja nos foi tão terrivel ; assentada  
« Agora a par do filho, manejando  
« Com elle o grão poder, o sceptro e o mando,  
« Julgais que em grão maior de autoridade  
« Vos terá mais amor, mais amizade ?  
« Ah ! sahi do lethargo sonnolento,  
« Onde vos vejo em fēo abatimento.  
« Preveni a tantos males, taes abatos,  
« Que é melhor prevenir do que chorar-los.  
« Teminda o mal remedio, se começa,  
« Não esperes que engrosse, nem que cresça.  
« Porque depois que o incendio emfim se atêa  
« Ou tarde , ou nunca mais se remedea.  
« Temeis que a vossa sorte seja infesta,

« E a coragem será por isso exausta ?  
 « Ateimai, que a feroz tenacidade  
 « Foi sempre o mor signal da heroicidade.  
 « Peior será se acaso em nós fraqueza  
 « Sentir-se, ou n'enor sombra de surpreza :  
 « Quando um chefe padece esta vil nota,  
 « Assaz marchado tem para a derrota.  
 « Supponhamos contudo que a victoria  
 « Não é por nós ; é ja pequena gloria  
 « Affligires o ceo ? Que mor esbulho  
 « Quer o vosso rancor, quer meu orgulho ?  
 « Não prevedes tambem quantos dezares  
 « Ja de longe ameaçam nossos lares ?  
 « Quantos milhões de victimas roubadas  
 « As lobregas prisões, nossas moradas ?  
 « Sabei que uma mulher é compassiva  
 « Por natureza ; tudo lhe motiva  
 « Lagrimas ; e torcada da ternura  
 « Não pôde ver o pranto e a desventura.  
 « Ora que impios serão para o futuro,  
 « Que achando n'ella asylo tão seguro,  
 « Venhão soffrer eternamente afflictos  
 « O premio e o fructo dos seus más delictos ?  
 « E que ousaria o filho emsim negar-lhe  
 « No momento em que astuta ella mostrar-lhe  
 « O seio carinhoso que a substancia  
 « Nos dias lhe supprio a tenra infancia ?  
 « Eis aqui quanto temo ; eis que me assonta ;  
 « E que tambem temer deveis por conta  
 « De vós mesmos. Taes são os meus receios,  
 « Que por obstar em vós demando os meios.  
 « Ide pois, filhos meus, bravos soldados,  
 « Temai os artificios malogrados  
 « Desse Empyreo infeliz, que miseravel  
 « Ousa nosso rival ser implacavel.  
 « Emquanto a mim, pelo meu sceptro juro,  
 « Tantas almas vos dar no reino escuro,  
 « Que n'ellas bem vingada a vossa offensa,  
 « À vingança inda exceda a recompensa. »  
 Fallou ; e foi incrivel o odio occulto,  
 Que essa arenga excitou pelo tumulto.  
 « Vamos, se disse a turba detestavel,  
 « Vamos, que é justo, e o tempo favoravel.  
 « Quem do instante opportuno se assegura  
 « Deve contar c'os premios da ventura.  
 « Não esperam por nós, desprevenidos  
 « Estão, seremos pois bem succedidos.  
 « É um fraco poder, que sobe à gloria,  
 « A quem não lisonjêa ja a victoria ? »  
 Oh cegueira ! O Senhor de la da altura

Vio o projecto e rio-se da loucura.  
 Sem mais nada esperar, em um momento,  
 Qual repellão do prematuro vento,  
 Vão de tropel por um ferame augusto,  
 Unica porta do solar do susto.  
 Nunca em publicos fogos de festejos,  
 Em que as povos em galas e cortejos,  
 Solemnisam dos reis o natalicio,  
 Voam tantos cometos de artificio ;  
 Nem o Vesuvio aceso dardejara,  
 Quando Herculana em cinzas suffocára  
 Tantas lavas sulphureas, como o averno,  
 Bretou monstros fieis ao rei do inferno.  
 Mas enquanto esta trama se tecia  
 La no reino da noite, a companhia  
 Santa faustamente ia sobindo  
 Amigo o ceo. Tal vai a esphera abrindo  
 Igneo balão nocturno, que nos rastros  
 Parece ir augmentar de novo os astros.  
 No meio de um clarão ia a divina  
 Filha do Eterno, qual a matutina  
 Estrella d'alva, que toda engracada  
 Vem das gottas do mar inda molhada.  
 Luzeiro o mais gentil que no ceo brilha,  
 De Heperionia luz serena filha.  
 Precursora da aurora, como a aurora  
 É do sol a risonha precursora ;  
 Que de fios de aljosfar vem bordando  
 As flores, seu matiz desabrochando.  
 Ou qual tropheo do grão Celi-Tonante,  
 Que estendido nos ceos tremula avante  
 Dos batalhões angelicos ; e o adusto  
 Chaos descora de o ver, treme de susto.  
 Os celites narravão mutuamente  
 O que della sabiam, a eminent  
 Virtude do pudor, sua humildade,  
 E outras, de que não tem rivalidade.  
 Tambem destes astrígeros formosos  
 No virgineo cortejo officiosos,  
 Se viam varios coros espalhados,  
 Em diversos deveres ocupados,  
 Alguns os vegetaveis rescententes  
 Desfolhados, que em cores diferentes  
 As Thaumantéas tintas imitavam,  
 De riquissimas urnas espalhavam.  
 Alguns as lagrimas, que os troncos choram,  
 Onde as hordes de Ágar escrava moram,  
 Em pyras d'ouro fino evaporando,  
 Ião todo o ambiente perfumando.  
 Alguns enfim, ao som de lyras d'oura,

Odes, hymnos, canções, rico thezouro,  
Que o bipartido monte em estro eshalb,  
Soar faziam pela etherea salla.  
  
Um d'elles, que da voz no doce enlelo  
Escurece dos sisnes o gorgeio,  
Trava do casco de uma tartaruga  
De manchas d'ouro; lucida e sem ruga:  
Lyra celestial, e nova peça  
Ferindo a corda o plectro, eis que começa:  
« Creou Deos no principio ceo e terra,  
« Mas nem tudo, o que aquelle, e esta encerra.  
« Por quanto a terra, em sembras era nua  
« Do, que ora ostenta gentileza sua.  
« Não serpeavam n'ella argenteas veas  
De lynphas perenias, nem inda as cheas  
« Alegavam cabannas e campinas.  
« Ferteis de rosas, ricas e boninas:  
« Uniforme, sem bosques, sem rochedos,  
« Não coroavam montes e rochedos.  
« O ar embaciado em triste e escura  
« Nevoa se via, que galgava a altura.  
« Não rolava na eclyptica o esplendente  
« Luzeiro matinal; nem no nascente  
« Se apavonava d'essas ruivas cores,  
« Com que lista o horizonte, pinta as flores.  
« Não estendia a noite no ceo puro  
« De estrellas mil borda-lo o manto escuro.  
« Era tudo embryão: tudo era feio:  
« Mas tanto que imperou do eterno seio  
« Voz creadora, tudo em fim se ordena:  
« E a face, que ora ri, se riu serena.»  
  
Cantou depois o Protiplasta, imagem  
Do Eterno: e amenissima paragem,  
Onde espousa lhe deo formosa, e leda.  
Aqui affrouxa a voz; e roucou a queda  
Do par novel cantou. Triste memoria!  
Desdouro o mais fatal da humana gloria!  
Mas logo erguendo-a entoá a destra cura  
Celeste, que solou tanta fractura,  
Em cujo ministerio, e maravilha  
A Virgem eis que assoma, e assás já brilha.  
Respira um pouç; e as cordas afinando  
De novo à lyra, foi continuando  
A inundação pasmosa, que afogara  
Do globo a vasta face na agoa amara.  
Despovoou-se a terra: não ha montes,  
Nem mais rebanhos, casas, bosques, fontes.  
Parecia de novo submergida  
No antigo hácios, do qual fora extrahida.  
Apenas pelo o ermo solitario

Se volumoso cathacismo aquario,  
Arca, que o mundo peja, anda vagando:  
Qual um monstro do mar, no mar boiando.  
Cantou depois o germen tão fecundo,  
Que povou de novo o vacuo mundo.  
O seculo que seguiu logo de ferro,  
O abandono de Deus, as aras do erro.  
A vocação feliz do pae dos crentes,  
Donde mil gestos vem, e a luz das gentes  
E concluio, que á antiga economia  
Já mais brilhara sombra de valia,  
Que não assigurasse, ou mãe ou filho,  
Ou d'um e d'outro juntamento o brilho.  
Qual acorde postura, que o mão destra  
Na cythara de lelta, de que he mestra;  
Aonde com voluveis, e abeis dedos  
Ostenta a magica da arte, e seus segredos;  
E o sistema dos sons tanto equilibra,  
Que muitos fere, e quaze que um só vibra;  
Ta' era a symetria, a ordem justa  
Da pompa angelical, festiva e augusta.  
  
Então, porque a preclara Virgem fosse  
Mais honrada, e a derrota inda mais doce,  
Gabriel, alto archanjo dos primeiros,  
Circunstancias revela aos companheiros;  
Gabriel, que é tambem dos sublimados  
Nuncios, a grandes couzas destinados.  
Festivo mensageiro do alto canto,  
Que estancou do primeiro crime o pranto.  
« Prefixo o tempo, disse a potesta le  
« Su'lime, que os Céos rege, á liberdade  
« Querendo dir, e á Redempção comêço,  
« Poz-me a chave na mão de tanto preço.  
« Por agouro feliz já tomo a idade.  
« Do rizo, e fresca flor da puberdade.  
« Em minhas faces brinca a neve e a rosa,  
« E do cravo na boca a cõr mimoza.  
« Pelos hombros eburneos e palhados  
« Fios d'ouro se encrespam: já dos lados  
« Desce a chuva de prata, que brilhava  
« E a quem cinto de perlas abrochava.  
« Na mão esquerda o lyrio florecia.  
« Trofeo d'aquella, a quem o Céo me envia.  
« A direita apontava ao paraizo,  
« D'onde a graça lhe vinha. O' triste rizo!  
« O' farça tão fatal! O' vão dezenho,  
« Que ias quaze trahindo o desempenho!  
« Assusta-se a menina vendo a estranha  
« Forma gentil de um joven, que se estranha  
« Nos sacros penetraes de seu retiro;

« Fita os olhos no chão; alto suspiro  
 « Exhala; ao coração desce o desgosto;  
 « E o pudor virginal chamando ao rosto  
 « A cõr, a fez tão bella, que se a vias,  
 « De inveja, linda rosa, morrerias.  
 « Mas emsím, serenada a tempestade  
 « Descubro-lhe a feliz proximidade  
 « Do gran Reparador: que nova aurora  
 « Devia d'este sol ser precursora:  
 « Que desabrocharia o mais vidente  
 « Calis este pestilo e finalmente  
 « Que ella mesmo era a egregia creatura,  
 « Unica preeleita á gran ventura.  
 « E quando imaginava, que embaixada,  
 « Nunca da natureza imaginada,  
 « A derretesse em prantos de contente;  
 « Tornou-me, que era virgem, indiferente.  
 « Como se preferisse a virgindade  
 « Ao dom da divinal maternidade.  
 « Rara innocencia! pejo inda mais raro!  
 « O'feito nunca visto! O' dom preclaro!  
 « Em tal ponto de estima e de grandeza  
 « Maria préza a virginal pureza.»  
 Tal o nuncio do Olympo concluia  
 O breve conto: e a fausta companhia  
 Como ter concluido ja notasse,  
 De novo lhe rogava, que narrasse  
 Outras mais aventuras; que o sucesso.  
 Se bem que ignorem, sabem que é de preço.  
 Annuio o celeste, e a voz fagucira  
 Ordem nova seguiu desta maneira:  
 « Ihe prodigo na humana natureza  
 « Ser humilde no fôco da grandeza:  
 « Assim que o homem toca a altiva esphera  
 « Só se lembra, quem é, mas não quem era.  
 « Mal que se vé tropheo no ar alçado  
 « Da ventura, ou seu monte sublimado;  
 « Mal que lhe ri fortuna, e a gloria o exalta;  
 « Eis se esquece o que foi, e o que lhe falta.  
 « E por fado, que á lei se não coaduna,  
 « Muda o genio, se muda de fortuna.  
 « Mas não é que se visse este desfido  
 « Da illustre Virgem māi no illustre peito.  
 « Apenas sente o thalamo florido  
 « Do ineffavel botão; tendo sahido  
 « Que a senil consanguinea attrahira  
 « Tambem do Céo favores; já suspira  
 « Por gratular com ella o beneficio  
 « Que a ambas outorgara o Céo propicio.  
 « Já deixa o patrio lar, busca a parenta,

« E grande e humilde, a urbanidade estenta.  
 « Não lhe aterra o fantasma da joruada,  
 « Nem do sexo a verdura delicada;  
 « Não lhe sugere à mente o novo cargo.  
 « Da filaucia cruel o fel amargo:  
 « Dictando-lhe, que o fructo do cortejo.  
 « Fora certo abater-se, e com sobejô.  
 « Antes conhece, que não tem estima  
 « O esplendor, se ao mortal a graça intima,  
 « Que em circunstancias taes, tal conjunatura,  
 « Está a gloria em ceder do emprego a altura.  
 « Empenhe-se entre tanto a natureza  
 « Em festejar os passos da Princeza:  
 « Baixem do Olympo turmas, e em seus braços  
 « Tomando-a com prazer, poupe-lhe os passos.  
 « Ah! não sejam as plantas magoadas  
 « Da debil Virgem māi nas argentadas  
 « Abobadas do Céo o resplandente  
 « Luzeiro Eome embote a setta ardente,  
 « Por não lezar-se da solar quentura  
 « A linda flor do Empyreo: da espessura  
 « Aligeros Demódocos gorgejos  
 « Trinando, lhe consagrem seus recreios;  
 « E vós, vivos thurib'los das campinas,  
 « Ephemeras na vida, vós boninas  
 « Pavimentae o solo, para quando  
 « For a filha do Príncipe passando.  
 « Nos evos pois por vir, se assigurado  
 « Houver habil pincel em quadro alçado  
 « Um portico, marmorea escadaria,  
 « Retab'los de jardins com symmetria;  
 « Ao longe no horizonte serra erguida  
 « De silvestre arvoredo; na sobida  
 « Sobre o têpo Matrona idosa abrindo  
 « A outra os braços que vae progredindo;  
 « No atrio dois anciões, como à porfia,  
 « Saudando-se com mostras de alegria;  
 « Antolha-se ao vulgar que é um cortejo,  
 « Mas que mysterios na pintura eu vejo!  
 « Que senado já mais reunio a terra  
 « Que tanta santidade illustre encerra!  
 « Que assembléas de reis, ou que aureos tectos  
 « Votaram em consulta mais projectos  
 « A favor dos miserrimos humanos,  
 « Que estes insontes lares soberanos?  
 « Que germes, que penhores sublimados  
 « Nos carceres maternos retardados?  
 « O verbo, e seu correio, que meninos!  
 « A que empregos chamados! Que destinos,  
 « Que instrumentos feis nos deus consertes

« Da eterna salvação! Que doces sortes  
 « Dos toros maternas! E que príncezas  
 « Idólos da fortuna, e das grandezas  
 « Poderiam nos dons ser confrontadas  
 « Com estas duas mães assortunadas?  
 « Era o Céo palcherrimo da Igreja  
 « Que assoma; e qual aurora o Céo alveja.  
 « Ou antes era o Empyreo passeando  
 « Pela terra, e encuberto a consagrando.  
 « Era emfim a semente, que escondida  
 « No seio do terrão, reproduzida  
 « Irá abrinhando rebentões virgentes,  
 « Q' engrossando co' tempo, em coma ingentes,  
 « Farão tal espessura, que meobriga,  
 « Que das aves do Céo sejam abrigo,  
 « Trabalha por transpor o claustro escuro  
 « Tanto que pressentira do Céo puro  
 « Seu pregociro o rei; e anticipado  
 « Quer encher o preconio sublimado.  
 « Então do immenso alternam maravilhas  
 « Da levítica tribu as duas filhas.  
 « A consorte ancian do taciturno,  
 « Que do preclaro Abia rege o turno,  
 « Sacerdote, tocada de almo zelo,  
 « Co' a rival de louvor nutre um duello.  
 « Mas quanta mais encomios lhe condona,  
 « Tanto a virgem ao seu náda se abandona.  
 « Se a faz milagre das terrenas filhas;  
 « Responde-lhe, que o Céo faz maravilhas.  
 « Se, por ser Mãe do Eterno, a louva, e gava;  
 « Torna-lhe, que do Eterno é mera escrava.  
 « Se diz, que Deus é prodigo em favores;  
 « Toma-lhe o tom, e entoa a Deus louvores.  
 « Taes nas sestas amenas lá do estio  
 « Duas aves, em mutuo desafio,  
 « Trazem o prado, e os mesmos ares cheios  
 « De seus doces reclamos, e gorjeios.  
 « Então compáz Maria o immortal canto,  
 « Da humildade tropheo, do orgulho espanto.»  
 D'esta arte o tempo os Anjos vão passando,  
 Casos mil referindo ou escutando.  
 Alguns louvando vão sua coragem  
 Sem par, e exemplo: quando na voragem  
 Do sanguinoso mar de um Deus insonte  
 A scena vio impayida no monte...  
 Es tu, barbaro Moria, a quem aceuza  
 Co' eternas menias lacrimosa muza  
 Porque notando a universal pintura,  
 Extincto o sol, em lucto a etherea altura,  
 Desabando-se os montes: do alto templo

O véo por si rasgado sem exemplo;  
 As rochas, por convulsas, escarpadas;  
 E dos mortos as cinzas reanimadas:  
 Ella só junto á cruz em pé sustinha  
 O ar, e a magestade de rainha.  
 Secos os olhos seus, sereno o rosto.  
 Qual um rochedo ao mar, e ao vento exposto.  
 Sendo que internamente a magoava  
 Ferreo gume de dor, que a apunhalava.  
 Tal de longe dos muros a cidade  
 Mostra tranquilla estar: mas na verdade  
 Dentro do seu recinto serve tudo;  
 Presente-se um murmurio vago, e rudo  
 De artes, pleitos, commercio, e um gyro insanoz  
 Sem fallar nas paixões do peito humano.  
 Ha nos ermos do espaço um volumoso  
 Planeta, de vapor sempre nubloso.  
 Onde os raios do sol pouco claream  
 Pelas fumaças turbidas que ondeam  
 Os vulcões, que alli fervem. Tão ingentes  
 Miasmas deitam, que da terra as gentes  
 Tem padecido já, se o ar se empece  
 Da putrida infecção, que d'allí desce.  
 Aqui postam-se os dragos de emboscada,  
 Por surprender a pompa descuidada.  
 Assim no immenso mar pirata forte  
 Em silada espreitando; de Mayorte  
 O ferro globo sibilante emprega  
 Sobre incauto baixel que alli navega.  
 Aqui extrahiram dos vulcões ardentes  
 De enxofre, cinza, e sães, ingredientes;  
 E assim mexeram, e taes voltas lhe deram  
 Os chimicos do cábos, que compozeram  
 Este pó destructor, que tantos danos  
 Cauzado tem aos miserios humanos.  
 E' de então, que se data no profundo,  
 Quando uascoo segunda morte ao mundo.  
 Ja vão tentar nos bronzeos instrumentos  
 Os seus sulfureos, infernaes inventos  
 Forjam enorme tubo, que accendido  
 Com o pó extourou: o gran ruido  
 Os fez rir: e d'esta arte nasee á terra  
 A bombarda medonha em paz, e em guerra.  
 Tentam depois panelas empregantes  
 De metralha mortal, que crepitantes  
 Vomitam na explozão milhões de mortes  
 Por varias partes, por diversas sortes.  
 Bocas de fogo mil são inventadas,  
 Nas formas, e tamanhos variadas  
 Feros trabucos, longas escopetas,

Acabado o cortejo, de concerto  
Curtas clavinas, grossos bacamartes;  
Mais fortes Egides dos bravos martes.  
Invenções infernaes, artes guerreiras,  
Da fera libitina mensageiras.

Quaes o cyclopes, que descendo, e alcando  
Os malhos em calencia, iam malhanda  
Nos mtaes; a compor as armaduras,  
Que Accidalia alcançou por mil ternuras  
Do sordido marido, porque armado  
Fosse o troiano heroe, seu enteado;  
Taes estavam os monstros denegridos,  
Em diversas manobras entretidos.  
Um lima o brouze; aquelle puxa o folle:  
Este do fogo o ferro em braza, e molle  
Tira co' as mãos: estoutros na bigorna  
Batem, reviram; molham n'agua morna.  
Muitos estam c'os braços regaçados  
Broqueando os cylindros torneados.  
E d'esta sorte vazos mil fundiram  
Ao pó fatal, que a pouco descobriram.

Ergueram além d'isto as magas artes  
Do logar por defezabaluartes;  
Grossas muralhas, torres, baterias  
Gargantes de vulcano, artilherias.  
D'elles depois os homens é, que houveram  
Esta arte matadora, a quem pozaram  
De tactica de fogo o honesto nome,  
Que a humana geração cresta, e consome.  
Tactica, que abrazando o campo, e os mares,  
Vae devastando os homens a milhares;  
Com tal furor, com sanha tão renhida,  
Como se fôra longa a curta vida.  
Por toda a sorte emfim de ardís, e enganos  
Tentam opor-se aos choros soberanos.  
Oh cegueira fatal! Oh teima estranha!  
Como se contra Deus ha força, ou manha.  
Desertores do Olymbo, astros cahidos,  
Pelo orgulho, os exemplos aprendidos  
A' custa de tão misera experienzia,  
Não vos domaram inda essa insolencia?  
Mas tu, suberba, és tal, cousa pasmosa!  
Que quanto mais calcada, mais teimosa.  
Já das portas de bronze torreadas  
Vão sahindo na marcha acceleradas  
As cohortes do Estyx: tremem nos ares  
Negras bandeiras: tubas militares  
Fazem tudo atroar. Nunca se viram,  
Quando os paúes Niloticos cobriram,  
As dez pragas, de insectos mais enxames;

Que ora do Dite as legiões infames.  
Já os eneos cylindros sulfurosos  
Na explozam, e rugidos espantosos,  
Nos celestes espaços ribombavam,  
Das ignívomas bombas, que arrojavam.  
Conheceram os Anjos, que a anarchia  
Do inferno vinha aguar sua alegria.  
Como se o seu destino fôra o effeito  
De um solar, que não tem prazer perfeito.  
Ou triste consequencia, e ferreo fructo  
De um crime original, de um pai corrupto.  
Bem podera, a querer, por tudo em terra  
A Virgem, cujo acceno o Oreo atterra.  
Mas, ou porque intentava confundido  
Ver o orgulho do inferno; e que vencido  
Com todo o seu rancor, poder, e furia  
Fosse dos poucos seu, que é mais injuria;  
Ou porque já inspirada conhecia,  
Que opportuno favor do Céo descia,  
E que imprevista emfim qualquer victoria  
Dava aos Anjos mais graça, a Deus mais gloria:  
O certo é, que indiferente olhava  
A manobra infernal, que Pluto armava.  
Julgam-se poucos, e com pouco abrigo  
Os celestes á vista do inimigo,  
« Divina guarda angelica, exclamaram,  
« Cujos raios no abyssmo já arrojaram  
« Da suberba os dragões; se é esta empreza  
« Tua, tua tambem seja a defesa.  
« Salva o decôro teu, que esta victoria  
« E' um sacro dever de tua gloria.  
« Não diga por ludibrio o cahos sanhudo,  
« Que é o Deus dos Anjos? Nelle escudo  
« Não tem; e assim teu nome tão sagrado  
« Seja no Fxtyx dos monstros blasfemado.»  
Isto dito; eis se aprestam de concerto  
As hostes repellir; quando no aperto,  
Oh escudo do Céo, que nunca falha!  
Antes de dar-se a horrisona batalha,  
Chega o Nuncio do Olymbo, o enviado  
Michael, que o cahos vendo em massa armado,  
Aos collegas bradou: « Não ha perigo,  
« Eis-me aqui, não temais, vede o castigo:  
« Vede como um agente só do Eterno  
« Calca aos pés o rancor de todo o inferno.  
« Deixai-me essas falanges revoltosas,  
« Indoceis a mil quedas vergonhosas:  
« Vulgo sem brio, sempre derrotado,  
« Nem por tantas derrotas assizado.  
« Deixaç-me, pois que já por muitas partes

« Fiz arrastar o pó seus estandartes:  
 Balas ardentes, ferreas palanquetas,  
 « Qual fumo em vento, qual em fogo a herva.  
 « Perante mim é tudo debil palha,  
 « Que ao leve sopro do tufão se espalha.  
 « Se co' as aguas lustraes podem humanos  
 « Atterral-os, nós entes Soberanos  
 « Não poderemos mais? Nós escolhidos  
 « Mensageiros do Eterno, e a elle unidos?  
 « Podemos.» Disse: e bravo, e em chamma accezo  
 Brande o ferro fatal, e com tal peço  
 Baquea no tartareo nevociro,  
 Que elle só vale um batalhão inteiro.  
 Os olhos eram fogo, ira o aspetto,  
 Raios os braços dous, coragem o peito,  
 E contra as furias do Orco embravescidas  
 Leão, que atasalhando espavoridas  
 Ovelhas vaca. Já mais se vio na terra  
 Tão destro militar na arte da guerra.  
 Se os batalhões ferozes cá do mundo  
 Experto elle mandara, e furibundo,  
 Maior, que este Romano, ou Peno, assello,  
 Que nunca fora Cesar, nem Marcello.

Segue o exemplo gentil, e assim fazia  
 A milicia immortal, de que era guia.  
 Subito dando sobre os scelerados,  
 Que com golpes fataes sam conculeados.  
 Fervem os dardos, chovem as lançadas,  
 Cruas feridas, feras estocadas;  
 É tudo confuzão, tudo bravura,  
 Tudo se encontra, tudo se mistura.  
 Tal no tufão do vento repeatino  
 Batem portas, o pó gyra em contíno.  
 Entenebrece o Céo, em um instante  
 Tolda-se o ar, ha pouco inda brilhante.  
 Debanda-se o redil, fogem pastores.  
 Bate a fructa no chão, rompem-se as flores,  
 E das arvores sobem pelos ares  
 Em turbilhões, as ramas a milhares.

« Fugi, sombras aerias, (exclamava  
 O Anjo exterminador) fugi óh brava  
 « Phlegetonte caterva, que o rugido  
 « Do Leão de Judá tem já vencido.  
 « Dizei ao vosso rei, que deixe o mundo,  
 « E cuide só das trevas do profundo  
 « Que a se prostituir foi a partilha,  
 « Que ganhou-lhe a suberba sua filha.  
 « Dizei, que aqui não vam as negras furias,  
 « Que no céhos soffrem seus grilhões, e injurias.  
 « Que aprenda a se humilhar já desde agora

« A' mãi do seu Senhor, sua Senhora:  
 « Cuja sombra em Eden, se só possivel.  
 « Lhe foi fatal; verá, que é mais terrível  
 « O vivo Original: e que se abstinha,  
 « Se é que a novas desgraças não se empenha.»  
 Disse: e os monstros batidos evadindo,  
 Como chuva no céhos foram cahindo.  
 Taes as nocturnas aves vam-se embora,  
 Mal que assoma no Céo titonia aurora,  
 Buscando a escuridão, e não soffrendo  
 O pharol, que as deslumbrá, e vem nascendo.  
 Livre o campo, o jardim, o aprisco, tudo  
 Do agudo guincho seu, do dente agudo.  
 Ou taes nas salas fulgidas feneçem:  
 Rutilos a brilhar lustres custosos,  
 Das artes os tropheos mais orgulhosos;  
 E tu, muda poesia, alta pintura,  
 Que és da nivea parede a formozura.

Emfim pagando estaão com mil supplicios  
 Seus preversos ardís, seus artificios.  
 Porque no lar do horror, e da desordem  
 Estas furias se irritam, e se mordem,  
 Como leões raiivosos, e sedentos,  
 Se abortam, ou naufragam seus intentos.  
 Eis os premios aqui, e os condemnados,  
 De que eram de seu amo esperançados,  
 Em um golpe de vista se faz tudo:  
 O ar se aliza, o vento ficou mudo:  
 Dissiparam-se as nuvens, o Céo brilha:  
 Torna a virginca paz, que é sua filha:  
 Em throno azul celeste a calma desce,  
 E a horrissona borrasca se evace.  
 Passa o bem ao pezar, que dissipado  
 E' menor, que o prazer, o mal passado.  
 Então c'o a Virgem o Nuncio reverente  
 As commissões encheo do Omnipotente.

Saibam porém as gerações do mundo,  
 Que depois que as estrellas no rotundo  
 Estellítero polo tem o imperio  
 Sobre as nocturnas sombras do emisperio,  
 Depois que o matutino, e crocco etonte  
 Puxa o carro, de aljofar no horizonte;  
 E as sombras dissipados seus horrores  
 Derretem-se em orvalho sobre as flores;  
 Depois que a onda irada quebra a furia  
 Na movediça aréa, sua injuria;  
 E á voz se humilha, que lhe diz possante:  
 « Para aqui, não escoes mais avante;  
 Nunca em Deus se adorou tanta bondade,

Nunca em mortal se viu tanta humildade.  
 « Vereis já dispensar-se esta caterva,  
 Assentaram os Anjos ser acerto  
 Levar a casta Mãe do alto Messias  
 Ao logar, onde estão Enoch, e Elias,  
 Porque fossem co' a vista recreados  
 Tão santos paes, varões tão sublimados.  
 Pois que de longe tinham já previsto  
 Nas figuras da lei a Mãe de Christo.  
 Vissem tambem de perto e de passagem,  
 O proprio original, depois da imagem.  
 Agradou o conselho; felizmente  
 Ninguem se oppoz, mas antes geralmente,  
 Obtida a facultade da Rainha,  
 Para lá toda a pompa se encaminha.

Quanto é doce a virtude, quando alcança  
 Tocar a meta, extinta já a esperança!  
 É neda a lucta antiga transitória  
 Em razão do prazer, que dá a victoria.  
 Transmutam-se os espirhos, e os rigores  
 Em mar de gostos, em vergeis de flores.  
 Nesse instante risinho, extremo instante,  
 Quizera mais perenne, e exuberante  
 A tortura da mal fadada vida,  
 Que coroa alcançou-lhe tão sobida.  
 Então, qual folha secca, a realze  
 Dos sceptros se lhe antolha; a van riqueza,  
 Deosa de argila vil, que o cego adora,  
 Por quem se avulta o avaro, o louco chora;  
 A fortuna, seus risos, suas flores  
 Com as palmas dos bravos vencedores,  
 É tudo sonho vão, que se esvaece;  
 Ela só fica, tudo o mais perece.  
 O mesmo excuso Rei do ethereo assento  
 Ordena se lhe faça o acatamento:  
 E seus ministros, immortaes bellezas,  
 Sam os Nuncios fieis de taes empreza.  
 O' destino feliz! ó gran ventura!  
 Digna da inveja na maior altura!  
 O' virtude sublime! O' dons preclaros!  
 Porém fatal cegueira! Se são raros,  
 Os que o preço conhecem, que a sublimo;  
 Quanto é mais raro o numero, que a estima!

## CANTO TERCEIRO.

## ARGUMENTO.

*Descrição do Paraíso, onde estam Enoch, e Elias. Um ligeiro esboço de sua missão.*

*Pratica, que teve o propheta Elias com a senhora, em que lhe provi sua isenção à culpa original. Elogio, que lhe fez o patriarca Enoch. Emfim rogam-lhe, que lhe narre sua morte, e seu triunfo.*

Há no seio do immenso uma paragem  
 Escondida aos mortais; do Céo imagem  
 Logar santo, ditoso, sem pezares,  
 Onde os prazeres gyram a milhares.  
 Habitâo da paz, solar do rizo,  
 E com razão chamado paraíso.  
 Acolá se entrelaça, como a hera  
 Co' rico outono a olente primavera.  
 Frescos sempre os matizes da campanha  
 De perenne verdor, de graça estranha.  
 Não adulam a vista n'estes prados  
 Arvoredos por ordem alinhados:  
 Nem marmoreas columnas soberanas  
 De varias ordens gregas ou toscanas.  
 Nem maquinas hydraulicas que as puras  
 Aguas deitam por varias mil figuras;  
 Só reina a natural simplicidade,  
 Que exceje sempre a arte em magestade.

O Muza, dà a meus versos a doçura  
 Dos fructos, de que vou dar a pintura:  
 A manga doce, e em cheiro soberana,  
 Que imita o coração, no galho usana,  
 De um lado a crócea cor e fulva exalta,  
 Do outro lado porém retrata aquella  
 Que o pudor chama ás faces da donzella.  
 Pendendo estão os raios verdejantes  
 Os cajús, a saude tão prestantes,  
 Uns amarellos e outros encarnados,  
 Das gostosas castanhias coroados,  
 Talismans, que lhes deo a natureza,  
 Por não se fascinar tanta belleza.  
 Odoriferos jambos coroados  
 Alvejam na vergonha apinhados.  
 Negreja o liso abrunho, envolto em lucto  
 O qual da Syria veio; e o debil fructo,  
 Que la de Cerasútha o nome toma,  
 Por Lueollo trazido á velha Roma.  
 Entre as folhas gigantes laceradas  
 Dos bananaes espessos arranjadas  
 Lourejam suas filhas, aguçando  
 O apetito e os olhos afagando.  
 Dos folhudos festões estão pendentes  
 Pelo tronco trepando, os recendentes  
 Fructos da agreste flor, quadro imitante

Do martyrio, e paixão de um Deos amante,  
Gemem emfim as arvores curvadas  
Com o pezo das fructas sazonadas.  
Do limão virginal, da aurea laranja,  
Pomos d'ouro talvez, que em vossa granja  
Hisperedes zelaveis; mas colhidos,  
São por Tyrinthio a Euristheo trazidos.  
No mesmo ramo encanta a formosura  
Da fructa em flor, da verde ou já madura:  
Mostrando a natureza aqui reunido,  
Quanto n'outros sazões tem repartido.  
Tal matrona fecunda em proles bellas  
Nubeis tem, uma ao collo e outras puellas.  
Assim n'un quadro so pinceis mui habeis  
Dezenham mil objectos delcitableis.  
Assim por San'Joao, no mez nevado,  
Depois do esbulho teres supportado  
De tuas ramas velhas, ó roseira,  
Aos astros te apresentas lisongeira,  
Quando as novas de rosas mil enxertas;  
Humas inda em botão, outras já abertas.

Em vam nedeos racimos a encrespada  
Vide, que com o olneiro está casada  
A' luz phebea expoem, tanta riqueza  
Ai! da pompa é trophéo, é só belleza.  
Aligero cantor da etherea estancia  
Apenas prova parte da abundancia.  
Tal era a sorte de outras muitas fructas,  
Sempre das mãos intactas, e incorruptas.  
Tal a da pinha, que trazida outrora  
Do Eó paiz, berço da aurora,  
Com seu nectar suave torna escravos,  
Abeijas do monte Hybla, vossos favos.  
Tal a tua, ananáz, rasteiro e baixo:  
Mas que tens por corda alto penacho,  
E vestido de escamas, qual guerreiro,  
Um hálito bafejas lisongeiro.  
Nem baixo te reputes deshonroso:  
Tal de Carlos o pai, mas foi famoso.  
E o bravo lá da Emathia, na estatura  
Apoucado, foi raio da bravura.

Sem dar acceso á Phébo a intonsa coma,  
Os bosquos todos sam troncos de aroma,  
Seus ramos elevando nos áres puros.  
Ao vento indeceis, ás borrascas duros:  
Tudo, quanto perfuma o ambiente,  
Balsamos, canella, incenso ardente,  
E tu, cedro odorifero, que exhalas  
Fragrancia, ardendo nas Circéas salas;  
Quando do Ithaco os socios lá chegarem,

Que em ursos pela maga se voltaram.  
A cynirea prole criminosa.  
Do bello Adonis māi, toda chorosa,  
Lembrada inda do crime, ali goteja  
A lagrima gelada, e bem fazeja.  
Vegeta a rama, e a folha perfumante,  
Com que Daphne roubou-se ao cego amante.

Negros picos, e fragas se avistavam  
Que ao longe os ceos serenos topetavam;  
Donde se despenhando crepitantes  
Alveos de varias lymphas escumantes:  
Vinhama dormir nas fraldas, e campinas  
Sobre leitos de areas chrystallinas.  
Tanques Lordados do matiz de Flora,  
Doce attractivo do cantor da aurora.  
Prateados peixinhos agitando  
As caudas, pelo fundo estam brincando.  
Pelos prados floriferos serpeam,  
Humectando o matiz, de que se arreiam,  
Perennes aguas, fontes peregrinas,  
Quaes liquidas riquezas argentinas.  
Rolando vem com ellas pelo fundo  
Folhetas d'ouro; e tudo, quanto o mundo  
Em preço tem; o rígido diamante,  
O rubi, que da brasa é semelhante;  
A amathista, a chrysolita, a turqueza,  
Lapidadas da propria natureza.

As margens dos ribeiros sam tecumes,  
Que o ar incensam com snbtis perfumes.  
Rasteira madresilva, hervas cheiroosas,  
Do fresco orvalho sem cessar chorosas.  
Assim como na seda, ou rica tella,  
A agulha brinca da gentil donzella;  
Tecendo com mil fios, e mil cores  
Primorosos padrões, varios lavores;  
Tal era d'estes prados a pintura.  
Que das aguas recebem a frescura.

Alli, purpureo cravo, tu vegetas  
Sem sentires do Sol ardentes setas.  
Sempre fresco, e brihante, sempre intiero,  
Eterna a tua cōr, eterno o choiro.  
E tu, sol dos jardins, rosa engracada,  
Que já na Tyria cōr, sublimada,  
Ostentas, de Rainha cōr a preminencia  
A vegetar alli tanta excelencia  
Ostentas que em bellesa inda as mais bellas  
Vences, como no Cōo Phēbo as estrellas.  
Vecēja de Biemen a estranha planta,  
Cuja amendoa torrada o gosto encanta.  
A flor, que desabroxa só nocturna,

E se agrava ao raiar a luz diurna.  
E a triste em cér tambem, que matizando  
De rouxo o prado, à Igreja está imitando  
No tempo, em que na cinza amargurada  
Chora do esposo a scena já passada.  
A magdonia thurierema, que incensa  
Do grão Temistitão a riba extensa:  
De quem a florecencia dáta os annos,  
E épocas memoraveis dos paizanos.  
O amarello Ipé, tão lisonjeiro  
Nas ribeiras do placido Janeiro:  
Prezado berço meu, que fez a sorte  
Do aurifero Brasil o centro e a Corte.  
Por cujas matas, solidões amenas  
Tambem correm Castalias: e as Camenas  
Ao som das citharas do Pythio louro  
Afinam vozes, cantam versos d'ouro.  
Tambem do alpestre Corcovado descem  
Perennes aguas, que não desmerecem  
As que borbulham sobre a areia fina  
Do talco argenteo, lá na Caballina.  
Brilha em sum a familia toda em summa  
Da balsamica Flora, que perfuma.  
Diversa nas especies, e figuras,  
Grata nos cheiros, linda nas pinturas.  
Anemones, jasmins, goivos, acantos,  
Roxos lirios, perpetuos amarantos;  
Cujas faces os Zefiros beijando.  
Vam lascivos o ár embalsamando.  
Não menos brilha e ostenta, que o de Flora,  
O alado esquadrão, que ella namora.  
Pelas margens do lago, em passo lento,  
Procura a nivea garça o seu sustento.  
Geme a casta rolinha lá da inculta  
Brenha, quando o calor do Sol ayulta.  
Curvada com seu pezo, sobre a espiga  
Já loura do arrozal, a doce intriga  
Modula o coleirinho, e lá do ramo  
Da aroeira responde o gaturamo.  
Sobre um tronco despido o empavesado  
Pavão eis que escurece co' dourado  
Dos olhos do pastor e bellas pintas,  
Mensageira de Juno, as tuas tintas.  
Cruzavam pelo ar, bem como flores  
Aligeras, alados de mil cores.  
Diricis, que a brillante primavera  
Deixando o prado, matizava a esphera.  
O pequeno colibrio, esta ave rara;  
Trophéo na pequenez da Mão, que a ornara,  
Ostenta o peito d'ouro; e esvoaçando

Com sussurro e tremor, anda libando  
O nectar, e duleissimos sabores,  
Que encerra o calix das mellifluas flores.  
Pygmeo na esphera das gentis volantes,  
Se na esphera das aves ha gigantes.  
Ve-se o ninho co' bico o passarinho  
Tecer, só da consorte o alado arminho  
Soccorros tem; e na cruel fadiga  
Ser o peito o campaço o instinto obriga.  
Porém nas dimensões com tal destresa  
Que não céde ao Geometra em certeza.  
Aqui paixões não ha, não ha cuidados,  
Nem desejos de gloria illimitados.  
Nem ciumes de amor, e a van cobiga,  
Que o fogo da ambição ao peito atiça.  
Não soam bronzes tristes e agoureiros.  
Das pompas Sepulcraes mil pregoeiros.  
Nem o rouco tambor bellico; a bandeira  
Não treme em batalhões; nem tu, guerreira  
Tuba, despertas com teu som tirano  
O povo a esperdiçar o sangue humano.  
Tange a virginea paz, balha a alegria,  
Ou se recolha o Sol, ou nasça o dia.  
Somente só a o gorgear das aves,  
Cujos reclamos são, e échos suaves,  
Dos Padres a harmonia em doces hymnos,  
Do ser interminavel metros dinos.  
Metros doces, grádiloquos, alçados,  
Por elles concebidos e rimados;  
Que na gloria, em que exultam, não desprezam  
As filhas da memoria, antes se prezam  
De enltivar esta arte peregrina,  
Que com sublimes dons, com voz divina  
Eterniza a virtude, e Omisciencia (encia).  
Do ser, que é mesmo a gloria, é mesmo a Si-  
O triste enchame das doenças magras,  
E as salutiferas potagens agras,  
Que tu pharmacia provida excogitas,  
Acolá não se encontram: taes desditas  
Desertam deste clima venturoso,  
Lempre salubre, sempre vigoroso.  
Tambem ignora o innocenté sólo  
A intriga da chicana, a fraude, e o dolo.  
A fôa ingratidão, cuja torpeza  
Deshonra a mente, e mancha a natureza.  
E a fome, que aconselha sempre o crime;  
E outros, de que se o mundo nunca exime.  
Já mais alli se vio lá no horizonte  
Erguer-se a nuvem roxa atraz do monte:  
Que gera com estranha brevidade

Triculea chamma, horrivel tempestade,  
So bafeja um favonio meigo e brando,  
Que o ar alaga, e que de quando em quando  
Soliçoso derrama das folhinhas,  
Em riquezas de ajojar mil gottinhas.  
Nada emfim ha de quanto afflige e aterra,  
Sereno sempre o ar, serena a terra.

Não direi que no amago da annosa  
Fata se esconde driada formosa,  
Que os travessos capripedos dão saltos  
Na campina, alternando baites altos.  
Que as napeas, brincando pelos prados,  
Seus risos lhes consagram, seus agrados.  
Nem que velho Sileno, honrando os velhos  
Dicta ao joven Thioneo almos conselhos.  
Não, so pre-ideam anjos tutelares  
Que do lugar dissipam os pezares.

Nunca os jardins da fama celebrados  
Jamais foram com este equiparados.  
Aquelle entre os Pheaces applaudido,  
E do argofico cysue encarecido ;  
Causse-se a musa, e fique emfim cansada  
Do cantor esmyrneo, a este e uada.  
Puse outro, que ostentara a realza  
No soberbo festim, e a grão riqueza  
Do consorte de Esther, e houve a caitura  
De mãos sceptrigeras ; e van piutura.  
O Tempe de Thessalia, que escaldara  
Outr'ora o estro, dos que a lympha clara  
Beberam do Aganippe, e do Paraiso;  
Ao pe deste painel é vacuo prazo.  
Vós mesmo, que a pezar da grão cacreira  
De sec'los desaseis, vista fagueira  
Ao Macedonio destes 6 immensos  
Babylonios vergeis, no ar suspensos ;  
Vós sois brinco infantil, sois mero riso,  
A' vista deste illustre paraizo  
Risco do architector que sem compasso  
Curvalinha traçou no ethereo espaco.  
Feliz habitação, se cá no mundo,  
Ou se fóra do ceo, painel jocundo  
Podesse haver da bemaventurança ;  
Tu fora a copia so, so semelhança.

Em grutas de alabastro, matizadas  
De rosas, por jasmins entrelaçadas.  
Habitam em perennes alegrias  
Os santos ancíos Enoc e Elias.  
Acolá não se ve ouro, ou diamantes,  
Nem lagrimas memnonias rutilantes,  
Nem tropheos de estructura alta e subida :

Que nisto não está o prazer da vida.  
Dourados tectos, pavilhões eustosos,  
Tambem cobrem suspiros amargosos.  
Ornara a lapa a madre natureza  
De nobre gosto, mas com singeleza.  
Uma vida fecunda, alta e remosa,  
De lozidios pesos orgulhosa,  
Verdejante docel alli tecia  
Impervia aos raios do fanal do dia.  
Aureas prisões pendentes não brilhavam  
De aligeros gentis, nem precisavam :  
Que na vide milhões destes cantores,  
Tevendo ninhos, e nutrindo amores,  
Com perpetuos tribunatos dos raminhos  
Lisongeão de cima os doux visinhos.  
Alli plantada estranha arvore estava,  
Unica e singular que se chamava  
A arvore da innocencia ; abastecida  
De folhas d'ouro, grossa, annosa e erguida,  
No atulado da copa alta e sombria,  
Qual frondosa jaqueira parecia.  
Nella se aninharam leves e contentes  
Os dons que o ceo envia aos inoçentes ;  
Cujo gorgorio vario e amigavel  
Soava a confusão, mas delectavel.  
Saltam por entre as folhas as riquezas  
Ineffaveis da graça, que as tristezas  
Costumam dissipar dos peitos justos.  
No receio de errar sempre entre sustos,  
Os sonhos rapidos, que em seus grosseiros  
Leitos duros adzjam lisongeiros  
Trazendo-lhes de noite a phantasia,  
Quanto pensaram sobre o ceo de dia.  
Vão tambem as alegrias puras,  
Que os tornam insensiveis às torturas :  
E os desejos celestes atrevidos,  
Na cor das azas rubros ; os gemidos  
Do testemunho são da consciencia,  
Que é o brasão e a gloria da innocencia,  
E, sua filha, a paz, que acode ao rosto,  
E excede a todo vão terreno gosto.  
Perenne fonte mais risonha e clara  
Do que quantas a fabula sonhara,  
Alli está sempre, e sempre lacrimando,  
Por entre areas d'ouro sepeando.  
Quanto matiz reveste a verinal flora  
Que o povo alado de Aristeo namora,  
Com suave perfume e mil encantos,  
Thuricemando estão aos varões santos.  
Varões raros, varões assinalados.

Por Deos alli retidos e guardados  
Para os fins que elle sabe, e estao à espera  
Dos destinos, que o ceo delles fizera.

La no fim das idades, quando o mundo  
Caducou e a delirar for n'um profundo  
Abysmo de maldades subinergido,  
E o Senhor de mui poucos conhecido;  
Quando o crime sem pejo, impune e velho,  
Surdo for da virtude ao são conselho,  
E a vil degenerada humanidade  
Decorhecer decoro e probidade;  
Um monstro surgirá no meio disto,  
Denominado a besta, ou Anti-Christo..  
Celesto! Que blasphemó, e sem respeito  
Ousará disputar todo o direito  
So proprio do Eternal, como vapores  
Nahatheos, templo, altar adoradores.  
Seu imperio fatal será disperso  
Nos dous polos, que abarca o universo.  
Seus batalhões crueis, quasi sem conto,  
Como folhas do bosque, aguas do ponto,  
Irão rapidamente assoberbando  
Os incolas do globo; aos pes calcando  
Os povos bareaos, aonde mora  
A gente que primeira salva a aurora;  
Os que Phebo no mar vem sepultado;  
Aquellos onde sopra o congelado  
Austro, e as inhospitas longínquas ilhas,  
Da madre terra as engeitadas filhas.  
O triste, que o ferrete e o nome infame  
Do monstro em si negar, um novo exame  
De males soffrerá, tão espantosos  
Quaes nunca viram sec'los desditosos.

Com esta hydra truculenta e fia  
Tem de sahir dos dous heroes a aréa.  
Mas enquanto não chega, o voto ardente  
Desafogam dizendo: «Oh! se decente  
Fora ao fraco mortal chamar futuras  
Desgraças, por tirar dellas venturas,  
Quizeramos ja ver o fim fadado,  
De nossos sacrificios coroados.  
Todavia, cruel, se os nossos votos  
Podem ja int'ressar tempos remotos:  
Se nossas vozes candidas e putas  
Ja romper ousam as barreiras duras  
Do teu solio fatal, com ancia incrivel  
Nós te imploramos, sem que o mais terrivel  
Traces de exquisitissimos tormentos,  
Cruzes, rodas, punhaes, brasheiros lentos,  
Qu peiores ainda; mas que a vida

Não cures suffocar logo na lida.  
Sê ao menos cominosco misto humano,  
Que esta graça é do genio d'um tyranho.  
Pois no largo penar, na longa calma  
Se te cresce o rancor, nos cresce a palma.

Era o primeiro um velho agigantado  
De membros, que mostrava ter gozado  
Do mundo antigo a força tão crescenta.  
No diluvio depois enfraquecida.  
Eram suas feições, se bem que idosas,  
Na cor e symetria magestosas.  
Os membros bem talhados, a figura  
Perfeitissima, em si toda a postura  
Mui regular; por quantoinda a maldade  
Não havia estragado a humanidade.  
Se o dextro Phidias outra vez quizera  
Traçar com magestade a effigie vera  
Em marmore de Jove, sem desvelo  
Tinha neste ancião nobre modelo.  
Porém Jove piedoso, ternoo, brando,  
Não em furor, ou raios dardejando.  
Não se sabe a materia que trajava  
Se era lan, ou se linho; descansava  
Sobre um bastão de noz, tão grande  
Que sem encarecer affirmar posso  
Que um manecbo d'agora, o mais relâmpago.  
Não o movia, sem mover com custo.  
Tinha outro porte o vate do Carmelo,  
Cingindo os rins de sedas de camello.  
A barba intonsa e crespa ate ao peito  
Felpudo, fresco o rosto; mas o aspetto  
Um tanto carregado, e parecia  
Que inda o fogo do ceo descer fazia.

Nos momentos que aos extasis restavam,  
Scientificas matérias dissertavam  
Cogenio tutelar do paraíso,  
Ornando a mente, enriquecendo o siso,  
Que é do grato saber tão doce o enleio,  
Que até nos divos serve de recreio!  
A sombra de uma faia alta e frondosa  
Nutriam a conversa deleitosa.  
Ao pe assentados de uma crystallina  
Fonte, que murmurando ia à campina.  
A pressa de uma penha derivada  
Sempre de orvalho, e verde musgo ornada.  
Logrando n'um so ver toda a beleza  
Que não costuma unir a natureza.  
Lymphas que fogem, aves mil fagueiras,  
Frutas á vista, e flores lisongeiras  
Ao olfacto, e mil objectos divertidos

Que apraz a mente, e enlevar os sentidos.  
 Alli da sempre provida natura  
 Revelava o celeste a formosura ;  
 Seus segredos, seus dons, suas riquezas,  
 Que escapam inda a humanas subtilezas.  
 Bem como a reunião do corpo e alma,  
 Seu matuo influxo nas paixões, ou calma.  
 Das asserções zombando extravagantes,  
 Que deliram, ou sonham arrogantes  
 Philosophos subtis ; nome que allude  
 A quem mais rixa o vulgo ignaro e rude.  
 Descobrindo aos prophetas que o tangente  
 Do orgão visual era somente  
 Dos seres a extenção multiplicada,  
 Em varia cor, ou formas terminada.  
 Que as essencias das cousas, que as natureas  
 Eram inda noções vagas e escuras.  
 Que dos quatro elementos confundidos  
 E combinam os corpos conhecides.  
 Falsa a materia prima decantada,  
 Nem tal, nem qual, nem quanta. O que ? só nad.

Depois bellos discursos acrecenta  
 Sobre o fluxo e refluxo que apresenta  
 O tridente infiel, cujos segredos  
 Natura inda nos fecha em seus enredos.  
 Segredos que fadigas não pequenas  
 Por decifrar tem dado a duntas penas.  
 Sendo os caprichos tantos e os avisos,  
 Quantos são dos que pensam os juizos ;  
 Tambem à scena veio a tão reahida  
 Questão da cor infame e denegrida,  
 Que ao travez das idades succedentes,  
 Tingindo vem a tez das afreas gentes.  
 Mas no ramo prolifico e frondoso  
 Do reino vegetal, que o poderoso  
 Dedo eternal brincara de primores ;  
 É onde mais se espriam os louvores.  
 « De certo assombra o anjo proseguia,  
 « Como uma cousa so tanta energia  
 « Produz em tão multiplices sujeitos,  
 « Tão diversos phenomenos e effeitos  
 « A virtude matriz se communica  
 « Por milhôes de canaes que ramifica  
 « O pervio tronco, erguida ao mais alçado  
 « Botão desde a raiz que o tem brotado.  
 « Aqui é uma flor, alli novinho  
 « Rebentam, que se torna em um raminho,  
 « Acolá uma fruta saborosa,  
 « Que a cor vem pespontando d'ouro ou rosa.  
 « Mais além uma folha, ou a cortiça

« Do tronco que se engrossa ou que se erige,  
 « Tal por arte sagaz do jardineiro  
 « O vergel vai regando todo inteiro  
 « De uma so fontezinha a lympha pura,  
 « A orvalhar por sulcos a verdura.  
 « Na estação hyemal quasi que estanca  
 « O bemfazejo humor ; e mal que arranca  
 « A barreira fatal, que maravilhas !  
 « Que novas raças vem de verdes filhas !  
 « Rico outono, vaidosa primavera,  
 « Patentea os thesouros com que impera  
 « A pingue mesa lauta e o apparato,  
 « Que à donzella e altar serve de ornato.  
 « Que riquezas, que dons, que formosura,  
 « Que tanto esmalta a universal pintura !  
 « Novos ceos eis assomam, nova terra,  
 « Que o humido vapor de vós desterra.  
 « Tristes vestígios, restos que imprimira  
 « O pe brumal ao sol quando fugira.  
 « Brilha o olho da ceo puro e sereno :  
 « Rutilo o ar, risonho o prado ameno.  
 « O verde e vegetal veludo flores  
 « Traja, como atavios de mil cores,  
 « A pudica puella, que modrosa  
 « Ao pubero offerece a mão de esposa.  
 « Ri-se a relva do valle, ri-se a fonte,  
 « Ri-se ao longe tambem musgoso monte.  
 « Vem alados insectos susurrantes  
 « Roubar os succos mellicos fragrantes.  
 « Soa das aves nova symphonia,  
 « É das graças o tempo, é d'alegria,  
 « E tudo fausto agouro da riqueza,  
 « Que ostentará no outono a natureza,  
 « Quando as massas offerte, ja guisadas,  
 « Nos cheiros e sabores variadas.  
 « Em cujo gosto e madurez trabalha  
 « Não pouco o astro que de noite salha.  
 « Foi de certo em taes dias que o morgado  
 « Do predio universal se viu creado  
 « Entre flores e fructos, bafejando  
 « Do suave galerno o sopro brando ;  
 « Antes de repartir co'a immensa raça,  
 « Em retalhos da terra a immensa massa,  
 « Foi então que luziram as estrelas  
 « Pela primeira vez no polo, e as bellas  
 « Tochas d'outros luzeiros la do Olympo,  
 « Ditosa a terra, o ceo sereno e limpo. »  
 Assim passavam rápidos momentos,  
 Os inocelas dos gracos aposentos,  
 Quando chegaram emfim os conductores

**Da puerpera diva, e os dous cultores,**  
**Como a vissem chegada, a vassallagem**  
**Vão render a tão alta personagem.**

Vio-se então o lugar, de si mimoso,  
 Co'a presença da virgem mais formoso.  
 Não troavam as bocas de Vulcano  
 Equivoco prazer, som deshumano.  
 Pois não tinhainda o orco revelado  
 Do po desolador o infasto achado.  
 Não tinham das grimpas retangidos  
 Os bronzes festivaes, nem estendidos  
 Se avistavam tapizes recamados  
 De lavoros, no Hydaspe trabalhados.  
 Nem baluartes de sulphureas massas,  
 Agouros quasi sempre de desgraças.  
 So murmuravam mais as claras fontes,  
 Ja no fundo dos valles, ja nos montes.  
 Os gorgeios das aves recresciam,  
 Que os angelicos echos repetiam.  
 Os prados, as florestas perfumavam  
 Mais grato aroma que té li incensavam.  
 Retiniam nos bosques e nos ares  
 Os vivas e os aplausos a milhares.  
 Ja mais nas manhãs frigidas de agosto  
 Assoma a aurora com tão ledo rosto,  
 Bordando as flores e dourando a esphera,  
 No retorno gentil do primavera.  
 Nestes jubilos pois, e neste riso,  
 Entrava a pompa pelo paraíso.

Esse, que ao mundo veio, antes que o mundo  
 Fosse tragado pelo mar profundo,  
 Ferido de clarão tão desusado,  
 Extasiou-se, mas o illuminado  
 Vidente da Iduméa, que de perto  
 Vira um raio da gloria no deserto.  
 Reverente curvou-se; e desta sorte  
 Obrigou-lhe a romper o seu transporte:  
 «Oh Deos! Oh grande Deos! sempre estampado  
 « Nas obras de teu braço, onde em traslado,  
 « Ou elles sejam grandes ou pequenas,  
 « Nellas descrevem ineffáveis pennas,  
 « Em hieroglyphicos a sacra histori  
 « De teu nome e poder, de tua gloria.  
 « Na rocha colossal certo ar grosseiro  
 « Vejo, mas nisto mesmo um dom fagaceiro.  
 « A gruta solitaria, a inculta breuha  
 « Tua mão poderosa me desenha,  
 « O verme d'ouro e vil que o po revolte,  
 « Também mysterios tem, também involve  
 « Gracas mil, como a linda pregoeira

« Que do ceo preconisa a luz primeira,  
 « E assolhando a terra e os mares d'outra,  
 « De Pataras acorda o numen louro.  
 « Porém se cousas taes são so brinquedos,  
 « De teu rico pincel, quaes os segredos  
 « Serao do nunca visto desempenho.  
 « Onde estala o trovão de teu desenho?  
 « Tecem as aves delicados ninhos  
 « Aes pennugentos languidos fitinhos,  
 « Urde o verme delgados ricos fios  
 « Por fugir ao rigor dos ares frios;  
 « So se geram nas conchas prateadas  
 « As lagrimas da aurora congeladas;  
 « Throno d'ostro e de gemma preciosos;  
 « Para si se adereça o rei vaidoso;  
 « E tudo o rei, da perla, da ave insanta  
 « Senhor, serás tão pobre ou tão abjecto?  
 « Que um asylo não busques mais prestante  
 « Que a seda, o ouro, a perola ou diamante?  
 « Que mais florido thalamo fizeras,  
 « Quando em pompa de esposo descendes?  
 « Dos paços paternae por humilhar-te,  
 « E á natureza escrava desposar-te?  
 « Que mysterios de premios, de grandeza?  
 « Nelle desperdiçados? Que requeza?  
 « Mas ah! que o tal portento está presente?  
 « Deslumbram os olhos meus, deslumbram a mente.  
 « Que se na solidão não vissem parte  
 « Ja do lume que aos divos se reparte;  
 « Hesitariam nesta conjuntura,  
 « Se era Deos, o que vem, se creatura.»  
 Como isto disse, a face fez voltada  
 Para a Virgem (que esteve transportada)  
 Até li contemplando dous humanos,  
 Quasi eternas nos seus longevos annos).  
 « Filhas dos patriarcas, disse, ó germe  
 « Do propheta real, que impubre e inerme  
 « Ja rombia leões, teu valimento  
 « Não foge ao meu pensar; n'outro momento  
 « Eu te vi nuvery fertil que, desfeita,  
 « A' terra a sede mata, e verde a enfeita.  
 « Vio Carmelo tambem, Soumer o sente,  
 « Que em flagellos do ceo ardia a gente.  
 « Mas vio-se por ventura o que ora veio?  
 « A virgindade mai, secundo o pejo?  
 « Quiz-lo assim o pintor da azul esphera,  
 « Quem lhe ha de perguntar porque quisca?  
 « Tal da velha raiz, ja carcomida.  
 « Brota o pomo feliz, pomo da vida.  
 « Tal no leão, ja morto, encontra o bravo

« Terror dos Philisteos mellifluo favo.  
 « Oh que distancia vai ! Oh quanta altura !  
 « Do vivo original à copia escura !  
 « Esse ar de magestade que dardeja  
 « Teu rosto divinal, faz que se veja  
 « Em teu porte, eu não sei que soberana  
 « Graça mais que terrena, mais que humana.  
 « Es filha, sim, es filha do primeiro  
 « Que a prole degradou e o mundo inteiro.  
 « Mas herdando-lhe o sangue e a natureza,  
 « As pensões não lhe herdaste da fraqueza,  
 « Por quanto o Eternal, já condóido  
 « Do flebil reo, decreta ao desvalido  
 « Remedio prompto dar ; e assim procura  
 « Por ministra fiel apta criatura  
 « Mãe do Deos que nas trevas enlutado  
 « Acedir-lhe viesse, o braço irado  
 « Desarmando, que la do alto fulmina  
 « O raio vingador, e que commina  
 « Eterna pena á culpa, e a face volta  
 « Ao colono de Eden, que se revolta.  
 « Ja nos golphos da universal belleza  
 « Do archetypo exemplar, que a profundez  
 « Do eterno saber no seio encobre,  
 « Rara idéa gentil eis que descobre.  
 « Nos olhos virginæas tão pura e santa,  
 « Que aos mesmos olhos do exemplar encanta.  
 « Es tu, que d'entre as nuvens e os frequentes  
 « Horrisonos trovões, raios rubentes  
 « Da escura noite do delicto enorme,  
 « Em que o proscripto par seu pejo dorme,  
 « Assomas, qual aurora auri-raiando,  
 « Do crime as negras trevas dissipando.  
 « Vieste mais por ser a maravilha  
 « Do graça e nosso ser, que flebil filha  
 « Do grão prev'ricadora, mais por salvat o  
 « Do naufrágio fatal, que tanto abalo  
 « La causar á vasta redondeza,  
 « Que por participar sua fraqueza :  
 « Mais por mãe do Redemptor sublime,  
 « Que por herdar do protoplasta o crime.  
 « Vieste medicar-lhe a peçonhenta  
 « Ulcera, na gangrena tão violenta,  
 « Que recursos achara o triste enfermo  
 « So no amor que em recursos não tem termo.  
 « Vieste pois seccar o nosso pranto,  
 « Ser da Etyge fatal, fatal espanto.  
 « Sim, vieste por ser nossa vigânça,  
 « Doce bem, clara luz, certa esperança.  
 « De outra sorte seria despojada

« De ti a natura, ó joia sublimada,  
 « Nesse mar do poder inexaurivel  
 « Toda engolphada, apenas so possivel.  
 « Aos olhos dos mortaes sempre escondida,  
 « So do que tudo sabe, enfim sabida. »

Isto dizendo, ergueu-se diligente  
 A ceifar as boninas que o ambiente  
 Estavam perfumando e entretecendo  
 Fresca grinalda do que foi colhendo ;  
 Ao carro sobe, e desmentindo os annos,  
 E a Virgem coroando, disse « Humanos,  
 « Não deveis estranhar-me a liberdade,  
 « Se, esquecido ao dever das cans e idade,  
 « De flores cinto a frente de uma filha,  
 « Raio do chaos, dos céos a maravilha,  
 « Filha que acaba de vencer a morte,  
 « Que não pôde da terra o heroe mais forte,  
 « Sou raiz desta flor, que não consente  
 « Que um instante o prazer me escalde a mente,  
 « Vendo a mãe de seu Deos, nossa ventura,  
 « Meu sangue hourar toda a natura !  
 « E que causas mais tem, ou que motivos  
 « As nações, por poderem os altivos  
 « Guerreiros coroar de louro e flores,  
 « Que voltam das campanhas vencedores !  
 « Dem-me a disparidade da proposta,  
 « Que se vencido for, cedo à resposta.

Sorrio-se entao a Virge, e com festejos  
 Recebeu do bom velho os bons cortejos,  
 Admirando a feliz simplicidade  
 Dos homens que nasciam n'outra idade.  
 Mas a grinalda, dizem que saltara  
 Pelos ventos ao reo, e se tornara  
 Constellação de estrellas, mais brilhante  
 Que a coroa de Ariadne rutilante,  
 Ou qual de Berenice a loura coma,  
 Que aos astros elevada, o lugar toma  
 Junto à canda do bruto da nemea  
 Silva, e com sete alainpadas clarea.  
 Nossa metamorphose acontecida  
 Fei, segundo a razão mais applaudida,  
 Mui longe ; pois que a vista a não alcança,  
 nem lente de alcançar tem esperança.

Neste tempo voltava de seu rapto  
 O santo velho Enoc. Qual mentecapto  
 Chorava e ria e a neta elogiava,  
 Segundo o que a ternura lhe dictava.  
 Cantando-lhe que la nessa primeva  
 Idade a lacrimosa infeliz Eva,  
 Nas tregos de seu pranto, ja bebia

Por ella algumas gottas de alegria ;  
 Que ja abrasadas ancias, que mil votos  
 Lhe acenavam de tempos tão remotos :  
 Que os lauros, que do virulento dragão  
 Alcançara de Eden depois do estrago,  
 No seio das familias conservada,  
 Era a victoria em se não alterada.  
 Que as matronas coevas, que gozavam  
 Dos primitivos ares, ja a chamavam  
 Porta d'ouro do ceo, morte da morte ;  
 Louvando a signa, e lhe invejando a sorte.  
 Ecom razão : « Porque, ditosa filha,  
 « (Accrescenta) entre nós se é maravilha,  
 « Luzeiros germinarem das mulheres,  
 « Genios de voo audaz, altos saberes ;  
 « Que prodigo não é do teu materno !  
 « Seio a prole abrolhar do proprio Eterno !  
 « De sublimes heroes ser māi, confesso  
 « Que é sorte de invejar, que é excelsa preço,  
 « Que é aquelle brasão, aquella gloria  
 « Que atroia o mundo e que embelleza a historia.  
 « Mas o que é que isso tem de novidade ?  
 « Transpoem acaso as leis da humanidade ?  
 « Porém que uma terrena, uma menina  
 « Seja a māi de seu Deos, sem ser divina ;  
 « Isto sim, quanto a mim, é grão mysterio,  
 « Que da mortal razão transcende o imperio.  
 « Curem evos debalde ennobrecer-te,  
 « E de titulos vão enriquecer-te :  
 « Chamem-te estrella, chamem-te ornamento  
 « Do coro angelical, do ethereo assento ;  
 « Chamem-te os homens gloria soberana  
 « Da progenie de Adão, da raça humana ;  
 « Lisongeem-se as virgens da ventura  
 « De serem do seu sexo creatura ;  
 « Chame-te o peccador seu forte escudo ;  
 « Tu es a māi de um Deos ; nisto está tudo.  
 « Mas se deosas não ha, antes a idéa  
 « De deosas a eternal noção aféa,  
 « Donde vens ? Ou que tens de affinidade,  
 « Para ser māi de um Deos, co' a divindade ?  
 « Procurar-te exemplar inutil forá ;  
 « Es unica, e de ti só imitadora ;  
 « Nem antes, nem depois tens concorrente :  
 « Deos nascido não nasce novamente.  
 « Esta ventura pois, esta alegria  
 « So te pertence. « O velho isto dizia  
 Todo convulso, fixo no cajado,  
 De pasmo e de um prazer doce inundado,  
 E o pranto, que de gesto está brotando,

A crespa barba e algida molhando,  
 (Bem como um debil, mas perenne ri),  
 De gotta em gotta vai de fio em fio.  
 Depois deste cortejo tão luzido,  
 Vistes douos mortaes só permittido :  
 Fizeram à Senhora os anciões  
 Repetidas propostas, mil questões  
 Sobre a vida inocente, sobre o advento  
 Do Messias, da lei termo e ornamento.  
 E a estrella de Jacob, como foi presa,  
 Sendo o arbitro e Deos da natureza ?  
 E o leão de Judá por que revezes  
 Tragou no Moria tão amargas fezes.  
 E o sello emfim que à liberdade humana  
 Pozera a misericordia scherana !  
 « Conta-nos, O' filha (accrecentaram),  
 « Os casos mais notaveis que passaram,  
 « Teu brilhante triumpho, tua morte.  
 « País té nos trouxe aquí tão doce sorte.  
 « Ja se calau as aves por te ouvirem :  
 « Abrem-se as flores para te aplaudirem :  
 « Emmudece o favonio, dorme a esphera,  
 « Troncos, fructos, ribeiros, tudo espere  
 « Com profundo silencio e ancia louca,  
 « Ouvir noticias taes de tua boca. »  
 Não se pôde negar a Virgem santa  
 A tantas rogativas, a ancias tanta,  
 Rogativas de illustres personagens,  
 Que já do filho tinham sido imagens,  
 Rogativas de avós, que mereciam  
 Por mil outras razões o que pediam.

## CANTO QUARTO.

## ORGUMENTO.

*Narra a santa Virgem a pregação dos apostolos. Suscita-se na Igreja de Epheso a primeira perseguição contra os fieis, por intriga de um ourives por nome Demetrio. Caridade de S. João Evangelista com um chefe de saltadores. Progressos do Evangelho.*

Agora, santa Egreja, tu me inspira  
 A narração da Virgem, minha lyra  
 Não invoca outra musa, nem procuro  
 Do Helicon beber a lympha pura.  
 Precede-me em veda tão fragosa,  
 Que sem a tua fava luminosa  
 Eu não posso atinar, nem ir seguro  
 Por entre as densas trevas deste obscuro.

Assim do claro filho ella te alcance  
 Novo grupo de heróes quete afiance  
 Altas virtudes, leitos não vulgares,  
 E sejam ostropheos de teus altares.  
 Heroes de quem tu digas sem receio  
 Nas vaidades das caus: «Este à luz veio  
 «Num berço d'ouro e ostro a quem ventura  
 «Befejou logo ao vir; mas la d'altura  
 «Desta gloria fallaz todo despreza  
 «Honras, cargo, fortunas e nobreza,  
 «Porque na patria dos contentes herde  
 «O bem que herdado nunca mais se perde.  
 «Aquelle era gentil, um nobre porte,  
 «Um lisongeiro a lhe coube em sorte.  
 «A tuda nupcial sua aspiraram  
 «Puellaris votos; mas em vão tentaram  
 «Que do níveo pudor ao forte abrigo  
 «Da gangrena geral foge o perigo.  
 «Este o sceptro calcou, este diamantes,  
 «Aquelle o sangue illustre, ou mil prestantes  
 «Destinos, afectando de pequenos  
 «Nos aureos tectos, nos festins terrenos,  
 «Para serem um dia poderosos;  
 «Socios dos iminortaes, com Deos ditosos. »

Eis vem a dea, eis vem! E minha musa,  
 Que ao meu clamor e votos não se escusa,  
 Oh quanto e santa e bella! Oh quanto é filha  
 Do ceo, e do ceo rara maravilha!  
 Dos hombros virginæs lhe está cabindo  
 De estrellas d'ouro um veo; seu roseo e lindo  
 Semblante angelical, seus puros olhos,  
 Onde o pudor fez ninhos, por antolhos  
 Tem o plano do chão. Tanto é verdade  
 Que nella brilha a fe, brilha a humildade!  
 Sobre o peito lhe vibra o raio ardente,  
 Signal do armor com Deos; traz resplidente  
 Na dextra uma aurea cruz; arraz que o esposo  
 Nas napicias lhe prendou, Jesus mimoso.  
 E ella a interprete da voz divina,  
 Quem me aponta a vereda, quem me ensina:  
 Ja me sinto em furor, della uma chamma  
 Desce a meu peito, e ja meu peito inflamma.  
 Fugi do canto divinal, sublime,  
 Vós, ó fabulas vans, fugi, que é crime  
 Manehal-o da fallaz mythologia,  
 Com que a filha do chaos, a idolatria,  
 Banida ja das terras e dos mares,  
 Proscripta sem mais templos nem altares,  
 Inda quer ostentar de magestade  
 Nas inhospitas aras da verdade.

Não se esperem de mim turbidos ventos  
 Clausurados em odre, nem portentos  
 De cavallos enormes de madeiras,  
 Que pejaram em si tropas guerreiras.  
 Nem gigantes membrudos denegridos,  
 Em cabos tormentorios convertidos.  
 Nem matas encantadas, cujas ramas  
 Feridas da bipene, arrojam chamas.  
 Hippocrene, Aganippe, vós, ó fontes  
 Da Beocia, seccai em vossos montes;  
 Que em vós não beberci as águas puras  
 De arcanos tão profundos. Taes pinturas  
 Não finge o sacro vase, e veja a terra,  
 Que os sucessos da Igreja, e quanto encerra  
 Na pureza do culto de desvelos,  
 Sem pedir emprestado os sonhos bellos  
 Dos pagões, tambem luxo, arte e valia  
 Tem nas graças e risos da poesia.

Ja calado estavam, anciosos  
 Os prophetas de ouvirem os famosos  
 Feitos da Virgem mai, e as venturas  
 De seus santos trabalhos; quando as puras  
 Pupillas levantando ao crystallino  
 Ceo, como a lhe implorar favor divino,  
 Com voz pudica, nobre e lisongeira  
 Começa emfim, e foi a desta maneira:  
 «Depois que o immenso rei da etherea altura,  
 Do esplendor paternal, verbo e figura,  
 Concatenando a morte, o atro averno,  
 Marcou a redempção do sello eterno;  
 Depois que com o sacro ajuntamento,  
 Producto do seu sangue, em um momento  
 Subio azul abebada estrellante,  
 Impassivel, feliz, formoso e ovante;  
 O mundo, caros pais, para meus olhos  
 Foi triste solidão, terra de abrolhos,  
 Victima so de um pranto infatigavel  
 ( Não sei se viva ou morte ), inconsolavel  
 Passava os dias, como em noite escura,  
 Sem prazer, sem repouso, sem ventura;  
 Tal era o meu viver, tal meu estado,  
 Depois que o ceo galgara meu amado.  
 Se na terra se pôde chamar vida  
 Pena tão lenta, morte tão comprida.  
 Mas ja por este tempo a aurea busina  
 Do Evangelho atroava a Palestina.  
 E vendo o almo scenado pregoeiro,  
 Que era curto o terreno, o globo intiero  
 Reparte, por que houvessem os athletas  
 Mas vasta arca, mais longinquas metas.



**Feliz!** que revelara a divindade  
De seu prezado mestre; alta verdade,  
**Ao sangue e à carne impervia;** e em conse-  
quencia  
So podia inspirar-lhe a trina essencia.  
**Confissão** mais que humana! Fe sobeja!  
Que obteve as chaves da nascente Igreja.  
**Didimo,** cuja crença mal segura  
Taetea o vencedor da morte escura,  
**Didimo,** anjo veloz, ja voa aos mares  
Eosos, e annuncia entre os palmares.  
Por onde soa o Indo e o Ganges mora,  
**Aureos** berços do sol, terras da aurora.  
**O A:axis** e o Oxa, cujas fontes  
Burbalham do alto dos armenios montes,  
**O Euphrates,** que c'eo Tigris se mistura,  
E no persico mar tem sepultura,  
Ouvem o som da tuba sublimada.  
Que por Bartholomeo fora embocada.  
**As gentes,** que debaixo do ceo crescem.  
Onde do Hespero os raios resplandecem;  
E os colonos que Phebo sepultar-se  
Vem nas ondas do Atlante, e os que banhar-se  
Usão na aúrisfera corrente fria  
Do occidental Ibero, tem por guia  
O filho do trovão, filho mais velho,  
Título que adquirio por seu conselho.  
**Aquelle** que ao traidor collega avaro  
Sucedeu no lugar com zelo raro,  
Fez da graça troar as maravilhas  
Nas plagas que lhe houveram por partilhas.  
.... **O' colchida,** que outr'ora o grão thesouro  
Guardaste do Ianígero veo d'ouro.  
**A quem** por conquistar, neutas primeiros  
Su'cam do Euxino o golpho; aventureiros;  
Que emprestaram a vija a fraco lenho  
Com ferreo peito, e nunca visto empenho:  
Tu, ingrata, por premio da doutrina  
Tragico sim lhe déste. Em Palestina  
**A palmifera Edom,** tão detestada  
Dos Hebreos pela crença adulterada.  
Berço infame e natal, terra maldita  
Do tigre usurpador Ascalonita;  
E as tres Aralias onde torna a vida  
**A Phenix** dos aromas renascida,  
**A Petrea,** a feliz com a deserta  
Ouviram de Thadeo a nova certa.  
O lavrador do campo precioso,  
**Por onde corre o Nilo paludoso,**  
**O Nilo,** que gigantes da arte banha,

Quando alaga de Memphis a campanha;  
E os que moram na adusta Mauritania,  
Fertil em Tigres, como a bruta Hyrcania,  
Receberam a lei do christianismo  
De Simão com as aguas do baptismo.  
**Philippe,** a quem o Verbo assim prezava,  
Que, como c'um amigo, concertava  
O socorro efficaz, e o meio certo  
Da multidão nutrir la no deserto;  
Philippe à Troade a verdade aclara  
Que este foi o paiz que lhe tocara,  
Malfadado paiz, que em cinzas viram  
Argivos batalhões; onde luziram  
De Priamo os aleçares mourrados,  
Hoje terrenos da charrua arados!  
Que direi en de ti, Tarcense illustre,  
Va o d'ouro e da fe fulgente lustre?  
Nos-ceo a grandes sorvos os arcenos  
Bebeste, e não da boca dos profanos.  
Regaram de antemão a nós teus olhos  
Epheso, então cerrada so de abrolhos.  
Que nação, que paiz, que mar ou ilha,  
Que, sendo de teu fogo cara filha,  
Deixou de ouvir de tua boca d'ouro  
O Evangelho da paz, do ceo thosonro?  
Mas que premio valeo meu ministerio,  
Para o qual fraco premio era um imperio?  
Ah! que duros grilhões ennobreceram  
Teus pes evangelistas? Que sofreram  
De golpes alcivosos e insolentes  
Os teus virgineos membros? Que vehementes  
Afflícções devoraste? Quanto choro  
Por sustentar a Igreja em seu decoro!  
Mas em quanto ella alçar marmoreos templos,  
Cujas cupolas troem dos exemplos  
Do Verbo: em quanto a ceifa de escolhidos  
Fizer entre a ervilhaca confundidos;  
Em quanto confessar de acorde assenso  
Uma fe, um baptismo; um Deos immenso;  
Restarão sempre impressos na memoria  
Teus trabalhos, teu nome, tua gloria.  
O mais moço Thiago cinge a frente  
Primeiro, que os collegas da luzente  
Grinalda do martyrio na cidade,  
Que a urna negra encheu da iniquidade.  
O trilho aponta audaz, marcha adiante,  
E ao paiz das estrellas sobe ovante.  
Pastor santo, e tão santo, que sem custo  
Os povos indicavam: **Eis o justo.**  
Mas de Cephas o irmão, que o exercicio

Rematou no humilhante sacrificio  
D'uma aspa dolorosa, a luz espraiia  
Por toda a regiō da nova Achaia.  
Os que pescam nas agoas Eritrheas  
Do ramoso coral as ricas veas,  
Onde restam depois mais de mil annos  
( Dizem ) triste lição dos soberanos !  
Do rei de Taphne perfido as carroças  
Embebidas na area ; e as vis palheças  
De Auxuma, sobre as trevas assentadas,  
Foram pelo Levi regeneradas.  
Em quanto a mim, segui por tudo o trilho  
Que foi traçando meu recente filho ;  
Foi ultima vontade, e assim testado  
D'outro filho no ceo ja descansado  
E por tudo dizer, as preciosas  
Perolas de seus olhos, que as piedosas  
Faces iam tingindo, e os seus suores  
Regaram de Anatolia os moradores.  
Partimos pois da terra deicida,  
Onde eu nasci, oh sorte denegrida !  
Para serem meus olhos fontes puras  
De um pranto assiduo, de mil desventuras.  
E o que sem culpa as penas me causava  
Menos por filho, que por Deos chorava.  
Porque posto ser mai, toda a ternura  
Não me cegava o ser de creatura.  
Fugimos pois das lugubres moradas  
De solima, que as mãos inda banhadas  
No sangue tinha o ferro parricida,  
Com que a vida attentou do autor da vida.  
Abordamos emfim na grão cidade  
De Epheso, centro e asylo da impiedade.  
Onde o solio assentara, e altivo inspira  
O foco do erro, o sceptro da mentira.  
Alli se viam inda os bellos restos  
De um peristylo, infame dos infestos  
Incensos tributados à figura  
Da trifome, real e na impostura.  
Aonde o luxo da Asia amontoava  
Columnas, e columnas; e ostentava  
Primores de piedade e de riquezas,  
Sem perdoar fadigas nem despezas.  
Mas era por chorar que, em muitas partes,  
Vendo-se estes tropheos de engenho e artes,  
Quando se demandava o sacro vulto,  
Alvo das devocões, do seio occulto  
Do sanctuario se divisa usano  
Um bruto, um monstro, um corpo meio humano:  
Ou algum feio e immundo crocodilo

Gerado em charcos do septenfluo Nilo.  
O touro, que na relva o jugo arava,  
E a quem o camponez aguilhoava,  
Dahi a pouco ja divinizado  
Recolhia, de flores enramado,  
Do mesmo camponez sabeo incenso.  
Com magoa e opprobrio da razão e seaso.  
Tal era o Deos, e taes os sacrificios  
De tão sublimes aras e edificios.  
Por zelo deste templo decantado  
O caso aconteceu tão desastrado  
Aos primeiros fieis da nova Igreja,  
Por obra de Satan, ou sua inveja.  
Este antigo homicida, que tyranno  
Protestou sempre ser do fraco humano,  
Não podendo tocar na augusta alteza  
Trina que o doma, vai sua braveza  
Nas sombras exercer da humana raça.  
Com quem mais vale, e não vale a graça  
Evoca a si do chaos as negras furias,  
Prestes sempre a vingar suas injurias.  
Satellites fieis de sua intriga,  
Dos miserios mortaes raça inimiga.  
Eis ja vem a vingança, espadanando  
Com agudo punhal sauge execrando;  
E a ira sua irmãa que blasphemava,  
E com furor os dentes se ferrava.  
Vem a libertinagem com sorriso  
De fel amargo, e sem rubor e siso  
Motejando de tudo, seja humano,  
Seja divino, seja emfim profano,  
Vem tambem a calumnia de cem bocas,  
Que ainda pereciam-lhe ser poucas,  
Dilacerando a honra, armando enredos,  
Ja com publica voz, ja com segredos.  
Monstro por lingus tantas tão enorme,  
Como por braços de Briareo informe.  
Seguiu-se a inveja, de magreza morta :  
Tumido o ventre, a boca negra, e torta :  
Os olhos vesgos, por madeixas finas  
Grenha usava de bichas serpentinas.  
Ja mais Tisiphones, ja mais Megeras,  
C'os flagellos nas mãos, que foram tão feras,  
Nunca o abysmo gerou furia mais feia,  
Cujo dente mordaz a gloria alheia  
De continuo tritura : fatal fome !  
Que mais faminta a faz, quanto mais come.  
Apparece o ciume depois disto  
Dos assumados carceres; malquisto  
Sempre a si mesmo; insomne, sem socorro,

Tendo a vaga suspeita por emprego ;  
 Cujas entranhas roe, e nellas pasce ;  
 Um verme, que não morre, antes renasce ;  
 E que arguindo os ceos, e a dura sorte  
 Em vão em seu socorro implora a morte.  
 Vem outras mil de horrendas cataduras,  
 Varias no officio, varias nas figuras.

Mas de toda esta raça adulterada  
 Somente a hypocrisia é o quem lhe agrada.  
 A hypocrisia, monstro horrendo, infando,  
 Mao agouro do culto venerando ;  
 Eumenide a mais vil que vira Phebo,  
 Das irmans que abortara a noite e o Erebo.  
 Protheo da santa lei, que toma e larga,  
 Ja com face risonha, ja co' amarga  
 Tantas formas e gestos, tantas cores  
 Quantas ve que convém a seus horrores ;  
 Que no peito traz fel, na boca favos,  
 A quem perjuros são fieis escravos,  
 Pois nega a mente infame, quanto jura  
 A sacrilega boca, a boca impura.  
 Óbra de ferro vil com casca d'ouro,  
 E tendo so o verniz, singe um thesouro  
 Das virtudes, censora da maldade,  
 Mas dentro apologista da impiedade.

Ja la no reino escuro a mensageira  
 Do despota infernal parte ligeira ;  
 E por onde passava ia deixando  
 Ar de peste, que tudo vai matando.  
 Perdeo o claro sol a luz risonha.  
 Assombrado de furia tão medonha  
 Seccam os ramos, murcha a relva fria,  
 Cahe pelo chão a fruta que pendia,  
 Morre nos ares a ave melindrosa,  
 Busca a fera o escondrijo de medrosa,  
 E as flores, ornamentos da campina,  
 Perdem o cheiro e a cor mimosa e fina.  
 Qual cometa sanguineo e o cabelludo,  
 Que no espaço do ceo, que cobre tudo.  
 Se apparece, é signal de peste ou guerra,  
 E outros males com que se o vulgo aterra ;  
 Tal a furia infernal, feia odiosa ;  
 Ao prado, ao mar, á esphera tão damnosa ;  
 Por toda a parte emfim, por onde corre ;  
 Cresta tudo e invenena, e tudo morre.  
 Então na terra um certo artista havia,  
 Escravo da avarice, que fundia  
 Nichos de argento á dea, e como o rude  
 Vulgo a superstição arrasta e illude,  
 Com elles o fervor da plebe atiça.

Se bem que era seu zelo so cobiça.  
 Mas ja por este tempo o Evangelho  
 Invectivava o erroneo culto, e o velho  
 Pagão sem mais lucrar, com sanha dura,  
 Communa raios, e vingar-se jura ;  
 Ocultando o veneno da maldade  
 Debaixo do verniz da piedade.  
 Então a hypocrisia, qual co brilha  
 Subtilmente no seio se aninha ;  
 E depois de enroscar-se mansamente  
 Pelo mirrado corpo mortalmente  
 Vai pelas veias, entranhas e pulmões,  
 Derramando a peçonha a borbotões.  
 Meditando ja meios de vingança,  
 Busca o leito perverso em que descansa,  
 E os negros dolos, que pensou de dia,  
 Traz-lhe em sonhos de noite a phantasia.  
 Era ja madrugada, quando o somno  
 Mais suave exercita de seu throno,  
 Numa parte do globo, outro hemisferio.  
 Sobre os lassos mortaes seu doce imperio.  
 Toldava a noite o ar da sombra escura ;  
 Juida a porta rachada e mal segura,  
 Que o inimigo nocturno não recêa,  
 Não tinha aberto o rustico na aldéa.  
 Ao longe sobre o monte ia assomando  
 A fria estrella d'alva, lacrimando  
 Fresco orvalho nas flores ; e o brilhante  
 Clarão dourava a onda tremulante.  
 Batia ao longe o mar, silencio havia  
 Profundo em tudo, tudo emfim dormia,  
 Somente as sentinelas prateadas  
 Da casa etherea velio acordadas  
 Era o tempo dos sonhos agradaveis  
 Mas para os mäos são sempre detestaveis.

Sonhava pois Demetrio (este era o nome  
 Do ourives, que de inveja se consome )  
 Ver dispersas n'um campo armas divinas,  
 Um arco, um carcz d'ouro, settas finas:  
 N'um ribeiro brincando descuidada,  
 De suas nymphas Trivia aconpanhada ;  
 Trivia, que um caçador fera arguia,  
 Que alli veio sem dolo ; e tanto ardia  
 Em rancor e vingança a dea insana,  
 Que em cervo converteu-lhe a forma humana.  
 Eis contra seu senhor ja se enfurecem  
 Os rabidos mastins que o desconhecem.  
 Qual no dorso lhe ferra, qual nos braços,  
 Este ligeiro atraz lhe tolhe os possos ;  
 Aquelle fila a orelha ; e em ira aceso,

**Se mais sacode-o a fera, está mais preso :**  
**Outros pela fadiga apresentando**  
**A rubra lingua estavam arquejando.**  
**Dando em vão Acteon tristes gemidos**  
**Entre o estridor confuso dos latidos,**  
**Vendo as mãos ja fendas e pesada**  
**A testa da cornigera galhada.**

« Eis aqui, ó Demetrio, como eu trato  
 « ( Diz Diana ) o que insulta meu recato.  
 « E assim farei contigo, como o culto.  
 « Meu não cuides zelar. E quem, estulto  
 « Quem te deslumbra a vista, que não veja  
 « Os males, que me atrahe a nova Igreja ?  
 « É crivil que um punhado só de ateo  
 « Insinuem no mundo um novo ! eos  
 « Estrangeiro, sem nome e differente,  
 « Dos que brilham no Olympo refugente ?  
 « Não sabes que na crença a novidade  
 « É por si criminosa, é ja maldade ?  
 « Depois de tantos evos que em vazio gozo  
 « O amor dos Ephesios, tão ditoso  
 « Socego vem uns perfidos roubar-me ?  
 « E eu hei de sofrer e não vingar-me ?  
 « Se os Gaulezes, porque somente a casa  
 « Sonharam esbulhar, onde se abrasa  
 « Incenso a meu irmão, o lindo Apollo ;  
 « Elle eclipsou-se, fez tremer o solo  
 « De Cecropia, e o deos Pan enfurecido  
 « Deitou calhaos de um peso tão subido,  
 « Que os sacrilegos tanto se aterraram,  
 « Que poucos ao natal paiz voltaram ;  
 « Eu que la do Acheronte sou rainha,  
 « Eu esposa do Rei, sua sobrinha,  
 « Hei de aturar com animo indulgente  
 « Uma ousadia tal ? Não certamente.  
 « Dos oraculos da lei terás ouvido  
 « Que de hymeneo aos thalamos presido ;  
 « Que posso, se me apraz, esses penhores.  
 « Soffocar ao nascer de seus amores.  
 « Se pois meu templo santo, o que não creio,  
 « For ultrajado, juro sem receio  
 « Pelas aguas do Estyx ( ali juramento  
 « Que os deoses faz tremer do ethereo assento )  
 « Juro tomar dos berços tal vigança,  
 « Que o destroço menor seja a matança.  
 Dice e ja neste tempo à luz phœbêa,  
 Que a estellifera cinta aurea rodéa,  
 Pelo horizonte nitido corria  
 Em alizares d'ouro os veos ao dia.  
 Desperda então o idolatra aterrado,

De frigido suor mortal banhado,  
 Julgando que da deosa os rastos vira,  
 Quando aos paços do Olympo se partira ;  
 E que ainda sentia a grata e fina  
 Fragrancia, não da terra, mas divina.  
 Ja narra à plebe o sonho que o enganava.  
 E a plebe a narração amotinava.  
 Brada logo o tumulto sublevado  
 Pela afronta do templo profanado.  
 Geme a superstição, queixam-se as aras  
 Do oraculo as respostas são avaras,  
 Murmura o erro, serve a impiedade,  
 Amotina-se enfim toda a cidade.  
 Eis pedras, páos e ferro, armas que apanha  
 O povo, quando indomito se assanha,  
 Contra os novos fícis subito chovem  
 Que causam compaixão, e à pena movem.  
 Nesta moção fatal vio-se envolvido  
 Um mancebo inda imberbe, ja instruido  
 Nos mysterios da Iei, e de tel sorte,  
 Que não temeu por ella exper-se à morte.  
 Então o anjo tutelar da Igreja  
 Emboca a trompa curva, e a voz sobeja  
 Que com tumida boca vai soprando,  
 Pelos ares retumbá opregoando  
 Que um mancebo christão ia à verdade  
 Da sua crença dar na flor da idade  
 Testemunho attestando a primazia  
 Do novo culto sobre a idolatria.  
 E assentado depois sobre a mais alta  
 Grimpá do templo o som da tuba axalta,  
 Porque excite melhor a novidade.  
 Ja se espalha o rumor pela cidade,  
 E immensos olhos para ver convida  
 O santo joven, que despreza a vida.  
 Aquella que lha deu corre apressada,  
 Tanto que soube, livida e assustada,  
 Afim de o desviar pe'a ternura  
 De uma açção que julgava desventura  
 E com esta expressão e singeleza,  
 Que em casos taes inspira a natureza,  
 Mais lacrimosa e triste que eloquente,  
 Desta arte falla ao santo adolescente.  
 « Meu filho, porque arriscas uma vida,  
 « Que também me pertence, e que perdida  
 « Não poderei jamais sobreviver-te  
 « Pela força da magoa de perder-te ?  
 « Inda mal poderia consolar-me  
 « Se a razão que tu tens para deixar-me  
 « Fosse nos seus motivos justa e pura :

« Mas ah ! que é o summo extracto da loucura.  
 « Que ! tu deixas as aras da verdade  
 « Por um vago rumor da novidade ?  
 « Delírio de uma scita mal nascida  
 « Apensas sobre a terra apparecida ?  
 « Ousas aventurar tu carreira,  
 « Que agourava brilhante e lizongeira  
 « Por bens futuros, premios escondidos,  
 « Que ninguem vê, que fogem aos sentidos ?  
 « Desertas de uma lei, que soberana  
 « Marcha ao travez dos sec'los, sempre usana,  
 « Recebida e adorada por verdade  
 « Por todos e por tudo, e em toda idade  
 « Por outra, cujo autor desconhecido  
 « Dizem que perceceu n'un lenho erguido ?  
 « E cumpre a esse Deos, que na orphandade  
 « Fique a māi, e miserrima saudade ?  
 « E a justa lei, a lei que assim condenava,  
 « A victimia innocentia à eterna pena ?  
 « Não soffre a natureza que aos penhores  
 « Sobreivam os pais de seus amores.  
 « Talvez por lhe poupar a dura sīna  
 « Que a magoa da saudade e amor commina.  
 « Assim por suas leis e altos conselhos  
 « Descem primeiro ao tumulo os mais velhos ;  
 « E a preventir-me o fim, tens a leveza  
 « De desmentir a voz da natureza ?  
 « Ah ! se de tua lei tudo isto emanava,  
 « Maldize a lei, ó filho, que te engana.  
 « Não sentencies logo, ouve o conselho  
 « Do amigo fiel, do experito velho.  
 « Ve que da sorte eterna a segurança  
 « Deve estribar-se em solida esperança.  
 « Em materias de peso não vulgares,  
 « Pesa o que fazes, faze o que pesares. »  
 Outras palavras taes dizia a triste  
 Māi, e o santo maneebo que reziste.  
 Qual rocha ao mar em furia, lhe tornava  
 Que o mais negro pezar que o acompanhava.  
 Era ver que a deixando inda existia  
 No tenebroso chaos da idolatria.  
 » Mas aquelle (acrescenta) por quem morro,  
 » Espero te dē luzes e socorro.  
 » E sabe emfin que a vida que se rende  
 » Por elle, se não dora mais se estende. »  
 Tanto da nova lei era o conceito,  
 Que a graça havia impresso no seu peito !  
 Vendo um tal desengano a māi turbada  
 Redobra o pranto, e diz-lhe mais magoada :  
 » Eis-aqui no que param os desvelos

» De tua creaçao , e os nimios zelos  
 » Daquelle ardeute amor na tua infancia ;  
 » Ai ! quando nos veus peitos a substancia  
 » Nutria, por nutrit-te do alimento.  
 » Sempre entre insonios, sem socego e alento. »  
 (Isto dizendo, afflita e soluçando,  
 O seio femenil foi-lhe apontando.)  
 » Presconheces, ingrato, ella acrescenta,  
 » As penas que a mulher experimenta  
 » Ao dar o fructo á luz, que traz consigo,  
 » E de a sua perder o igual perigo ?  
 » Acaso de meus olhos te apartavas  
 » Descontente, se a graça me rogavas ?  
 » Gemeste alguma vez, que eu não gemesse,  
 » Ou soffrete tambem, que eu não soffriente ?  
 » E agora com espinhos e cruezas  
 » Coroas tanto amor, tantas finezas !  
 » Oh seio desditoso ! e quem pensava,  
 » Que nelle um frio gelo vegetava ?  
 » Ah ! se por te criar te confiara  
 » As mãos alheias, certo confessara  
 » Que com o leite tu bebeste a insanha  
 » Da mais raivosa tigre la da Hircania :  
 » Ou toxicos de alguma atra serpente  
 » Do frio Caucaso, ou da Lybia ardente.  
 » Pois bem ; se nada mais valho em teu con-  
 ceito.  
 » E é tão grande o furor, tanto o respeito  
 » Que esse Deos te merece, eu te conjuro  
 » Pelo que ha mais sagrado, santo e puro,  
 » Que me deixes morrer primeiramente  
 » Ao menos, pois não tardão , e então contenta  
 » Sacrifica mil vidas, se tiveres,  
 » Pela lei, pelo Deos que tu quizeres. »  
 Nisto os golpes redobrão os algozes,  
 Cahe o martyr, inda a ouvir as tristes vozes  
 Da māi, que pela dor desfalecida  
 Em braços a seu lar foi conduzida.  
 Venturoso menino, se na idade  
 De annos tão juvenis a piedade  
 Ouvir tanto fervor e esforço tanto,  
 Não poderá conter nos olhos pranto,  
 Flores espalharà sobre o jazigo,  
 De tuas cinzas virginas abrigo,  
 Teus louros, teus tropheos, teu peito forte,  
 Foram della invejada a tua sorte.  
 Imprimirà seus labios de ter ura  
 Nos teus quadros, prodigios da pintura.  
 Assim na sombra o amor santo illudido,  
 Que ao vivo original e so devido.

E em tanto que brilhar culto e verdade  
Nas aras do Evangelho, em toda idade  
O teu busto gravado em aur os templos  
Será tropheo da fe, será de exemplos  
Foi então que Aristarco e o nobre Caio,  
Te riveis um e outro como um raio,  
Contra a impostura a prova mais soberana  
Derão de sua fe e apego á Igreja.  
Vingadores da lei, a vossa gloria  
Co tempo avultará na sacra historiia.  
Tal o rio no berço é fraco e pobre,  
Não tem nome famoso, não é nobre;  
Mas depois que do alvo se alongando,  
E de alheios caudas vai-se engrossando;  
Depois que immensa mata e mil campinas  
Fertilisa das aguas crystallinas,  
E os gratos camponezes e pastores  
O carregam de bençoes e louvores:  
Então é um grande monarca apotentado:  
E se ao grande Oceano fero e irado  
A vassalagem tumido tributa,  
E novo mar que a outro mar disputa.  
Não poucos dos fieis neste tumulto,  
Ou trageram a morte, ou novo insulto.  
Nas victimas não ha rumor nem queixas;  
Não altercam razões, não soam reixas;  
Antes co' o peito impavido e silentes  
Olham a morte, tão indiferentes  
Como se foram bronzes na dureza;  
Ou d'outra raça, ou d'outra natureza.  
Ja corre d'entre os ossos as entranhas  
Das victimas christiferas, que estranhas  
Flagellações tornavam descarnados,  
Purpurinos de sangue, em vez de albados.  
Estes seus membros na catasta ardente  
Vem aos poucos tornar-se? outro inocente  
As livias e paduas laceradas  
Por mil unhas de ferro assinaladas  
Não poucos deslocadas as junturas  
Sobre equoleos crueis; ja das cinturas  
Arrancam das bipenes d'ago fino,  
Os que por bom tem feito tão indino.  
Cale a victimá e assim triunpha exangue  
Co' a palma dupla da verdade e sangue.  
« Fe'iz persiguição, sangue bem quisto,  
Premicias do martyrio dado a Christo,  
Presagio ja seguro, fausto agouro  
Dos triumphos da lei, em telas d'ouro  
Tu começas tingir as pudibundas  
Flores niyeas, e as rosas rubicundas.

Que as roupas bordaram da esposa amante,  
Quando seus louros e triumphos cante.  
Qual desta vida amara e descontento  
Passa a gozar d'legre eternamente!  
Qual do ferro do alvoz marcado fica,  
E a marca mais que um sceptro glorifica!  
Qual sem poder erguer as mãos, que atadas  
Atraz estão, apenas orvalhadas  
Ergue as pupilas para o ceo propicio.  
Para ao ceo offertar seu sacrificio!

« Tal é da Igreja a sorte, a raiva e as furias  
Do chaos se lhe sazonam em venturas.  
Assim no mar a rocha que sustenta  
Dos procellos Euros a tormenta.  
Passada a tempestade, enriquecida  
De perolas se ve que a embravecida  
Onda a lutar coas ondas arranca  
Das entranhas do mar, e lhe arrojara.  
E um tronco immortal e germinante,  
Cujo verdor, se com subtil trinchante  
Decepa o agricultor elle de novo  
De germes substitue um tenro povo,  
Sua força se engrossa nos tormentos,  
Qual o mar, que empola com os ventos.  
As rudes tentações a glorificam,  
E ouro emfim que as chamas purificam.

« Qual viagem feliz, que em segurança,  
Vento em poupa a favor, mar em bonança,  
Leva ao hospitó porto o fragil lenho.  
Onde o caloso nauta traz o empenho:  
Ou quaes viçosas rusticas lavouras,  
Que animadas de chuvas creadoras,  
Firmam do camponez as esperanças.  
A mente a lhe trazer meigas lembranças;  
Tal era do paiz a maza vista,  
Monumento immortal do Evangelista.  
Paiz que ha pouco inhospito mostrava  
Ser de lobos vorazes mata brava,  
Ja da Igreja do ceo era a pintura,  
Tapisado de flores e verdura.  
Ja se ouviam louvores a milhares  
Da voz que assusta o chaos e enfrea os mares:  
E sendo de si mesma o desagravo,  
Foi victimá de amor por seu escravo.  
Nas thuricremas aras arvorado  
Ve Sardes ja o signal do ceo armado  
A cruz, outrora infame e aborrecida;  
Ora fonte de luz, norma da vida.  
Sardes voluptuosa, cujo solo  
Ditam de areás de ouro Hemo e Pactolo.

Mas se foi denegrida dos prazeres,  
Hoje adopta a virtude e os seus deveres.  
O' Esmyrna, que a gruta venturosa  
Mostras do Cysne, cuja vos maviosa,  
A quem dêste em teu seio alento e berço,  
Attrabio dos seus cantos o universo,  
Agora es mais feliz, porque apprendeste  
Os echos entoar da voz celeste,  
Discipula fiel da nova Igreja  
Com submissa cerviz, com te sob ja.  
Em Philadelphia a Biblia succedia  
Aos ditirios da van mythologia.  
Mentirosa moral, sonhos chimeras,  
Com que tu, doce metro, ainda imperas.  
Ja sacrilego incenso não queimava  
Nas aras Tiatira, e o culto dava  
Ao vero nume dos Christãos, manchado  
Pelas gentes, em tantos variado.  
Em Laodicea viram-se proscriptos  
C' os sacerdotes, os antigos ritos.  
Lithurgia sem Deos, vão sacerdotio,  
Do erro apologistas, filhos do ocio,  
Pergamo ja adotava com fe pura  
O escandolo da cruz; verdade dura  
Ao vapor e saber do humano engenho:  
Morrer um Deos feito homem sobre um lenho.  
Desta sorte ia vendo o bem amado  
Discipulo seu fructo abençoado,  
Subindo pela mão da caridade  
Ao sacro alcaçar da immortalidade.  
Tu, sublime virtude, parecias  
Que do berço infantil o conduzias.  
Tu, de teu peito debil arrancaste  
Seus primeiros suspiros tu firmaste  
Seus passos vacillantes mal seguros;  
Tu lhe inspiraste os sons ainda obscuros,  
Com que a lingua pueril balbuciente  
Começou por chamar o ceo elemente.  
Tu foste em sim o movel alma e vida  
De sua longa rota, e n'esta lida  
Elle tanto amoldou-se com teu trato.  
Que transformado em ti fôi teu retrato.  
Qual aguia, que sublime adeja, e erra  
Pelo ceo puro, desprezando a terra.  
Deixando apôs de si nos elevados  
Vôos a plebe dos Orpheos alados;  
Assim elle tambem, como corrido  
De aqui tratar com Deos, galga atrevido  
O Empyreo, e do seio sempiterno  
Descreve a geração do verbo eterno,

Então trouou no globo esta verdade,  
Abysmada no mar da eternidade.  
» Sem principio era o Verbo, e o Verbo estava  
» Em Deos, e Deos o Verbo se chamava.  
» Assumio nossa forma e natureza,  
» E com nosco tratou: nossa baixeza  
» Contemplou sua gloria; gloria e estado,  
» Bem como de um filho unico gerado  
» Ab-eterno do pai no eterno seio,  
» Cheio de graça e de verdade cheio. »  
Não cumpre aqui calar uma victoria,  
Que tanto lhe sublima em preço a gloria.  
Que bem publica, que lhe ardia o peito  
No divino furor. Illustre feito,  
Que com typos lavrado ser devera  
Das rutilas saphiras la da esphera,  
Conhecendo que um jovem que educara,  
Qual estrella do ceo se despenhara,  
Gastando o tempo em que estivera ausente  
Em roubos e assassinios derepente  
Exclama o justo em lagrimas banhado:  
» Oh' destino fatal! Oh' mal fadado  
» Fructo desse primeiro atrevimento!  
» Não é seguro o homem um momento  
» Assim somos formados; o mal dura,  
» Não medra o bem, se medra não atura.  
» Mostrai-me aonde o infame exerce o emprego  
» Impervio à salvação, e à luz tão cego.  
» Mostrai-me, quero ver, se por ventura  
» Roubo a preza das garras ja segura  
» Do dragão infernal; de sangue frio  
» Não posso ver o mal; eu me glorio  
» De ter por mestre quem morreu de amores  
» Por salvar os seus proprios matadores.  
» Resta em minha lembrança o sanguinario  
» Sacrificio e painel la do calvario,  
» Que com tintas de sangue e de amargura  
» Seu pincel debuxara da ternura.  
» È dever do pastor, elle aconselha,  
» Aventurar a vida pela ovelha. »  
Como isto disse, corre atropelado  
Aos trivios, onde errava o desgragado.  
Que assim que o ve fugio, e de tal sorte,  
Como se foge ao damno, ou mesmo à morte.  
» O' filho exclama a aguia que o seguia.  
» Filho caro, de um pai a companhia,  
» Tu foges? Pensas que hei degenerado  
» Do primeiro desvelo em ti empregado?  
» Ah! não antes recresee co'amargura  
» De victimas te ver da desventura.

« Não corras paix, que é feio a um moço forte  
 « Correr de um velho que só espera a morte.  
 « Se foges por fugir-me, é inutil tudo :  
 « Pois qual gamo fugaz, que o ferro agudo,  
 « Que o arco despedio, leva consigo  
 « Tal fugindo eu irei tambem comtigo.  
 « Pára pois triumphemos n'esta lida,  
 « Tu de meu pranto, e eu dessa fugida,  
 « Attende a tantas lagrimas peniveis ;  
 « Molhando rugas, ah ! são attendiveis.  
 « Equivocas serão n'alguns pezares,  
 « Ou orvalhando rosas puellares ;  
 « Mas nos olhos do ja franzido rosto,  
 « São provas só de dor, só do desgosto ;  
 « Se a tantos tens sabido dar a morte,  
 « Sabe tambem matar tua vil sorte.  
 « Eu te venho ajudar nesta ardua empreza,  
 « Que, longe de ser crime, é gentileza.  
 « E se te assusta o horror dos teus delictos,  
 « Delictos, que o remorso accusa em gritos.  
 « Ah ! não temas, Deos é tão namorado  
 « De ti, que por ti fez-se um desgraçado.  
 « Vem pois a mim, thesouro precioso,  
 « Serei contigo rico e venturoso :  
 « Vem a meus braços, filho suspirado,  
 « Vem consolar um velho amargurado.  
 « Antes que eu morra da-me esta alegria :  
 « Talvez chores por mim em vão um dia.  
 « Attende, ó filho, attende ao que te digo,  
 « Ouve a voz do pastor, do pai, do amigo.  
 « Olha, que a tudo deu remedio Christo :  
 « Não creas em mais nada, cre so nisto. »  
 Caíto por terra o monte emfim tocado  
 Pelo raio da voz do seu amado :  
 Voz efficaz, trovão da caridade,  
 Que illumina a razão, força a vontade.  
 Enmudeceram ambos co'a vehemente  
 Dor : nos braços se estreitam mutuamente.  
 Fallam lagrimas só de fio em fio ;  
 E junto estava um rio de outro rio.  
 Vive depois, chorande de contíno.  
 A lembrança fatal de seu destino.  
 E dizem que acabou sua existencia  
 Com lagrimas de dor, com penitencia.  
 Oh feito illustre e digno de memoria !  
 Oh caso singular na sacra historiá !  
 Em vão se afinem da mortal ternura  
 Altos excessos que a eloquencia apura.  
 Em vão prodigios de amisade e estima  
 Sublime a fama que taes dous sublima.

Este feito me causa mais espanto,  
 E nem por David Jonathas fez tanto.  
 Aquelle por quem Andes se ennobrece  
 E o patrio Mineiro a ouvir ledo adormece  
 E o Tibre entumecido com tal filho.  
 Tropheos borbulha de mais alto brilho ;  
 O raro amor na tuba altisonante  
 De Eurialo e de Niso affine e cante :  
 Que esta acção para mim tem maior preço  
 Nem sei que amigo algum fez tanto excesso.

Ja do martyrio o sangue, a mais fecunda  
 Semente dos fieis, qual rio inunda  
 Campos, villas, aldeas, e cidades,  
 Lavando-as de seus crimes e maldades.  
 Pois que tendo manchado todo o mundo  
 Do vāo polytheismo o rito immundo ;  
 Ja mais ovante entrara a lei sagrada,  
 Não sendo a terra assim toda expiada.  
 A medida que a fe se propagava,  
 Da mentira o paiz se desolava.  
 Taes á face da aurora se desviam  
 As sombras do hemisphério em que dormião  
 E se vão pouco e pouco esvaecendo,  
 A proporção que vai o sol nascendo.  
 Mas quando da carreira o meio parte,  
 Perseguinto-as vai por toda parte,  
 Nem ao menos as deixa estar seguras  
 No valle humilde, ou solidões escuras.  
 Assim tu, tenra Igreja, ora pequena,  
 Cansada emfim a lei que te condemna,  
 De um mar a outro mar, de rio a rio  
 Um dia estenderás teu senhorio,  
 E sem mais ver altares contra altares,  
 Nem nos pontos da fe novos desares,  
 Como filha do ceo, sem pena ou risco,  
 Terás um so pastor, um so aprisco.  
 Sempre a unica so sempre formosa,  
 Fiel, invariavel, vigorosa ;  
 Por entre gerações, por entre idades,  
 Dona dos tempos, mestra das verdades,  
 Semelhante a uma não grossa e possante,  
 Que audaz a demandar plaga distante,  
 Com a soberba quilha cortadora  
 Sulea os mares em furia vencedora.

## CANTO QUINTO.

## ARGUMENTO.

*Continua a santa Virgem com a narracão.  
Saúdades que ella tem a respeito de seu filho;  
circunstancias de sua morte os extasis e revelações que teve antes de morrer. Explica os dotes gloriosos que recebeu depois de resuscitada e acaba a narracão com uma especie de ação de graças.*

Mas entretanto como já disperso  
Visse o clarão da fe pelo universo,  
Julgava nelle inutil a existencia  
De meus cansados dias e assistencia;  
Sem valor e sem fructo, e ja proscriptos  
Dos cordeiros o sangue, e os legaes ritos;  
A este sangue esteril e infecundo,  
Incapaz de expiar o crime e o mundo,  
A hostia sucedendo, hostia infinita,  
Que todo antigo culto em si limita;  
De cujo fructo o justo vive e pasce,  
Aonde morre a lei e a graça nasce.  
Emfin ja sobre a terra era chegado  
O reino do Messias tão chamado.  
Que espectaculos pois, ou que alegrias  
Podiam prometter-se mais meus dias?  
Que viriam meus olhos desditosos  
Mais nos ermos dos valles lacrimosos?  
Que ocupação emfim, ou que exercicio  
Deveria ainda aguçar meu sacrificio?  
 « O flor, então dizia, preciosa,  
 « Germinada em meu seio! O' radiosa  
 « Estre la dos meus olhos, puro espelho,  
 « Onde do Eterno adoro o alto conselho!  
 « O' porção de mim mesma e de minha alma!  
 « Meu prazer, meu tesouro, minha palma  
 « Até quanto de mim irão fugindo  
 « Teus olhos divinaes? O' doce e lindo,  
 « Como assim tu dilatas o desterro,  
 « A quem por merecer não fez erro?  
 « Impavida me achaste aos sofrimentos,  
 « A par de ti, a par de teus tormentos,  
 « Com tigo o amargo caliz esgotando  
 « Aqui prova do susto, ali chorando;  
 « E depois desta luta transitoria  
 « Não repartes co'a escrava tua gloria?  
 « O' tu, que o peito lés mais recatado,  
 « S: e heghei merecer teu desagrado»

« Por motivo de falta, ou mesmo engano,  
 « Que as vezes foge ao fraco peito humano,  
 « Ah! culpa foi de amor, força de culto,  
 « E não proprio querer, ou visto insulto.  
 « Vem pois o' da innocencia doce riso,  
 « Cordeiro que é a luz do paraíso,  
 « Vem depressaclarar a noite escura  
 « Em que vivo morrendo sem ventura,  
 « Vede meu pranto, attende a tanta rixa,  
 « Vem acudir-me em morte tão prolixa.  
 « Sim da-me a vida, o' Filho, acode e corre,  
 « Que quem vive sem ti não vive, morre. \*
 Assim fallava, e o pranto, que pulava  
Dos olhos, minhas queixas me vingava.

Entretanto repousos passageiros  
Davam-me em sonho instantes lisonjeiros.  
Este doce impostor dos desgraçados,  
Que nos phantasmas seus os deslumbrados  
Torna de escravos filhos predilectos  
Da fortuna e da gloria, e em seus aspectos  
Ilude o triste reo, lhe adoça a sorte  
Depositando-lhe, antes que pereça,  
Sceptro na mão, coroa na cabeça,  
Até que enfim chorando, e já desperto,  
Vê que é tudo illusão, e seu fim certo;  
O sonmo, como disse me augurava  
Venturas mil, e então não me enganava.  
Não sei se era o desejo, ou vaticínio  
De que estava a acabar meu exterminio;  
Sonhava algumas vezes que sobria  
Sobre a primeira esphera, e de lá via  
Rolar os grandes corpos luminosos  
Debaixo de meus pés, já venturosos.  
Solta da terra emfim, que se mostrava  
Qual atomo, que aos olhos escapava;  
Esse abysmo que a cerca, e que é chamado  
Soberbamente o immenso mar salgado,  
Uma gottinha vil me parecia,  
Desmentindo do nome a usania.  
Outras vezes, que errava por campinas  
Por mim desconhecidas de bonitas  
Matizadas e flores tão brilhantes,  
Quaes nunea vi na terra semelhantes;  
Cimos afortunados dos prazeres,  
Onde a morte não tem jamais poderes;  
Da mais brillante corte acompanhada,  
Prompta em lisongear-me, e empunhadá  
Em render-me taes mostras de cortez  
Que excediam meus votos e desejos.  
Outras emfim, que à discri-

Navegava, e de mares turbulentos,  
Por vêr se encontro o centro e doce objecto,  
Por quem meu coração gyra inquieto.  
Em portos abordando, e vendo estranhas  
Gentes, varios lugares, novas manhas;  
Até que enfim achava o meu amado  
N'um paiz estrangeiro: «O' suspirado  
« Filho meu, lhe dizia de contente,  
« Onde estives'te tanto tempo ausente?  
« Teim' vivido em alternados gyros  
« Até aqui de saudades e suspiros,  
« Sabia o sol do mar, no mar entrava,  
« E eu por ti a chamar, em vão chamava. »  
Quando fillaya assim, era meu peito  
Para tanta alegria vaso estreito;  
Ia abraçal-o de prazer chorando,  
Famintos beijos em seu rosto dando;  
Ati foge o sonno, e sinto, já acordada  
Em vão a face de chorar molhada.

Nesta fadiga andava, quando um dia  
Uma voz quasi ouvi, que me dizia:  
« Já não é tempo mais de amargurar-te;  
« Refrêa o pranto, cessa de queixar-te;  
« Que bem cedo verás teu rosto unido  
« Ao rosto que teu peito traz ferido.  
« Já o inverno escabroso não impera,  
« Veio o rizo da eterna primavera,  
« Finalisa-se a dor, acaba alida,  
« A porta vai-se abrir da immortal vida.

Qual depois da prolixa tempestade,  
No fim do meزلunar, tolha humidade  
Da terra enxuta, e os patridos vapores,  
Recobra o céo de novo seus fulgores,  
E apparece no fim da etherea scena  
A luna nova fina, mas serena,  
Tal a imagem raiou-me deleitosa  
Do dia em que cessei de ser chorosa;  
Dia que me empossou todo o respeito  
Do meu grande destino, e que o direito  
Com o cunho marcou do sello eterno  
Do alto e divinal meu grão materno.  
Dita, de que não sei porque desdita,  
Entre os mortaes vivi sempre proscripta.  
Dia de meus desejos suspirado,  
Que mil vezes saudei, em vão saudado.  
Que dos duros grifões quebrou-me os ferros  
Que arrastei com a escrava em mil desterros;  
Bis; que me ensugou meus tarvos olhos,  
Que só phantasmas tinha por antolhos,  
E o summo bem me trouxe em dote e sorte;

Tal foi o dia emfim de minha morte.  
Oh! e quanto ella é doce e linda, Oh quanto  
Para o triste, que a chama neste prauo;  
Da mortal digressão porta dourada  
De favores de perolas brineada,  
Que ao tocar-se na metá transitoria  
Patenteia do Eterno o rosto e a gloria.  
Em vão n'um carro a pintaem arrastada  
De esqueletos myrhados, tendo armada  
A mão do curvo ferro illacrimavel,  
Que tudo sacrificia inexoravel.  
Céga ao pranto da esposa desgrechada,  
Surda ás queixas da orphâ desolada;  
De continuo sobre ella esvoaçando  
De pallidas doenças te'ro bando;  
Os gemidos, os ais, os leves sonhos,  
Não terrificas formas tão medonhos;  
Febres de azas de fogo, a vil ma'reza,  
E a importuna vigilia de olho acesa.  
Em vão do escuro throno pavoroso  
Ar ferino lhe dem, ar desdenhoso,  
Sobre as honras da terra as mais preclaras,  
Purpuras, togas, sceptros e tiaras.  
Enfim a julgue a humana natureza  
Seu ultrage fatal, sua baixeza;  
A que o triste mortal liga e condemna  
Da primeira revolta a dura pena.  
Para mim, direi sempre que foi bella:  
Alto dom do Senhor, risonha es trela,  
Mensageira do céo, guia segura,  
Que me arrancou das mãos da desventura.

Mas como já meu peito presentia  
Pular-me o coração d'alma alegria,  
O cautico entoci da liberdade  
Sobre os destroços da morta'idade,  
Assim o niveo cysne a voz sublima,  
Quando sente que a morte se approxima  
E as margens do Castro, que rolando  
Areias d'ouro traz, o collo alcançando,  
Faz do canto soar saudoso e altivo,  
Suas exequias celebrando vivo.  
E haverá quem me increpe do transporte  
Que meu peito alterou, propinqua a morte?  
Que? alegra-se o guerreiro com o esbulho  
Dos ganhados triphemos; um nobre orgulho  
As feridas prefere à immortal gloria,  
Que derrama a lembrança da victoria;  
Banhado de prazer o nauta duro  
Beija a areia natal, o voto puro  
Ledo a cumprir no olvido dos perigos,

Que tragara nos golphos inimigos;  
E só eu restaria indiferente  
Conseguindo um laurel tão eminente?  
Seun de alvorço dar signaes sobejos  
A estrella polar de meus desejos?  
Vendo a gloria que instava, o céo aberto,  
Solta dos ferros, livre do deserto;  
Disce icola turmas à porfia  
Ansiosos por dar-me a primasia;  
O Desrício nas diuias abriado  
A mim invariável, repartido  
Comigo os seus tropheos, as nobres palmas,  
Bem merecid os deus das fortes amais?  
Ah! que pensar assim é não pensar,  
O que é aporrer em Deus, e a Deus gozares,  
Mas já por este tempo ia gastando  
O ser a dor celeste o auento brando  
Da d'bil força que iada em mim havia,  
De momento em momento, cada dia,  
Qual a bella nos canticos cantada,  
Que em susumes e pom's reclinada,  
Langui de suspiros, eu de amores  
Supportava o pulubr e iguacs rigores.  
Do arco douro do divino amante  
Sibila setta aguda auricortante,  
Que meu languido pe to traspassando,  
Por pedaços a vida foi roubando.  
Tal pela noite vellia em sala interna,  
Tristomha e moribunda enea lucerna  
Vai afraçando a luz, e amortecida  
Redobra seu clarão e perde a vida.  
Os poucos que do leito em torno estavam,  
Sobre mim sem medida pranteavam.  
Assim de os consolar eu lhes dizia  
Que tudo quanto a mim sobrevivia  
Já mais era mortal pois é patente  
Morrer uma só vez mortal vivente.  
Que se pela saude é que carpiam,  
Bem depressa comigo se uniriam.  
Que eu marchava adiante a abrir as portas  
Da patria das estrellas, nunca mortas.  
A implorar ao Eterno, que apreçasse  
Seus dias, e de gloria os coroasse;  
Que a morte era espantosa e desabrida  
So a quem idolatra o mundo e a vida;  
Que a do justo, por mais ludibriosa  
Sempre aos olhos do Eterno era formosa;  
Que o triste humano que no mundo nasce,  
Se este certo tributo não pagasse,  
Attendidas que sofre as desventuras,

Era a mais infeliz das criaturas;  
Que ser eterno em lacrimosos valles  
Era do inferno retratar os males;  
Que a vida, sendo prova dolorosa,  
Se breve for será menos penosa;  
Que no mundo o viver, sendo um degredo,  
Deve-se desejar que acabe cedo;  
Que emfim era da morte o fausto dia  
Termo do pranto, porta da alegria.  
Entretanto minha alma se abysmava  
P la gloria que já presagiava  
Nas delicias de Deos, ne sa riuezza  
Que abysma o céo, a terra e a natureza.  
A fe que em mim do berço residia,  
Qual nevoa da manhã se desfazia,  
A medida que a morte e a eternidade  
Corria o voo ao rosto da verdade.  
So crescia a esperança na alegria.  
Mas era por morrer que ella crescia;  
Pais do bem, que na terra foi seu norte,  
Vindo a posse igualmente vem-lhe a morte.  
Tal o amor maternal todo insoffrido  
Sis ira ver o feto já nascido;  
Porém sucede as vezes nesta lida  
Que, dando á luz o fructo, perde a vida  
Não es assim, servente claridade,  
Porção do ju to, symbolo da amizade,  
Qua é de tua partilha tal a sorte  
Que encendrada resurges com a morte.  
Morre a flor na campina; morre o fructo  
Ou agro, ou já maduro; morre o bruto  
Em forças sup'rior; morre na esphera  
A cantora gentil da primavera;  
Morre nas farpas de ferrinho aduncos  
Faminto aquicola, suspenso ao junco;  
Morre tudo, e esta lei igual condemna  
O monarca e o vassallo á mesma pena.  
Cessam linguas tambem e prophecias;  
Passa o tempo, e com ella os breves dias  
Acabarão as artes e os inventos;  
Por terra cahirão os monumentos,  
Orgulhosos tropheos dos soberanos;  
Falhará mesmo a raça dos humanos;  
Mas tu, que da luz vive sempiterna,  
Tu serás immortal, serás eterna.  
Então extasis cerebros alienavam  
Meus sentidos, ao passo que aportavam  
Os instantes finaes. Me parecia  
Que ao presago futuro o veo corria  
Um celite, quo impervios aos profanos

Me conduzia a ver altos arcanos.  
 Vi um pastor em lobo transformado  
 Roubando minha gloria, e o tão alçado  
 Nome de māi de um Deus; querendo nisto  
 Que so me appellidassem māi de Christo.  
 Já la das sédes do orbe se ajuntavam,  
 Illustres vingadores que marcavam  
 Do immortal scello a minha dignidade.  
 Vi banhar-se em prazer uma cidade,  
 E as portas da assembléa impacientes  
 Matronas fervorosas, com ardentes  
 Círios nas mãos queimando em preciosas  
 Piras de prata essencias odorosas;  
 Que a seus lares triumphantes conduziam  
 Os padres, que o mysterio difiniam,  
 Logo feminino coro está patente  
 Ante meus olhos, coroada a frente:  
 Na dextra palmas, no regalo lirios  
 E julgando sonhava só de irios;  
 Decifrou-me o celeste: « São aquellas  
 « Intactas virgens, inelytas puellas  
 « Que os teus jasmins virgineos imitando,  
 « Irão teu nome no porvir alçando. »  
 Vi também pela terra ao céo erguidos  
 Templos mil a meu culto dirigidos,  
 Assim que num só anno não havia  
 Mez algum, nem no mez já n'is um dia,  
 Que não prestasse ritos à memoria  
 De meu nome immortal. Por minha gloria  
 Corporações augustas se aliavam  
 Sob estandartes meus, que so cuidavam  
 Celebrar com perenne voz erguida  
 As mais bellas acções de minha vida.  
 Depois me pareceu que pelos ares  
 O anjo me levava, e além dos mares  
 Via outro mundo e neste mundo occulto  
 Tambem meu nome tendo já seu culto.  
 Estas e outras visões de varia sorte  
 Em raptos me pintava a instante morte,  
 Quando enfim chega o prazo decisivo  
 Para todo o mortal. De mim esquivou  
 O tempo escapa, escapa a flor do mundo.  
 Abre os tesouros seus o céo jucundo.  
 Já está batendo a porta a eternidade;  
 Já por mim não ha dias nem idade.  
 Então sem os aculeos penetrantes,  
 Com que a muitos affligem taes instantes;  
 Sem esse horror que afeia esta passagem,  
 Fructo do críme e sua triste imagem;  
 Tranquilla como quem adormecia

Entre os braços serenos da alegria;  
 Fexei os debeis olhos c'um sorriso,  
 E abraçada me achei no paraíso  
 Com meu doce Jesus. Oh novo estado?  
 Nunca por mim bemido e assaz louvado!  
 Oh morte! Oh lance doce e lisongeiro!  
 Oh dia do meu ser dia primeiro!  
 E a que tornei acabar meu desejado;  
 Meu filho, meu senhor, meu bem amado.  
 Não ha pincel, ó pais, nem ha talento  
 Que pinte ou louve o meu contentamento;  
 Não ha palavra nem se faz concito  
 Do que então se passara no meu peito;  
 Vós mesmos, de algum modo já immortais,  
 Vos mesmos não sabeis, não o pensais.  
 Se eu disser que de um ermo despertada  
 A hei-me de repente em sala ornada  
 Entre os montões dos bens appetecidos  
 Que enchem o peito, adulam os sentidos;  
 Não é bem acabada esta figura;  
 Não vale o simil a mendaz pintura.  
 Se eu disser que de um carcere escapando,  
 Em que andara grilhões mil arrastando,  
 Derrepente cantei minha soltura  
 No mimoso regaço da ventura;  
 E' com efeito lindo este desenho;  
 Mas ioda não me serve ao desempenho.  
 Se eu disser que passei de atra egueira  
 Innata a ver a luz tão lisongeira,  
 Que abrindo as portas do puniceo Etonte,  
 Doura o mar, pinta a flor, faz rir a fonte;  
 Inda assim esta imagem degenera,  
 Não é original não é sincera.  
 Se eu disser a final que renascida  
 Vi-me n'outros paizes, n'outra vida,  
 Na posse da ventura mais ditosa,  
 Immortal impassivel, gloriosa;  
 Digo-vos que esta idéa tem seu geito,  
 Mas podeis fazer vés todo o conceito?  
 Oh! se o céo se dignasse pôr patentes  
 Os seus dons, e thesouros! Quantas gentes  
 Que ás cegas andam, foram medicadas  
 Da magia, que as arrasta fascinadas!  
 Quantos thoros brillantes e floridos  
 Seriam dos mortais aborrecidos!  
 Que risos de fortuna desprezados,  
 Que nauseas para o mundo e seus agrados?  
 Que desprezo, que horror, para a riqueza,  
 Essa Circe da humana natureza,  
 Essa bella que a todos enamora,

Idolo que em altar o cego adoro!  
E o que pôde offertar esta falsaria  
Além de uma fortuna imaginaria?  
Eu vi o rico afflito, e sem ventura,  
Estendido n'um leito de amargura  
Exbalando suspiros e gemidos,  
Como o mais infeliz dos desvalidos.  
Sobre seu pavilhão d'ouro adejando  
Crucis remorsos, que lhe estão cravando  
Sobre o peito um punhal sem que a riqueza  
Lhe podesse valer nem ser defesa.  
Não é no leito assim do pobre justo  
Cuja san consciencia ignora o susto;  
E na dor que padece, só lhe pena  
Para o céo merecer ser tão pequena.  
Emfim não pôde a misera mesquinha  
Trazer a formosura a quem não tinha;  
A honra, o brio, os bellos sentimentos  
Nobres acções, heroicos pensamentos,  
Altas virtudes, dotes de valia,  
O valor (e o que é mais), sabedoria.

Mas porque raciocínios indiscretos?  
Não é Deus immutavel nos decretos  
Não basta que eu te diga, e desta sorte  
Chegue o merito as portas té da morte?  
Porque razão, ó homem, cegamente  
Te deixas arrastar do que é presente?  
Porque, como uma fera embrutecido,  
Adoras so o que fere o teu sentido?  
Ab! que és louco e tenaz, tudo te culpa,  
Não mereces perdão, não tens desculpa.

Quiz então o Senhor, que a primavera  
Se anticipasse em mim, que a carne espera.  
Pois sendo de mim parte já ditosa  
No meu Jesus, não era gloriosa  
Ação restar exposta outra ameaçade  
Aos insultos da vil mortalidade.  
Inda a aurora o horizonte não tingia  
De rosa, e nem co' a rosa ella se ia;  
Fulgurava no céo a estrella acesa,  
Mudo o hemispherio, em sonno a natureza,  
Quando para o sepulchro me transporto  
A animar meu cadaver si o morto.  
Oh maravilha! Oh caso de estranheza!  
Outro ser, outra nova natureza  
Trazendo-me o vigor e antigo alento,  
Me veio remoçar em um momento.  
Tal a flor da grinalda maltratada  
Revive se do orvalho é rociada.  
Eis o calor vital ardentes brios

Vai espalhando pelos membros frios.  
A idade juvenil já pinta o rosto  
Na arrugada feição e o rosto liso,  
Orvalhado das gottas da frescura,  
Cobra de novo a antiga formosura.  
As graças pueris, as pudibundas  
Rosas do pejo, cores tão jucundas,  
Vem-me as faces corar desfalecidas,  
Da pallidez mortal amortecidas.  
Os olhos frroxos, debeis e embaçados  
Tornam-se estrelladas, b ilham engracados.  
Assim da primavera a gentileza  
Novo verniz trazendo à natureza,  
O secco tronco aviva dos verdores  
Vestindo-o de mil folhas e mil flores.  
Assim nedia crystalida dourada,  
Depois de estar um tempo c'ausuada  
No seu tenue casulo, rompe a leve  
Sepultura, onde quasi morta esteve  
E ostenta viva e cheia de alteza  
As debeis azas d'ouro à natureza.  
Tal da phenix, se diz que renascida  
Da cinza, dos perfumes reduzida;  
Deserta da Sabieza, patrio assento,  
Que testemuinha fora do portento;  
E as cores vai mostrar das suas pennas  
As campanhas niloticas serenas.

Tambem meu corpo já não tem mais prezo  
Os voos de minha alma com seu pezo.  
Zomba da solidez; inda sem furos  
Ousa compenetrar volumes duros.  
Não ha de diamante, ou bronze, rijos  
Obstaculos nem duros escondrijos,  
Nem muralha de pedra forte e grossa,  
Que a mim a entrada disputar-me possa.  
Trazei-me se é possivel um penedo,  
Ou de todos formai um so rochedo,  
Que tudo passarei n'uma carreira  
Sem prejuizo meu nem da barreira  
Nada pôde igualar minha presteza,  
Nem comigo apostar a ligereza;  
Phebo mesmo, que o céo gyra n'um dia,  
Se a tanto se atrevesse perderia.  
Como o trisulco lume que no instante  
Abre no oeste, aclara no levante;  
Reina em mim certo dom de agilidade  
Que julgarieis dar-me immensidade.  
Além desta espantosa subtileza,  
Nova luz, como vedes, sempre acesa  
Crystallisa meu corpo e é tão fulgente  
Como a tocha do sol no céo patente.

Se acaso la na esphera acontecesse  
Que este E o luzeiro percessse,  
As trevas enlutando a face intelecta  
Do gabinho ; nestas trevas e cegueira,  
Do antigo chaos retrato eu so seria  
Novo sol, nova luz, nova a egria.  
Bem a nosso pezar vemos no mundo  
Ser o corpo mortal, campo fecundo  
De miserias ; e em tanta desventura,  
Que cede ao tronco inerte, e á pedra dura.  
E le marcha pesado, e sempre exposto  
A's sensacões, que cansão-lhe desgostos  
Alvo de mil molestias : da sendenta  
Febre, nunca da morte, se vê violinta  
Di solve-se, e arruina-se, bem como  
A flor, que marcha, ou já passado pomo ;  
A quem o verme surdamente rala  
Einda vivas infecções crueis exhala  
O corpo estranha, que scus orgãos tangue,  
E só quanto elle sabe, Não abrange  
O que é seu, e nem entra em lar alheio,  
Vedada a porta, prova do perigo  
Perpetuo, oh grão mysterio ! é no abrigo  
Da gloria, subtil, agil, impassivel,  
E um grão de luz consegue, tão incrivel,  
Que a azul safira, a perola fulgente,  
A neve, o leite, o niveo eburneo dente  
Já mais disputarião o radiosso  
Do corpo, que é immortal, que é glorioso,  
De sorte que parece ter passado  
A estado espiritual, do terreo estado.  
Em sim, presado pai, (fallando a Elias)  
Aquellos claros dotes, regalias,  
Que visto rutilar no monte santo  
Sobie o verbo ; e de lephas foi o encanto  
Comigo à proporção se repartiram,  
E tambem os heroes, que a Deos serviram.  
Quando da morte renascendo um dia,  
Da morte insultaram a tyrania  
Pois não quer o Senhor, que o corpo sendo  
Socio das lutas d'alma, e quebebendo  
Com ella os mesmos transes, defraudado,  
Venha a ficar o fructo suspirado.  
Assim que por taes feitos, tão subidos  
E por toda concordia com que unidos  
Se estreitaram na terra, gloria immensa  
Receberam a final na recompensa.  
Mas apenas do tumulo surgia,  
Quando os nuncios das novas da alegria,  
Tração p'r decorar-me a bella imagem

Peste carro triumphal para a passagem.  
Certo na architectura havendo posto,  
Que o luvo tem de preça a arte de gosto.  
Mas não contente o Deos brioso, e forte,  
Iscsem outros de novo, que o transporte  
Viessem retocar, d'ella enviados  
Em doas sublimes, em dever alçados,  
Atho que em sim com hymnos de alegria  
Aquí me trouou a fausta companhia  
Para o prazer vos darem de me veres,  
E a mim, de vós também, iguas prases.  
Vede agora se acceso tanto altera  
Mercede subir nônia baixesa  
Que meritais eu tinha que elles fitas  
Para colher taes loitros e respeitos ?  
Ewas foram as ações, quaes os disvella ?  
Quaes as lagrimas puras, quaes os celos,  
Qual em sim o espantoso sacrificio  
Por ser comigo grato, e tão propicio ?  
Ah ! que é rico, e fatal nos premios seus  
Por tudo ab'azonar em sim, que e Deus.  
Salta pois de prazer, e adora em tudo  
Meu coração o Deos, que he meu escudo.  
Do aito de seu Scilio, cravejado  
De estrellas, quaes safras, derramado  
Houve em mim doces vistas de ternura ?  
E fez-me a nobre inveja da ventura.  
Por maravilhas tias, nunca pensadas,  
Apenas só comigo executadas,  
Exaltaria as raças minha dita,  
Chamando-me feliz, Santa e bendita.  
Que prodigos não tem por mim obrado.  
Seu braço fulminante ? Que mudado  
De decretos por mim ? Que de inviolaveis  
Leis pelo meu rei respeito revogaveis ?  
Seja o seo nome o nome da grandeza.  
Seja, seja : e o publico a redondeza.  
Transpoz esse Romuleo Capitolio,  
E olhando com desdem seu aureo solio.  
A pro'e regeitou dos vencedores  
Bravos da terra, e d'ella então senhores.  
Vio tambem com horror os mäos dictames  
Dos paços do Idumeo; paços infames  
Por mil scenas crueis ; e avante passa,  
Detestando de intruso a impia raça.  
Deixa as filhas em sim dos optimates,  
E arrancando-me ao pó dos meus penates,  
Confidente elegeo-me dos projectos.  
Que elle ia trovejar, grandes, e rectos.  
Fecundo em dotes, rico em formozuras,

Se quiz reproduzir nas creaturas,  
Extraindo dos entes os milhares,  
Só de suas idéas exemplares  
No meio da recente natureza  
Um ser apareceu de tal belleza,  
De tantas perfeições e lindos modos,  
Que bem mostrava ser o rei de todos.  
Tal era o Pai primeiro, nesta idade,  
Que é risonha estação da puberdade,  
Houve o dom da pulavra articulando  
Os sons, que vão as faces exalando.  
Dadiva singular; cuja riqueza  
Negou-se á bellainá robuteza.  
É certo que com esta rica herança  
Elle soube livrar, quando a lembrança  
Teve de retratar com mil figuras  
As noções de seu peito, as mais escuras.  
Ouzando transmittir aos fins da terre  
Os segredos ocultos, que elle encerra.  
Tambem porção, Celeste luminosa  
Da eterna razão, forma garboza,  
Resta por ver o Ceo, ja n'elle brilha,  
Ao resto avantajando-se em partilha.  
Senhor de si, senhor dos appetites,  
A vontade, e razão nos seus leuites,  
Desta animada estatua e extremidade  
O ápice sexou da saulidade.  
Avança a mais do Eterno a grão ternura;  
Qual solicita Mãe, que a creature  
Antes que aos olhos dê, já está cuidando  
No infantil enxoval; mimoso, e brando;  
Dest arte elle tambem tem construido  
Um pavilhão de estellas embutido.  
Porque quando o ditoso for fechado  
Ache tudo a seu gosto, Eis que postado  
Apparece o feliz n'um predio accito,  
Das delicias do Ceo quadro perfeito,  
Mimoso em fructos de jasmins cerrado,  
Da innocencia, e da paz solar prezado;  
Troféo, onde a destreza Eterna falla,  
A quem nenhum troféo d'arte se iguala.  
Por estas alamedas tão serenas,  
Pelas margens das fontes quattro amenas,  
Por aquellas florestas venturosa,  
Orlada a frente de purpureas rozas.  
Marchava o Protoplasta rico, e usano,  
Como quem de tddo era soberano.  
Elle asagaya as feras, que o entendião,  
E a seu mando, e voz obedecião.  
Ja dos Leões as jubas entrancava

De tecidos de flores; e brincava  
C'os tigres mosqueados, e guerreiros,  
Como se forão timidos cordeiros  
Debaixo de seus pés hião nascendo  
Manjos de boninas, recendendo;  
Prestando a terra humilde de seu seio  
A seu Rei, e senhor tolo recio.  
Os ricos passarinhos, e tão ricos  
Que já maissemearão, com os bicos  
D'ouro, ou murice rubro, sobrivinhão  
Roubar-lhe o fruto, que seus labios tenhão  
A par delle marchava a virgem bella.  
Brilhante, e linda qual polar estrella.  
Ao consorte mostrando um rizo ameno,  
Como si para terra o Ceo sereno.  
De mil virtude novas a dornada,  
Qual a reza purpurea, aljosafada  
Das galas matinaes. Graça a vestia.  
De sorte que a nudez não offendia,  
Apenas flores ornão-lhe os cabellos  
Cohidos em anéis, loiros e bellos.  
Quando do Sol os raios os feião,  
Erão dois astros, qué se respondião.  
Não é tão bella o abobada azulada,  
Das relantes sasi as semeada,  
Nem a Tilonia aurora matutina,  
Portando as filhas da vernal campina,  
Na floresta a bonina se curava  
Por lhe beijar os pez, quando passava  
O prado ameno, a fonte a relva fria;  
Tudo ria de gosto, assim que a via.  
Vinhão os anjos ser espectadores  
De seus risonhos virginaes amores,  
Ditosa paz? Ditoza companhia!  
Se nunca a invenenara a rebeldia  
Tal era deste humano o berço, e aurora,  
Quando uma voz fatal, e seductora  
Solta do Câos, envolta em pestilente  
Fumo, fez tudo um sonho vão. que mente,  
E avinagrando aquelle saulo riso,  
Converteo em inferno o Paraizo  
Oh! desgraça! a belleza nobre e solta  
Contra o seu bemleitor ja se revolta.  
E dando fé, e ouvidos á mentira,  
Cahio na indignação de sua ira.  
Esta queda é a causa da tristeza.  
De que se vê enlutada a natureza,  
Da qui nascem as guerras assanhadas  
Pelas medrosas más tão detestadas.  
Da qui a ingratidão, mal ião sublime,

Que excede a todo mal, o todo crime.  
Da qui a fome, as dores, a doença,  
E a alluvião de males tão extensa  
Que inunda nossos Pais, que a nós innunda  
E vai tudo inundando em dor profunda.  
Da qui o peccado, e o negro caos do inferno,  
Com que ao Ieo ameaça a Ley do Eterno,  
E se o louco mortal attenção prestá  
Acaso tão fatal, nada o molesta.  
Nem lhe parece cousa muito enorme,  
Mas antes quasi um sonho de quem dorme.

O homem pois a pouco tão mimoso,  
Anjo em carne, na graça venturoso,  
Ja marcha nú, de feno vil cingido,  
E pobre e desditoso, e desvalido.  
Oh! se elle conservasse na memoria  
Da sua fatal queda a negra historiá  
Veria com horror as aureas gallas,  
Mais proprias de chorar do que adorar-as.  
O ouro, o bisso, a purpura que o cobre,  
Inculeam a nudez de um ente pobre.  
Se o primitivo ornato não perdesse  
Da original justiça não fizera  
Novos reparos vãos, com que procura  
Fugir dos ares a inclemencia dura;  
Roubando a lã da ovelha, e com incrivel  
Arte tecendo o feno despresível,  
Fazendo com vaidade, pouco seria  
Ostentação da propria vil miseria.  
E quantas vezes, quantas? asquerosas  
Uleeras ornam tel-as preciosas?  
O' filiação do humano pansamento!  
O' culpa original! O' louco intento!

Victima triste da immortal vingança,  
Murchou pela raiz toda esperança?  
Não ha recurso? Cemerás nas dores  
Eternas, como os anjos desertores?  
Mas ah! o que é que eu onço? Oh céo sensível!  
O' ternura de um Deus incomprehensível!  
Ja nova traça inventa ja descobre  
De soccorrer ao Ierônimo. O' nobre  
E doce culpa! O crime, feliz crime,  
Que um vingador honesto tão sublime!  
Alviçuras, mortel; enxuga o pranto,  
Que tanto ao Nerbo mereceste. Ah tanto!  
Do seio do sacrario inaccessible  
Eu escuto uma voz, voz quasi incrivel,  
Voz doce mais que o mel; encantadora  
Mais que da cythra o som: «Cante, o que chora,  
«Ela diz, & mortal, de amor interno

« Amo-te, qual a mim meu pai eterno.  
« Escravo me farei por teu respeito,  
« Como sejas tu Deos, e a Deos accito,»  
Isto dizendo, as duas naturezas  
Na pessoa divina ficam presas.  
Tem pois Deos feito homem sofrimento  
E o homem feito Deos merecimento.  
Logo, se o Eterno irado pela offensa  
Exigir igual paga, se compensa  
Pelo ineffavel vínculo e desta sorte  
Nossa quebra se torna inda mais forte.  
Mas oh! eu insensata, que diserto,  
Ante quem sabe os factos mais de perto!  
Porem, como do Eterno são favoraveis  
E' doce os repetir, são seus louvores.  
Então por mim commuta a especie humana  
A condição servil em soberana.  
Pois por minha feliz maternidade  
Chegou a aparentar-se á divindade.  
Em attenção a tanta maravilha,  
Do seu alto poder sómente filha,  
Abre os thesouros seus, mostrando a sua  
Ineffavel ternura; e continua  
Como atravez dos séculos corre e passa,  
De pais a filhos e de raça em raça.  
Mas o monte de orgulho altivo e ousado  
Por sua planta enorme é supplantado;  
Então os aureos sceptros se quebraram,  
Purpuras pelo pó se concularam,  
E de sua presença os reis espalha,  
Quel tufão que arrebata a débil palha.  
Mas o pobre humilhado que gemia,  
Beijando a mão occulta que o feria,  
De repente se via rico, abastado.  
Feliz seu thoro, illustre o seu estado.  
O pastor que por tecto d'ouro o feno  
Tinha, e por leito a relva do terreno,  
Veste a opa real, de gloria exulta;  
E o rei ingrato inglorioso a campa occulta.  
Tambem os que dos bens e das herdades  
Abusaram por fim de iniquidades;  
E aquelles que do céo dons alcançaram,  
E contra o céo com elles se irritaram;  
Por castigo de tão negra insolencia,  
Atufados ficaram na indigencia;  
Arrastando os grilhões desta desgraça  
Seus filhos, vil, escura e infame raça.  
Emfim de suas bençãos a riqueza  
Choveu com profusão, com mais franqueza,  
Sobre o santo Israel, seu povo amado,

Seu povo, já de longe abençoado.  
De sua estirpe illustre, e descendentes  
Sahio o desejado, a luz das gentes :  
O cordeiro que o pacto sempiterno  
Rubricou de seu sangue em preço eterno.  
Autor da graça, fonte da innocencia,  
E victima do ceo por excellencia.  
Geminaram os dogmas e a doutrina  
Do evangelho que os povos illumina ;  
O novo culto, os sete Sacramentos ;  
Fontes que lavam, e da mancha izentos  
Deixam os reos. ahiram os primeiros .  
Da nova lei sublimes pregoeiros ;  
Economos da graça bemfaseja  
Sabio em sim a nossa māi, a Igreja. »

Desta sorte a exemplar das virgens puras  
Acabou suas santas aventuras.  
Deixando os circunstantes venturosos  
Banhados de prazer, inda anciosos  
De muito mais ouvir. se mais tornara  
De novo a repetir o que contara.  
Louvavam entre si o magestoso  
Ar com que referira e o som gracioso,  
O montão de successos tam diversos  
Pelo texto seguidos ou dispersos ;  
Um e outro com gosto memorava  
Aquelle que impressão mais lhe causava;  
Ora a perseguição que foi tramada  
Pelos ourives d'Efeso : ora a alçada  
Cegueira e tão nefanda idolatria,  
Com que se este lugar prostituia ;  
Ora os incendios da aguia que deixando  
A terra voa ao ceo, e penetrando  
Impavido de Deos o scio interno ,  
A geração teceo do Verbo Eterno.  
Ora em sim outros casos, que da historia  
Inda impressos retinhama na memoria.  
Nas planices do ceo, entre sombrio;  
Arvoredo copado, ha um desvio.  
E' um grato retiro affortunado,  
Somente pelos anjos frequentado.  
Que alli vão varias vezes de passeio  
Por mudar ou de sitio ou de recreio.  
Aqui de fino jaspe antiga gruta  
Existe uma fonte nunca enxuta ;  
Que desce murmurando crystallina  
Por areas de prata. Aqui domina  
A tacitura imagem do segredo.  
Já mais de Orpheos aligeros o enredo  
Doce gorgelia; não susurra o vento,

Nem range, ou bate porta de aposento.  
Não soa ao longe lá da torre enorme  
O relogio fiel que nunca dorme :  
Nem a voz da atalaia, que desperta  
Gritando ao camarada: alerta ! alerta !  
Não freme o duro quicio ao carro preso.  
A força estranha a resistir do peso ;  
Nem late o cão fiel ao vão ruido,  
Guardando a grei do armento espavorido.  
Está tudo em silencio, eternas flores  
Matizam o lugar e os seus veredores.  
É propriamente a lapa, e os taes matizes.  
Habitação dos extasis felizes  
Que alli moram, e estão sempre suspensos  
A contemplar do Eterno os dons immensos.  
Azas d'ouro elles tem por seu emprego,  
Posto que vivam n'una feliz socego ;  
Com que tendem o ar, e em torno gyram  
Dos justos que da terra ao ceo suspiram.  
Rapidos voam la do ethereo assento,  
E descem sobre a Virgem cento e cento.  
Que de louvar a Deos ja inebria e acesa,  
Ora delles restou inda mais presa.  
Mas como a vissem os prophetas santos  
Extatica e entregue a seus encantos ,  
Aproveitam o tempo sem demora,  
Que lhes concede o rapto da Senhora.  
Por se informar co'o nuncio do alto imperio  
Da gloria, sobre os sensos e mysterio  
Que encerravam as tarjas esculpidas  
No carro, por emblemas repartidas

## CANTO SEXTO.

## ARGUMENTO.

*Em quanto a Senhora esteve extasiada, o archanjo S. Miguel explicou aos prophetas os emblemas do carro, que descreviam varias passagens da mesma Senhora. Havia mais um emblema, e era uma descripção do Rio de Janeiro, cidade muito devota da Virgem pelo culto do terço. Emfim exclamações do propheta Elias ao retirar-se a comitiva.*

O' tu, Igreja santa, linda esposa  
Do cordeiro de Deos, minha mimosa  
Clara musa gentil, que por capellas  
Brilhantes cercaduras tens de estrellas ;  
Tu que por tua mão me tens guiado

Até qui por caminho não trilhado,  
Respira um pouco, toma novo alento;  
Descansa da fadiga algum momento,  
Queinda temos de ondar outra jornada,  
Não menos trabalhosa que a passada.  
Annue aos votos, ri aos innocentes,  
Os emblemas decifra, põe patentes;  
Aclara, ó dea, aos padres a verdade,  
Pois é digna de escusa esta vaidade  
  
Logo ao principio os olhos descubriam  
Uma lamina de ouro em que luziam,  
Por destreza gentil do feerro experto,  
As ruinas de um portico deserto.  
Alli no debil feuno reclinado  
Se via, por dous brutos adorado,  
O tenro amor Jesus, recem-nascido,  
Tritando ao ar, em faxas envolvido.  
A phenix unica, da graça filha,  
Concha argentea da perla, maravilha  
Do Empyreo, alli taes raios reverbera,  
Que bem se deixa ver māi de quem era:  
Ora com roseos beijos afagando  
O celeste penhor, ora o chegando  
Às fontes virginæs que o lindo fosse  
Nutrido do seu nectar casto e doce.  
Pasmou a natureza de tal vista;  
Tudo se reanimou, e o destro artista  
O segredo encontrou maravilhoso,  
Que faz seu atrevido, seu garboso.  
E tu, das artes todas que és princeza,  
Muda eloquencia, maga gentileza,  
Pintura, teus pinceis sanctificaste,  
Quando a primeira vez delineaste  
Um Deos tingindo os labios na doçura  
Do seio de uma debil creature.  
  
Por entre os velhos restos que existiam  
Do escarpado portal, quasi se ouviam  
Dos celites concertos, mais que huianos,  
Que davam gloria o Deos, paz aos mundanos.  
Do visinho reconcavo os cajados,  
Pelo nuncio do Olymbo convocados,  
Adorar pareciam de tumulto  
O tenro Deos, no veo terreno occulto.  
Cada qual offertando o que apromptara:  
Qual a ovelha que á triste māi roubara,  
Qual o par de pompinhos tenros, novos;  
Qual na ecsta de víme os brancos ovos;  
Qual o favo mellifluo da colmēa;  
Qual o coração so que o amor atea.  
Vizinho a este quadro outro importante

Insculpido se vê; no ar brilhante  
Insolito planeta fulgurava  
Formosa luz que o velho lar banhava.  
Guia fiel, que vinha conduzindo,  
Dos montes Nabatheos que o sol sahindo  
Dourando logo vêm, tres potentados  
N'arte de ler os astros consummados.  
À luz da nova estrella, que assomara  
La nos ermos do ceo, a nova e clara  
Estrella de Jacob, tão suspirada  
Buscam de um vate seu preconisada,  
Eis aborda já o portico aluido  
Da gran eavalgadura o gran ruido.  
Enormes elephantes corajosos,  
Dromedarios ligeiros e os gibosos  
Cainellos de alto collo tão erguidos.  
C'o peso dos volumes opprimidos.  
Abrem os cofres, tiram a presada  
Massa do metal rico, e a congelada  
Lagryma que evapora preciosa  
De Cinyras a filha incestuosa.  
E a crystallina, que ao Sabeo goteja.  
Com que o templo e o altar cheiros baseja.  
Os dons ao infante Deos apresentavam,  
Que mysterios sublimes eclipsavam,  
Pois de longe promettem, se bem penso,  
Mirra a morto, ouro a rei, á Deos incenso.  
  
Mais avante traçara o ferro fino  
Templo vasto, no gosto peregrino  
De arrogante fachada e de desenho  
Que honra a Pallas e ao dedaleo engenho.  
Nelle arrugado ancião, que o venerando  
Sacro penhor nos braços reclinando,  
Avidos olhos turvos lhe encarava,  
E encarando com elle prophetava.  
Logo senil matrona, encanecida  
Nas virtudes, a um lado era esculpida;  
Em ar de que ao Infantinho repetia  
Ternas caricias que a ternura ordia;  
Matrona que esperava ardemente  
O gran libertador da hebreia gente.  
« O' que painel sombrio e tão medonho  
( Exclamaram os dous ) a tam rizonho  
« Succede! nelle ve-se asfigurado!  
« Um fero drago humano coroado!  
« Elle goteja sangue, elle descreve  
« O cum'lo da desgraça em ponto breve! »  
Este painel sombrio e turbulento  
( O archanjo lhes tornou ) de paz isento,  
Pinta o paço fatal e o triste asylo

D'um Phalaris, d'um Nabis, d'um Perilo,  
 Ou de outros despotas com que tu podes  
 Vangloriar-te, ó Roma! O nome, Herodes.  
 Se pelos ambitos do tecto augusto  
 Vedes pintada a morte, o horror e o susto,  
 E que nelles adejam, quaes cardumes  
 De aves nocturnas, os crucis ciumes.  
 Se pelas salas tristes fluctuando  
 Correm ondas de sangueinda fumando,  
 São os tragicos fins e as duras mortes  
 Dos caros filhos, das gentis consortes.  
 Os olhos do tyranno ameaçadoras,  
 Que a tudo vibram iras e terrores,  
 São rubidos, ferozes, inquietos.  
 Como a quem inquietavam mil projectos.  
 A boca, tal que do Acheronte o boca,  
 So mortes proferia com voz rouca.  
 Era o rumor de um rei, de pouco nado  
 Quem perplexo o tem feito. Do malvado  
 A negra consciencia em grito o insulta.  
 Dictando-lhe: que estranha mão oculta  
 Ihe rouba o sceptro, ihe derruba o throno,  
 De que era usurpador, e não o deno:  
 Eis ja se agasta o sonno com seus olhos;  
 Ja nas flores do sceptro colhe abrolhos;  
 Cuidando so no crime, so no engano,  
 Que são sempre os cuidados d'um tyranno.  
 Troveja a regia voz; ja parte o forte  
 Satellite fatal, raio da morte.  
 Ja toda tetrarchia da Judéa,  
 Corte, cidades, villas, pobre aldéa.  
 Retinem c'os soluços e vagido  
 Das mãis que perdem do penhor perdido.  
 Eis alli os corpinhos mutilados,  
 Em tanto amor nascidos e gerados;  
 Porém mais bellos que os numismas d'ouro.  
 Que o avaro amontoa em seu thesouro.  
 Cordeirinhos devidos ao cordeiro,  
 Que em Moria se immolou, Deos verdadeiro.  
 Victimas simples que no altar estando  
 C'o as palmas e seu sangue estão brincando.  
 Qual da floresta o plano, que juncado  
 Tem de alheio matiz o note irado  
 Quando em rijo tufão, que não se espera,  
 Rouba os iris da nova primavera:  
 Taes estavam por terra, a cor perdida,  
 Os santos martyrinhos ja sem vida.  
 A puerpera, a quem o amor e o susto  
 Perturba, ao triste morticinio injusto  
 Fugindo está, sem mais outra assistencia

Que esconder no regaço a providencia.  
 Salvando por debaixo das palmeiras,  
 E egypcios labirinthos as primeiras  
 Esperanças da fé, nossa alegria  
 Do sacrilego rei que o persegua.  
 Logo n'um lano o celite apontava  
 O joven Deos em ar que dissertava.  
 Era o senado dos espectadores,  
 Os escribas da Lei e os seus doutores;  
 Confusos de ter tal sabedoria,  
 Quem mal tres olympiadas teria.  
 No calor da disputa eis que assomava  
 A māi, que os puros olhos enxugava  
 Do pranto que causou-lhe o sentimento  
 Da prematura ausencia. O' violento  
 Ponhal de penas! Por gentis finezas  
 Parece que colhia so estranhezas.  
 Seu rosto angelico, da dor magoado,  
 Era um formoso ceo, meio nublado.  
 Chorava pois, e a magoa era bem justa;  
 Que achar um Deos perdido é raro e custa.  
 Depois desta gravura os padres viam  
 Outras scenas mais gratas, que fingiam  
 Esplendido festim, perfeita idéa  
 Do hymeneo em Caïa de Galilea.  
 Gravara a déstra mão nas ricas telas  
 Exquisito manjar, aureas baixellas;  
 Via-se a noiva ricamente ornada.  
 A madeixa de perolas brincada;  
 Em tropel quasi o lar, e parcia  
 Soar o reboliço da alegria.  
 Por uma e outra parte estão sentados  
 Os parentes e convivas honrados.  
 Que aos noivos alternavam ditos finos,  
 Dos Syros velha usança e Palestinos  
 N'um distinto lugar mais eminentes,  
 Depois de recusar urbanamente,  
 Brilhava o Redemtor, que ja no aspetto  
 E ar mostrova ser varão perfeito.  
 O rosto e os olhos lindos dardejando  
 Uns visos divinaes de quando em quando.  
 Assim da opaca nuvem sol ardente  
 Vibra as vezes um raio d'ouro ingente.  
 La estava tambem o architriclino,  
 Increpando o copeiro, que sem tino  
 A gota reservara mais mimosa  
 Para o fim. Mas constou, cousa pasmosa!  
 Que em attenção à māi, Jesus mudara  
 Em mosto generoso a lympha clara.  
 De sorte que a primeira maravilha \*

Até qui por caminho não trilhado,  
 Respira um pouco, tema novo alento,  
 Descansa da fadiga algum momento,  
 Queinda temos de ondar outra jornada,  
 Não menos trabalhosa que a passada.  
 Annue aos votos, ri aos innocentes,  
 Os emblemas decifra, põe patentes;  
 Aclara, o dea, aos padres a verdade,  
 Pois é digna de escusa esta vaidade  
 Logo ao principio os olhos descubriam  
 Uma lamina de ouro em que luziam,  
 Por destreza gentil do feccio experto,  
 As ruinas de um portico deserto.  
 Alli no debil feno reclinado  
 Se via, por dous brutos adorado,  
 O tenro amor Jesus, recem-nascido,  
 Tritando ao ar, em faxas envolvido.  
 A phenix unica, da graça filha,  
 Concha argentea da perla, maravilha  
 Do Empyreo, alli taes raios reverbera,  
 Que bem se deixa ver māi de quem era:  
 Ora com roseos beijos afagando  
 O celeste penhor, ora o chegando  
 Às fontes virginæs que o lindo-fosse  
 Nutrido do seu nectar casto e doce.  
 Pasmou a natureza de tal vista;  
 Tudo se reanimou, e o destro artista  
 O segredo encontrou maravilhoso,  
 Que faz seu atrevido, seu garboso.  
 E tu, das artes todas que és princeza,  
 Muda eloquencia, maga gentileza,  
 Pintura, teus pineis sanctificaste,  
 Quando a primeira vez delineaste  
 Um Deos tingindo os labios na doçura  
 Do seio de uma debil creature.  
 Por entre os velhos restos que existiam  
 Do escarpado portal, quasi se ouviam  
 Dos celites concertos, mais que humanos,  
 Que davam gloria o Deos, paz aos mundanos.  
 Do visinho reconcavo os cajados,  
 Pelo nuncio do Olympo convocados,  
 Adorar pareciam de tumulto  
 O tenro Deos, no veo terreno occulto.  
 Cada qual offertando o que apromptara:  
 Qual a ovelha que á triste māi roubara,  
 Qual o par de pompinhos tenros, novos;  
 Qual na testa de vime os brancos ovos;  
 Qual o favo mellifluo da colmêa;  
 Qual o coração so que o amor atea.  
 Vizinho a este quadro outro importante

Insculpido se vê; no ar brilhante  
 Insolito planeta fulgurava  
 Formosa luz que o velho lar banhava.  
 Guia fiel, que vinha conduzindo,  
 Dos montes Nabatbeos que o sol sahindo  
 Bourando logo vém, tres potentados  
 N'arte de ler os astros consummados.  
 A luz da nova estrella, que assomara  
 La nos ermos do ceo, a nova e clara  
 Estrella de Jacob, tão suspirada  
 Buscam de um vate seu preconizada,  
 Eis aborda já o portico aluindo  
 Da grau eavalgadura o gran ruido.  
 Enormes elephantes corajosos,  
 Dromedarios ligeros e os gibosos  
 Camellos de alto collo tão erguidos,  
 Co peso dos volumes opprimidos.  
 Abrem os cofres, tiram a presada  
 Massa do metal rico, e a congelada  
 Lagryma que evapora preciosa  
 De Cinyras a filha incestuosa.  
 E a crystallina, que ao Sabao goteja.  
 Com que o templo e o altar cheiros baseja.  
 Os dons ao infante Deos apresentavam,  
 Que mysterios sublimes eclipsavam,  
 Pois de longe prometem, se bem penso,  
 Mirra a morto, ouro a rei, á Deos incenso.  
 Mais avante traçara o ferro fino  
 Templo vasto, no gosto peregrino  
 De arrogante fachada e de desenho  
 Que honra a Pallas e ao dedaleo engenho.  
 Nelle arrugado ancião, que o venerando  
 Sacro penhor nos braços reclinando,  
 Avidos olhos turvos lhe encarava,  
 E encarando com elle prophetava.  
 Logo senil matrona, encanecida  
 Nas virtudes, a um lado era esculpida;  
 Ein ar de que ao Infantinho repetia  
 Ternas caricias que a ternura ordia;  
 Matrona que esperava ardemente  
 O gran libertador da hebreia gente.  
 « O' que painel sombrio e tão medonho  
 ( Exclamaram os dous ) a tam risonho  
 « Succede! nelle ve-se asfigurado!  
 « Um fero dragão humano coroado!  
 « Elle goteja sangue, elle descreve  
 « O cum'lo da desgraça em ponto breve! »  
 Este painel sombrio e turbulentó  
 ( O archanjo lhes tornou ) de paz isento,  
 Pinta o paço fatal e o triste asylo

D'um Phalaris, d'um Nabis, d'um Perilo,  
Ou de outros despotas com que tu podes  
Vangloriar-te, o Roma! O nome, Herodes  
Se pelos ambitos do tecto augusto  
Vedes pintada a morte, o horror e o susto,  
E que n'elles adejam, quaes cardumes  
De aves nocturnas, os cruéis ciunus.  
Se pelas salas tristes fluctuando  
Correm ondas de sangueinda fumando,  
Sao os tragicos fins e as duras mortes  
Dos caros filhos, das gentis consortes.  
Os olhos do tyranno ameaçadoras,  
Que a tudo vibram iras e terrores,  
São rubidos, ferozes, inquietos.  
Como a quem inquietavam mil projectos,  
A boca, tal que do Acheronte o boca,  
No mortes proferia com voz rouca.  
Era o rumor de um rei, de pouco nado  
Quem perplexo o tem feito. Do malvado  
A negra consciencia em grito o insulta,  
Dictando-lhe: que estranha mão oculta  
Lhe rouba o sceptro, lhe derruba o throno,  
Be que era usurpador, e não o deno:  
Eis ja se agasta o sonno com seus olhos;  
Ja nas flores do sceptro colhe abrolhos;  
Cuidando so no crime, so no engano,  
Que sao sempre os cuidados d'um tyranno.  
Troveja a regia voz; ja parte o forte  
Satellite fatal, raio da morte.  
Ja toda tetrarchia da Judéa,  
Corte, cidades, villas, pobre aldeia.  
Retinem os soluços e vagido  
Das mais que perdem do penhor perdido.  
Eis alli os corpinhos mutilados,  
Em tanto amor nascidos e gerados;  
Porém mais bellos que os nunismas d'ouro.  
Que o avaro amontoa em seu thesouro.  
Cordeirinhos devidos ao cordeiro,  
Que em Moria se immolou. Deos verdadeiro.  
Victimas simples que no altar estando  
C'o as palmas e seu sangue estão brincando.  
Qual da floresta o plano, que juncado  
Tem de alheio matiz o note irado  
Quando em rijo tufao, que não se espera,  
Rouba os iris da nova primavera;  
Taes estavam por terra, a cor perdida,  
Os santos martyzinhos ja sem vida.  
A puerpera, a quem o amor e o susto  
Perturba, ao triste morticinio injusto  
Fugindo esta, sem mais outra assistencia

Que esconder no regaço a providencia,  
Salyando por debaixo das palmeiras,  
E egypcios labirintos as primeiras  
Esperanças da fé, nossa alegria  
Do sacrilego rei que o perseguiu.  
Logo n'um lano o celite apontava  
O joven Deos em ar que dissertava.  
Era o senado dos espectadores;  
Os escribas da Lei e os seus doutores;  
Confusos de ter tal sabedoria,  
Quem mal tres olympiadas teria.  
No calor da disputa cis que assomava  
A māi, que os puros olhos enxugava  
Do pranto que causou-lhe o sentimento  
Da prematura ausencia. O violento  
Panhal de penas! Por gentis finezas  
Parece que coibia so estranhezas.  
Seu rosto angelico, da dor magoado,  
Era um formoso ceo, meio nuulado.  
Chorava pois, e a magoa era bem justa;  
Que achar um Deos perdido é raro e custa.  
Depois desta gravura os padres viam  
Outras scenas mais gratas, que fingiam  
Esplendido festim, perfeita idea  
Do hymeneo em Caia de Galilea.  
Gravara a déstra mão nas ricas telas  
Exquisito manjar, aureas baixellas;  
Via-se a noiva ricamente ornada,  
A madeixa de perolas brincada;  
Em tropel quasi o lar, e parecia  
Soar o reboliço da alegria.  
Por uma e outra parte estão sentados  
Os parentes e convivas honrados,  
Que aos noivos alternavam ditos finos,  
Dos Syros velha usança e Palestinos  
Num distineto lugar mais eminentes,  
Depois de recusar urbanamente,  
Brilhava o Redemptor, que ja no aspetto  
E ar mostrova ser varão perfeito.  
O rosto e os olhos lindos dardejando  
Uns visos divinats de quando em quando.  
Assim da opaca nuvem sol ardente  
Vibra as vezes um raio d'ouro ingente.  
La estava tambem o architriino,  
Increpando o copeiro, que seu tino  
A gota reservara mais mimosa  
Para o fim. Mas constou, cousa pasmosa:  
Que em atençao à mai, Jesus mudara  
Em mosto generoso a lympha clara.  
De sorte que a primeira marayilha

Com que se distinguiu, foi mera filha  
Do culto filial, do acatamento  
Que sempre lhe prestou; certo argumento.  
De que o filho à māi tinha obediencia,  
E a māi no filho emfim muita ascendencia.

Outros muitos emblemas explicando  
Ia o nuncio e os nobres vates quando  
Entre as mais se divisa uma gravura  
Estranha, nova e de entender-se dura.  
« Mas que quadro é est'outro (perguntava  
O thesbite ao celeste que explicava)?  
« Ou que mysterio aqui está afigurado?  
« Juro que assaz me tem maravilhado.  
« Alem dos mares vejo, alem das ilhas  
« Ah que immenso paiz! que maravilhas!  
« Vejo um novo hemispherio, novos ares,  
« Outros ceos, outros bosques, outros mares;  
« Aves estranhas, flores nos matizes  
« Diversas, das que vi nos meus paizes.  
« Pelo longo da costa demandando  
« As regiões austraes, debaixo estando  
« Do semi-capro peixe, que é patente  
« Meta meridional do sol ardente;  
« Num braço do oceano que alli morre,  
« Pulcherrima cidade; logo ocorre  
« De nobres edificios, torreada  
« De bronze e revelins a augusta entrada.  
« Inda mais vejo alli, si não me engana  
« Em painel tam escuro á mente humana,  
« Que pela praça vai a generosa  
« Peipara em triumpho, e populosa  
« Companhia com tochas mil acesas  
« Parece celebrar suas grandezas.  
« Dizci-nos, nobre archanjo, o que isto intima.  
« Para mim é mysterio, é tudo enigma,  
« Tudo sombras escuras e tão densas  
« Que as azas da razão me tem suspensas. »

O vasto continente, que afigura  
(Diz o nuncio do Eterna) esta gravura,  
É um grande paiz quasi deserto;  
No trato ao mundo antigo inda encoberto,  
Mas emfim por um genio denodado  
Será das densas trevas arrancado  
C'o soccorro da agulha e do astrolabio,  
Novo invento subtil do engenho sabio.  
O Ligure immortal, nesta ardua empreza  
Tornas-te a abrir a porta á natureza,  
E obrigaste adorar do mundo a gente,  
Como de novo a mão do Omnipotente.

Que cythara tam de ce ou que profundo

Engecho poderio neste mundo  
Uma parte cantar de tua gloria!  
Não mais, não mais blasone a antiga historia  
As proesas do Grego ou do Troiano;  
Nem a fabula desse tão usano  
Pelos doze trabalhos. Os seus feitos  
Com os teus confrontados são defeitos.  
Ou antes um pigmeu ou uma aranha  
Á vista do gigante ou da montanha.  
Por ti um grau de gloria soberana  
Recebe e mais se exalte a especie humana.  
Nova serie de cousas eis que assoma,  
E o orbe inteiro nova face toma.  
Aplanadas dos golphos as passagens  
Novos meios se abriram, mil vantagens  
Aos tratos mercantis; e os bons talentos  
Dictaram-se de luzes e de inventos.  
Tocaste a meta da terraqua esphera,  
Rasgado o veo dos sec'los que a escondeu,  
Então do Creador novos primores  
Resplenderam, pregões de seus louvores.  
Que quando o seu saber mais patentea,  
Delle nos cresce o amor, crescendo a idea.  
Emfim, mostrada em parte a natureza,  
Agora tu lhe expões toda riqueza;  
Mas confessa que a honra assim o ensina,  
Que apprendeste os segredos e a douctrina  
Dos bravos, dos afoutos Lusitanos,  
Que primeiros traçaram te os teus planos.

É taminanho o payz, tam vasta o solo  
Que se estende de um polo a outro polo,  
Alli vegetam varias alimarias,  
Varios troncos e frutas, flores varias.  
Acham-se ricas pedrarias finas,  
Ouro e prata, e mil drogas peregrinas.  
Os tres reinos aqui, que a opulencia  
E bases são da humana subsistencia  
Em minas, animaes e vegetantes,  
Tão uberrimos são e tão prestantes,  
Que não resolve o sabia subtileza  
Para onde mais pendeu a natureza.

Cria tudo que o mundo velho envia,  
E o mais que o velho mundo jamais cria.  
Porque, como uma e outra zona apanha,  
Produz Lieo e a fruta d'ouro estranha,  
No jardim das Hesperides nascida,  
Por quem foste, Atalanta, ja vencida.  
E o caixo, que de Rhodes gera o scio,  
Melhor tornado neste clima alheio.  
Abrilhanta o ananaz, sazona a péra,

E o pomo, que discordia ja tecera  
 Entre as deosas do Olympo no monte Ida,  
 Que fez Dardania em cinzas reduzida.  
 Os dons da Ceres loura, em competencia  
 C'os celeiros Egypcios na affluencia.  
 Quando o provido Hebreo amontoava  
 Nelles o grão, que aréas igualava.  
 Alem das farináceas e raizes,  
 Que os povos fazem fartos e felizes.  
 Que direi desse reino vegetante,  
 Em dilatar a vida tão prestante ?  
 Aqui colheita salutar descobre  
 O Phármaco em vigilias uteis nobre.  
 Rica mina por certo, gran thesoiro  
 De mais alto valor, que a prata, o ouro,  
 E o lustre vão de pedrarias finas;  
 Do nome de Epidauro prendas dignas.  
 A palmachristi, a nova Ipecacuanha  
 Do velho Dioscorides estranha.  
 Da Cupahiba o oleo precioso,  
 Que vence a dor e o golpe mais prigoso.  
 Hervas, plantas em succos, e virtude  
 Ferteis de vida, fontes de saude.  
 Encontrão-se tambem tribus errantes  
 Nos bosques: que entre si belligerantes  
 Vivem de singular e estranho povo,  
 Que parece outra raça, germe novo.  
 Antropophagos são, que á tão sobido  
 Grão de horror chega humano embrutecido !  
 Pintam o rosto seu mal encarado  
 De verde, croceo, rocho e de encarnado.  
 E por fugir á vespa o corpo todo  
 De resinas agrestes, ou de fodo.  
 Tecer ignoram, mas as suas télitas  
 São as plumas das aves, cores bellas.  
 A vida passam em continuas festas  
 De crápulas e danças inhonestas.  
 A cidade, que alli vedes traçada,  
 E que a mente vos traz tão ocupada,  
 Será sobre colonia, rica, forte,  
 Fecunda em genios, que assim quiz a sorte.  
 Será pelo seo porto desmarcado  
 A feira do ouro, o empório frequentado.  
 Aptissimo ao commercio; pois profundo  
 Pôde as frotas conter de todo o mundo.  
 Será de um povo excelso, germe airoso  
 La da Lizia, o lugar mais venturoso.  
 Pois dos luzos-brasilicos um dia  
 O centro deve ser da monarchia.  
 Alçarão outas no porvir da idade

Os tropheos que tiverem por vaidade.  
 Umas nas artes levarão a palma  
 De aos marmores dar vida, aos bronzes alma.  
 Outras irão beber sua nobresa  
 Nos tratos mercantis. Tal que se presa  
 De ver nas suas scenas e tribunas,  
 Maior brazão, mais inclytas columnas.  
 Aquella dos Timantes o extremoso  
 Pincel com estro imitara fogoso.  
 Muitas serão mais destras no compasso,  
 Que as linhas mede do celeste espaço.  
 Mas cuidar de seu rei, ser sua corte,  
 Dar ás outras a lei: eis desta a sorte.  
 Gravaram do rigor de impostos novos  
 Os dynastas crucis a terra, e os povos  
 Egypcios por alçar massas estranhas.  
 Que tu, transpondo o leito, ó Nilo, banhas.  
 Fosse superstição ou so vaidade  
 Da fama dilatar por longa idade ;  
 É certo que o sentio o povo santo,  
 Que tanto alli gemoi por tempo tanto.  
 Hoje busca e viajor o immenso lago  
 De Méris e só topa um campo vago.  
 E se restam taes obras peregrinas,  
 São sobejos do tempo, so ruinas.  
 Aqui pelo contrario poz natura,  
 Por brazões da primeva architectura ,  
 Volumes colossaes, corpos enormes,  
 Cylindros de granito desconformes ;  
 Massas, que não ergueram nunca humanos,  
 Mil braços a gastar, gastar mil annos.  
 Vedes na foz aquelle, que apparece  
 Pontagudo e escarpado ? Pois parece,  
 Que deo-lhe a providente natureza,  
 (Além das obras d'arte) por desfesa,  
 Na derrocada penha transformado  
 Nubigena membrudo; sempre armado  
 De face negra e torva : e mais si o croa  
 Neve e trovões e raios com que atroa.  
 Que co'a frente no ceo, no mar os rastros  
 Atrevido ameaça o pego e os astros.  
 Se os delirios da van mythologia  
 Na terra inda vagassem, dir-se-hia ,  
 Que era um desses Aloidas, gigante  
 Que intentou escalar o ceo brithante.  
 Que das deozas do Olympo namorado  
 Foi no mar por audaz precipitado,  
 E as deozas por acinte la da altura  
 Lhe enxovalham de neve a catadura.  
 Do seio pelos das nuvens, onde a fronte

Esconde , vendo o mar até o horizonte :  
 Mal que espreita surgir lenho inimigo,  
 Prompto avisa e previne-se o perigo.  
 Por uma e outra parte ao ceo subindo  
 Vão mil rochas e picos; que existindo  
 Desde o berço do mundo e d'entao vendo  
 Os sec'los renascer e irem morrendo;  
 Por tanta duração , tanta firmesa,  
 Deozes parecem ser da naturesa.  
 Ossos da grande māi que ao ar sahiram  
 Na voz da criação: e mal que ouviram  
 Que deviam parar, logo pararam  
 Nas fórmas e extenções em que se acharam,  
 Que assiguram exercitos cerrados  
 De mil negros Tipheos petrificados.  
 Ao resto sobresahe co'a frente erguida  
 Dos Orgãos a montanha, abastecida  
 De grossas matas de sonoras fontes,  
 Que despenhando-se de alpestres montes,  
 Vem engrossar o lago da agua amara  
 Do gran Netherohy, do Ganahára.  
 Tal a fabula diz de Alfeo , que o rio  
 Faz por baixo do mar longo desvio  
 Té Ortygia, em demanda de Arethuza,  
 Que abraçar-se com elle não recuza.  
 Eatão, Brasil, virá tua ventura :  
 O sec'lo d'ouro teu , tua cultura.  
 Pelas largas espadoas penduradas  
 Não te-verão mais setas aguçadas.  
 Nem de penas multicolór textura  
 Teus braços cingirá, tua cinctura.  
 Debalde o caiman se pinte enorme  
 De rojo á suas plantas, qual o informe  
 Do Iehneumon rival, que gera o frio  
 Em lodosos paúes septemfluo rio.  
 Corre-o se o panno á scena: roçante  
 Estellifero palio, auriflamante,  
 Desenho do primor, obra de custo  
 Adornará teu vulto baço e adusto,  
 Sceptro na mão terás, e na cabeça  
 Coroa donde santa resplandeça  
 Com raios de rubis a cruz erguida ;  
 A cruz que é tua crença recebida.  
 Os frutos de teus bosques, de teus prados,  
 Mais doces hão de ser: porque cantados  
 Dos Tityros serão na agreste avena,  
 Nas silvas resoando a cantilena.  
 O aureo cambucá, fruta que unida  
 Nasce á casca da rama: a denegrida

Jaboticaba doce, que bem vinga  
 Nas frescas varzeas da Piratininha.  
 Vós tambem, ó alados, que em plumagens  
 Da filha de Thaumante sois imagens ;  
 Vós sereis celebrados que gyrando,  
 Lindos jardins no ceo andais pintando.  
 O psitaco loquaz, grossas araras,  
 Os loiros caniudês de plumas raras;  
 O trombudo tucano que no peito  
 A cōr formosa traz daquelle geito,  
 Que Daphne ja trouxera nos cabellos,  
 Em crespos fios d'ouro rico e bellos :  
 A Irapouga nivea que nos montes  
 Arremeda em tinir sordidos brontes.  
 Os ceruleos sahys e tambem verdes,  
 Onde tu, esmeralda, o preço perdes.  
 Os rozeos colhereiros e os vermelhos  
 Guarás que pennas trajam sendo velhos  
 De escarlate, si bem que negros nascem .  
 Mas quando as saídas conxas do mar pascem,  
 Rubras cōres recebem tam sobrejas .  
 Que tu, rei dos jardins, ó cravo, invejas.  
 O raro carajóá, que gran thezouro  
 Tem na gorja de azul, de roxo, e d'ouro.  
 Que beatifica os goytacazes prados  
 De sons angelicos e de mil trinados.  
 E as tuas margens ama e as agoas liba ,  
 O sereno e austriño Paraiba.  
 E o tyê que o mirece escurece ,  
 Com que a praia de Tyro se enobrece :  
 E outras muitas emfim , que são diversas  
 No canto e fórmas pelo ar dispersas.  
 Tambem colonias mil serão fundadas  
 De praças e lugares: affamadas  
 Por nobresa e commercio; de maneira  
 Que qualquer julgará ser a primeira.  
 Da latitude austral no grau trezeno ,  
 N'um rico e fertilissimo terreno ,  
 A primeira cidade o navegante  
 Saudará do mar, ninho importante :  
 Que no cume de um monte se sublima,  
 Qual o da aguia que alturas tanto estima.  
 Māi de nobres colonias , que algum dia  
 Serás , ó Soteropole Bahia;  
 É da qui que tu , inlyto Janeiro,  
 Tomas o berço e o fundador primeiro.  
 Assim matrona illustre, grave e amnosa  
 Vê, prolifica em fructos gloria ,  
 Cem filhos dos seus filhos despozados ,  
 Esgalhos de um só tronco derivados .

Assim arvore exotica estimavel,  
Que restou singular, inexgotavel  
De si reparte garfos a milhares  
Para mil hortas, para mil pomares.  
Do porto seu baixais empavezados  
Irão certando mares empolados.  
O paiz demandar fronteiro a este,  
Por onde corre o Zaire, sopra o leste.  
Conservando no seio em seu proveito  
O ouro das nações, como tem feito  
Antes de se abrazar, Tyro, e Carthago:  
Esta em ausonio, aquella em grego estrago.

Subindo um pouco mais, verao Olinda  
Surgir das ondas marcial e linda;  
Cujos tropheos soberbos escurecem  
Os tropheos, com que as dunas se ennobrecem.  
Em vão o leão fero das Asturias  
Castigar jure belgicas injurias.  
Innutil tentativa! vão reforço  
Só Olinda arrostar pôde a tanto esforço.  
Ao resto do paiz, como engrenadas  
Mattas tiver, cidades isoladas,  
(Prosegue o archanjo) e Amphitrite em meio.  
Todo o ardil será vão, todo o bloqueio.  
Se algum porto ou lugar for esbulhado,  
Não será pelas hostes conservado.  
Que tendo além dos mares a esperança,  
Não soffre o instante mal menor tardança.

Mais a cima a cidade se descobre  
Em lares não humilde, em copia nobre  
Do arminho vegetal, da casca ardente,  
Com que tu, Maranhão, és excellente.  
Colonia que o Gaulez sagaz fundara,  
E dos Brasis corrido não gozara.  
Quando do Ebo seguia a infesta estrella  
A princeza do Tejo, Lízia bella.  
Viúva de legitimos senhores  
No jugo e nos grilhões de usurpadores.

Mais la por onde a noite iguala o dia,  
Linha equinocial na hydrographia,  
Por ultimo a cidade nobre impera,  
Com o nome, onde o Verbo à luz viera.  
Bem sobre a foz de um rio que no mundo  
É capitão das agoas sem segundo.  
O Tejo que ja perolas da aurora  
E hydaspicos mares houye outr'ora;  
O Tybre que nos gyros que rodêa,

\* Belém - cidade capital do Pará.

Trophéos volvia como agora aréa,  
O Rheno, cujas margens se gloriam  
Do roxo nectar que fecundas criam;  
À vista do Amazonas, representam.  
Quaes ramos sobre os troncos que os sustentam.  
O' nautas, que contaes couzas tammanhas,  
Vendo extranhos paizes, novas manhas,  
Dizei ao morador do velho mundo  
Que n'outro um rio vistes tam profundo,  
Que no seu vasto seio uma ilha aponta  
Que tres vezes cincoenta milhas conta.

Paiz quasi ao desdem até que um dia  
Lhe imprima dextra mão nobre energia.  
Analogo rival, quadro imitante  
Do cheiroso terreno do abundante,  
Que o Indo rega, morador da aurora,  
E o Ganges, cuja fonte em Eden mora.  
Aqui as plantações tam lindas crescem  
Do extremo Chím, que indigenas parecem.  
A estomacal raiz, acre e pungente;  
A negra pipereira, o cravo ardente;  
O muscado adoriferante fructo,  
De que as aves recebem gran tributo.  
E aquelle, cuja amendoa cria a massa  
Da botagem balsamica, que passa  
Em dilicias o nectar delicado,  
Dos immortaes nas mezas só brindado.  
A camphora, antivermis precioso,  
O aloes, o sandalo cheiroso;  
E a salutar cortiça da canella,  
Com que tu, Taprobana, és rica e bella.  
Bem poderiam pois ser transplantadas  
Estas substancias todas, trasladadas  
Aqui vantagens taes e deste geito  
Mais prouido o Brasil, de mais respeito.  
Quem ousára affrontar golphos tam altos,  
Expondo o peito a tantos sobresaltos?  
Quem ver quizera a horrenda catadura  
Do gigante, ao presente rocha dura;  
Tendo aqui lastro prompto, fresco e certo,  
Por mar mais social, rumo mais perto?

Voltando ao Austro, os bosques senhorea  
A illustre povoação de Paulicena;  
Aprazivel lugar, cuja campanha  
O Tamandahy cercando banha.  
Cojos alumnos fortes e briozos,  
Rios transpondo, montes escabrosos,  
Atropos insultando e os seus perigos  
Sem rotina segura, sem abrigos,  
De Panthers e serpes assaltados,

E do indigena bruto; emfim cançadas  
Darão com as terras pingues e abundantes  
Das veias d'ouro ricas e diamantes.  
Aquellos que forrando o peito duro  
De triplicado bronze , o mar escuro  
De Helle na aventureira faia arando  
Voltam de Colchos ledos , transportando  
D'ouro a Jan , não disputem as conquistas ,  
Que hão de tentar os inclytos paulistas,

Contigua a esta terra a terra péga  
Do metal que a fortuna a muitos nega.  
Tudo quanto de Ophir se tem fallado .  
E de riquezas d'ouro exagerado ;  
Em grau aquise encontra tam sobejo ,  
Que pode terminar qualquer desejo.  
Nunca tammanhas , tam exuberantes  
Copias de metaes finos e diamantes  
Em cofres eclipsaram chapeados  
Da riqueza os heroes , nem celebrados  
Senhores foram ja de tanto preço ,  
Atalo em Pergamo , e no Lydia Cresso ,  
E se nada exagero ou dissimulo ,  
Em vão se agrave contra mim Luculo.

Descendo á costa um pouco ao meio dia  
A ilha Linda se verá que um dia  
Nomeada será florente , e culta  
Da illustre martyr , que o Sinai sepulta.  
Por quem a antiga Grecia se esquecera  
De Chipre , Chio , Samos e Citheia.  
Emfim nas margens de um soberbo rio ,  
Quasi termino austral do senhorio  
Luzo ; em gentis e deleitosos prados  
Dos dons da flava Ceres lourejados;  
Ficará Port'alegre , cujo nome  
Natura deo-lhe , que ninguem lho tome  
E tu , inclyta villa da Victoria ,  
Que ja em teu nome ostentas tua gloria ,  
Não penses que de ti se esquece a musa ,  
Que o merito exaltar jamais recusa.  
Tu ergueste soberba os teus pavezes  
Contra o belga e o Tamoio muitas vezes.  
Tu abundas de aromas e rezinas ,  
E , o que é louvor , de mentes peregrinas ,  
Mas se alguem contradicta quanto allego  
Venham vingar-te as musas do Mondego.

A bella estatua , que com bello arranjo  
Sobre aureos serafins prosegue o archanjo )  
É levada entre a turma , que abrazada  
De amor , laudes lhe rende em voz alçada ;  
Já mostra que será da vencedora

Do Erébo a cidade gran cultura.  
E é por esta razão e é neste intento ,  
Que merece o aqui distineto assento.  
Ela fará subir á clara esphera  
Em seu nome tropheos , onde a arte impera.  
Soarão pelos lares e nas ruas  
Hymnos mil e canções em glorias suas.

Não vedes acolá como apartada  
Colina , ora de silvas erriçada ,  
Ninho de serpes , placida guarida  
De feras ? Será então no cume erguida  
Casa à Virgem , mediocre na altura ,  
Mas no risco primor da architectura.  
Que ostentará por timbre de memoria ,  
O titulo pomposo desta gloria.  
Tropheo que inda será da piedade  
Do trato mercantil desta cidade ,  
Celebrarão a volta deste dia  
Nella os povos com fogos do alegria.  
Por marmoreas escadas a subida  
Condúz ao alto e ao portico da ermida.  
Sobre lagedos de granito em quadro  
Descança a base , que alli tem um adro.  
Dos lados peitoris descanso e meio  
Dos olhos pastearem seu recreio.  
Situação risonha , sobranceira  
Ao mar , entre a vaidosa cordilheira  
De rochas e de serras mil esguidas ,  
De palmas e arvoredo abastecidas ,

Oh que novo fulgor ! Oh que serena  
Luz innunda e abrillanta a rica scena !  
De piedade inuzitado exemplo  
Eu vejo , eu vejo neste augusto templo ,  
Este dia , Brasil , com typos d'ouro  
Transmittão teus annaes até o vindouro.  
Marcha a pompa dos nobres e senhores ,  
Brilha o ouro e o ostro e os seus primores .  
Entre todos levanta o magestoso  
Collo o principe , qual ergue frandoso  
Plátano a verdejante copa ingente  
Sobre a vergontea debil . Eis que contente  
Vem ao templo offertar com fé que espanta ,  
À nova imperatriz dos ceos a planta  
Bragantina . Dicando agradecido  
À quella , por quem tinha recebido.  
Arde a Panchaia , sobe o odor aos ares ,  
Descansa a linda offerta nos altares .  
Entre as grimpas da torre ao ceo erguidas  
Festejam bronzeas bocas retangidas .  
A varia cor purpurea das bandeiras

Nutre os olhos, dá vistas mil fagueiras.  
 Ribomba pelo espaço do oceano  
 Em crebras explosões rouco vulcão.  
 Sobem votos de amor ao ceo propício  
 Porque ria de cima ao natalício.  
 Clama o povo, e no longe os arredores  
 Vão repetindo os echos dos clamores.  
 Emfim tudo é festivo, e prazenteiro  
 Nas venturosa ribas do Janeiro.  
 Aqui nautas virão cumprir o voto,  
 Trazendo em hombros o velacho roto:  
 Co'a roupa mal enxuta, inda assustados  
 Dos euros e escarceos encapellados.  
 Virão tambem Romipetas, trazidos  
 Da devoção, de offertas opprimidos  
 Assim que por tal fé, tão extremada,  
 Bem podéra esta praça ser chamada  
 A cidade da Virgem: bem como ella  
 É cidade de Deos risonha e bella.  
 E tu, fausto lugar, que inda algum dia  
 Nobre assento serás da monarchia;  
 Tu que ja foras inclyto e florente  
 Nas artes, na riquesa e illustre gente;  
 Escuta agora os dons esclarecidos,  
 Que a ti do ceo estão apercebidos.  
 Verás soberbas filhas do oceano,  
 Prenhes de rico peso, que cada anno  
 Feudos te pagarão das ricas téas  
 Das plagas orientaes, das Europeas.  
 Verás do reino physico aclarados  
 Seus segredos, téli não revelados,  
 Madeiros de fabrico primorosos,  
 Cascas de tintas, oleos preciosos,  
 Tantas rezinas, massas e perfumes  
 Que ora desprezam barbaros costumes.  
 E outras mil raridades descobertas,  
 Reduzidas á classe e a regras certas.  
 Thesouros a meu ver mais importantes.  
 Do que teu ouro, do que teus diamantes.  
 Verás brilhar as artes, florecendo  
 Novos inventos, machinas nascendo:  
 O premio honrando do talento o zelo,  
 E este o premio a honrar com merecel-o.  
 Respeitado o cinzel dos Praxitelles,  
 Com letras de nobresa a arte de Apelles.  
 Verás das santas leis ao doce abrigo  
 Da donzella o thezouro sem perigo.  
 A orfã lacrymosa consolada,  
 A viuva de insultos resguardada.  
 Do ayido tutor o desvalido,

Innocente pupillo protegido.  
 Verás, verás então com grande lustre,  
 Renascer do teu seio prole illustre;  
 Nova raça de heroes, bravos guerreiros,  
 Dos heroes da nação filhos e herdeiros,  
 Rivaes dos Magalhães, rivaes dos Gamas,  
 Que farão renascer as luzas famas,  
 Que farão respeitar a patria cara,  
 Tornando-a por seus feitos grande e clara;  
 Levando, a ser preciso, o logo e a guerra  
 A' ilha mais longiqua, aos fins da terra.  
 Verás de santo culto a lei sagrada  
 No ultimo explendor depositada.  
 Ao ceo subir sagrado, puro incenso,  
 Por mãos mais puras dado ao Deos immenso,  
 O santo sacerdocio irreprehensivel,  
 O templo venerando, o altar terrivel.  
 Que todos estes bens emfim se esperam  
 Quando as virtudes n'um lugar imperam.  
 Verás...mas ah não quer o ceo que a humanos  
 Eu revele inda mais os seus arcanos!  
 Porem si tudo que na claridade  
 Divina eu posso ver, é so verdade;  
 Si os destinos e seculos futuros  
 Não me podem faltar por longe e escuros;  
 Tu, cidade, ( dirí por derradeiro )  
 Tu has de ser o Rio de Janeiro.  
 Assim os dous se estavam recreando  
 Com o nuncio do ceo sereno, quando  
 A Virgem māi desperta, e a equipagem  
 Dos anjos se dispõe para a viagem.  
 Mas o vate de Thesbe impaciente  
 Mostrou inda uma vez o estro ardente:  
 Em fogo o peito e os olhos, meneando  
 A cabeça tres vezes; como quando  
 Vaticinava a impia Samaria,  
 A' pompa, que se vai, assim dizia:  
 « Abri-vos, ó Sião; portas eternas,  
 Salas das alegrias sempiternas,  
 Abri-vos: dai lugar, rompa-se a entrada  
 A' princeza, por vós tão suspirada.  
 É tempo, é tempo já que o ceo vingado  
 Seja na sua herança; e espoliado  
 O mundo no seu roubo: ó pompa! ó filha  
 Do empenho angelical! Ah! não, não brilha  
 O apparato assim dos venceidores,  
 Que a frento orlando o louro, entram senhores  
 Nas capitais, sem se lembrar, entrados,  
 Que os louros molham olhos lacrymados.  
 E tu, filha do Eterno, obra primeira

Do Archetypo exemplar ; tu estrangeira  
Sempre na terra , foge do desterro :  
Foge o mundo , de tigres gruta e serro :  
Apressa-te em fugir , desapparece ;  
Não é digno de ti , não te merece.  
Não beberás jamais succos amargos ,  
Que elle te fez beber a sorvos largos .  
Conheça esse malvado , esse perverso  
Quem és no ceo , na terra , no universo .  
Sobe com pompa , ó radiante aurora ,  
Ergue a cabeça , mostra-te senhora .  
Orna-te dos listões d'ouro fulgentes  
De mil virtudes , de mil dons ingentes .  
Sacode o negro pó do abatimento ,  
Quebra os grilhões do antigo sofrimento ;  
Enxuga as rubras faces , veda o pranto ,  
Amanheça em teu rosto prazer santo  
Torne outra vez a calma , torne o rizo  
A teus labios , painéis do paraizo .  
Eis o dia feliz , ó mulher forte ,  
Dos mimos receberes do consorte .  
Hoje entregou-te do segredo a chave  
De suas graças , teu poder suave .

Como um astro novel , teu nome agora  
Vai brilhar desde o occaso até a aurora .  
Não verge o pólo em tão remoto canto ,  
Que ouse desconhecer teu culto santo .  
O morador do Syrio , o do Carneiro ,  
Os que vêm ou por ultimo ou primeiro  
Nascer o sol do mar , n'elle immegir-se  
E aquelles , que se folgam de tingir-se  
Nas ondas do Phison , que enchendo banha  
Da Thebas de cem portas a campanha ;  
Os da Scythia , e tambem da Libia quente ,  
E os que habitam as filhas do tridente ;  
Todos celebraram tua memoria ,  
Teus combates , teu nome , tua gloria .  
Vós mesmos , vós talvez desconhecidos  
Do soldado feroz , cujos ouvidos  
Inermes inda não foram troados  
De aguias bifrontes , carretões falcados ;  
Vós cobrireis , ó povos , suas aras  
De ricos dons , de victimas preclaras .  
Em sim. princeza , enquanto vão passando  
As raças florescendo ou já murchando  
Enquanto o grão pharol , luz do universo  
No oeste esquife achar , no leste berço ;  
Enquanto os rios para o mar correrem ,  
O tributo a pagar-lhe ; enquanto houverem  
No ceo estrelas , na campina flores :

Vivirão sobre a terra teus louvores .  
Mostra-te pois ao ceo , ao orbe inteiro ,  
Que és a esposa de um Deos , māi do cordeiro .  
O' bemaventurança ! ó gloria ! ó sorte !  
Eu vejo o ceo revolto .... eu vejo a corte  
Dos anjos toda em gala .... eu vejo a Trina  
Magestade Suprema , que se inclina .  
Para te dar o premio : ah premio incrivel !  
Premio da mão de um Deos , fiel , sensivel ..  
Entretanto serena vai passando  
Os assentos do Empyreo ; atrás deixando  
Os choros purpurados dos valentes  
Martyres , e das virgens innocentes .  
Deixa as cadeiras dos leaes monarchas  
Deixa os apostolos , deixa os patriarchas .  
Passa os prophetas , passa as jerarquias .  
Distintas pelas nove companhias ,  
Elevando no teo pomposo carro  
Do lacrymoso Adão o feliz barro ;  
No mais alto lugar do firmamento ,  
Vizinho quasi a Deos , da-lhe o assento .

## CANTO SETIMO.

## ARGUMENTO.

*Torna o inferno a urdir novo dolo para desviar o sancto triumpho. Descobre-se o artificio , travá-se horrivel combate entre os anjos , e os ministros infernaes. Foram estes precipitados em varias partes do globo. Falla da Sancta Virgem. Reflexões dos anjos sobre os efeitos da soberba.*

Outras palavras taes o grão vidente ,  
Ferteis de predições em estro ardente ,  
Vociferava ; e os echos repetiam ,  
Que já pela distancia mal se ouviam .  
Trilhava a turba angelical a estrada  
Do mais longíquo ceo ; a suspirada  
Meta quasi a tocar , e eis no profundo  
Outra vez brame e espuma o dragão immundo .  
Descontente do antigo dolo urdido ,  
Que tão mal lhe sortio , e ja esquecido  
Da pena atroz , dos horridos tormentos ,  
Que solfréra , inda vem com vãos enventos  
Tramar novos embustes , atro ingano  
A' pompa virginal , tenta o tyranno  
Na capa da virtude , nova farça ,  
Se acaso é mais feliz : n'ella disfarç a

Seus ministros de trevas , e escolhia  
Sua amiga fiel , a hypocrisia.  
Era todo o seu plano e negro intento ,  
Desviar o celeste ajuntamento  
Para plagas occultas e remotas ,  
Ao ceo impervias e da terra ignotas.  
Pois não podia ( com pezar interno )  
Arrastal-os jamais para o inferno.  
  
Ha no rabido chaos , na mais interna  
Escuridão do abysmo , uma caverna  
Vastissima ; lugar espavorido ,  
Sempre da clara luz aborrecido.  
Ar exhala de si tão pestilento ,  
Que um vivo mataria n'um momento.  
Ali aves lucifugas revoam ,  
Que de guinchos agudos tudo atroam.  
Ali passeia de contíno um vulto ,  
Cujo semblante as trevas tem occulto ,  
Macilento , mui longo , deslocado .  
Não se sabe se é a morte ou se o peccado ;  
De sombras vãas seguido , e de figuras  
De seio ver , de horrendas cataduras :  
Que apenas por um falso e mago lume ,  
Que mal fere das trevas o negrume ,  
Se deixam ver , como o lugar , tristonhas ,  
Sempre a contrafazer fôrmas medonhas.  
  
N'este retiro habita o egoísmo ,  
Monstro o mais execravel que ha no abysmo ,  
Em alvergue mais commodo e aceado ,  
Fertil de provizões , de luz banhado.  
É grosso , pouco vê , não tem ouvidos  
Por não ver prantos , nem ouvir gemidos.  
O ventre volumoso , os braços curtos ,  
Mas longos e sublís para seus furtos.  
Menos enorme pinta o mantuano  
O sordido barqueiro do sumano.  
A seu lado se via o seu recreio ,  
Mocho nogento de pennugem feio.  
So para este animal é accessível ,  
A pluma a lhe assagar meigo e risivel.  
Em tudo mais o monstro inexoravel  
É carrancudo. Sempre insaciavel  
So cuida enriquecer ; e em tal cuidado  
Ten quasi todo o averno expoliado.  
Reter o alheio em paz é seu socego ,  
É todo seu prazer , seu doce emprego.  
Não ha neste ferrenho negro peito  
Briosas sensações de honra , ou direito ,  
Jamais ouvio a voz da humanidade ,  
Nem sabe , o que é prestar , nem amisade  
Em seu conceito patriabrio e gloria

É quimera , ou das fadas vãa historia ,  
Que as aias contam aos pequenos , quando  
Estain indoceis e sem dôr chorando.  
Como quer que em regalos , e tranquillo  
Passe a vida , abastado em seu asylo ,  
E nem turbem-lhe o sonmo e nem a porta ;  
Que esteja , ou cáhia o inferno , pouco importa.  
Duas ordens de sombras volteando  
Em torno estam do monstro sempre. Um bando  
Que é por certo o mais triste e mais avulta ,  
Que a rapina lhe exproba e audaz o insulta ,  
É desses malfadados desvalidos ,  
Cujos bens usurpára ; e que retidos  
Os pedem , mas em vão ; pois quem reune  
Grãa somma de dinheiro , é sempre impune.  
Dos clientes é o outro que ali serve :  
A que o bruto pronette e nunca serve :  
Que se nutrem de esperas largos annos ,  
Nunca avisados pelos desenganos ;  
E no longo esperar e na tardança  
Perdem o tempo , mas nunca a esperança.  
De continuo a mão traz delgada cana ,  
Com que afugenta a debil chusma insana  
Das sombras importunas que o rodeiam ,  
E seus insultos avidos lhe afeiam.  
Taes , assim que as estróphades chegavam ,  
Do Teucro os companheiros afastavam  
C'os ferros nús as sordidas Harpias ,  
Que vieram manchar-lhe as iguarias.  
Não sei porque segredo do destino  
O antro deste aborto tão maligno  
As farças do cocyto esconde e encerra  
Com que a gente do mundo o orco aterra.  
Talvez seja este o prestimo no abysmo  
Unico que exercita o egoísmo ;  
Ou talvez porque assim se céva e nutre  
A rapina e a avaresa deste abutre.  
Nesta caverna entrava a hypocrisia  
Para a trama ultimar que astuta urdia.  
  
Aqui pois mil vestidos ha medonhos ,  
Que trajam os do averno , quando em sonhos  
Se mostram aos viventes , ou se inventam  
A sacrilega magia , ou quando tentam  
Turbar com falsa luz , panicos sustos ,  
No fervor da oração os homens justos .  
Pendentes ali estam discos e cestos ,  
Malhas , elmos , belligeros aprestos ,  
Para quando algum monstro toma o inteiro  
Fantasma de um athleta , ou de um guerreiro  
Qual vestido , que imita o vule ingente ,

Que o velho Antheo tivera; e juntamente  
O teu , monstro , que a Alcides ja roubáras  
Os animaes que em Memphis tinham aras.  
Qual pinta as tres irmãas que se disiam  
Gorgonas , e de um olho se serviam.  
Qual o Jano bifronte , qual a Sfinge ,  
Qual Protheo que mil fórmas larga ou singe  
E as celenos de griffos espantosas  
Aos festins tão nojentas : quaes musgosas  
Do mar equoreas fórmas , até o meio  
Mulher , e o mais de escamas peixe feio,  
Como são Acheloidas sereas ,  
Que as salsas ondas cortam eritreas.

Dentro deste covil um outro havia  
Sem melhorar em uso ; alli se via  
Rico deposito de preciosos  
Ornatos , no lavor mui primorosos,  
Varias larvas e varias joias ricas  
De mulheres formosas e impudicas ,  
Que vestem os do Tartaro ; se a empreza  
É teus lyrios murchar , santa pureza.  
Ou quando com taes vestes e matizes ,  
Affectam ser celicolas felizes.

Quanto Asia tem de afeminado luxo ,  
Que ao molle Sibarita forte influxo  
Ja causara , e tambem em nossa idade,  
Irrita , e encanta a mulheril vaidade ;  
Quanto inventa das artes a destresa ,  
Ou por ornar a natural bellesa ,  
Ou ja por garantil-a dos defeitos ,  
A que o crime de um pai nos fez sujeitos ,  
Tudo alli se apromptava e se trazia  
Para o enredo fatal da hypocrisia.  
Ricas arcas despejam-se pejadas  
De anneis , brincos , pulceiras , arrecadas!  
Enfiaduras de aljosfar , chamejantes  
Gargantilhas de perlas , ou diamantes.

Aqui pois os ignicolas tomavam  
As farças que a seu geito mais quadravam.  
Ja aos cerastes crueis e outras serpentes ,  
Que em tranças se lhes nastram pelas frentes,  
Vão succedendo circulos de rosas ,  
Ou grinaldas de pedras preciosas.  
Uns os cintos apertam com dourados  
Fraldões de rica tela ; outros malvados  
Abrocham resplgentes braceletes.  
Estes no peito provam os coletes ,  
Em cujo campo as flores que esmaltavam  
Ricos fios de aljosfar enlaçavam.  
Uns dourados cothurnos vão calçando

De rica filagrina ; outros atando  
Estam ao colo fulgido adereço ,  
Onde a arte a materia vence em preço.  
Aquelle pulverisa a crespa coma  
De popolina d'ouro : est'outro toma  
Nos hombros rubro manto de veludo ,  
Brincando perolas e ouro em tudo.  
Alguns se impunham toucas elegantes  
Da transparente garça , mui brilhantes  
Pela rica espeguilha d'ouro fino ,  
Que ali traçara risco peregrino.  
Nem falta em cima a pluma tremulante ,  
Ultimo gosto , moda dominante.

Não deitaram no rosto a cor mimosa  
Que imita à cor da pudibunda rosa:  
Nem outros enfeitinhos ou levezas ,  
Que tanto prezão femenis bellezas.  
Por temerem , que taes desenvolturas  
Trahissem seus enredos. Nas larguras  
Das espaduas adumbram aureas pennas ,  
Que o vasto azul do ceo varrem serenas.  
Qual avido colono que da herdade  
Vem tratar seus litigios à cidade ,  
E os passos para o artista dirigindo ,  
O traje idoneo á corte está vestindo:  
Ora prova este ornato , ora exprimenta  
Se tal , ou tal vestido bem lhe assenta;  
Assim a negra Sthyge floreia  
Nas cavernas da infame rouparia

Já muitos vão tomado das delgadas  
Hasteas d'ouro , no extremo sublimadas  
As memorias da Virgem , arranjando  
A la dupla vistosa ; concertando  
Com passo grave a marcha , e desta sorte  
Vai encontrar-se a infernal cohorte.  
Vinham primeiro os mais ennobrecidos ,  
Das gerarchias posthumas seguidos .  
Os que gozaram mór celebridade  
Nas aras vãas da vãa gentilidade.  
Os deozes que em Sidonia , Tyro e Egypto  
Templos houveram ja , cultos e rito.  
O que por deoza Cypria recebera  
Incenso em Gnido , Paphos e Cithera.  
Onde , o culto insultando a Divindade ,  
Eram as oblações impuridade.  
Aquelle que com titulo de Astarte  
Aras teve na Syria: grande parte  
Dos idolos de Amon , dos Moabitas ,  
Fataes tropeços dos Israelitas.  
Não deixou também vir e com justiça

O monstro que inspirara a Pythonissa.  
 Os que gesticularam fórmas fées  
 Nas Sybillas de Cumas e Eritreas.  
 E os que de sanha encheram as Bacchantes,  
 O Druida, Gaulez, os Coribantes  
 Que com tições accezos e atra orgia,  
 Os povos inquietavam noite e dia;  
 E toda a Ilha Gnossia, e a selva Idea  
 Deste rito immoral festa tão fée;  
 Tambem vieste ali rico e affeitado,  
 Cruel Moloch, que la no detestado  
 Valle de Henon co' as bronzeas mãos ardentes  
 Reduzias a cinza inda viventes  
 Víctimas tenras, cujo enternecedo  
 Lamento do estridor não era ouvido.  
 Emfim mil outros vi nhão disfarçados,  
 Em cargos, e nobreza abalisados:  
 Que como era de empenho a tal empreza  
 Erro lora não vir toda a grandeza.  
 Ao som acompanhado dos accordes  
 Mil instrumentos musicos, concordes  
 Vão entoando em prosa solta, ou verso  
 Encomios á Princeza do Universo.  
 « Quanto ostentou da lei a prisca idade  
 (Um monstro ja cantava) em santidade  
 « No sexo feminin), Sara e Anna.  
 « Judith e Esther, Abigail, Suzana,  
 « Foram preconios ja de ti, Senhora,  
 « Saudosas madrugadas dessa aurora.  
 « Tu foste o lenho guardador do humano,  
 « Quando esfaimada a boca do oceano  
 « Toda a terra engolio, sanha divina,  
 « Que atrahio a peçonha serpentina.  
 « Tu foste o monte santo assignalado  
 « Monte pingue de um Deus, monte coalhado,  
 « No qual, bem como em thalamo florido  
 « Mezes nove eclipsou-se submerso.  
 « Tu foste essa vergontea generosa,  
 « Que a flor abrolha de Jesse mimosa.  
 « Mas porque fatigar meu peito rudo?  
 « Tu foste a Mãe de um Deus! Tu foste tudo.  
 « Salve, germe feliz (outro doloso  
 Acrescenta) por vir de um venenoso  
 « Tronco velho fatal, em que a riqueza  
 « Da graça prevenio a natureza.  
 « Pomba nivea sem mancha, que a virente  
 « Oliva da paz trouxe á mortal gente  
 « No diluvio do crime, que primeiro  
 « Que o das agoas crestara o globo inteiro.  
 « Salve, lyrio risonho entre os espinhos

« Sempre igual, sempre santo em teus caminhos;  
 « Ouro sem liga, vara sem tortura  
 « Lua sem phases, nova creatura,  
 « Canal da salvação, porta da vida  
 « Da triste humana raça ja perdida.  
 « Salve, gemma do empyreo (outro insolente  
 Continuava), dom do omnipotente,  
 « Maravilha fatal, que inda adumbrada  
 « Era ao chão ja terrível o seu nada.  
 « Esmagando a cabeça da serpente  
 « Escabrosa teu pé não existente.  
 « Nunca a morte de um Deos fora baldada,  
 « Sendo só tu da nodoa preservada. »  
 Bem contra seu querer isto diziam.  
 Porem melhor dest'arte se encobriam.  
 Assim obsequios placidos e amigos  
 Recolhe dos seus feroz inimigos,  
 E das sulphureas fauces da mentira  
 Triumphantemente verdade a Virgem tira.  
 Fingia ser o hypocrita cortejo  
 La do empyreo estellifero ao festejo  
 Dizendo vir por ordem veneranda  
 D'aquelle alto poder, que ao Orco manda.  
 Não deram logo os celites na teia,  
 Que quem o mal não faz, não o recchia.  
 Antes reciprocavam á porlia,  
 Hymnos de gloria, cantos de alegria.  
 E com os novos chôros exultavam,  
 Pois alheios do ardil jamais cuidavam  
 Que o inimigo fatal da santidade  
 Uma vez a trajasse por maldade.  
 Viram com tudo, que nenhum trazia  
 O Tbau da redempção, nem proferia  
 Aquelle nome augusto, a cuja alteza  
 Curva o joelho e acata a redondeza.  
 Isto fez novidade e fez reparo  
 No claro habitador do Olympo claro.  
 Em tal desconfiança finalmente  
 O sagaz Gabriel viu claramente  
 Que emergiam das furias mascaradas  
 De quando em quando bagas abrasadas.  
 « Alerta, bradou logo, alerta amigos  
 « Contra os traidores; contra os inimigos.  
 « Ah! coragem e esforço, que atacados  
 « Somos de mil tartareos condemnados.  
 « Não são lumes do empyreo, não desceram  
 « Dos outeiros eternos, nem vieram  
 « Gozar comnosco de prazer tam puro.  
 « São vampiros do Estix, é o flami-escuro  
 « Chão que torna com louco atrevimento

« A vir paralisar dos ceos o intento ;  
 « E piedosa actriz , a hypocrisia  
 « Que na capa se embuça meiga e pia  
 « Por melhor pôr em praxe e exercicio ,  
 « Da tartarea vingança o artificio . »  
 Não acabava , quando de improviso  
 Mud a-se a farça , desparece o riso :  
 Não faz mais um mysterio o negro enxame  
 De seu ardil , de seu projecto infame.  
 Taes como são se mostram : braseados ,  
 E em turbilhões de fumo ennovellados.  
 Sem ninguem presentir , em um momento  
 Transmuta-se o falsifico ornamento  
 Em lanças , capacetes , ferreas maças ,  
 Espadas , arcos , frechas e couraças.  
 Tal nos nossos theatros de repente ,  
 Erguida a auléa a scena é diferente.  
 « Até quando , ó dragões , a sorte acerba  
 (O Archanjo lhes bradou) da vãa soberba  
 « Vos impedirá ver com razão pura  
 « O grão , em que jazeis da desventura !  
 « Que lucros tirar pôde , que partiido  
 « Contra seu Deos , o ente enfraquecido !  
 « Que tentar ousa o nada realizado  
 « Contra o pulso de um braço illimitado ?  
 « Desde o instante fatal , em que perjuros  
 « Vos vistes e proscriptos dos ceos puros ,  
 « Descaidos da graça , e da belleza  
 « Natal , ja conseguistes uma empreza ?  
 « Acaso a contumacia extravagante ,  
 « Que vos caracterisa , um só instante  
 « Vos salvou do naufragio miserando ,  
 « Que de continuo estaes experimentando ?  
 « Ou emlim fazeis flor , fazeis jactancia  
 « De vosso opprobrio e dor , vossa ignorancia ?  
 « Oh cegueira fatal ! oh sorte dura !  
 « Fazer das trevas luz , do mal ventura ! »  
 « Refrea a lingua audaz , ó raça ignava  
 « Do atroz Empyreo ( um monstro lhe tornava  
 Por nome Bel , que teve antigamente  
 Incenso e altar na Babilonia gente )  
 « Calai-vos , que vós fostes só creados  
 « Para arrastar grilhões. Ah malfadados !  
 « Nós outros somos livres , nosso peito  
 « É indocil ao jugo , temos feito  
 « Igreja e reino a parte , não queremos  
 « Que estranho leis nos dê , nem entendemos .  
 « Somos reis e senhores , temos culto  
 « Sem soffrer , como vós , eterno insulto . »  
 « Oh! Igreja... ( o celeste respondia

Com sardonico riso ) Oh! monarchia...  
 « Oh! liberdade... Sim tendes altares  
 « Nao soffreis damno algum , nenhumos pezares ;  
 « Nós vemos , oh! Nós vemos , quando accesos  
 « Nadais sobre um sulphureo estagno ; presos  
 « Sem recurso e opprimidos pelo austero  
 « Braço de um Deos que é vingador severo .  
 « Ouvei , trevas do abysmo e sua escoria ,  
 « É a nosso humildade nossa gloria ;  
 « Nós tributamos doce rendimento  
 « A'quelle , a quem se humilha o firmamento ,  
 « Se o amor lhe prestamos , se o cortejo ,  
 « Não nos resta a dever um só desejo .  
 « E servir a quem honra em tanto extremo  
 « O servo não é servo , é rei supremo .  
 « Mas isto vós sabieis , ó infames ,  
 « Ao principio eram estes os dictames  
 « Vossos ; e se o negaes , fazeis se veja  
 « Quanto em vós o rancor , ou pôde a inveja . »  
 Não acabava e ja pavor é tudo :  
 Se um mortal visse gelaria mudo .  
 Negreja o vasto ceo , tremidos riscos  
 Traçam na esphera rubidos coriscos :  
 Crebros ribombos dos fusis atroam ,  
 E os echos reiterados desentoam ,  
 Nunca trovões tam feros remugiram  
 Do polo , quando as aguas submergiram  
 A terra no seu seio , os altos montes ,  
 Os palacios dos reis e as claras fontes .  
 Nem quando os salsos monstros e os peixinhos  
 Viram das aves naufragas os ninhos .  
 Rugia um borborinho ao longe vago  
 Dos Euros , que luetavam com estrago ;  
 E querer pareciam do eixo eterno  
 Sacar a terra , o mar , o mesmo inferno .  
 A tamanho tumulto , a tal bravura .  
 Descóra o chão , erriça-se a natura .  
 Voam serpes de fogo , espectros feios  
 No ar exercem bellicos torneios .  
 Não de outra sorte la na idade antiga  
 Os Asmoneos sentiram crua briga  
 No ar tinir , de escudos e de malhas  
 Feros encontros , fervidas batalhas .  
 Emfim investem-se de parte a parte  
 Com estranho rancor , não visto Marte  
 Bate o ferro no ferro sem tardança ,  
 No broquel o broquel , na lança a lança ,  
 Na malha a malha com fatal ruido  
 Medonho , estrepitoso , nunca ouvido .  
 Eo choque era tão rude e furibundo ,  
 Qn e julgareis deslocar - se ao mundo

Nunca o tufo do Oeste pregoeiro  
 Da turbida procella, tal nevoeiro  
 De ramos e de folhas arrebata  
 Com elas a juncar o ar e a mata;  
 Como os golpes que os Anjos descarregam  
 Sobre as furias, que em mal ja mais socegam  
 No meio deste horror, que o execerando  
 Orco palido excita um dragão infando,  
 Que la no abysmo ignipotente impera;  
 Lusbel por nome, nome que trouxera  
 Antes de ser das nuvens fulminado,  
 Sehindo a campo, eis que exbraveja ousado:  
 E com voz de trovão, que a esphera espanta,  
 Taes blasfemias vomita da garganta;  
 « Se dessa turba laxa, vil, malquista,  
 « Por onde com horror estendo a vista,  
 « Ousa alguém arrostar-me e não receia  
 « Comigo se medir, venha té a areia:  
 « Venha que o espero: e já de agora juro,  
 « Que a coragem decide da futuro.  
 « Mas que digo? Ousa alguém fazer-me frente?  
 « A mim? Conquistador Omnipotente?  
 « Amim? pue cultos tenho, tenho altares  
 « Fumando o incenso? A mim? a quem milha-  
 « Se prostam la no Estix, que nada temo, (res-  
 « Que sou Nume do chão, um Deus supremo?  
 Os incolas do ceo com taes sarchasmos  
 Estremeceram, e ficaram pasmos  
 Quando ouviram um Deus fora d'quelle  
 Do orbe author e quanto existe nelle.  
 Tal no valle se lê do Therebinto  
 Que um Philisteo membrudo, armado o cinto  
 De bronzeas malhas contra o ceo bradava:  
 Mas a furia brutal que blasfemava  
 Do Jeovah, acabou no debil braço  
 De hum inerme pastor sem peito d'aço.  
 Recusaram os anjos o duello  
 Por faltar igualdade. Mas o zelo,  
 Que a Michael inflama, não podendo  
 Mais moderar-se, que lhe está fervendo.  
 Fel-o pular e o collo da alteza  
 Espezinha sanhudo. Tal presteza  
 Mostra açor se de um vôo em terra tomba,  
 E entre as garras empolga a incauta pomba.  
 O monstro suffocado, inutilmente  
 Revolve o resto do volume ingente  
 Tal a cobra no collo se é calcada,  
 A cauda enrola e desenrola irada.  
 Rabido arqueja, tumido assavia.  
 E em vão contra o celeste o dente alia.  
 Não podendo escapar, com mil atrozes

Ardis passa a inventar methamorphoses  
 Agora em fogo, agora em agoa fria  
 Agora em lodo vil se convertia.  
 Umas vezes o corpo dividindo  
 Em particulas mil, está singindo  
 O mineral volvel prateado,  
 No solo derretido, ou boleado.  
 Outras em pó, sumações e graniso  
 Volvia-se o maldito d'improviso:  
 Mas o celeste campião com peso  
 Debaixo de seus pés sostinha-o preso.  
 « Insolente, lhe diz, porque te alcaste  
 « Contra o Senhor e resistir-lhe ousaste!  
 « Vaso de orgulho, se do artista houveste  
 « Tudo o que tens, e delle recebeste  
 « O ser, porque entumeces atrevido,  
 « Como se nada houveras recebido?  
 « Quem como Deos, quesopra, e n'um momen-  
 « Se apaga o sol, se enluta o firmamento, (to  
 « E volta o antigo chão? Quem como Deus?  
 « Que espreita o Orco, que previne os teus  
 « Embustes, e projectos sempre impuros,  
 « Sejam presentes, sejam so futuros?  
 « Quem como Deos? que aos olhos escondido,  
 « Não visto em tudo, em tudo é conhecido?»  
 Enquanto assim dizia, o monstro irado  
 É de golpes horriveis tão malhado,  
 Como em ferros malharam sujos Brontes  
 Out'ora em Lypari, atroando os montes.  
 Neste extremo fatal o rei das furias  
 So blasfemias soltava e so injurias.  
 Assanhou-se o tumulto, redobrados  
 Feros golpes tiniram: os malvados  
 Foram dos celites tão perseguidos  
 Que em lugar de bater forão batidos.  
 Excita o odio á raiva, não descnça  
 De fileira em fileira a atroz vingança.  
 Viam-se os anjos com os braceados  
 Moradores do fogo misturados.  
 Anjos, demonios, tudo juntamente  
 Em tumulto, em montão, em sanha ardente.  
 Alguns se elevavam mais terríveis  
 Da derrota mortal, quaes invenciveis  
 Antheos membrudos, que cahindo em terra,  
 Fazem a Alcides mais cruenta guerra,  
 Outros perdendo no conflito braços,  
 Cabeças, pernas, mãos, a poucos passos  
 Cobrão tudo outra vez, e endurecidos  
 Parecem ser de novo renascidos.  
 Assim dos dentes do dragão ja morto  
 Vio Cadmo renascer, oh raro aberto!

Dura cohorte de noveis soldados  
Ferozes, aguerridos, e ja armados.  
Baquea sobre os montes da soberba  
Trisulca chamma com saraiva acerba;  
E em tanta quantidade baqueava,  
Que da saraiva o numero igualava.  
Muitos tinham a cara chamuscada  
Do fogo dos fusis; carapinhada  
Da mesma chamma a coma: vera copia  
Dos indigenas brutos da Etiopia.  
Na confusao um monstro la nos ares  
Estoirou; eu não sei porque desares;  
So sei que foi esta explosão tão fera  
Que o mundo estremeceo, nutou a esphera.  
Por muito tempo esteve ensumaçado  
O ar, como de enxofre ali queimado.  
  
 Blasonava um maldito do impudente  
Ter ao Orco arrastado copia ingente  
De almas por sugestões, quando tremendo  
Raio arrojou-lhe um celite, dizendo:  
« Se a tantos tens no Averno sepultado,  
« Eis o premio, sé la tambem lançado : »  
Dispara e fere, e o perfido ferido  
Nas vorageus do Estyx foi submersido.  
Outro, que veio despiciar o amigo,  
Teve igual paga. Mas um inimigo  
Que era um demo brutal, de talhe enorme,  
De quem o capacete era um informe  
Tigre de olhos em fogo, e de aguçadas  
Prezas, de desengrar nunca abastadas:  
Monstro que ao mesmo chão causava medo  
Achou, onde não sei, grosso rochedo;  
E depois de improperios insultantes  
Vomitar contra o céo, com as mãos possantes  
Ambas nos anjos deita, mas sem dano,  
Que em vão contra o Senhor lucta o sumano.  
Todavia, com doze destes creio  
Que o combate seriainda mais feio.  
Tal na Trinacria o grão pastor gigante  
Monoculas fazia, quando avante  
Do Peloro penedos arrojava  
No Ithaco baixel, que lhe escapava.  
A rocha foi cahir la no gelado  
Mar austral, junto ao cabo de Horn achado.  
As ilhas augmentando, cujos cumes  
Sempre algidos de neve arrojam lumes.  
  
 Foi quando Gabriel, que se interpreta  
Fortaleza de um Deos, divino Athleta,  
Que só pesava um esquadrão inteiro  
Desempenhou seu nome. Este guerreiro,

Por trez vezes o dardo sopesando  
Bradou em ira acceso: » La vos mando,  
« Amigos aceitai este presente:  
« È do Empyreo, vos vem do omnipotente. »  
Disse, arremessa, e tendo arremessado,  
Um milhão de infernaes foi derrotado.  
Se é paroxo o canto, que da terra  
Um dos bravos Terrigenas, na guerra  
Contra os deozes, de um golpe disparava  
Cem frexas por cem mãos; a sanha brava  
Do paranympho aqui contra o sumano,  
Foi, sem fabula ser, d'um centimano.  
  
 Se a bicha, cujos pés bronze calçava,  
Tyrintio iminola; se da sua aljava  
A setta o monstro traspassou, que espanto  
Derramara no bosque de Erimanto;  
Se a hydra virulento, que a embascada  
Houve no lago Lerneo, e esquamea e armada  
De cein cristas medonhas, serpe incrivel,  
Não afrouxou seu arco irresistivel;  
Se Antheo aborto que abortara a terra,  
Tocando a māi, tornava-se na guerra  
Contra o heroe mais audaz, e elevantado  
Expirou-lhe entre os braços estmagados  
Não fez Alcides mais que este guerreiro  
Inda que Alcides fora verdadeiro.  
  
 Muitos cabos do Empyreo se illustraram  
Nesta accão com valor: elles contaram,  
Que um dos collegas seus de encantadora  
Face, dito dos mais o anjo da aurora,  
Com flammigera espada tanto estrago.  
Causou nas hostes, que no Aonio lago  
Vates, que bebem do licor ardente.  
Deverão celebra-lo eternamente.  
Pode bem ser que fosse, o que o juizo  
Do Eterno poz de guarda ao paraizo:  
Des que nelle o sacrilego attentado  
Fez o credulo par recem-creado  
  
 De uma virgem porém escudo e guia,  
Que pelo Cœo viadora inda gemia  
Um outro, que entre os seus não tinha fama  
Por estes claros feitos que ella aclama.  
Foi um raio esta vez; e por tæs modos  
Destinguio-se que encheu de assombro a todos.  
Foi o filho de Nave celebrado  
Por talhar Canaan, foi invejado  
O rival de Saul, quando immolava  
Dez mil, e o Rei somente mil cortava.  
Levi tambem o foi, que só co'archeiro,  
Di Sichem desolara o povo inteiro.

Mas nem estes, nem outros por espanto,  
Tem mesmo os Machabeos fizeram tanto,  
Lha o velho voraz que os filhos come,  
Não nos quis conservar, oh dor! seu nome.

Também da tropa iníga um monstro entre  
Chamado Leviathan, bem como aquelles, telles  
Que os mares glaciaes dos polos criam,  
Vendo que os sous aos golpes sucumbiam  
Dos anjos, elle se co'a molle ingente  
Julgou-os vingar, julgou inutilmente,  
E tu, a quem o Syro culto e altares  
Consagrav por preezas não vulgares;  
Tu manchaste, Astharoth, tua memoria,  
Pois fugindo da acção, fugiste à gloria.  
Mas foi só nesta vez que o gelo e o susto  
Domou teu coração feroz e adusto.

Largo espaço indecisa esteve a luta,  
Tanto das furias foi a sanha bruta!  
Mas um genio feliz tendo a lembrança  
De baixar sobre a terra, e sem tardança  
Trazendo um resto sacro soberano  
Do tropheo destructor do jugo humano,  
Apresentou, e mal que o apresenta,  
Todo Estyx se debanda e se affugenta.  
Ja vão deixando o campo, e com rugidos  
Fazem desbaratados e vencidos.  
Emfim restou a fama da victoria  
Pelas milicias ins'tas da gloria.

Dos ignicolas uns sendoapanhados,  
Ao alto Egypto foram relegados.  
Outros ardendo se precipitaram  
Nos lagos e nos rios que seccaram.  
Alguns deram no mar com choque horrivel,  
E o danno, que causaram, não te crivel.  
Pois foi tal o calor, que converteram  
Em cinzas as produções, que ali se geram.  
Qual fervura, que faz o ferro em brasa,  
Seguro de temer na escura casa  
Do sordido ferreiro, que o mergulha  
Na agua para refriar, tel era a bullha  
Dos implos no oceano; e assim fervia  
Tartarea chusma que no mar cahia

Do alto em gyros vem, e bate um bruto  
Sobre o Athos, entao de coma hirsuto;  
Que o verdor desecou e combustivel  
Tanto o fez, que ardeo seclos, caso incrivel,  
Nunca explosão se viu, nem tal fracasso  
No monte de Parthénope ameaço,  
Quando lavas de fogo arroja a boca,  
Que a terra escaldá e torres mil seffoca.

Jamais pedras tão grossas dardejara  
De acceso enxofre, quando sepultara  
Encalhado em seu seio o Mongilello,  
Que viu Pachino, e estremecço de vel-o,  
Tom tu, vulcaneo clamoroso, ateuas  
Tam fataes erupções, quando incendeas  
Dos Andes os cabeços empiedados!  
Triste herança dos Incas matifadados!  
Convulsa esteve a massa da montanha  
Longo espaço, tremeu toda a campainha,  
Tremeram os vizinhos arredores  
E chegarara té Lemnos os tremores.  
É este o monte celebre, que ouvara  
Propor ao Macedonio monte rara,  
para o atalar em colossal figura  
Varavilha do engenho, tista escultura,  
Na dextra pegaria uma cidade  
De nobres edificios, oh vaidade!  
Na esquerda um copo enorme, onde estariam  
As aguas, que do monte ali corriam.  
Se acceso assombro foi varar um grosso  
Pinho infundido as bases do colosso,  
Que a famainda apregoa em toda parte,  
Um dos sete tropheos do angeho e arte:  
Que seria a cidade e esta figura?  
Mas isto, ou era brinco ou foi loucura.  
Uma faria parém da cavaçada  
Que sahie mais que todas maltratada,  
Com horrivel fracasso e mechanismo  
Celiu junto ao xadrez do escuro abysmo,  
E vendo-o neste estado o grao portoирo  
Do averno que era amigo, em tom taquedo,  
Por lhe adagar a affronta, cis que dizia:  
« O! bravo Beelfegor, o alegria  
a Ilos povos de Moab, e desta corte,  
« Ah! não arguas, não a tua sorte;  
« Ncia te pene o deixar deste succes »  
« Que feito vil não foi antes de prego  
« Que emulação excita esta aventura?  
« No que estima o valor, prez a bravura?  
« Ah! victimá não foras do insolente,  
« Se foras no valor menos valente,  
« Como heroe immortal eternizaste  
« De teu despota o nome: sustentaste  
« Teu decoro, dos teus jamais trahiaste;  
« Não foi logo por laxo que cahiste;  
« E ser cahido assim não é victoria.  
« Que longe de rubor, causa antes gloria?  
« Esse infame agressor, esse homicida  
« Ali que ultrajem em nome; pela vida

« Minha juro e meu cargo , (isto dizendo ,  
 « Enorme chave ergueo de um peso horrendo )  
 « Juro e torno a jurar , que sem tardança  
 « Meu ferro provará , minha vingança ,  
 « E que as lividias manchas que em ti vejo ,  
 « Lavarei no seu sangue e com sobejão . »  
 Assim rosnava aos membros estendidos  
 Do triste que roncava sem sentidos .  
 Com efeito era digno este malvado  
 De lastima , se um demo é lastimado :  
 Deitava sangue negro a borbotões  
 Pela boca e narizes : os pulmões  
 Mal arquejavam ; tinha deslocado  
 Um braço ; o enorme corpo amotisado :  
 Em fracturas o dorso , e no fendido  
 Craneo se via o cerebro aluido .  
 Qual no curro espaçoso , e rodeado  
 De espectadores mil , o touro irado ,  
 Depois de crebros golpes e feridas ,  
 E de farpas de ferro ao couro unidas  
 Para fora é tirado ; e o triste exangue  
 Não tarda a expirar ; tal no seu sangue  
 Envoltó , e inda peior era o inimigo ,  
 Que no infernal xadrez foi dar consigo ,  
 Vio a Phenix da graça a furia tanta  
 Do horrisono chaos , e meiga e santa  
 Vendo os perigos que o mundano corre ;  
 Movida de piedade , assim discorre :  
 « Se contra mim feliz , e da ventura  
 « Ja no seio tranquilla , ha tal bravura ;  
 « De maneira que á voz do mesmo Eterno  
 « Quisa recalcitar o infame averno ;  
 « Quaes serão destas hydras os rancores ,  
 « Contra os fracos mortaes inda viadores ?  
 « Que enredos urdirão ? Que cavilosos  
 « Tropeços , porque caiam desditosos ?  
 « Quem poderá salvar-se dos perigos ,  
 « Trahido de tão ferros inimigos ?  
 « Como em seu throno estar pode a virtude  
 « A lucta exposta , tão prolixia e rude ?  
 « Não ha de ser assim : escudo eterno  
 « Dos mortaes eu vou ser : de affecto interno  
 « Sou māi do peccador , e não me pesa  
 « De ser : (dice co'a face em chamma accessa  
 « Deste cargo Jesus me decorava  
 « Quando da inveja o ferro o immolava .  
 « Foi mysterio esta voz e qual preceito  
 « Altamente arreigou-se no meu peito  
 « Ela vai ser no Empyreo minha gloria ,  
 « Como ja foi na rota transitoria ,

« Verá dos seculos a longeva idade  
 « Se soube , ou não encher a dignidade .  
 « Venham pois ter comigo os assustados ,  
 « Nos mais cenozos charcos atufados .  
 « Venham sem hesitar , não desesperem  
 « Sou seu recurso , sou : em mim esperem .  
 « Tentem primeiro , e de tentar não deixem  
 « E se eu faltar , consinto que se queixem .  
 « Protesto que dos tristes os gemidos  
 « Serão por meus dissellos recolhidos ,  
 « E apresentados ante o Eterno Lume .  
 « Em pyras d'ouro fino , qual perfume ;  
 « Pois tudo enfim acabarei com elle ,  
 « Uma vez que ja o Filho alcanceei delle . »  
 Disse e jurou . E o sacro ajuntamento  
 Dos anjos invejou o juramento .  
 Desfeita a liga emfim do averno escuro ,  
 Ja os anjos respiram ar mais puro  
 Os successos passados discutiam .  
 E os prestigios do orgulho , que podiam  
 Transformar em terrificas figuras ,  
 Anjos de origem , nobres creaturas .  
 « Tal é , um acrecenta , o triste e feio  
 « Fructo da vil soberba . Foi no seio  
 « Das espheras do ceo , que o hercô teve ,  
 « Da brotou raiz crestando breve  
 « Os incolas noveis do Paraíso .  
 « Antes disto a candura , e o doce riso  
 « Era a mortal partilha ; erão diotsos .  
 « Da justiça , e da paz filhos mimosos  
 « Colhendo os fructos da mimosa idade ,  
 « Em que puro era amor , lisa amizade ,  
 « Dias do ceo . idade tão florida ,  
 « Pelo seculo d'ouro conhecida .  
 « Em que o homem da fome e dependencias  
 « Não via o rosto , nem as consequencias ,  
 « Quando a terra sem relhas , nem culturas ,  
 « Dava regalos , dava mil doçuras .  
 « Contente enda um com sua sorte ,  
 « Iguorando as paixões , sem susto à morte .  
 « Então inda a bigorna não gemia  
 « Debaixo do martello que tinia ,  
 « Forjando a espada , que na dura guerra  
 « Devora os homens , despovoa a terra .  
 « A discordia civil , a fraude , a intriga ,  
 « E a má fé , que a desordens mil obriga ,  
 « E que ora abortam seculos de ferro  
 Inda bramiam no seu vil desterro .  
 « Era tudo commum : não se sabia  
 « O peso da medida , o que valia .

« Nem a effigie do rei no cunho impresso,  
 « Mostrava estimação, nem o seu preço.  
 « Desconhecida a imparcial balança,  
 « Que tira aos tractos a desconfiança.  
 « Mas depois que do orgulho o atro veneno  
 « O gangrenou, tê li puro e sereno  
 « De males mil cobriu-se a natureza  
 « De que brinco elle foi, e foi a preza.  
 « Eatão nada bastou, tudo foi pouco  
 « Ao hydroptico orgulho. O fausto louco  
 « Inventa luxo, e precisões crescidias.  
 « A que o vão pondumor não põe medidas.  
 « Os grandevos pinheiros enramados,  
 « Tão velhos como a māi, que os mostra alga-  
 « Deixando de intrinçar copa frondosa  
 « Na aprasivel campanha, ou mata idosa;  
 « Do agudo ferro o golpe experimentaram,  
 « E em veligeros páos se transformaram.  
 « Taes se contou, que em Tibarinhas Lympbas  
 « Voltarām-se os baixcis do Teuro em Nymphas  
 « Ja la vāo as nāos impias profanando  
 « O mar sagrado, nelle perpetrando,  
 « Os sacrilegos crimes e attēntados,  
 « Ja sobre a terra iniqua perpetrados.  
 « E voltando dos terminos remotos,  
 « Vendo estrangeiros ceos, climas ignotos,  
 « Ao paiz paternal emfim chearam  
 « Co'as estranhas riquezas que pejaram,  
 « Tendo dad por troca e recompensa  
 « Novos usos e leis, a preza i tua na  
 « De contagios e mortes infelizes  
 « Desconhecidas pelos seus paizes.  
 « E o que é mais a chorar, a crua guerra  
 « As inermes nações dos fins da terra.  
 « Os fataestos reptis já mais previam,  
 « Que seus ninhos aos olhos se expriam.  
 « Nem as feras tambem, que nas escuras  
 « Brenhas dos bosques fossem mal seguras.  
 « A panthera sanhuda, o urso hortival  
 « Não viu seu escondrijo inacessivel,  
 « Tudo o homem soberbo, ja deposita  
 « A vergonha, e o decoro tenta e arrosta,  
 « Por ensacar sem termos o sublime  
 « Precioso metal, fonte do crime,  
 « Ouro sacrifego, que em seu coacito  
 « È o deos favorito do seu peito.  
 « Julgando-se immortal zombou da morte;  
 « Os rios vadou, afoto, e forte,  
 « Não se temeo das escarpadas minas,  
 « Que com iço se apultam nas ruinas.

« Armou-se astuto laço ao innocent  
 « Castor que estima as margens da torrente  
 « Que habita em lares de salões dobrados,  
 « Nos tractos, e no accio sublimados.  
 « E a rica Moscovita pelle fina  
 « Nos gelos borenes da Zebelina.  
 « Pesquisou-se com ancia o nivo dente  
 « Da besta enorme no Ceilão frequente.  
 « Não escapou no fundo da onda sra  
 « O fino aljofar, que a conchinha gera.  
 « Nem singular thuriferante massa,  
 « Que os fumos Nabatheos em cheiro passa.  
 « Nem o murice Tyrio, que orna e tinge  
 « E que pintures mil brincando flinge  
 « Na opa da Cezarea magestade;  
 « Não ha segredo emfim para a vaidade.  
 « Então não coube em si mais a soberba:  
 « Novas prosapias tece altiva e acerba:  
 « E seudo o sangue um só, teve a finura  
 « De crear outro sangue, outra natura.

## CANTO OITAVO.

## ARGUMENTO.

*Vai a constília angelica vendo as diversas  
 constellações celestes. Ao passar pelo signo  
 de Astrea, si lhes antolha de improviso  
 una figura, que t'ce um elogio sobre a ju-  
 reza virginal, confessando, que nas espheras  
 celestes ella era o signal da futura virgi-  
 dade da Senhora. Entretanto desce Christo a  
 receber sua illustre māi. Lô-se um decreto,  
 que a condutora: Descobre-se finalmente a  
 cidade de Deus: Descrição de seus muros.*

Entretanto os do olympo ja o formoso  
 Céu de crystal pisavam. No radiosso  
 Espaço o vasto seio estam rolando  
 Grossos gelphos de luz; bem como quando  
 Pelas restas do sol em sala escura  
 Brillam atomos varios em figura.  
 Quasi uns se ajuntam, outros quasi aberram,  
 E nos orbes inhospitos se encerram.  
 Gyros traçando dentro d'outros gyros  
 Alheios, como fazem cerebros tiros  
 Dos sciinhos nas agoas estagnadas,  
 So um leve bafo as deixa socegadas.  
 Nunca se turbam, nunca enfim se checam,  
 Cada um pelos orbes, que lhe tocca.

Argumento fiel da força imensa  
Para o philasipão, que humilde pensa :  
Ceo das estrelas; onde se evapara  
A mente humana, e o grão Motor adora.  
De soes alvergas, imensos no luxero;  
Ante os quaes nosso globo é tenuz arqueiro.  
Nitidas perolas, que o manto escuro  
Da noite desabroxa no ceo puro,  
Onde não rai a Eoo; e se conclue,  
Que a luz é propria, e netas neda inlue.  
Mares de fogo que de tanta altura  
Tremulos vibram fulgida pintura.  
Psalterio e notas, onde de continuo  
Cantar deve o mortal o ser divino.

Deixa o genio sublime patrio berço,  
E errar affeto vai pelo universo ;  
Como intente ditar os seus talentos  
De altas ideas, de altos pensamentos.  
Peragra o mundo, exposto a mil fatigas ;  
Que tu, ó sapiencia, à mais obriga.  
Corre as saturnias plagas, e os vaidosos,  
Campos da Ausonia; donde os preciosos  
Partos dos Lacios Fideias e Timantes,  
Licções nobres lhe offrecem, leis prestantes.  
Absorto vê pedaços, ou thesouros,  
Que restam para inveja dos vindouros,  
Que as artes consagraram às virtudes,  
Ou lisonja tambem á peitos rudos.  
Ledo bebendo exemplos delicados  
Em taes originaes, em taes trasladados.  
Peregrino já vai pelas campinas,  
Onde atrevidas massas, e ruínas.  
Sofregos olhos nutrem; einda existem  
Indomites ao tempo, a que resistem.  
De Sesostris o carro onde puxaram  
Mimozas mãos, que sceptros empunharam.  
Vê depois os estragos de Palmira;  
E vendo estragos taes, pasma e suspira.  
Alcaçares por terra da princeza,  
Digna de melhor sorte: Que a grandeza  
De romulea fortuna vira altiva  
Inhospita viver, morrer captiva.  
Chama prodigios inclytos das artes  
Os padrões que encontrara em varias partes.  
O colosso do sol: nos ares pensos  
Os jardins de Semírames imensos.  
A pedra sepulcral, funerea, honrosa.  
Que a feminil saudade ergue chorosa.  
O fanal, com que luz, e aivo tranqüillo  
Ao naufrago baixel aponta o N'ro.

O delubro Efezino; os embaraços  
Dedaleos, que houve Minos em seus paços.  
Onde ao Semifero escapando, e à fome,  
Que a flor juventil attica consorci :  
Vencedor de Medusa, sahes illeso  
Pelas fragas de amor por ti ja acceso.  
Tudo enfim o viajor passa e admira :  
Mas o bello esquadrião que nos céos gyra,  
Não: e se o olha, mira com vilzeza  
Tão soberbos tropheos, tanta belleza.

Ia pois ja tocando a comitiva  
Estes corpos flamigeros na altiva  
Aurea cinta gentil; que mil figuras  
Flige d'homens e feras nas alturas.  
Assim pensa a celeste astronomia ;  
Se é, que restos não são da idolatria.  
De gelicos d'ouro a roda, aqui fechada,  
De Phebo tem a Ecliptica estrellada.  
Marcando suas entradas que fizera,  
Estio, outono, inverno e primavera.  
Vende pois varn no vacuo prateado,  
Os que brilham no Arethuro congelado :  
Esses, que o Austro tem; e as partes, onde  
Flare e disco do sol, e o sol se esconde.  
E os do meio, em que Delio mais dardeja,  
E faz que igual ao dia a noite seja.

O bidente do pello precioso,  
Que com a irmãs de Frixo o proceloso,  
Golha nada, e a puerla incutragando  
Co'a morte, aquella mar nome foi dando ;  
Foi visto dos Celicidas, cravado  
No oitavo ceo; de estrelas doze orlado.  
Se so por este feito a bruta fera,  
O erro collou na azul sphera;  
Christidos fiéis, que radiantes  
La sorcis, sendo os vossos tão prestantes ?  
Lizem, que esse farol, que no ceo gyra,  
Neste signo do archetypo se hira.

O teuero serpeado de grinaldas,  
Não ja de rosas, mas das esmeraldas  
Astrípheras, ali tambem brilhava  
Garboso, como quando carregava  
Pelas ceruleas ondas do oceano  
A prole de Argenor: ali deshumano :  
A incanta dama deixa em praia aflicta,  
Qu'eltiva do seu nome leijos nimbo.  
Deste exemplo fatal, os diuinissimos  
Com visos de verdade, os céus qualcos.  
A donzella se excede, e sempre astuta  
Recebe, traçando sonete fera bruta.

Vos tambem rutilaveis , ó brillantes  
Tyndarides , luzeiros nunca errantes ,  
Que os gemeos desenhaes ; lucido signo .  
Ao flebil navegante astro benigno .  
Dous infantinhos são , tenros , formosos ,  
Que se abraçam amigos e amorosos .  
Prole de Jove , em Cysne transformado ,  
Quando por Leda andou louco e abrasado .  
Fazendo igual entre ambos a divina  
Partilha ; por fugir à Libitina .  
Quando Jovens , voaram denodados  
À roubar a lúa d'ouro , acompanhados  
Do Cytharedo Orpheo ; dos Mynias : nautas ,  
Que a famainda publica os argonautas ,  
São desoto os brillantes luminares ,  
Que este ceo formozeam : nos seus lares  
Entre o Apollineo facho e accezo raia  
No mez dicado á dea , linda Maia .

Rutilo o Canero vem , de estrelles cheio ;  
Retrogrado na volta em seu rodeio .  
Desta meta Flegon o raio envia ,  
Quasi sem força , ao ceo da ursa fria .  
O testaceo lhe abrasa ardor sobrejo ,  
Ja quando o agricultor do ameno Tejo  
Recolhe a nova pera : testemunho ,  
Que chega São João no mez de junho ,  
E tambem neste signo prazenteiro ,  
Que o colono do campo brasileiro  
Começa a doce ceifa e ledo corta  
A loira canna , que , se passa , a borta .  
Ja se expurgam os pastos da erva estranha .  
Que o granimeo verdor cresta . Campanha  
Onde tem de paseer o boi tardio ,  
Isento do tabão , e quente estio .  
O boi do jugo ha muito ja folgado ,  
E ora a novas fadigas parelhado .  
Repara-se o edificio , ja se acciam  
Os grossos vasos eneos , que mareiam  
O fabrico pasado com as fezes :  
Ou tambem o descanso de seis mezes .  
Junto a cira da fabrica se acama  
A grossa lenha , destinada à chamma .  
E em vizinho deposito descansa  
O camponez em molhos a esperança .  
Ja os ferros cylindros de herva e flores  
Se enramam : e se implora ao ceo favores .  
Trabalha a mole emfim : gyram as rodas .  
Ginem com grão fragor as peças todas .  
Caih com ruído a egoa que se encana .  
Vulta o rolo , estala a doce cana .

Ferve a gente , parece uma anarchia :  
Mas toda esta moção causa alegria .  
Na graa formalha ja se a flaminha agita ,  
Coja boca do averno à boca inica .  
E nos vasos enorões borbulhando  
Perve o nectareo sumo , evaporando  
Grato aroma subtil e tão ingente ,  
Que perfuma dos campos o ambiente .  
Corre o aureo licor , qual o thesouro  
Melistuo , que correu na idade d'ouro  
Das colmeas na terra e assucarado ,  
Ou em niveos pedregos coagulado ,  
E no rico dezer , festim altivo ,  
Em varias confeições grato incentivo .  
Soam longe as agrestes cantilena  
Nas madrugadas mortas e serenas .  
Destas sorte a enganar co'a voz singella  
De Tytiro a Morfeo a seatinella .  
Reina enfim o prazer : reina a abundancia  
Do saboroso mel por toda a estancia .  
Mas ah ! ó cego eu , que me desvio ,  
Cantando o meu paiz , do antigo fio .  
Musa , perdoa a quem a patria exalta .  
Se é culpa , a culpa é leve , é leve a falta .  
Dirige-me outra vez , põe-me na estrada ,  
Donde saí , da empreza começada .

Outras estrellas iam divisando  
Em grupos , e que os ceos estam bordando ,  
Como flores . O Leo truculento ,  
Que na selva Nemea o corpulento  
Alcides esmagara : uma victoria  
Das doze , que sublimam sua gloria .

Tu tambem , ó Chiron , centauro illustre ;  
Da solar zona d'ouro eterno lustre :  
Foste ao longe nos Orbes descuberto  
Da turma angelical . De ti mui perto  
O thurieremo altar jamais falece  
Entre a cabeça da hostia e onde fenece  
Do Escorpilão a cauda : alto argumento  
Teu culto ao motor do ethereo assento .

Sim : não foi dos Nubigenas que ousaram  
O sacrilego arrojo ; e que emendaram  
o Pelion , Ossa , e o olympo soberano ,  
Contra o que lança os raios de Vulcano .  
Antes por ser cultor piedoso , e justo  
No Ceo teu aras , nas estrellas busto .  
É fama , que gozou preeminencias  
Nas artes de Minerva : as excellencias .  
E salutar virtude conhecendo  
Das lervinhas , que ao prado vão nascendo .

E os succos salutiferos , que achava ,  
 Ao som da lyra eburnea celebrava .  
 Feliz ! que merecco de ter por mestra  
 A bella Trivia , caçadora dextra .  
 Debaixo de seus olhos e cuidados  
 Dous Indigetes foram educados .  
 Um , que jrou sanguinolenta guerra  
 Aos monstros , expurgando toda a terra .  
 Ao Gerião triforme , Antheu terrivel ,  
 Aos Centauros , à Caco , monstro horrivel ;  
 A' Hydra , ao Javali ?Mas ai que o bravo  
 Tyinthio heroe de Omphale vio-se escravo !  
 Por que tu , fero amor , tu tens sujeito  
 De cera um coração , ou de aço hum peito .  
 E a quanto obrigas , ou quem vive isento  
 De teu furor , de teu poder violento ?  
 Por ti arbitre do Olympo o mesmo Jove  
 Em vez de raios gotas d'ouro chove .  
 E seu solio de trevas e inviolavel ,  
 Não é dos tros teos invulneravel ,  
 A sordida cabana , o paço augusto ,  
 Vítimas são de teu grilhão injusto .  
 Por ti se vê no mundo um grão segredo ,  
 Duro de decifrar -se ; e é o enredo :  
 Que do femineo sexo o peito humano  
 É mil vezes escravo , é mil tyrano .  
 Por ti se fecha da ventura a porta  
 Mais de uma vez ; e prematura aborta  
 A esperança que o lat se prometera  
 D'um joven na fortuna , a ver-lhe a esphera .  
 Por tido ferro do assassino impuro  
 O pai , o esposo , o irmão não é segnro .  
 Tu , és fonte de estupros e adulterios  
 Semente de discordias e impropios .  
 Por teus encantos , ou antes fraqueza ,  
 Foi Frigia desditsa em chama aceza .  
 Pois quem descece ás sombras do profundo  
 A inquietar ali Dite iracundo ?  
 Dos escarceos do Borphoro acaso ,  
 De Abydo o nadador fez algum caso ?  
 Dem a resposta com dizer cinsero  
 Peritoo , e Theseo , Leandro , e Hero .  
 O outro Achilles foi , raio de insanió ;  
 Que os muros pôz por terra de Dardania .  
 Só tu podeste , só , mandar a morte  
 A Hector ; dos Teucros o broquel mais forte .  
 E huma vida a vingar sublime , e chara ,  
 Outra sacrificaste , inda mais clara .  
 Eis que aos celestes olhos se apresenta  
 O monstro singular que representa

O semicapro peixe . Antigo Egypcio  
 Nesta forma voltou -se ; quando o exicio  
 Vio , e pasmou , com que Tipheo da terra  
 Contra os numes tentava a bruta guerra .  
 Estupefacto Jove com a scena  
 De figura tão horrida ; de pena  
 Tocado , como tu ó Egypto , assellas ;  
 O cellocou no ceo entre as estrellas .  
 Vinte são as que esmaltam a figura :  
 Duas no peito , seis tem a postura  
 Sobre o ventre : nos pés duas se contam ;  
 Uma engasta o nariz : duas apontam  
 A cauda do animal : sete estam postas .  
 Pela parte do dorso , sobre as costas .  
 Tal , em ponto pequeno , d'ouro o artista  
 Da avidez famenil expõe á vista  
 Riscos em novidade extravagantes .  
 Cravejados de perlas , ou diamantes .  
 La rodava tambem entre as estrellas  
 O joven mais gentil , que as deozas belias ,  
 Que , pela ave de Jove arrebatado ,  
 Entre os signaes do ceo foi numerado .  
 Iaberbe , cujo rosto lisongeiro  
 Do Deos do raio obteve ser copeiro .  
 Aos immortaes em urnas d'ouro fino  
 Deita o grato licor , nectar divino .  
 E por emprego tal tão honorario ,  
 Entre os astros é tido pelo Aquario .  
 Daqui não longe brilha o bruto alado ,  
 Cuja pata feroz tendo rasgado  
 A penha ; brota a fonte cristalina ,  
 Que bebe o vate ; és tu , ó Cabalina .  
 Os peixes tambem viram , que aos gemidos  
 Da formosa Dione condoidos ,  
 E da prole gentil , em si os tomando ,  
 Do Eufrates os caudas forão cortando .  
 Desta sorte a salval -os da ousadia  
 Do gigante brutal , que os persegua .  
 Viram Libra , o Escorpio , as trites Hyadas ;  
 E ensifero Orion , e as sete Pleiadas ;  
 As pleiadas , que brilhão la na esphera  
 Sobre a fronte do toiro á primavera .  
 A Hydra , o Cysne , a Lyra , o altar sagrado ,  
 Em que tinham os deoses protestado  
 Rebater dos Terrigenas a guerra .  
 Finalmente se erguendo ca da terra  
 Os olhos : ás estrellas das alturas  
 A fabula deo nomes , e figuras ;  
 Certo se infere ; e a prova é concludente ;  
 Que raiara o clarão á humana gente

Das artes ; quando o cahos da idolatria,  
 Ja a terra de seu manto denegira.  
 Mas quando pela esphera atravessaram,  
 Que de virgo os astronoms marcaram ;  
 E é neste mez, que o sol ostro benigno  
 Sahindo do Leão abraza o signo.  
 De Astrea ; acontece o encontro ledo ,  
 Que não convem passar aqui em segredo.  
 E foi que de improviso uma figura  
 No ar se lhes antolha linda e pura :  
 De aspetto virginal; e nesta idade,  
 Que dous lustros avança à puberdade.  
 Dentro de um globo vinha transparente ,  
 Diafano, e formoso : e assás fulgente  
 Pelo luzeiro d'um montão de estrellas,  
 Grossas, miudas, porém todas bellas.  
 De roupa cor do ceo vinha trajada ,  
 De pequenos colibrios d'ouro orlada.  
 Cujo campo brincavam mil primores  
 De um vistoso lavor de varias flores.  
 Tinha os olhos vendados : uma espada  
 De aço liso na dextra : equilibrada  
 Da esquerda de ouro puro uma balança :  
 Emblemas da justiça e da vingança.  
 E disse assim : « O' inclyta belleza,  
 « O' prodigo da graça : vem Princeza ,  
 « Vem tambem alegre à pura esphera  
 « Que eu presido, e que ha muito te espera  
 « O' Virgem singular, Virgem primeira  
 « De quantas vão brillando na carreira  
 « Dos éuos: pois, se os fastos bem contemplo,  
 « Jámais antes de ti se aponta exemplo.  
 « É custoso, eu confesso, à humanidade  
 « Conservar illibada a virgindade.  
 « A virgindade, flor tão milindrosa ,  
 « Que o menor bafo impuro a torna idosa.  
 « Que perde a cõr, e o cheiro tão mimoso ,  
 « Se é tocada de um dedo criminoso.  
 « Que não nasce entre o luxo, entre as vaidades  
 « Das grandes cõrtes, das fataes cidades.  
 « Ninives peccadoras denegridas,  
 « Pentapoles nos lagos submergidias.  
 « Com tudo tão angelica virtude  
 « Mais que humana; e aos mortaes penosa, e  
 « No teu seio intrincoo mimoso ninho (rude,  
 « Ba debil pluma do mais branco arminho.  
 « Filha celestial, plata estrangeira  
 « Na terra, ah! tua face lisongeira  
 « Não roubes ao mortal, mostra teu berço,  
 « Que te venha adorar todo o universo.

« Sei que iuinciente meio se concede,  
 « Com que possa sedar-se ardente sede.  
 « Mas tu, ó Mai do destructor da morte.  
 « Com bronzeo coração, com peito forte  
 « Nem sucumbiste á farça tão armada,  
 « Nem usaste da graça tolerada.  
 « Ousando aventurar as regalias  
 « De consanguinea ser do Alto Messias  
 « Antes, do que de manchar tua intreireza,  
 « E as niveas acucena da pureza.  
 « Mas esta nobre rama do ceo vinda ,  
 « Que quanto mais exotica, mais linda ;  
 « Que d'outro solo desconhece o seio ,  
 « Como roubada do terreno alheio ;  
 « Este lirio, que langue, e murcha os brios  
 « Pelas margens mortiferas dos rios  
 « De Babilonia ; nem fragrante impera  
 « Nas fontes de Amathunta , ou de Cythera :  
 « Esta flor, que detesta as assembléas ,  
 « E os gestos criminosos das choreas ;  
 « Que o leito d'ostro , que a baixella impura  
 « Desecha sem humor, torra a frescura ;  
 « Cujo paiz natal, se bem acerto .  
 « E o fundo da brenha, ou do deserto ;  
 « No Judeo era, como infame carta ,  
 « Que da estirpe de um Deos desherda, e apar-  
 « Ties luas pranteou de magoa pura (ta.  
 « A linda Hebreia a barbara loucura  
 « Do voto, que degrada desse aceito  
 « Doce nome de Mai ; que dá o direito  
 « Natural ; e a donzella assim corrida  
 « Passou em luto, e pranto a triste vida.  
 « Qual foi pois teu licco ? A lei escripta ?  
 « Na lei a virgindade era proscripta.  
 « Ah! foste do ti mesmo a linda aurora ,  
 « Das virgens luz, da virgindade authora.  
 « Mas onde me arrebatão meos ardores ?  
 « Em vão afino a voz, traço louvores :  
 « Se a minha bocca languida te exalta,  
 « Quanto mais digo, mas dizer me falta. »  
 Ja mais proseguindo o vulto, quando  
 Michael perguntou-lhe, a voz alçando ,  
 « Quem és tu ? que me tem maravilhado  
 « Esse gesto, e esse traje desuzado ?  
 « Como galgaste alturas tão distantes ,  
 « Inhospitas da terra aos habitantes ?  
 « Nunca ideei, pois era idea insana,  
 « Ver vestigios aqui de raça humana. »  
 « Eu sou ( he torna a espectro resplandente,  
 Como quem da pergunta era contente:

« Eu sou aquella virgem tão sabida  
 « Pelo nome de Astrea; cuja vida  
 « Foi tropheo da justica, hoje exulada :  
 « Que iada sou das Cameras celebrada  
 « Se cantam com saudosa competencia  
 « A idade d'ouro os dias da innocencia.  
 « Horrorisada em ver, quanto a impureza  
 « Avulta a mente, e ultraja a natureza;  
 « Fugi da terra : vendo-a assim manchada.  
 « E do sangue dos justos ensopada.  
 « Por força pois occulta transferida  
 « A esta esphera fui; e aqui retida,  
 « Porque fosse meu nome alvo, e memoria.  
 « Da illustre Virgem, que hoje sobe a gloria.  
 « Mil figuras contavam, e mil schemas  
 « Suas bellas acções; só nos emblemas  
 « Faltava a divindade um monumento :  
 « Eu fui : de longe data o documento :  
 « E agora, que a missão vejo acabada,  
 « Sou fabula, sou sombra, não sou nada. »  
 Disse; e subito aos olhos se esvacece;  
 E apena se anniquila, e desparece  
 Um orvalho celeste, e recendente  
 Borrifa toda a pompa de repente.  
 Se já viste no ar o cristalino  
 Glebo vão dissipar-se; que o menino  
 Soprou do tubo; e rozeo, e prateado;  
 Sereno sobe a esphera, e socegado;  
 Não de outra sorte a maquina brilhante,  
 E a figura sumiu-se em um instante.  
 Os anjos foram pasmos, no que viram:  
 E a Deos immensas graças dirigiram:  
 Pois diziam, que até de ananimadas  
 Bocas, verdades tira, e sublimadas.

Dissipado o fantasma apologista  
 Dos Irios virginæs; eis que imprevista  
 Luz serena no ceo rizinha briha;  
 Qual nunca traz de Hyperionio a filha.  
 Era o sacro cortejo ovante, honroso,  
 Do assolador do crime, que briozo  
 Com rica pompa a receber baixava  
 A deo Mai, que a gloria já abordava.  
 No scio de uma nuvem resplandente  
 D'ouro, e carmim deseia; tão ingente  
 Clarão a transbordar de divindade;  
 Que divina tornava a humanidade.  
 Piava d'ouro puro um escabello  
 De alados serafins, mui rico: e a vello,  
 Nunca vira das artes a desireza  
 Chefe d'obra melhor, igual lucta.

Marchavam a seus pés, fazendo corte,  
 Seus ministros fieis, o tempo, e a morte.  
 Que num golpe de vista, ou iada em menos,  
 Cumprim de seu querer os seus acenos,  
 Era a fragancia, que se presentia.  
 Certo do altar do Eterno, pois venia  
 Os aromas saboros, e a sua massa  
 Que eria o mar, e a Arabia em cheiro passa.  
 Viao-se aqui, e ali no ar dispersos  
 Grupos gentis de Celites diversos;  
 Alternando concertos de armonia  
 Tal, que um vivo de alegre morreria.

Nubeculas se vião multicores  
 Pelo ceo, que feridas dos fulgores  
 Da presença do Verbo, que ali passa:  
 Reflectem um matiz do estranha graca.  
 Taes nos terrenos fogos, ou nas bellas  
 Illuminações, bem como as estrelas,  
 Tiutas mil em crystaes deita o artista,  
 Que faz ao longe um ver de encanto à vista  
 Dez mil Santos dos grãos os mais subidos,  
 Quaes nobres, e senhores, que os vistidos  
 A' moda dos astríferos trajavam;  
 A grave corte celica formavam.  
 Ia chusma festival se distinguiam  
 Os Santos Patriarchas, que diziam  
 A' filha encomios mil, como em reclamo,  
 Avitos troncos de tão alto ramo.  
 Ali se via o casto, e nobre Esposo,  
 Mortal entre os martaes o mais ditoso;  
 Na vara presa a candida açucena,  
 Do virginio candor seu claro emblema.  
 Via-se a voz tambem, que abrio caminho  
 Ao verbo no deserto: o cordeirinho  
 Nos braços não fallece: hostia bendita,  
 Que o crime prescreveo da nái proscripta,  
 O sceptrigero vate ao som cantava  
 D'arpa d'ouro, nem mais já profetava.  
 « Subi, Senhor, ao lucido repouso  
 « Vós, e o vosso deposito formoso.  
 « Arca Santa, ditosa, sublimada  
 « Por vossa mão bendita, e preparada. »

Pintava ainda o ceo por mais printores  
 Varios Ires pulcherrimos nas cores.  
 Afectando talvez nestes brillantes  
 Vistosos arcos, arcos triumphantes:  
 Proprios para o triumpho, que convinha  
 A Mai do Rei dos ceos, dos ceos Rainha.  
 Jamais se viu de pompa igual idea.  
 Des que a terra termina, e o sol cessa

Perdoe o bello, o casto Israelita,  
Se crê que esta asserção desacredita  
A sua gloria : quando aliviado  
Das algemas se viu no carro alçado  
Do despota do Nilo, o povo em grito  
Ledo acclamando-o salvador do Egypto.  
E tu, clara heroína, que soubeste  
Salvar a pátria, e interrumpi podeste  
Truncar o collo do brutal soldado,  
Que arraza-la no chão tinha jurado ;  
Tu não entraste com tamanha gloria  
No patrio lar, depois da grata victoria.  
Da linda Hebreia o pedagogo austero ,  
Se no medo frisão do rei severo  
Em triumpho é levado ao som da trompa :  
Tambem da Virgem não desenho a pompa.  
Emfim se o esplendor, com que os poderes  
Do mundo solemnisam seus prazeres  
Podesseis confrontar com tal riqueza :  
Dirieis que eram sordida pobreza.

Um anjo juvenil de tenra idade  
Eram o porta-signal da liberdade :  
Das ternuras de um Deus tropheo, e arcano :  
Cruzado imenso do resgate humano.  
Que mortal ser podera nesta vida  
Interprete da voz, jamais ouvida,  
Com que os dois corações se entretiveram,  
E mesmo no silencio se entenderam ?  
Que Angelica, e serena cortezia  
Naquelle por Santissimo áporfia ?  
Que modo de saudar tão novo e bello  
Neste encontro de amor, neste duello ?  
Em Jesus, que mellifluas doçuras !  
No scio de Maria, que ternuras !  
Que grossas labaredas deitariam  
Os dois vulcões de amor, que se reviam !  
Eram, por me exprimir humanamente,  
Hecla, e Vesuvio accessos frente a frente.  
« Emfim chegou (diria o generoso  
Verbo do Eterno) o instante precioso  
« De se rasgar a sombra, e o veo espesso,  
« Que eclipsaya mysterios de alto preço.  
« A tua vida, ó Māi, ignota, e inculta,  
« De minha face no segredo oculta.  
« O sacrilego mundo, usado à crimes,  
« Jamais reconheceo teus dons sublimes.  
« Antes curvada ao peso, e á dura lida  
« Da sorte mais chorosa, aborrecida  
« De continuo arrastaste a ferrea massa  
« De dias de amargura, e de desgraça

« Dias do descontar, que o pensamento  
« No vaso negro põe do esquecimento.  
« Nos teus pomposos dotes ignorada ,  
« De tuas regalias degradada,  
« No abandono total, na displicencia  
« De teu destino occulto , na vhemencia  
« Da mais dura afflégao, da dor mais dura,  
« Sem explendor, sem nome, sem ventura.  
« Taes sacrificios devorou teu peito,  
« Por ver se me obrigavas deste geito ;  
« Obrigaste-me : e agora exponho ao dia,  
« Quem és tu, qual teu merito, e valia.  
« Colhe o liro immortal, a immarcessivel  
« Palma, que te plantara um Deos sensivel.  
« Empunha o septro, singe a c'roa ingente  
« É um Deos teu filho, que te adorna a frente.  
« Ninguem deseja por elle a tal baixeza  
« Como tu, sobe agora a mór alteza.  
« Foste na terra a imagem da desgraça,  
« Sê no ceo da ventura, que não passa.  
« Blasone o Empirio, saiba o mesmo inferno,  
« Que es Princeza da gloria, e Māi do Eterno.  
« Celebre o teu cultor teu doce abrigo,  
« E inveja o teu lugar teu inimigo.  
« Lugar, que nem revezes, nem haveres  
« Jamais arrancaram de teus poderes.  
« A aurora eu fabriquei : equilibrado,  
« Tenho em meu dedo os montes mais alçados.  
« As massas de valor, que elles sepultam ,  
« Oiro, prata e rubins, que tanto avultam  
« A' sofrega avidez do vão terreno ;  
« A' meu poder custaram só o aceno.  
« Eu decido dos reis: dou paz ás gentes.  
« Aos arbitros inspiro leis prudentes.  
« Eu mando ao mar, e o mar á meu mandado,  
« Faz navegar-se o arido alagado.  
« No mirrado verdor succos derramo ;  
« Desato a flor ; sasono o fructo ao ramo.  
« Por mim coagula o raio, que nos rastros  
« Berroca a torre, que ameaça os astros.  
« Por mim germina a terra ; do ceo chove,  
« E sem o meu querer, nada se move.  
« Tu pois, se és minha māi, o que eu confesso:  
« Calcule o Orbe , se puder seu preço.  
« Emfim por todo o premio, ouve dizer-te  
« Que sou Deos, e consinto obedecer-te. »  
Oh mysterio de amor ! Oh infanda alteza !  
Oh premio ! Oh grão da feminil fraquezza !  
Outras caricias ferteis d'honra, e brilho  
A' teria Māi diria o terno Filho

Doces vozes de um Deos, dons inefáveis,  
Pela terrena voz inexplicáveis.  
Se eu tivera uma bocca, ou tal garganta  
De tão forte vigor, de força tanta,  
Que emitasse a explosão que o duro Marte  
Nos ferreos tubos faz do baluarte;  
Ou se das grimpas retinisse ao longe,  
Qual bronze enorme, que desperta o monge  
Nas horas mortas de repouso brande,  
Por cantar, quem de tudo tem o mando;  
Ou se troasse, como o grão ruído,  
Que o raio faz, das nuvens expellido,  
Pelas furnas das terras, e dos mares  
Treinendo os montes, e atroando os ares,  
Ou se rugisse, como as águas rugem  
Do Nilo, quando saltão, e remugem  
Por fragas ingrimis com tal fracasso,  
Que leguas ouvem de mui longo espaço;  
Inda assim tal garganta, ou esta bocca  
Era débil, franzina, inepta, e reuca  
Para exprimir os sons dulcissimantes,  
Que alternaram no encontro os dous amantes,  
Não mostra nem nature, nem artista  
Exemplar, que desenhe esta entrevista,  
Duas nôas, a salvar-se mutuamente,  
Imagem são de estrepido affigente,  
Duas aves, no prado em desafio,  
C' simil pueril, é exemplo frio.  
As graças do monarca, as mais fagueiras,  
São idéas de um pobre, e mui rasteiras.  
Confesse pois a mente, que é mysterio,  
E adore, onde não chega seu imperio.  
Então um cherubim, que o averno assola,  
O pergaminho d'ouro desenrola,  
Onde escrevera do eterno o dedo  
Letras de amor de um Deos, de um Deos se-  
Emmudeceu o orbe; e attento ouvia (gredo,  
O decreto do ceo, que assim dizia: —  
« Apraz ao alto Pai da eternidade;  
« E é tambem meu poder, minha vontade;  
« Que este germe de Adão, ceo animado,  
« Que em sou vergineo seio humanisado  
« Transportou-me; e que impavida tragara,  
« A largos sorvos, minha taça amara;  
« Reconhecida seja desde agora  
« Asylo dos mortaes, do ceo senhora.  
« Outrosim: que, do humano desvalido  
« Sendo eu mediador pelo subido  
« Preço da minha cruz, e sofrimento;  
« Ella seja tambem por valimento.

« Que no meu reino o pé ninguem arreda  
« Sem ordem sua: e nem jamais se cede  
« Graça alguma, ella invicta: que é primeira  
« Dos frutos de meu sangue dispenseira.  
« Assim tenha entendido o Orco horrivel:  
« Tudo o que sente, todo o insensivel:  
« Assim ordeno, esta é minha vontade:  
« Cumpra-se pois por toda a eternidade. »  
Saltaram de prazer o mar, e a terra,  
Salta o vivente que qualquer encerra.  
Os anfiosens alados gorzearam  
Novas áreas, que as silvas alegraram.  
Os frenulos cylindros do perfume  
Evaporaram, fora do costume.  
Tornou-se em prata o mar, quêdo, e sereno.  
Como costuma a ser o campo ameno,  
E sobre a flor das águas crystalinas  
Luziram as cohortes argentes,  
So o averno remuge, e os suas furias  
Blasphemando de dôr, soltam injurias.  
Appladio a celeste gerarchia;  
Bateu palmas o Empyreo; e parecia  
Ofano receber nova realeza  
C' o preseâça da nova alma Princeza.  
Ela, que vio o angelico, e sereno  
Rosto do Filho em regosijo pleno,  
De heroica gratidão reconhecida,  
Em vesuvios de amor foi convertida.  
Os anjos, que de novo eram chegados,  
Famintos de a mirar não saciados,  
Todos juntos n'um tempo a rodeavam,  
E por vel-a em montão se atropelavam.  
Tal na manhã de Agosto lisongeira,  
Junto à copa da verde laranjeira  
Branqueada de flor, anda girando  
Grosso enchame de abelhas, susurrando.  
Ou das hortas demandam as falenas  
O claro lar; e vão entre as serenas  
Lucernas revoar, fugindo a escura  
Noite, a gozar da luz formosa, e pura.  
Um porém, que impedido pela turba  
Não a vê com vagar, pois tudo o turba.  
Da massa etherea crystalina inventa  
Novo crystal, que objectos representa;  
E neste espelho só, bem a seu gosto,  
Contempla o virginal celeste rosto.  
« Eis a Jerusalém nova, escondida,  
(Uns aos outros diziam) que vestida  
« De graças mil, de luz, de formosura,  
« Remonta, e vem da solidão escura.

« O sol, que la do Archetypo sahindo,  
 « Rio-se toda a natura, ao ver tão lindo;  
 « O sol, astro de influxos bemfeiteiros,  
 « Que, Oceano de luz e resplendores,  
 « Empresta aos outros astros claridade;  
 « Nunca ostentou tão linda magestade.  
 « Mas tambem está rara formosura  
 « Não é para agravar; que é fera e dura  
 « Contra o Orco fatal, contra o inimigo.  
 « A favor do infeliz, que implora abrigo.  
 « Tal o aspecto do ceo é rutilante  
 « Com o seu esquadro, por elle errante:  
 « Mas as vezes torvado, ár seio encerra,  
 « Que o vasto mar assusta, assusta a terra.  
 Nuncia os orpheos do prado verdejante.  
 Abrindo a aurora as portas de diamante,  
 Festejaram com tantas cantilenes  
 O seu novo nacer: nem as serenas  
 Abobedas do altar, quando é chegado  
 O pontifice augusto, circundado  
 De gloria, e mil Levitas; rompe a orchestra  
 Tão varios sons da consonancia destra;  
 Como à Virgem louvores consagravam  
 Os anjos, e a porfia os alternavam.

Mas um, que atraç se tinha demorado,  
 Chegou em fim; da pressa fatigado.  
 E foi da comitiva, o que em segredo  
 Eclipsou-se, e tramara o santo enredo  
 Da falsa virgem, que na sua esfera  
 Aos jasmins do pudor encomios dera.  
 Assim festivo, e fedo fielmente  
 Depoz aos companheiros; e igualmente  
 Com prazer foi dos outros applaudido  
 Da idea que a niggaeum tinha ocorrido.

Entretanto um ceo novo ja se via  
 De um ether raro subtil: ja se sentia  
 Suavissima fragrancia, signal certo,  
 Que a cidade de Deos estava perto.  
 Tal ao longe no mar presente o cheiro  
 Da Taprobana o luzo marinheiro,  
 Procedido da mata abastecida  
 De caneleiras, por ali nascida.  
 Ja se vião os altos frontespicios,  
 Os aureos corucheos dos edificios:  
 E as torres, que por longe inda erao finas,  
 Alcaçares de um Deos, torres divinas.  
 Cada vez mais avultão, parecendo,  
 Que do seio dos céos vinhão nascendo.  
 Tal nos golfos imensos do Oceano  
 O lenho, que foi visto alto, e ulane

No horizonte: a medida que vem vindão  
 Parece, que das ondas vai sahindo.  
 — Vale-me agora, ó musa, tu somente,  
 Tu so me tens valido até o presente.  
 Que aquelles mesmos, que nos meus suores  
 Deyeriam ter parte, são peiores.  
 Surdos se tem mostrado, e indiferentes  
 À tão nobres vigilias. Vê que gentes,  
 Que estima pelas musas, que alto brio  
 Produz do teu Janeiro o illustre rio.  
 Não tem em seu conceito preço a rima;  
 Pois quem ignora a arte, não a estima.  
 Se esta valer as filhas da memoria,  
 Não sei que jus teram à nossa gloria.  
 Mas vingo-me, que o fim deste projecto  
 E' soinente cantar tão raro objecto.  
 Guia-me pois, e audaz e venturoso  
 Faze, que eu corte mar tão proceloso.  
 Nós não temos da Grecia a liberdade,  
 Que sonhava a seu geito, e por vaidade  
 Os seus Elysios; campos mentirosos,  
 Moradas de seus manes, já ditosos.  
 A fé so quer, e sofre que cantemos  
 O que ella revellou, e nós o erremos.  
 Tu pois, que és o deposito ditoso  
 De sua voz, seu cofre precioso,  
 Consente agora abrir-m'o; por que temo  
 Que o meu haixel se alague neste extremo.  
 No Apocalypse adoro so espalhadas  
 Sombras terriveis, trevas mil sagradas  
 Da cidade de Deos as maravilhas  
 Narra pois; de que és parte, e tanto brilhas.  
 Não digam teus rivaes, que és tu mesquinha,  
 O que não sofrerei, nem te convinha.

Era esta architectura construída  
 De pedra: pelo ferro assás polida  
 Da mortilicaçao; era quadrada,  
 Desde a origem do mundo começada.  
 Um anjo a mensurava de continuo  
 Com longa debil cana d'ouro fino.  
 Do mesmo os muros são, que é a pureza  
 Dos justos. A celeste fortaleza  
 Mostrava doze portas preciosas,  
 Maravilhas do engenho, obras pasmosas.  
 Qual porta, que o pyropo compozera,  
 Que faulhas flamantes reverbera.  
 Qual era da esmeralda rutilante,  
 Que de Amphitrite azul é similhante.  
 Qual da amethysta, côr, que ao pensamento  
 Roxa a idea nos traz do sentimento.

Qual do berillo, que nas ondas desce  
Do Phison, que da fonte se ennobrece.  
Qual em fim d'outras massas crystalinas,  
Nos preços gressas, e nas cores finas.  
Doze bases contém por fundamento  
Dos bem aventurados e aposento,  
Que os apostolos são; e, por grão prego.  
Mostram de cada um o nome impresso.  
Os justos são as pedras, que teciam  
A celeste estructura; ali se viam  
Os doutores da lei, padres conscriptos  
Que aclararam a fé com seus escriptos.  
Dispuestos pelo muro em varias artes,  
Formando torreões, formando partes.  
Os quatro evangelistas na fronteira  
Traçando estão faxada lisongeira.  
E bem mostrava ser a maravilha  
Risco de um Deos, de sua idéa filha.

N'um lugar mais distineto, e sublimado  
O humano seraphim se via alçado;  
Sombra fiel do Redemptor Divino;  
Singular joia, ornato peregrino:  
Pois nos cinco rubins, que blasonava,  
Em clarão outras pedras eclipsava.  
La se via um festão de resplgentes  
Perlas, que erão os tearos, e innocentes  
Meninos, que ao reiar o eterno lume,  
Immolara de um despata e ciúme.  
As molduras das portas são formadas  
Das crianças, que morrem baptisadas.  
Gemas finas, liodíssimas pedrinhas,  
Novo asterismo d'outras estrelinhas.  
Tal na pedra annular o destro engenho,  
Toda a magia a mostrar de seu empenho;  
De aljosares encrava a cereadura,  
Seu chefe d'obra, e da arte a formosura.  
Tambem formava ali distineto lustre  
Dos piedosos pontífices o illustre  
Coro: os bispos, que a grei edificaram,  
E edificando os dias consumaram.  
E os claros patriarchas fundadores,  
Que deixaram milhões de imitadores.

Aquellas heroinas, que atrevidas  
Triumpharam do mundo, e as escolhidas  
Virgens intactas, cujos membros castos  
Pelo esposo, das chammas foram pastos;  
Lavravam, por tão arduo sacrificio,  
Primores mil no fulgido edifício.  
Que direi eu dos coros numerosos  
Desses milhões de athletas generosos?

Que zombavam do ferro dos tyranos  
Por esforço, e triumphos mais que humanos?  
Que estructura faziam? Que ornamento  
Na cidade do Santo, eterno assento?  
O céo puro, e sereno, cravejado  
De seus crystaes rotantes, e banhado  
Da diáfana luz; mui fraca, e escura  
Idéa pôde dar desta pintura.

Outros justos em fila de diferentes  
Graus de boas obras eminentes,  
Pelo vasto edifício se espalhando,  
Columnas, arcos, frios vñ formando  
E qualquier rica pedra ali fazia,  
Conforme o que requer a simetria.  
Os vastos pavimentos da cidade  
Eram, por meis grandeza, e ruidade,  
D'ouro puro, e crystal xadrezes varios.  
Que compunham os justos ordinarios,  
E os poucos, que a morter se converteram  
E na paz do Senhor emília morreram.

Tal era a perspectiva rica, e nobre,  
Que por fora de longe ja descobre  
A nova Hierosófima triunfante,  
Do cordeiro de Deos esposa amante.  
Que mais dita ia ter, que mais belleza  
Com a mão de seu Deus, sua princeza.  
Pouco, e pouco estas coisas divisando  
Vinha a peimpa ditosa; ja abordando  
As moradas empyricas, e augustas,  
Em que Deos embriaga as almas justas.  
O resto, que por dentro está patente,  
Somente dizer pôde, quem o sente.  
Nem elles mesmos bem explicariam  
A visão, com que eternos se gloriam.  
Ja vñ entrando nos portaes luzidos,  
Ja nos paços de Deos são recebidos:  
O carro, que brilhante a pouco viste,  
Terminado o mister ja não existe.  
Não transponhas além, ó clara musa,  
Porque ainda o entrar se nos recusa.  
Suspende a lyra d'ouro, o eburneo plectro  
Guarda tambem; por ora cesse o metro.

Enquanto a mim, Bendita, se eu tivera  
O ouro, que da terra o seio gera;  
As mascas, que em seu fundo crystalinas  
O avaro escava de mil pedras finas;  
E essas lagrimas puras, que odorosa  
Nos bosques chora a Arébia venturosa;  
Deste rico tesouro tu era alçada  
Um Fano em tempestade; e ali quembra

Aqueles fragantíssimos perfumes,  
Em aureas piras de inextintos lumes.  
Mas pois que o meu poder não chega a tanto,  
Recolhe os votos, abençoa o canto  
No metro intenso, no conceito obscuro,  
Mas que tu sabes, que é sincero, e puro.  
Nem sempre as arcas da riqueza abertas  
O preço fazem das fiéis ofertas.  
Olha, que engenhos andam os céus !  
Com pueris objectos distraídos  
Cantaendo assumptos de tão pouco conta,  
Que afraient o metro, que a razão affronta.  
Vê outros celebrando em toda a parte  
Os estragos, que deixou o fogo Maria;  
Chamando heróea, chamando herdeira,  
O magello, que assola a humanidade.  
Outros co'a misericórdia lamentando  
Vão à Isonja infundir profanando  
Com sacrilégios feios sacrifícios,  
Os dotes, que lhe deram os propícios.  
Mas enquanto estas aguas tão sublimes  
Cantão desgraças, e celebrem crimes;  
Em quanto prestitua em seus louvores  
A infames paixões, e mil horrores;  
Eu só procuro com meus versos rudes  
Teus triunfes exalter, tua virtude.  
E' este meu braçao, minha alegria.  
Nada mais me infânia a fantasia.  
Oh ! queiras tu, que la no eterno templo  
Com doce rima de não visto exemplo,  
Por teu louvor eu trace, em estro ardente,  
Grandiloqua Epopéa eternamente.

F. de São Carlos.

#### SONETO (4).

Eu vejo o furacão, a tempestade  
Contra mim atra e fea derramada;  
Eu vejo os céos, a terra transtornada,  
Dos elementos vejo a potestade.  
  
Dos relampagos vejo a claridade,  
Dos mares vejo a onda encapellada,  
Lobrigo a não... ali misera ! encravada  
Pra não mais resurgir em vituda idade !  
  
Que vejo... oh céos ! Arma desmaiada !  
Ali não temas, não temas, caro amante,  
Minha vida, vida, vida, Brasil !

(4) Pindar.

Se a onda nos sorver em breve instante,  
Se for nossa amisade desgraçada,  
Tal fido amor ledo o vindouro cante.

L. F. Abreu.

#### AO DIA 7 DE SETEMBRO EM 1835.

ODE.

*Fare solemnis mihi, sanctior que  
Pene nato li proprio...*

HORAT.

Dia de gloria é este !  
Divina inspiração me assoma à mente :  
Eu a sinto, -- é minha !  
Oh ! da-me, ó patria, cantos mais sublimes  
Quem não deuinda a fonte d'Hypocrene !

O sete de setembro !  
Dia tão grato ao Brasileiro livre,  
Dia da patria, salve !  
O cysne implume que tenteia o canto  
Ja nas asas do estro aos céos se eleva.

Ouves que gritos soão ? !  
Brados, roucos, horrorosos brados  
Em contorsões tremendas  
Exala o monstro que arquejando espuma  
Que co'as serpes da cauda açoita a terra.

Ei-lo o monstro, -- é elle !  
Da patria os filhos livres agrilhão ,  
Sacode a coma em cholera,  
Contraihe as fauces, escancara a boca,  
Vomita a morte involta com as cohortes.

Co o peso das algemas  
As plagas d'ouro de Colombo tremem :  
Estes pulsos 'stão roxos !  
Pulsos d'heróes, americanos pulsos !...  
Inda com ferros !... sette de setembro !

O dia de prodigios !  
Ao crime infâsto te dardeja Apollo  
Usa independencia as luzes :  
Aos raios seus derretem-se as algemas,  
Ardem as Quinas, brota a liberdade  
  
Prole de brio e d'honra  
La corre ao brado que troará ingente  
Nas margens do Yniranga :  
Ja vai, ja vai, ja peleja, e vence ;  
Oit sim, venceu, -- que é prole da victoria

Inda os échos ribombão  
Nos de Piratininga livres plainos ;  
Esse échos de gloria  
Que a mente abalão, dão rebate n'alma  
Fazem passar do tempo — à Eternidade.

Eu os escuto ainda,  
Que em quanto o peito palpitar co'a vida  
Sobra no peito esforço,  
Sobra denodo, que as phalanges prostre,  
E feitos sobrão, que encadeiem sec'los.

Que harmonia nos cantos,  
Nos hymnos da victoria, se remorsos  
As oras lhe não tingem !  
Se esparze no porvir alegres ditas,  
Se algum povo emancipa, e fal-o livre.

Livres, sim, ja o somos !  
Hymnos ao ceo, á liberdade, á patria !  
Em extasis de jubilo  
Eia saudemos no apogeo das glorias  
O dia do Brasil da patria o dia.

*Francisco Bernardino Ribeiro.*

#### SONETOS (1).

Se acaso aqui topares, caminhante ,  
Meu frio corpo ja cadaver feito ,  
Leva piedoso com sentido aspeito  
Esta nova ao esposo afflito errante.

Diz-lhe como de ferro penetrante  
Me viste por fiel cravado o peito ,  
Lacerado, insepulto, e ja sujeito  
O feio tronco ao corvo altivolante :

Que de um monstro inhumano, lhe declara ,  
A mão cruel me trata d'esta sorte ,  
Porém que allívio busque à dor amara ;

Lembrando-se que teve uma consorte ,  
Que por honra da fé que lhe jurara ,  
A' mancha conjugal prefere a morte.

*B. F. Tenreiro Aranha.*

(1) Este soneto foi scito a Mameluca Maria Barbara, mulher de um soldado do regimento de Macapá, cruelmente assassinada no caminho da Fonte do Marco, por não querer adulterar.

Qual em tenro botão a melindrosa  
Flor à cypriua deosa consagrada ,  
Abrindo o rubro seio envergonhada ,  
Em risonha manhãa deliciosa :  
  
Tal, ou mais leda inda, e mais formosa  
Que a mesma Delia de farpões armada ,  
De encantos, graças mil e mil ornada ,  
E Carlina gentil, pura, mimosa.  
  
Dos ceos o gesto seu é copia amena ,  
Seus olhos astros dois; amar só ella  
Aos ternos corações prescreve, ordena ;  
  
Sem logo suspirar quem pode vê-l-a ?...  
De quantas nymphas ha na vasta scena ,  
Mais linda não se dá, não ha mais bella.

*B. F. Tenreiro Aranha.*

#### A' ILLM. SRA. D. FRANCISCA LUIZA SOARES.

ODE (1).

Sœur des vierges du ciel, ton ame est pour mon ame  
Le reflet de leurs beux et l'écho de leurs chœurs;

*VICTOR HUGO.*

O primeiro clarão que a roxa aurora  
Espalha no horizonte ,  
Das virgens do altar a voz canora ,  
O suspiro d'un peito que se adora  
O amor d'alma iusonte ,  
  
Um afago da terna irmãa querida ,  
Um osculo de mäi ao filho amado ,  
De um amigo o adeos da despedida ,  
O soluçar da rola enterneida ,  
Um cantico arroubado ,  
E harpa sublime o som harmonioso  
Que extrahe terna donzella ,  
E o sosurro de um rio vagaroso ;  
Tão grato me não é, tão primoroso  
Qual é Francina bella .  
  
Eu temo, ao proferir seu nome caro ,  
De profanar-o alguma araje impura ;  
Eu temo que o veneno o mais amaro  
Entre em seu coração, terno e preclaro ,  
E lhe manche a candura.

(1) Inédita.

Temo de a vêr tão joven, tão mimosa  
Neste mundo de enganos ;  
Possa sua virtude primorosa,  
Do ceo diva faísca portentosa,  
Fortalecer seus annos !  
  
E vós, meu Deos, a paz a f'lhidade  
Dai á sua alma, e puro amor ao peito ;  
Ella é, Senhor, em toda a immensidade  
A obra prima, um anjo de bondade,  
Do ceo mimoso feito.  
  
*Narciso José da Costa.*

## A FRANCINA (1).

Nasce a rosa, o prado esmalta,  
Do ceo o orvalho a soccorre,  
Porém pende, e murcha e morre  
Do estivo sol ao queimor,  
Sem das auras nem das brisas  
Colher um beijo de amor !  
  
E a rosa era bella,  
E da rubra aurora  
Que o horizonte colora ,  
Da cor se tingio.  
Porém so no prado  
Seu viço ostentou ,  
Depressa murchou  
E secca cahio,  
E a aragem da tarde  
Ao longe a levou ! . . .

Tens a belleza da rosa ,  
Tens a sua formosura ,  
Seu pudor, sua brandura ,  
Seu encanto, seu langor,  
Porém muito á rosa excedes :  
Sabes em que ? — No amor !

Ama, ó bella, ama ,  
Para amar nascestes ,  
Para amar tiveste  
Esse coração !  
One esperas ? O tempo  
Caminha apressado,  
Ah ! seja abrasado  
Teu peito em paixão ,  
No mundo se goza ,  
No tumulo. . . . não !

*F. J. Souza e Silva.*

(1) Inedito.

## A IMPERATRIZ D. MARIA LEOPOLDINA.

## ODE (1)

Da gloria o enlevo não subira a tanto ,  
Sem a doce esperança dos agrados  
Da fagueira bellesa.

Seus os carinhos da adorada esposa ,  
Suportaveis não foram penas, lidas  
De que se a vida mina.

Além da tumba que emportara a Fama,  
Se na prole (inda um mimo da consorte),  
Não continuasse o homem ?

Sexo querido, da virtude imagem,  
A delicia é contigo ; se não foras,  
Fora o mundo um deserto.

Se na choupana estaes, lá stão delectes :  
E se ao lado do heróe o throno occupas ,  
Abrilhantás o throno.

Dado fôra som ti vestir a purpura  
A justica, o valor, mas não vestira  
As graças, a clemencia.

Heróe sem Leopoldina Pedro fôra,  
Mas o Brasil o heróe deificando,  
Gemera em orphandade.

De Santa Cruz o Imperio não tivera  
Sem Leopoldina, as pendas preciosas,  
Que lhe asseguram séculos.

Nossas tenrinhas flores brasileiras,  
Guardai ó Deos!... sómente um pai conheece!...  
Mas que sagrada aurora ! !

Dando a filha dos Cezares ao mundo ,  
A' realeza meio mundo déste ,  
Dia grato aos monarcas !

La do Danubio as nimfias te saudavão ,  
Quando as nimfias bahianas o seu Pedro  
A vez primeira viram.

Como lhe envesga os olhos a anarchia ! . .  
Io ! de Leopoldina a prole augusta  
De Pedro a obra firma !

Io ! Dia sem par ! são obra d'outros  
Tropheos e Independencia, tuas Graças,  
E a duração do Imperio.

*V. da Pedra-Branca.*

(1) Recitada aos 22 de janeiro de 1825 ,  
em Paris, em casa do viador J. M. Gonsalves,

## AO IMPERADOR DO BRASIL

D. PEDRO I.

ODE (1).

No incanto povo os crimes embacia  
Por labios embusteiros esfeitados,  
Maculando a fagueira liberdade  
Demagogia astuta.

As mimosas feições, as lindas formas  
Do viçoso Brasil já se afeavam,  
Sob as sanguentas garras com que anciosa,  
A anarchia o empolgava.

As mais choravam já, tremia o esposo,  
Os degraos do patíbulo a virtude  
Contava já, e aos urros da revolta  
Jubilava o perverso.

La cahé o Imperio de aluidas bases!...  
No ameno vale, na floresta virgem,  
La se estende o ribombo surdo, e rouco  
Do mugido do crime.

Rasgado o coração!... ai! Pedro! Pedro!  
Morre, se tardas, o Brasil, acude!  
Defendel-o juraste, o voto cumpre,  
Se não, aos ecos insultos.

Onde os punhaes? e o halito empastado,  
Que em negra nuvem sobre nós pesava  
Eis o ceo azulado, o ar suave  
Que dá vida às delícias.

Salve! querido brasileiro dia!...  
Tu, que em dote ao Brasil seu Pedro deste,  
No círculo dos eves preguiçoso  
Volve, puro, e risonho.

V. da Pedra-Branca.

## A PRIMAVERA.

CÂNSÃO.

O campo reverdece,  
Os cravos purpuream,  
As açucenas de candor se asseiam,  
As violetas formosas,  
Vestem diversas cores por lustrosas;  
A Venus reconhece  
Quando a rosa amanhece,  
Com tanta ostentação que é nos verdes  
Mais que de Venus flor, Venus das flores.

(1) Recitada aos 22 de Outubro de 1823.

Celebra alegremente  
O volátil conceito  
Da primavera o verde nascimento  
Sendo os rios sonhos  
Instrumentos gentis a vários córos.  
Cantando brandamente  
Saltando airosoamente  
Nas doces vozes desiguais mudanças  
Cantos se entoam e se alternam danças.  
O sol, rei luminoso  
Entre o estrellado imperio  
Entronisa esplendores no hemisphero  
Vento com luz amada  
A província do gyro delatada:  
Despendendo piedoso  
Favores de lustroso  
Ficando per rebelde e per querida,  
A sembra destetrada, a luz validia.  
Oh como alegre Flora,  
De flores adornada,  
Faz no leito das hervas recostada!  
Oh que beijo canorogo  
Favonio lhe repete deleitoso!  
Se o prado ri, se chora  
Vitaes per las a Aurora,  
Dando de vario estado mudo aviso,  
Da Aurora o pranto vê, do prado o riso!  
Câncão, na bella Nise  
Quando em seus maios seu verder se esmera,  
Podes ver retratada a Primavera.

*Batalha do Alvirinha.*

## SONETO

Chovem hincções do céo, exulta a terra;  
Brilha Phebo hoje mais que em outro dia;  
E do Pindo a suave melodia  
Elevios melancholicos desterra.  
Qual o arcano será, o que isto encerra?  
Nova sorte aos mortaes do ceo vira?  
Ou da parca cruel se extinguiria  
O rígido poder, que tudo atterra?  
A mim mesmo, isto em sonhos perguntava:  
« O que pensas não é, me respondeu  
« Amor, que junto ao leito occulto estava,  
« Esse, que arcano julgas, é só meu,  
« Pois de unir dois amantes acabaya  
« Nos laços sacro-santos de hymeneo. »

M. J. da Motta.

A TRES ENFORCAELOS, DOIS PRETOS  
E UM PARDO.

SATYRA.

Jogão a espadilha  
Tres cansarrões co'a justiça;  
E como o demo os inguiça,  
Ião sempre à cascarrilha.  
Não acharam na cartilha  
Cartas de geito e feitio  
Para triumpharem com brio  
Jogo fizeram nefando,  
Que um quarto d' hora jogando  
*Perderao seis maos a fio.*

Não sendo de perder fartos,  
Pareceo total destroço;  
Perdido o dinheiro grosso,  
Perderão tambem os quartos.  
Mas depois de azares artos  
Virão os tres jogadores,  
Que a justiça destra em flores,  
Em jogando com maraós.  
Sempre ganha com *tres pãos*  
**Aos maiores matadores.**

Ao tempo que os tres sentirão,  
Que o tal jogo os embarranca,  
Todos se virão sem branca  
Mas sem alva não se virão:  
Do jogo se despedirão  
Sentidos do espalhafato;  
Mas tão nus do esfolagato.  
Que de pura compaixão  
Lhes veio da Relação  
Uma fralda de barato.

Tanto ali se entristecerão,  
E tanto se transpassarão,  
Que a todos nos admirarão,  
Quando assim se suspenderão.  
Finalmente os tres morrerão  
Uma morte tão veloz,  
Que ao veneno mais atroz,  
Nenhuns tão presto acabarão,  
Como estes, quando cheirarão  
**As entre-pernas do algoz.**

Jogar sobre mesa rasa  
Com seis desembargadores,  
**Isto não, que aos matadores**  
Nunca deixão fazer vasa.  
Se aos tres escaldou a braza,

Aos mais sirvão de exemplar,  
E quando queirão jogar,  
Joguem, mas o truque não,  
Que os *tres pãos* da Relação  
Sempre é truque de ganhar.  
Com bêcas qualquer joguinho  
Sempre é mui prejudicial;  
Pois com jogo tal ou qual  
A mão levão de codilho;  
Tem cartas de *garrotelho*,  
Porque tem cartas de *agarro*,  
E os que cuidando que é barro,  
Jogão com ministro inteiro,  
Se esperão rodar dinheiro,  
Hão de rodar sobre um carro.

Os que na cidade vistes  
Tantos *quartos*, e tão artos,  
Entendei, que tão mãos quartos  
Resultão d' horas tão tristes:  
E os que de vel-os fugistes  
Crede que a hora não tarda  
A quem a má sorte aguarda,  
Antes deveis entender,  
Que toda a casa ha de arder  
A quem seus quartos não guarda.  
Alerta, pardos do tracto,  
A quem a soberba emborca,  
Que pode ser hoje força  
O que foi hontem mulato;  
Alerta, que o apparato  
Daquelle pendente pé  
Que na parede se vé,  
Vos prega com voz sincera  
Que se sois o que elle era,  
Podeis ser o que elle é.

*Grigorio de Mattos.*

A FIRMEZA.

Primeiro verás, Filena,  
Enregelar-se o fogo,  
Mover-se o duro monte,  
Cahir esse horizonte,  
Que em meu amante rogo  
Se encontre o variar:  
Se pois amor ordena  
Que adore essa beleza,  
Será minha firmeza  
Eterna em te adorar

*Antonio José.*

## A UMAS NUPCIAS.

SONETO (1).

Se o perfido Dânia temorizado  
Pelo aviso do oraculo, cruelmente,  
Com o sangue dos genros, inocente,  
As vestes de hymeneo tinha manchado...  
  
O Deos, de insulto tal, estimulado,  
Amor em seu socorro, felizmente,  
Convoca, e lhe pedio fosse o agente  
Do laço que lhe era consagrado.  
  
Desde então, mil consortes vao ao Templo  
Logo que amor se incende desta empreza,  
Para as nupecias vindouras dando exemplo.  
Taes são estes que vejo, digna presa  
Do travesso menino, que contempla —  
O predigo maior da natureza —.

M. J. da Motta.

A SLEMA SR.<sup>a</sup> D. MARIA JOSE  
DUESSE BOURBON.*No dia de seus annos.*

ODZ.

Inexperto menino os molles annos  
Icaro apenas a contar chegava  
Quando o pai se esforçava,  
Artifice infeliz de mortaes danos,  
A tecer-lhe na cera a débil peuma  
Dando-lhe as asas de que usar lhe ordena.  
Pelos espaços da região varia  
Dirige o tenro moço o vôo incerto,  
E ja das chammas perto  
Se derrete a materia que prendia  
As delicadas pennas d'uma em uma;  
Cabe, e se afoga na encrespada espuma.  
Immortal o padrão do atrevimento  
Aos vindouros ficou; sim esta ha sido  
Do orgulho concebido  
A memoria que resta ao pensamento;  
Mas eu que a triste historia á idea trago  
Como o exemplo despreso, e busco o estrago.  
Destro mentor meus passos encaminha  
Ao polo exelso da attenção mais alta,  
A experiençia falta  
Se não falta o conselho á musa minha;  
Ah! como eu devo recear que tome  
A patria terra de meu caso o nome!

I. Fuedito, improvisado em 1817.

Mas se a empreza é tão digna que de gloria  
Pôde servir-me o mesmo precipicio,

Eu farei sacrificio

Da tragedia igualmente e da victoria,  
Quero cantar d'uma heroína os annos,

Cantar quero os seus dotes soberanos.

Birei que da memória as castas filhas,  
Emulas deste dia no cortejo,

Desde a margem do Tejo

Vem tributar-lhe as raras maravilhas  
De seus ferteis crystaes, de seu tesouro,

Risonhas sacudindo as tranças d'ouro,

Que as Driades formosas, e as Napeas  
Dando-se as mãos em linsongoito agrado.

Vão pelo verde prado

Divididas de gosto em mil ideas

Colhendo os goivos, os jasmins, as rosas,  
De que grinaldas lhe traram mimosas.

Birei que na feliz doce lembrança

De tão alegre suspirada aurora

Pude ver alguma hora

Respirar toda a paz, e toda a esperança  
Do reino luso enchendo os seus projectos

Na serie augusta dos vindouros netos.

Sim, Noronhas invictos, sim, Menezes,  
Este dia nos trouxe o fausto auspicio.

O horoscopo propicio

Nos fiz ver os escudos, e os arnezes,  
Que das vossas virtudes dando abono

Nos seguravam sobre o Tejo o trono,  
Com providencia o ceo criado havia

De troncos taes um ramo florecente,

Era o tenho presente

Ao lado da suavissima Maria

O que tem neste laço eu imagino,

Que mais que a eleição pode o destino,

Se Maria do sol nao visse a face,

Quem de Rodrigo o coração prendera,

E quem a merecera?

Sim, Rodrigo no mundo tambem nascê,

Prevenio, eu o vejo, cuidadoso

A tal esposa o ceo tão grande esposo.

Amor, misero amor, eu sei que um dia

Colhendo flores pelo prado andavas,

Uma rosa tiravas,

Quando uma abelha o dedo te mordia,

Choraste então, e te queixaste assierto,

Ouvio-te a mal, e censolou teu grito.

Ah! não sabias tu que aquella fera  
de ordem de Venus viajava as rosas?  
Estas flores mimosas  
Não as dás para ti a primavera,  
Sente e lamenta amor, chorar os teus danos,  
Devem-se as rosas de Maria aos amores.

Contenta-te dos louros que roubaste,  
Ja que a formosa mai na selva Idéa  
De venceer se glorea;  
Este triunphio a tuas glórias basta,  
Quando infeliz tu foras se Maria  
Concorresse das deosas na porfia.

Contenta-te de que iada gema o Xanto  
Da roubada belleza o triste caso,  
E que o Pergamô raso  
Deve-se ás Phrygias mais tão ferro pranto,  
Contenta-te de ver ao carro preso  
Heitor dos Grgos infeliz desprezo.

Contenta-te... mas onde me arrebato?  
Da grande empreza o meu valor desista,  
Esmorece-se a vista  
Treme, e vacila o pé destino ingrato  
Inutilmente de calcar presume  
A débil planta do Parnaso o cano.

Se em molles pálhas a bater começa  
Curtas asas o leye passarinho  
Não se aparta do ninho,  
Té que as pennas se encrespem, se endureçam;  
Tempo virá, se elle a voar se ensaiá,  
Que suba aos cedros, e à copada fáia.

*Claudio Manoel da Costa.*

#### NAO TE RETRIES.

Deixa que eu morra  
D'esta ferida  
Do cego amor,  
Que é doce vida  
Morrer por ti;  
Mas si me queres  
Da morte isempto,  
Não te retires;  
Pois so me alento  
Com ver-te aqui.

*Antonio José*

#### QUADRO

##### DAS DORES DE MARIA SANTISSIMA.

Eia! Mater, fons amores,  
Me sentire vim doloris,  
Fac, ut tecum lugeam.

*HYMN. STAB. MAT.*

Ah! Permitte, ó Mai de amor,  
Que eu, sentindo intensa dor,  
Pessa ouir meu pranto ao teu.  
Alma tibia e froxa, acorda,  
Estremece... ó peccador.

Solitaria pomba gemi,  
Quando exprime acerba dor;  
Virgem, Mai, formosa, e pura  
(Que silencio! Que saudade!)  
Si concentra em magoa, e dor  
Pelo horror da soledade,  
De fiel reminiscencia  
O verdugo lhe annuncia,  
Que segundo a profecia  
Eis o prazo de allieção,  
Que lhe foi annunciado  
Pelo velho Simeão,  
o Este menino ha de ser  
Objeto d'ira, e de amor,  
De raina, e salvação  
Para muitos d'Israel,  
Elle vem salvar a todos;  
Mas nem todos hão de ter,  
Por força de obstinação,  
A gloria de o conhecer.  
Té que o barboso furor  
Dos impios lhe arranque a vida,  
Em teu seio amargurado,  
Centro de angustia, e de amor.  
Sentirás, Mai affligida,  
O coração traspassado  
De aguda espada de dor,  
Alma tibia e froxa, acorda,  
Estremece... ó peccador. (1)

(1) Desta modo acabão todas as sete divisões. E quando se pretenda meditar cada uma de per si, começar-se-ha pela epigraphe.

Ah! Permitte, ó Mai de amor,

&c. &c. &c.

E se terminara com a Jaculatoria que vem no fim:

Tu que aspiras meditar  
Neste abysmo de afflição,  
Foge aos prestígos do mundo.  
Entra nesta solidão.  
Tão formosa, como afflita,  
Consternada, e macilenta  
É uma Virgem solitaria,  
Que a teus olhos se apresenta.  
Tem no seio virginal  
Um mysterio de agonias;  
Pára ao menos, e contempla  
Namargura de seus dias.  
Com que dor! Com que afflição  
Ella vio ensanguentado  
O pequenino Jesus  
Quando foi circumeidado!  
Cruenta furia de Herodes  
Pretendeo tirar-lhe a vida;  
**A Māi c'o Filho nos braços**  
Foge, oh dor! espavorida!  
**Jerusalem, que extermínas**  
Os profetas do Senhor,  
Se não te humilha agora,  
Teme o raio vingador.  
**Alma tibia e froxa, acorda,**  
Estremece... ó peccador.

Entre os doutores da lei  
Fallá o Justo; a Māi, que o chora  
Perdido, errante, saudoso...  
Do mysterio a causa ignora.  
Eis se lhe apressa o momento,  
Em que a saudade o detém,  
Bethania o vé partir,  
Recebe-o Jerusalem;  
Como em triumpho o recebe.  
Suspendei, Senhor o raio.  
«Hosanna» agora lhe entoão;  
E depois «Crucifíca-o».  
Do alarido o som rebenta,  
Como em ondas bate o mar;  
Entre confuso ruido,  
Qu' estrondoso fere o ar,  
Que silencio! Que amargura!  
Os corações estremecem...  
São dous amantes saudosos,  
Que se encontrão... e emmudecem.  
Que scena o Golgotha exprime  
Tão diversa do Thabor!  
Uma de jubilo e gloria.

Outra de sangue e de horror.  
Alma tibia e froxa, acorda,  
Estremece... ó peccador.  
Que situação dolorosa!...  
Ali a Māi compassiva,  
Vendo aberto em chaga viva  
O corpo do seu Jesus,  
Por grossos cravos de ferro  
O vio pregado na cruz.  
Dilacerando-lhe o peito  
Vio da blasfemia o punhal.  
**A natureza, opprimida**  
C' o afflício do Author da vida,  
Deo signal de mudo horror,  
Deo o de ruina signal.  
Os insensíveis presentem  
Que padece o Creador.  
**Alma tibia e froxa, acorda,**  
Estremece... ó peccador.  
**O Justo... ja não existe,**  
Sobre o Golgotha expirou!  
**A triste Māi, que saudosa**  
Perde o Filho, e perde a luz,  
Sempre firme ao pé da cruz,  
Absorta, immóvel ficou.  
Não é geral o prestígio.  
De que se antolha a razão,  
**Ao través da irreligião,**  
Quando a impiedade esbraveja,  
**A luz, e a paz se diffundem**  
Pelo horizonte da igreja.  
Nasceu no Golgotha a Esposa  
Do Cordeiro immaculado.  
Se a fera de um soldado  
C' o a lança o peito lhe abriu,  
De heroica, e rara virtude  
A intrepidez acodio.  
Um discípulo fiel,  
Arrostando a Synagoga,  
Chega a Pilatos, e roga  
Que lhe conceda o cadáver  
De Jesus de Nazareth;  
Outro previne os aromas,  
Com que o deve embalsamar.  
Chegão escadas á cruz,  
E o cadáver despregando  
Pouco a pouco, suspirando...  
Fazem baixar o despojo  
Do exangue, e frio Jesus.

A Mai, que afflita o reclama,  
Que o tem nos braços, e o beija,  
Em vão procura, forceja,  
Por ver se encontra, e descobre  
Um signal, ou similitança,  
Que apresente em morte-cor,  
Senão a copia fiel,  
Ao menos viva lembrança  
Do objecto digno de amor.  
Alma tibia e froxa, acorda,  
Estremece... ó peccador.

De negra nuvem se tolda  
O coração maternal;  
E o piedoso funeral,  
Que em suspiros o acompanha,  
Pelas abas da montanha  
Desce ao lugar do sepulcro.  
Eis se redobram gemidos...  
Junto ao marmore saudoso  
Tudo parece animado  
De um suspiro doloroso.  
Foi ali depositado  
O despojo Sacro-Santo:  
E depois d'embalsamado,  
Envolto em linho, e coberto  
De um sudario humedecido  
Em ternos, amoroso pranto,  
Com que dor! Com que saudade  
A campa se revolveo!  
E aos olhos da aflicta Mai,  
De seu unico thesouro,  
O frio resto escondeo;  
Que scena triste e piedosa!  
Qu'espectaculo! Que dor!  
Alma tibia e froxa, acorda,  
Estremece... ó peccador.

De sensação dolorosa,  
Que alonga o tragicó fim,  
De quando em quando resoa  
Esta expressão maviosa:  
« Compadecei-vos de mim! »  
Se é que vós... sois filhos meus. »  
Quer prosseguir, e não pôde;  
Porque a dor inda de longe  
Apresenta aos olhos seus  
A solidão do sepulcro,  
Ao dar-lhe o ultimo adeos.  
« Compadecei-vos de mim! »  
Prosegue a Virgem saudosa.

Porque sou Mai amorosa,  
E vos gerei n'afflégao.  
Se vós sois filhos do pranto,  
Não me negoais compaixão!  
A dor se nutre em silencio,  
Do tumulto retirai-vos.  
E da força de oppressão,  
Que desafie o temor,  
Eis o recurso, lembrai-vos  
Ao menos da minha dor.  
Alma tibia e frouxa, acorda,  
Estremece... ó peccador.

## JACULATORIA.

Se um filho ingrato  
Detesta o crime  
Como é sublime  
Do ingrato a dor!  
A Mai piedosa,  
Que o filho agrava,  
Perdoa, e lava  
Crimes de amor.

Os meus delictos  
Eu bem conheço;  
Quando os confesso,  
Tremo de horror!

Oh Mai! Oh Virgem,  
Doce esperança,  
Do mar bonança,  
Do ceo penhor!  
Dá que me accolha  
Sob o teu manto,  
Banhado em pranto  
De viva dor.

*José Eloi Ottoni.*

## AO DIA DE FINADOS.

Hodie mihi cras tibi.

Oh sol! não surjas!... teu surgir é triste...  
Mesclar teu igneo fogo vem o pranto  
Que deslisa da triste humanidade!...

O mundo involve o pranto de amargura  
Lagríma em bagas pressurosas tombão  
Do ente submisso á lei de ferro  
Imposta pelo rei potente e justo!...  
De lucto o tabernaclo se reveste...  
Nega a fragancia o incenso... escasso brilho

A mortuaria alampada diffunde ! . . .  
 Oh ! como se erguem mausoleos sem coato...  
 Como adeja da morte o anjo funereo  
 Per cima das cabeças... « Visitante ,  
 « Mudo e quedo teaguardo... a extreme attinges  
 « Hora fatal ! . . . que tu da terra erguido ,  
 « Terra, terra serás , voltado à terra ! . . . »  
 Oh ! sabio , oh pensador, vinde comigo  
 Seus passos guia á desalegre estancia...  
 Que reflectes ? . . . q'dizes ? . . . tudo é sonho...  
 Sonho sem despertar, infindo sonho ! . . .  
 Tu , marmoreos padrões , mestos ciprestes  
 Lugubres circumdando-o , não lobrigas  
 Em seus amagos , ossos alvejantes ? . . .  
 Tu não vés , oh desdita ! a cara espôsa ,  
 A custo as negras vestes arrastando ,  
 Seu peito lacerado, gemebunda ,  
 Em lagrimas amargas debalhada ? . . .  
 Tu , esgarzas as cãas , não vés o velho ,  
 Pela fria velhice tardo os passos ,  
 Pelo pezar o peito retalhado  
 Carpir a filha que lhe foi roubada ? . . .  
 E por quem ? e por quem? poupaí-me o pranto  
 Erguei-vos , mausoleos , por quem dizei-o ,  
 Forças não tenho , succumbido existo ! . . .  
 « Oh ! ali vejo o corpo exangue e frio  
 « Do esposo que me deste e que o rochaste !  
 « Recebe , caro esposo , oh ! sim , recebe  
 « Mercadorias saudades que te offreço ! . . . »  
 A triste espôsa perpassando amostra  
 Em pallido semblante desalegre  
 Loucubrações que , prenhe o peito , a ancia.  
 Pára , despota.... vê , prediz a meta  
 Em que tens de passar.... cessa se é tempo....  
 O sangue poupa que enrubece a terra.  
 A qui vés dos heroesquebrada a lança ,  
 Dos vates sepultada a eximia pluma  
 Que dictara lições , que a vinda idade ,  
 Ebria de gloria, a bemdirá um dia.  
 O salgueiro contempla , que entornadas  
 As vergoncas p'ra terra , morte ! morte  
 So parece dizer.... A pulchra virgem  
 Risonha , do poder mortal zombando ;  
 A espôsa , que com labios simi-abertos  
 Pelo esposo so chama.... Benção dando  
 Encanecido velho aos tenros netos ! . . .  
 Oh lei de ferro ! oh deos omnipotente ,  
 A vida dando ao home' a vida errâncias ? . . .

Desgraçada da terra a prole infasta !  
 Desgraçada da triste humanidade ! . . .

L. F. Abreu.

#### BOFÃO DE ROSA.

• Se maligno  
 Teu destino ,  
 Quer que as bellas companheiras  
 Não mais vejas nas roseiras ,  
 Outras rosas  
 Mais mimosas  
 Tu verás . . . . . . . . . . . .

M. DE PARANAGUA.

Inda ha pouco tão viçoso ,  
 Tão formoso  
 Na roseira ,  
 Junto á rosa companheira  
 Parecias inocente

Mui contente  
 Desbroxar.

Mas agora enlanguescido  
 Qual ferido  
 De tristeza ,  
 Te diviso sem belleza ,  
 Pouco e pouco desbotando ,  
 Te inclinando  
 Té murchar !

Nessa jarra crystalina ,  
 Pura e fina  
 Mergulhado ,  
 D'onde brilhas pendurado ,  
 Vim guardar-te cuidadoso ,  
 E orgulhoso  
 Te julguei.

No pendão teu delicado  
 Despresado ,  
 Sem amores  
 Aqui achas estas flores ,  
 Onde imperas de formoso ,  
 Mais ditoso  
 Do que um rei !

La do sol raios e ardores  
 Tuas cores  
 Murcharião ,  
 Do odor te privarião :  
 Aqui achas fresco amige

Neste abrigo  
Protector,  
  
Mas que tens que tão tristonho  
De risonho  
Te tornaste?  
Ah! ja sei!... La tu amaste!  
E não achas flor tão bela  
Como aquella  
Teu amor!...  
  
Uma rosa delicada  
Adorada  
Era por ti;  
E não achas rosa aqui  
Que ame, e engrace-se contigo;  
Vem comigo  
Que a terás,  
Reanimou-te a esperança,  
Que mudança  
Experimentas!  
Com a ideá te alimentas  
Deinda seres venturoso;  
Vem, dito so  
Tu serás!  
  
Ali tens duas formosas,  
Bellas rosas  
Duradouras,  
Mais suaves seducteras,  
Mais coradas feiticeiras,  
Nas roseiras  
Nunca vi.  
  
Ambas puras, lindas, bellas,  
Ambas ellas  
São iguaes;  
Qual das duas amas mais?  
Por qual dellas te descambas?  
Eu por ambas  
Ja morri!...  
  
Tu por ambas?... Não são rosas  
As mimosas  
Que mostrei-te;  
De proposito enganei-te;  
Essas flores tão vivaceis,  
São as faces  
De meu bem.  
  
Também euras namoradas,  
Enganadas  
São por ellas,

Que umas faces assim bellas  
Tem das rosas a frescura,  
E a candura  
Também tem.  
Fui tyranno p'ra contigo.  
Mas comigo  
Sé piedoso;  
Ah! não murches, vai dito so  
De Francina sobre a fronte  
Casta e insonte  
Pecar!...  
Este beijo não impuro,  
Porém puro  
De-te vida;  
Outro beijo da querida  
Sobre ti, ó innocent,  
Acrecenta  
Teu viver!...  
*F. J. Souza Silva.*

## AO DR. C. J. BARATA DE ALMEIDA.

ODE.

I.

Quem de meus hymnos rapido arrebata  
A magica harmonia? e os fios de ouro  
Da lyra consagrada à liberdade  
Magôa sonoro?...  
Es tu, és tu, divino amor da patria,  
Que o peito m'endeças quando a mente  
Me queima a fêbea flamma,  
E me arde o coração a ti votado.

II.

Rabido impulso de paixões vehementes  
Não me circunda;... atropelados vicios  
De entorno de mim fogem quando os olhos  
Trosos meus vibrando  
Serteiros raios da moral sublime  
As trevas rompem que a virtude enlutão!...  
A victoria cantando  
Exalte heroes condignos d'alto apreço.

III.

Prendendo os povos na brutesa o despota,  
A seu capricho atropelava Themis:  
Gemia a natureza, e os cedafalsos  
Inundados se vião  
Muitas vezes do sangue do innocent,  
Do honrado cidadão que firm'e esp'rava

Da virtude o triumpho ;  
Do sabio e justo , e premio merecido.

IV.

Raiou emfim o dia desejado ! ...  
Tremem Hyparcos , Hippias , e Caligulas ;  
Neros baqueião ! ... e ao clarão terrivel,

A liberdade assoma ;

Pesados ferros , eticas misericordias  
Ao brado ingente se espedação , quebrâo-se !

Reluz de leis proficias

No patrio came o código sagrado !  
v.

Contrastada mil vezes , mil ovante  
Surge apezar dos despotas sanguinios !  
Diga-o Iberia , diga o Pensilvania ;  
E mesmo a Gallia que hoje  
Os sceptro quebra dos Bourbons soberbos ! ...  
Dize-o tu , oh Brasil ! ... mas não , não digas.  
Teu Regulo só basta !  
Elle os projectos meus preenche agora.

vi.

Quem de Lisia no seio a voz soltando  
Entre ameaças vis de um povo armado ,  
Primeiro os teus direitos pugna egregios  
Seus punhaes desdenhando ? ...  
Quem denodado , em patrio amor ardente ,  
Ao filho teu traidor , rija pancada  
No infame rosto imprime ,  
E aos pes o prosta sem temer-lhe as iras ?

vii.

Q'em c'o a pena na mão , no peito a chama ,  
Da liberdade a sentiella firma ?  
E em premio d'honra , de fadigas nobres ,  
Hergastulo horroroso  
Cruéis ministros dão ! ... negra sentença  
O condemna a sofrer martyrios tantos ! ...  
Venaes mimos lhe offertão  
Mas a alma grande taes ficções despresa.

viii.

Oh tu dever sagrado , esforço patrio !  
Esquecido talvez , talvez inerte ,  
Deixas assim cortar de acerbos damnos  
O da firmesa norma ? ...  
Emfim , rasgou-se o véo medonho ! é livre !  
Parabens , parabens , Brasil ! ja gozas  
Sobre o teu seio o martyr ,  
O modello de heroes , teu digno filho !

ix.

Sim , oh Barata illustre , a gloria tua ,  
Mesmo os trabalhos teus firmarão hoje :

E o céo prouverá que na patria minha ,  
No Brasil hemisfajo ,  
Houvessem muitos que imitar-te ousassem !  
Então de heroes , de nomes fora o berço ,  
E eu na lyra emdeosada  
A patria minha dera novo esmalte !

J. J. Pinto Vedras.

## SONETOS.

Alçando a dextra que desprende o raio  
Setimo dia de setembro ayulta !  
Prodigos verte a gloria que resulta  
Do fio divino portentoso ensaio !!!

De março vinte e cinco ao tres de maio  
Crescem padrões que o tempo não insulta ;  
E o Fado que de Jove a lei consulta  
Lança o fero poder em vil desmaio !!!

Santo patriotismo alente a chama  
Q'ao passo dos heroes franquia o norte !  
Onde a razão a liberdade aclama !!!

Marque o Brasil do servilismo a sorte ,  
Despotas gemão quando a patria clama  
« Razão , justiça , independencia ou morte. »

A. J. Pereira.

De parra verdejantes coroado (1).  
Filtrando o doce nectar saboroso ,  
Eu vi Baccho contente , e pressuroso ,  
Mal do sol o explendor tinha raiado.

Apollo no Parnaso , vi sentado  
Das Musas entre o choro glorioso ;  
E ao som do plectro seu harmonioso ,  
As mais bellas canções tinha entoado.

Fiquei de pasmo cheio , e não sabendo  
A causa porque tanto se empenhavam  
Ao Templo da Memoria fui correndo ,

De uns consortes os nomes se gravavam  
(Segundo vi Amorinda escrevendo ,)  
Que em laços de hymeneo se vinculavam .

M. J. da Motta.

(1) Inedito , improvisado em 1813.

### Dr. padre Antonio Pereira de Souza Caldas.

Vio a luz do dia no Rio de Janeiro, aos 24 de novembro de 1762, o sabio e honrado Brasileiro Dr. padre Antonio Pereira de Souza Caldas. Aos 13 annos de idade pateenteou, apezar de terríveis males physiscos que o opprimiam, que o aguardava um futuro de fascinante brilho. O fogo da mocidade, escaldando-lhe o cerebro, fe-lo menos reservado na expressão de suas ideias, que, apezar de serem fundadas, em principios solidos, deu causa a que a ja começada inveja tomasse vigor, e o entregasse, com alguns collegas seus do curso litterario ás garras do Santo Officio! Graças porém ao seu espirito não vulgar, elle soube ostentar-se superior ás desditas, e triumphar calçando aos pés a inveja que ja o considerava sua vitima. Regressando a Portugal, tomou o grão de bacharel, e recusou em Lisboa o despacho de juiz de fora para a cidade do Rio de Janeiro, por julgar não de sua vocação a carreira da magistratura.

Depois de ter recebido em Roma ordens sacras não aceitou o bispado do Rio de Janeiro, oferecido pelo marquez de Ponte de Lima. Quiz vir ao seu paiz natal afim de visitar sua estremosa māi, à quem sempre tributou dedicação e amor; porém sua estada nesta cidade foi de pouca duração, evoltou a Portugal, deixando a saudade e a magua em todos os corações.

O Dr. Caldas, desfinhando pouco a pouco, por continuas vigílias e apurados estudos, e morreu no Rio de Janeiro, a 2 de março de 1814.

A' ILL.<sup>ma</sup> SR.<sup>o</sup> D. F. L. S.

#### A MINHA ESTRELLA.

Plus douleurous est mon martyre  
Loi de l'objet de mon amour;  
Et mon cœur désolé soupire,  
Soupire nuit et jour.

PARNY.

Nasci em tempos de guerra  
De mil desgostos cercado,  
Ao som de cerebos soluços  
Foi o meu berço embalado.

Sempre sonhando venturas  
A minha infancia passei,  
Cheguei à idade de amar  
Nunca ventura encontrei.

Amei do campo uma flor,  
Que a natureza adornou  
Das mais delicadas cores  
Que no seu reino creou;

Mas quando um dia abrazado  
A minha amada busquei,  
Dispersas nela campina  
Seicas folhas encontrei.

Ainda amei com ternura  
Dos ares uma habitante,  
Deixou-me sem piedade.  
Foi como a outra inconstante.

Então amei uma estrella  
De um brilho fascinador;  
Jurci-lhe eterna firmeza  
Sagrei-lhe cultos de amor.

Se ternos versos compunha,  
Se frescas rosas colhia,  
Com extremada ternura  
A' minha estrella off'recia.

Imaginando mil glórias  
Ledo, de amor transportado,  
Julguei ser ella a mais firme  
Do ceo azul estrellado.

Porém n'um dia horroroso  
Atroz tormenta se armou,  
E pelas serras e valles  
Rouco trovão retumbou.

Medonho espesso negrume  
Tudo em seu manto envolveu,  
De tantos astros brillantes  
Nenhum mais appareceu.

Em vão buscaram meus olhos  
A minha amada encontrar.  
Em vão corri delirante  
Por ella sempre a chamar.

Um fuzil, um berro ingente....  
Após, silencio horroroso....  
Mais e mais apavoravam  
Meu coração temeroso.

Depois, passada a borrasca,  
Limpido o ceo se tornou.  
Porém jamais a meus olhos  
A minha estrella brilhou.

Agora é fama que habita  
Outro lugar mui distante,  
Faz radiar no Subaio  
Seu brilho de diamante

—  
Essa estrella, minha prima.  
Que eu de joelhos adoro,  
Ah! perdoa-me que o diga,  
És tu por quem gemo e choro.

*Narciso José da Costa.*

#### AO HOMEM SELVAGEM.

ode (1).

##### Strophe 1.<sup>a</sup>

O' Homem, que fizeste? tudo brada:  
Tua antiga grandeza  
De todo se eclipsou; a paz dourada,  
A Liberdade em ferros se vê presa,  
E a pallida tristesia  
Em teu rosto esparzida desfigura  
Do Deos, que te creou, a imagem pura

##### Antistrophe 1.<sup>b</sup>

Na cythara, que empunho, as mãos grosseiras  
Não poz cantor profano;  
Emprestou-m' a verdade, que as primeiras  
Canções nella entoára: e o vil engano,  
O erro deshumano,  
Sua face escondeu espavorido,  
Cuidando ser do mundo emfim banido

(1) Esta ode, onde brilha um estro superior ao que destingue as mais belas composições que nesse genero tem sido escriptas no idioma portuguez, e talvez mesmo em todos os idiomas vivos, foi composta em 1784, tendo o autor apenas 21 annos de idade, por occasião de uma desputa que se levantou casualmente em uma conversação amigavel entre elle e o general Stockler, acerca das vantagens da vida social.

##### Epode 1.<sup>a</sup>

Des ceos desce brilhando  
A altiva independencia, a cujo lado  
Ergue a razão o scepto sublimado;  
Eu a ouço dictando  
Versos jamais ouvidos; reis da terra,  
Tremei à vista do que ali se encerra,

##### Strophe 2.<sup>a</sup>

Que montao de cadeas vejo alcedadas;  
Com o nome brilhante  
De leis, ao bem dos homens consagradas!  
A natureza simples e constante  
Com penha de diamante  
Em breves regras escreveu no peito  
Dos humanos as leis que lhes tem feito,

##### Antistrophe 2.<sup>b</sup>

O' tuo firme alicerce eu não pretendo,  
Sociedade santa,  
Indiscreto abalar: sobre o tremendo  
Altar do calvo tempo se levanta  
Uma voz que me espanta,  
E aponta o denso véo da antiguidade  
Que à luz esconde a tua vera idade.

##### Epode 2.<sup>a</sup>

Da dor o austero braço  
Sinto no afflito peito carregar-me,  
E as tremulas entranhos apertar-me.  
O' eos! que imenso espaço  
Nos separa daquelles doces annos  
Da vida primitiva dos humanos!

##### Strophe 2.<sup>a</sup>

Salve, dia feliz, que o louro Apollo  
Risonho alumiaiva,  
Quando da natureza sobre o collo  
Sem temor a innocencia repousava,  
E os hombros não curvava,  
E o despota ao aceno enforecido  
Que inda a terra não tinha conhecido.

##### Antistrophe 3.<sup>b</sup>

Dos servidos Ethontes debruçado  
Nos ares se sostinha,  
E contra o tempo de furor armado  
Este dia alongar por gloria tinha;  
Quando nuvem mesquinha  
De desordens seus raios eclipsando  
A noite foi do averno afronte alcançando

*Epode 3.<sup>a</sup>*

Sabio do centro escuro  
Da terra a desgrenhada Enfermidade ;  
E os braços com que unida á Crueldade  
Se aperta em laço duro ,  
Estentendo ás campinas vai talando  
E os miserios humanos lacerando.

*Strophe 4.<sup>a</sup>*

Que augusta imagem de esplendor subido  
Ante mim se figura !  
Nu ; mas de graça e de valor vestido  
O homem natural não teme a dura  
Fea mão da ventura :  
No rosto a liberdade traz pintada  
De seus serios prazeres rodeada.

*Antistrophe 4.<sup>a</sup>*

Desponta , cego Amor , as settas tuas ;  
o pallido Ciume ,  
Filho da Ira , com as vozes suas  
Num peito livre não accende o lume.  
Em vão bramindo espume  
Que elle indo após a doce natureza ,  
Da fantazia os erros nada preza .

*Epode 4.<sup>a</sup>*

Severo voltando  
As azas denegridas , não lhe pinta  
O nublado futuro em negra tinta  
De males mil o bando ,  
Que , de espectos cingindo avil figura ,  
Do sabio tornão a morada dura.

*Strophe 5.<sup>a</sup>*

Eu vejo o molle sonno sussurrando  
Dos olhos pendurar-se  
Do froxo Caraiba que , encostando  
Os membros sobre a relva , sem turbar-se ,  
O sol vê levantar-se ,  
E nas ondas , de Thetis entre os braços  
Entregar-se de Amor aos doces laços.

*Antistrophe 5.<sup>a</sup>*

O' razão , onde habitas ? na morada  
Do crime furiosa ,  
Polida , mas cruel , paramentada  
Com as roupas do vicio ; ou na ditosa  
Cabana virtuosa  
Do selvagem grosseiro ? Dize . . . aonde ?  
Eu te chamo , ó philosopho ! responde .

*Epode 5.<sup>a</sup>*

Qual o astro do dia ,  
Que nas altas montanhas se demora ,  
Depois que a luz brilhante e creadora ,  
Nos valles já sombria  
Apenas apparece ; assim me prende  
O homem natural , e o estro accende.

*Strophe 6.<sup>a</sup>*

De tresdobrado bronze tinha o peito  
Aquelle impio tyranno ,  
Que primeiro , enrugando o torvo aspetto ,  
Do meu e teu o grito deshumano  
Fez soar em seu dâmino  
Tremeu a socegada natureza  
Ao ver deste mortal a louca empreza.

*Antistrophe 6.<sup>a</sup>*

Negros vapores pelo ar se viram  
Longo tempo crusando ,  
Té que bramiando mil trovões se ouviram  
As nuvens entre raios decepando ,  
Do seio seu lançando  
Os crueis erros e a torrente impia  
Dos vicios que combatem noite e dia.

*Epode 6.<sup>a</sup>*

Cobriram-se as virtudes  
Com as vestes da noite ; e o lindo canto  
Das Musas se trocou em triste pranto .  
E desde então só rudes  
Engenhos cantam o feliz malvado  
Que nos roubou o primitivo estado .

*A. P. de S. Caldas.*

**FOI PORQUE O NÃO QUIZ.**

Se vejo o teu rosto  
E lembro o passado ,  
Por bem empregado  
Dou tudo o que fiz .  
Fiz minha vontade :  
Saíram meus rivaes ,  
Que se não fiz mais .  
Foi porque o não quiz .

*Alvarenga.*

## A FLOR DA LARANGEIRA.

*Imitação de Corneille.*

D'aqui deste palacio de esmeralda,  
No qual formada fui, e aonde impero,  
Eu idolatra, Tirse encantadora,

A tua formosura!

Formosura immortal e sem segunda!  
Inveja o mesmo sol teus attrativos,  
Confessa humilde ser dos teus encantos  
Uma fraca pintura.

Ah! não tenho o esplendor dos rubros cravos,  
Que Flora traz ao peito gracioso,  
Variado matizes não me cercão

O calix, e corolla. (1)

Porem, que doce, magico perfume,  
Delicioso encanto dos sentidos,  
As petalas (2) gentis, ternas exalão!  
Quem é, que não inveja?

(1) O caliz (calix), no maior numero das flores é o tegumento externo dos órgãos sexuaes de cor verde ou menos corado do que corolla (o jasmim crovo, e goivo). Derão-lhe este nome, por se assemelhar n'algumas flores a um copo, como se vê nas labiadas, leguininosas e muitas outras. Corolla (corolla), é um tegumento dos órgãos sexuaes da flor imediatamente contiguo a elles; e de ordinario mais corado e mais delicado, do que o calix; tal é por ex. a do jasmim, açucena, rosa, cravo &c. O calix é o thalamo nupeial das flores, e a corolla a rica armação d'elle. Chamou-se assim, por se assemelhar, em algumas flores, a uma pequena coroa real aberta, como é a da açucena. Sobre estas denominações veja-se no Compendio de Botanica de Brotero, Tom. 2.º, Diccionario Botanico pag. 154, a palavra calix.

(2) Petala, é folha de uma corolla petaeada. Colunna foi o primeiro Botanico, que usou deste termo, para significar o tegumento corado da flor, a que Linneo substituiu o de corolla. Eu sei que algumas pessoas traduzem a palavra *petalum* por pétalo; mas os que reflectirem, que traduzimos *folium* por folha, e que *petalum* é uma folha da corolla, certamente recon-

Nem o candido arminho tão mimoso  
Os meus encantos tem, puresa, e garbo;  
Assombraram-se os ceos, formado vendo  
O meu formoso seio!

O destino das bellas infelizes  
Offende aos meus encantos e perfumes,  
Qual mais diga de Tirse, mais perfeita,  
E qual mais engracada?

A flor d'Alexandria, a flor de Venus  
Acaso é sempre bella e deleitosa?  
Respeita-lhe Saturno a formosura,  
O ephemero perfume?

Symbolo da soberba e da inconstancia,  
Em vão ostenta ser d'amenos bosques  
O olho scintilante, e amor dos campos,  
E d'alma doce enlevo.

Lindo botão apenas desabrocha,  
E dos ventos tyrannos o ludibrio.  
Ve no leito de amor roubar-lhe as graças  
A voraz mão do tempo.

Oh! quanto feliz sou e suspirada!  
Agradavel, gentil, maravilhosa!  
Raios de ingratidão jurar se atrevem  
Privar-me da existencia?

Minha essencia é vital, restaura as forças,  
Tonica, antispasmodica, anodina,  
Geral transpiração move proficia,  
Dou líquidos suaves:

Objecto encantador! Tirse adorada!  
Dos olhos teus risonhos serei digna?  
Oh! deosa, immortalisa minha gloria,  
Sim, jamais me desprezes.

Ve de meu nascimento o brilliantismo,  
Meu formoso palacio esmeraldino;  
O meu halito o mundo purifica,  
No peito amor inflamma.

A pura candidez dos ceos imagem,  
Minha innocentia e formosura exprime:  
Tributão-me os mortaes doce amisade,  
Gratidão e respeito.

nheceram, que é mais conforme ao genio da lingua portugueza dizer petala, do que petalo. O Dr. Tavares, lente da Universidade de Coimbra, usa da palavra petalo, por petala.

Lisongear-me atrevo, e offerecer-te  
Os meus votos ardentes, indeleveis :  
A magica belleza dos teus olhos  
Toda me tem roubada.  
  
Esta c'roa mimosa, immarcescivel,  
Mais que o cinto de Venus recendente  
Tão nitida, gentil, tão invejada,  
E' digna só de Tirse.  
  
Se meu formoso brinde, Tirse, aceitas,  
Esta c'roa requissima e fragrante,  
Em mares de prazer deliciosos,  
Vivirei engolfada!  
  
De amor então vaidosa e delirante,  
Verias contemplar-te, bella Tirse,  
Bemdizer meu destino, teus portentos  
Oh! deosa do universo!  
  
Ventura singular! prazer sem termo!  
Ja devoram meus olhos cobiçosos  
Os encantos de Tirse incomparaveis,  
As graças inexhaustas;  
Os olhos tentadores, fuzi-lumes,  
As faces divinaes de leite e rosas,  
Os levantados pomos tremulantes,  
A divina cintura!  
  
E para minha gloria eternisar-se,  
Hei de ver Jonio afflito, acceso em furias  
De ciume lethal exasperado,  
Pedindo aos ceos mil mortes!  
  
Porém, Tirse, se glorias tão sublimes  
Só me é dado gozar na fantasia,  
Ah! punc com rigor o meu desejo  
Punc, oh! Tirse, eu consinto.  
  
Prohibição severa então me ordene,  
Que eu só deva habitar nesse teu seio:  
Esta pena será vaidoso premio  
De meus delírios ternos.

J. de B. T. de A. Maranhão.

#### O POETA DESTERRADO.

##### ODE. (1)

Oh lyra brasileira, que inspiravas  
Com teus hymnos, no peito amor de gloria,  
Tu que o pranto da esposa suspendias,  
Quando ausente o guerreiro;

(1) Escripta em Bordeos em 1825.

Ora do triste vate no desterro  
Ja não accedes de Mayorte o fogo :  
Nem cantas os tropheos da patria amada  
Com magica harmonia.  
  
Fica pois, lyra inutil, pendurada  
De secco ramo; ou temperada agora  
Em tom mais brando, vai soar tristonha  
Em acanhado estylo.  
  
Ah não digas, ó zoilo, mal do vate,  
Se procurando lenitivo à magoa,  
Sob a copada rama solitario,  
Euseja amor na lyra.  
  
Um mayioso coração afflito  
Que abandonado em terra estranha geme,  
A qual recorrerà propicio nume  
Se não à Venus meiga?  
  
Mas a causa, que a alma ora lhe agita,  
E tambem de Narcinda a santa causa :  
Da terna lyra os sons enchem-lhe o peito  
De dor e de saudade.  
  
Os suspiros que a lyra aos ares manda,  
Ela com seus suspiros acompanha ;  
E se um sorriso de esperança enecta,  
Sorri com ella o vate.  
  
Oh de Narcinda angelico sorriso!  
Mais balsamico és ao triste esposo,  
Que o sorriso da lua, que embellece  
Da negra noite o manto!  
  
Não do regato o placido sussurro ;  
Nem o travesso zephyro, que esperta  
Do lethargo da sombra a flor cheirosa,  
Ao pastor é mais grato!  
  
Fresca e gentil, qual matutina rosa  
Pelas gotas de maio rociada ;  
Assim do teu dilecto olhos e peito  
Arrebatas surrido.  
  
Ah não digas, ó zoilo, mal do vate,  
Se ainda se ocolhe de Narcinda ao seio  
Pois no meio do sonho dos amores,  
Tambem co'a patria sonha.  
  
Para a molleza não nascera o vate :  
Em mais ditosos dias chamejava  
Sua alma ardente, de heroismo cheia,  
Quando uma patria l'aha!  
  
A corda que sicia docemente  
Sobre a dourada lyra malfadada,

Outrora ousou curvar arco guerreiro,  
Vibrar rapida setta:

Os labios, que ora movem molles versos,  
Ja levantar souberam da vingança  
Grito tremendo, á despertar a patria  
Do sonno amadornado.

Mas de todo acabou da patria a gloria:  
Da liberdade o brado, que troava  
Pelo intiero Brasil, hoje immudece  
Entre grilhões e mortes.

Sobre suas ruinas gemem, choram,  
Longe da patria os filhos foragidos:  
Accusa-os de traição, porque a amavam,  
Servil infame bando.

Ah não digas, o zoilo, mal do vate  
Se aos lares seus não volta acicalado  
Subito ferro afogaria o grito,  
Que pela patria erguesse.

Ali da santa liberdade os filhos,  
Esses poucos, que restão, fugidios  
Vivem inglorios; pois as honras dão-se  
A perjuros escravos.

Almas fracas e vis! e vós não vedes  
Que o facho horrivel, que allumia a senda  
Das falsas honras, accendeis no fogo  
Que abraza o Brasil todo?

Quando mortes fulmina a tyrannia,  
E calca aos pés o merito e virtude,  
Uma lagrima se quer não vós arranca  
A terra, em que nascestes?

Maldição sobre vos, almas damnadas!  
A taça do prazer a vós vos saiba  
Como o mel venenoso das abelhas (1)  
Da cysphatina plaga.

Suspirai pelo ceo, morrei no inferno  
Contente! Paz e gloria de vós fujam!  
Como as aguas de Tantalo fugiam  
No Tartaro dos Gregos

Ah não digas, ó zoilo, mal do vate  
Se á paphia deosa algum consolo pede;  
Se a aguda dor que pela patria sente,  
Sonha abrandar um pouco.

Que um raio de esperança o fado accenda,  
Que um relampago so penetre as trevas

Que o seu Brasil involvem, nesse instante  
Em pé se alçará forte.

Então seu coração no altar sagrado  
Da liberdade, deporá ligeiro  
A branda lyra; — então com nova marta  
Coroará a espada.

Ah quanto é forte um vate, se nutrido  
Entre perigos foi! se denodado  
Da morte os brados retumbar ouvira  
Com não mudado rosto!

Que um Trasibulo novo se levante  
Cum punhado de heroes, a tyrannia  
No ensanguentado throno ja nutante  
Cahirá aos pés exangue.

Mas enquanto o Brasil adormecido  
Brillantes dias renovar não sabe,  
Rerita ao menos o seu nome amado  
A lyra dos amores.

Da dor profunda, que a seu vate opprime  
Estranhos se condoão; e os suspiros  
Da lyra, que atravez dos mares voam,  
Façam chorar a patria.

Adeos, ó lyra, basta: ja se embruscam  
Cada vez mais os ares — sombra espessa  
Involve em torno a placida ramada,  
Em que teu vate geme.

Fica pois suspendida do alto cheupo;  
Nem mais afflita mão as cordas fira:  
Ao murmúrio da fonte so responde;  
Os zephyros te movam.

Aos apartados echos da collina  
Mescla teus sons; e do pastor a gaita  
Freníto doce em ti somente excite,  
Ou zunidora abelha.

Adeos emsim, adeos, lyra piedosa  
Ah quantas vezes o teu pobre vate  
Ameigava contigo a dor profunda  
Em disveltadas noites!

Se tantos males supportou constante,  
A ti deveu, ó lyra — Ja não podes  
Ora mais consolar dobradas magoas,  
Adeos, em paz descansa.

J. B. de Andrade e Silva.

(1) Polistes Lechuguena de Latreille.

O INCENDIO DO PALACETE, E A SENTIDA MORTE DE FRANCISCO DE ASSIS PEREGRINO.

Era noite. Envolvida em seus deleites  
A Princeza do Valle (1) em amplo quadro  
Nobre espetac'lo desdobrava altiva !  
A fronte soberana lhe adornavam  
Soberbos obeliscos , e pyramides ,  
Entre altos torreões , triumphaes arcos ,  
De milhões de festivas luminarias  
Clarão , que ao sol pleitea a luz diurna ,  
Espancava do valle o horror da noite :  
E a usana princeza recostada  
Em veludos , em ouro , de seu seio  
Mandava aos montes o clarão das festas ,  
E ao ceo os echos de exclamados vivas !  
Pesa mais grave a noite. Os nobres filhos  
Da princeza do valle então repousam.  
E do joven , que em prova o seu talento  
Vai pôr em breve , o que é feito agora ?  
Dorme !... e talvez tranquillo não cuidoso  
No dia de amanhã !... Como elle dorme !  
Talvez , tranquillo agora , em suas veias  
Seu sangue gyre , e socegado bata  
O seu pulso ; talvez neste momento  
Sem presagio , sem dor , manso palpita  
Seu coração !... O'horror !... Mas que futuro ,  
Que futuro o espera... amanhã mesmo !  
E que dor a su'alma agora opprime ?!  
Qual pensamento lhe ramina a mente ?  
Nem dor , nem pensamento ! Ora tranquillo  
Dorme o sonno do justo ! Como dorme !  
Oh ! repousa , infeliz ! E quem te ha dito  
Que esse é da vida o derradeiro sonno ,  
E que o teu despertar amanhã mesmo  
E' despertar extremo ?! Quem te ha dito ,  
Que n'ampulhetas do ligeiro tempo  
Impende sobre a aréa deslizada  
O teu extremo bago ? Quem te ha dito ,  
Que as azas desdobrando temerosas  
Revôa em torno a tí o anjo da morte ,  
E que o genio dos tum'los levantara  
A lapida terrivel , que p'ra sempre  
Vai pecar sobre ti ! Oh ! quem te ha dito ,  
Que abrirá a eternidade a porta imensa

(1) Mui apropriadamente chamou a cidade do Rio de Janeiro Princeza do Valle em uma Nenia o Illm. Sr. Br. Firmino Rodrigues da Silva.

Para feixal-a sobre ti ? — Acaso  
Teu anjo guardador n'um so presagio  
Mostrou-te ao coração fatal destino ?  
Dormes ? Dormes ! E sonhas com teu fado ?  
Dormes ; porém não sonhas , e , se sonhas ,  
O teu sonho é feliz ; doce é teu sonno !

Desperta , deixa o leito , é dia , é dia !  
Ultimo despertar : outro te espera  
Para mais não dormir. Vigilia eterna !  
Deixa o leito da vida : outro te aguarda  
P'ra mais o não deixar. Sonno de ferro ,  
Qual no fundo do mar dorme o lagedo ,  
Se dorme nesse leito. E' dia , é dia !  
Nas ese dia , que tem noite em breve ,  
Vás deixar por feliz manhaa semi tarde !  
Despertá , o sol ja luz sauda a aurora  
Do dia vinte e dous , tão caro à historia !  
Mas sabes que este sol triste , e sombrio  
Sauda do teu tum'lo a fria lousa ?  
Sabes qu'este é teu dia derradeiro ?  
Hoje tem de se ouvir um ai de morte !  
Amanhã !... amanhã por um finado  
Nessa arca funeral tinta de sangue  
Tem de soar o canticos funéreo !...  
Esse extinto infeliz serás tu mesmo !...

Estrondo pavoroso atroa horrivel ;  
Roto mugindo oar tremem em cem partes ,  
E os tremilos edificios longe expelam  
Os retelhados vidros. Chamma intensa  
A' pós de horrivel explosão medonha  
Do centro do edificio se levanta ;  
Rangendo aos ares fracturados voam  
Os tectos abrasados , que de emtorno  
A' mole accesa de estilhaço cobrem  
A fumegante relva. Sobe ás nuvens  
Entre rolos de fumo cor do inferno ,  
Em retalhadas crepitantes línguas ,  
Labareda , que horrenda as auras lambe !  
Ardem d'qui d'ali pesadas traves ;  
Qual estala , se abate , e cahê. Rangendo  
Rebentam-se as paredes retinindo  
De roldão sobre o campo. Horrido tombo  
Faz palpitlar a terra , e horrivel manda  
O echo pavoroso á serra , ao monte !

Que medonho espetac'lo lastimoso !  
Eis o Inferno ali !... Que resta agora  
Desse regio edificio ? As sos paredes ,  
Chamas , ruinas . . . Logo a so lembrança !

E elle ? Onde está elle ?... O jove', o joven ?  
 Onde está ?... Onde está ?! .. Queres saber-o ?  
 Na eternidade jaz : — seu corpo é este....  
 Ves aquella parede , que em ruinas  
 As rotas moles dispersou no campo ?...  
 Pois o joven ali sob o seu peso  
 Deu à vida o — adeos — e o oscilo à morte !  
 Ah !... dai , dai compassivos Flaminenses  
 Um suspiro de dor ao desgraçado !  
 Honrai-lhe, honrai-lhe a campa c'uma lagrima;  
 Dai-lhe um — ai de saudade — elle o merece !  
 E a gloria ? elle ardente a demandava ,  
 Longe dos caros paes , da patria long' ,  
 ( A província de Minas que o gerara ! )  
 Entre saudades , privações soffrendo ,  
 Perigos affrontando entre as procellas ,  
 Que entre as ondas revolve o noto horrivel ,  
 Vai sciencia buscar , titulos p'ra gloria ,  
 E gloria cobiçando , e alto renome ,  
 Ao patrio imperio volta. Eil-o entre amigos ,  
 Entre os braços do pai , entre os parentes ,  
 Ja tocando da gloria o ingente portico :  
 Ja c'um pé nesse templo magestoso  
 Desconhecida mão d'elle o arranca....  
 Que mão fatal é esta ? Espera.... E' tarde !...  
 E' do anjo da morte a mão funesta !  
 Ah ! choremos sobre elle.... Desgraçado !...  
 Quam moço , quam gentil , quam talentoso !  
 Morre !... e morre sem gloria aquelle , aquelle ,  
 Que so p'ra gloria desejava a vida !...  
 Vida , que dera pelo trono , e a patria ,  
 E que ingloria lhe foge !... Oh ! não permitta  
 O ceo , que tão funesto , e horrivel caso  
 Seja ainda p'ra nós fatal pre-ágio !...  
 Brasileiros chorai.... Supra-lhe o pranto  
 A illustre gloria que usurpou-lhe a morte !  
 Pedro , o joven monarcha , tambem chora ,  
 Qu' é do solio a piedade o esmalte exímio !  
 Acompanhai na dor voso imperante ,  
 Que de um subdito chora a morte infesta.  
 Honrai-lhe, honrai-lhe a campa c'uma lagrima  
 Dai-lhe um ai de saudade — elle o merece .

*Teixeira e Souza.*

Se é certo , Marilia bella  
 Que em mim pensastes em sonho ;  
 Eu em ti penso acordado  
 Nestes versos que componho.

Pode ser que um sonho tal  
 Fosse causar-te amargura :  
 A sorte talvez nem queira  
 Em sonhos dar-me ventura.

Mas não .... um anjo da terra ,  
 Que tem da innocencia o gozo ,  
 Um sonho mão não se atreve  
 Pertubar o seu repouso.

Marilia , se com teu sonho  
 A sorte p'ra mim está rindo ;  
 Da-me accordada , a ventura  
 Que me dás quando dormindo.

*H. S.*

#### A ULTIMA DE QUATRO SOLTEIRAS (1).

A o lugar nativo affeitas ,  
 Quatro flores existiam ,  
 Q'aos primores excediam  
 De quatro rosas perfeitas :  
 Mas como fossem sojeitas  
 Uma colheita a sofrer ;  
 Vio-se logo aparecer  
 A tres , tres mãos cubicas ,  
 E de flores tão mimosas ,  
 So resta uma a colher.

*M. J. da Motta.*

#### SONETO.

Grande festa , senhora , la se fez  
 Onde vôle no mar muito alcatraz ;  
 Foi o bom pregador um frei Thomaz ,  
 Sendo so os cantores pargos tres.

Dous gallos , cada qual por sua vez ,  
 Com vinte chareletes mais atraz ,  
 Dera sotta , codilhão , seis e az ,  
 O peixe de que gosta o rei francez.

A' função não faltaram tres goriz  
 Que dentro em quatro mil cascas de noz  
 Lhe serviram de pages dous seriz.

Mas tem mão , musa minha , á tua voz ,  
 Que quasi me parece por um triz  
 Que o soneto la vai de foz em foz.

*J. J. da Silva.*

(1) Postumo.

## O MEU RETIRO.

Se Deos propicio os votos me attendesse ,  
Certo não me daria copia de ouro ,  
Nem levantar nas orgulhosas praças  
Egregios torreões , alvo da inveja :  
O fronco a que meu pai se recostava ,  
O sitio em que nasci , o pomar fresco  
Onde a primeira vez a mor sorrio-me ,  
De tão longe me chamam , me convidam ,  
Que no patrio regaço va lançar-me .  
Sem enxergar o fumo da cidade ,  
Sem lhe ouvir o estampido das borrascas ,  
Meus alvos dias gozarei inteiros  
Sob a choça de palmas enramada .  
Soltar-me anseio em valle solitario ,  
Não porque odio professe á tão mesquinha  
Progenie da muther , mas á franqueza  
Entrada veda trivial perfidia ,  
E ali me acereo de familia estreme ,  
Entro-a no peito , estreito-me com ella :  
E o costume de amar guia á virtude .

O movedor eterno dos destinos  
Largo espargio no orbe os bens e os males ;  
Não lhe indago a razão : melhor me fora  
Que o tempo , para quantos me são caros ,  
Se devolvesse perennal remanso ;  
Porém , se algum primeiro a campa cobre ,  
Se entra-lhe á casa a misera desdita ,  
Para ornar meu retiro , o ceo me outorgue  
O orphão que á tosca sombra de meus tectos  
Guarida encontre , e em vínculo sagrado ,  
Do pai , do amigo , a geração estenda .  
Embora então me arroje no sepulcro  
O fatal gume , não estranho a fronte  
Contente curvo , que me sobra em annos  
Quem minhas cinzas regue , e a longos brados  
Quasi do ferreo sonno me desperte .

Se ao homem descompanha a molle inercia ,  
Farto banquete os genios campesinos  
Em frugíferos troncos lhe apresentão  
Esquallida mulher aduladora ,  
Fel vertendo dos beiços , a pobreza  
Se lhe aproxima á porta , mas recua  
Ao reluzir da carecomida enxada .  
Em quanto aos pés dos grandes , o opulento ,  
Aos pequenos soberbo , honras mendiga ,  
Da sofrega ambição contra as lançadas  
Ergue o agreste adamantino muro ,

Segundo a trilha da vivaz natura .  
Comparte o leito seu , limpo e secundo ,  
Donde a Themis , a Ceres , a Mayorte  
Tem de manar alumnos prestadios .  
Por guapas companhias bocejantes  
O insomne regosijo não revoa  
Na pacifica aldeia ; mas he grato  
Observar o horizonte ao romper d'alva ,  
Escutar o gemido da floresta ,  
Beber o alento nos delgados ares ,  
E em derredor da ovelha , em leves saltos ,  
Ver o viçoso folgazão cordeiro .

Não gostas de uma esposa ? Desses brenhas  
Na filha attenta : as faces lhe avermelha  
Frugal mesa , trabalho moderado ,  
E , mais que tudo , a candidez e o pejo .  
Boa mãe , amadora da simpleza ,  
Os filinhos do seio pendurados  
Não lhe murchão as graças ; no semblante  
Ledos sorrisos lhe derrama o jubilo ,  
Quando pôde assagrar com mão mimosa  
A tão cruenta chaga do infortunio .  
Oh ! que íntimo alvoroço as fibras d'alma  
La me tem de abalar , se inesperado  
Eu avistasse no arvoredo proximo  
O meu querido Ernesto , que em demanda  
Do meu retiro placito caminhe .  
Mal que eu tão doce nome balbucie  
Entalado em suspiros , a consorte  
Ha de entre os braços apertar o amigo  
Que honrou minhas desgraças com seu pranto ;  
Do hospede , então , conforme á singeleza  
Teaho de preparar festim campestre  
Que o coração profundo lhe lateje .  
Assim que a luz aponte matutina  
As filhas mandarei dessas florestas  
Nymphas louçãas , tecer uma capella ,  
Chamar as companheiras do contorno  
Que , com suaves cantos e tangeres ,  
Espalhem pelos ares a alegria .  
Depois que dermos volta ao deleitoso  
Breve jardim , na sobreavada gruta  
Lhe mostrarei o tumulo paterno :  
La juntos versaremos no futuro ,  
Grande , condigno assumpto q'em dous animos  
Amizade maior entranha e arreiga .

Debaixo de odorifera latada  
Altar de relvas hei de ter ja pre tes ,  
Onde , enfeitado de gentis boninas .

O quadro se colloque magestoso  
Da que deu na masmorra virgem leite,  
Fonte de vida, ao ja caduco velho,  
Do filial amor exemplo nobre.  
Posta no amavel hospede a corôa,  
Aves pousadas nos arbrios topes  
Os quebros naturaes entermidando,  
Faraõ mais consonante o cetro alpestre  
Quando o cantico rompa mavioso :  
  
« Semelha o amigo nosso à ingenua moça :  
« Ama e se acolhe ao pai, com tanto anhelo,  
« Como a seu ninho a ruladora pomba.  
« Feliz quem pode em braços dos penates,  
« Com os olhos de morte carregados,  
« Adormecer. So deixa uma lembrança,  
« E transita do mundo à etherea patria.  
« Por quem nos procreou affecto summo  
« Sentimos todas ; mas prendeu-se no amago  
« Do astável peregrino uma ternura  
« Que a querer nos ensina com mór brio.  
« Semelha o amigo nosso à ingenua moça :  
« Ama e se acolhe ao pai, com tanto anhelo,  
« Como a seu ninho a ruladora pomba.»  
  
E força entre os prazeres vir a magoa  
Sentar-se. Deixarás nossa cabana,  
Meu bom amigo, e em lagrimas envoltos  
Arvore na collina plantaremos  
Que denote o saudoso apartamento.

M. Odorico Mendes.

#### SONETOS.

Em versos não cadentes, 6 leitores,  
Vereis os males meus, vereis meus danos:  
Da primavera as galas e os verdores  
Não brilharam p'ra os meus primeiros annos.  
  
Mesmo na infancia exp'rientei rigores  
De meus fados crueis sempre inhumanos,  
Que so me destinaram dissabores,  
Mil males revolvendo em seus arcanos.  
  
Sem auxilio da luz, que o sol envia,  
Versos dignos de vós tecer não posso;  
Disculpai minha ousada fantasia.  
  
Com estes cantos meus, mortaes, adoço  
A magoa que o meu estro so resfria  
Se merito lhe dais, he todo vosso.

D. Delfina B. da C.

Vinte vezes a lua prateada  
Inteiro rosto seu mostrado havia,  
Quando um terrivel mal, que então soffria,  
Me tornou para sempre desgraçada :  
  
De ver o céo e o sol sendo privada (1),  
Cresceo a par comigo a magoa impia ;  
Desde a infancia a mortal melancolia  
Se vio em meu semblante debuxada.  
  
Sensivel coração deu-me a natura,  
E a fortuna, cruel sempre comigo,  
Me negou toda a sorte de ventura:  
  
Nem se quer um prazer breve consigo,  
So para terminar minha amargura  
Me aguarda o triste, o sepulchral jazigo.

D. Delfina B. da C.

#### SUPLICA A MARILIA.

Consegue meu caro bem  
Ter parte em teu coração,  
Minha alma por ti padece  
Grande, violenta paixão,  
Muito embora me não ames,  
Nem metigues minha dor,  
Eu te juro, eu protesto  
O mais puro e firme amor.

H. S.

#### LYRA (2).

Deixa, Amor, meu peito isento  
Não me queiras ferros dar ;  
Muito amei, mas já não posso  
Penas, males supportar ;  
Vai no peito de Marilia  
Teu ferro agudo cravar.  
  
Me fizeste amar a Nise  
Com desmedida paixão ;  
Offrêci-lhe o que possuo,  
Um amante coração :  
E julgas que premio tive ?...  
Pagou-me com vil traição !...

(1) A autora, cega desde a idade de dous annos e versojando desde a de doze com bastante conhecimento da historia e outros ramos philologicos, é sem duvida um assombro!

(2) Inedita.

Me apontas de Anarda o rosto  
De belleza revestido ;  
Sua face, seu composto  
A seus pés me fez cahido ;  
Teu poder tua grandeza  
De novo me fez rendido.

Poréai que prazer encontras  
Em me fazeres sofrer ?  
Acaso não 'stás contente  
Com meu longo padecer ;  
Inda tens negra peçonha  
P'ra me dares a beber ?...

Allenó ja não feriste ,  
Destes montes um pastor ,  
Não fizeste que na faia  
Lhe jurasse eterno amor ?  
E meu pranto não pagaste  
Com desprezo , com rigor ?...

Floridas capellas teço  
Para a Marilia offertar ;  
Amante naquelle freixo  
Vou gostoso pendurar ;  
Para que mandas teus Faunos  
As florinhas machucar ?...  
Na cortiça embalde busco  
O seu nome e o meu traçar ;  
Nossos nomes , mãos impuras  
Dos Faunos vão apagar !  
Acaso tu , so Marilia  
Me buscas arrebatar ?...

Ao écho vãamente entrego  
Minhas penas minha dor ;  
A' mansa fonte confesso  
O logo de ingente amor....  
Mais estas queixas augmentão  
Meu pezar , meu dissabor !  
Traze , ó deos , a cara amante  
Ao meu não distante lar ;  
Que braços , dize-lhe , tenho  
P'ra ferventes a abraçar ;  
Um peito , sólido throno ,  
P'ra qual rainha imperar.

Sí Marilia me negares ,  
Tu deos não poderás ser ;  
Pois me fazes dar mil mortes  
Por continuo padecer ;  
Teus ferros , louco , despreso  
Pois p'ra mim não tens poder.

L. F. Abreu

A D. ANTONIO FILIPPE CAMARÃO ,  
NATURAL DE PERNAMBUCO , E SEU  
RESTAURADOR EM 1654.

ODE.

*Strofe 1.<sup>a</sup>*

Dulcisono instrumento ,  
Que de claros heroes levaste o nome  
Ao alto firmamento .  
Quando o cantor do Ismeno  
O plectro audaz vibrava ;  
Eleva agora ao Templo da Memoria  
Novo heroe , que brilhou no ceo da gloria.

*Antistrofe 1.<sup>a</sup>*

De sacro entusiasmo arrebatado  
Além da humana esphera ,  
O argivo cysne em metro não ouvido  
Celebra o combatente ,  
Que o bravo Correitor domou valente ;  
Ou nos pithyos combates valeroso  
O triumpho colheo victorioso.

*Epodo 1.<sup>a</sup>*

No Pegaso correndo o vasto campo  
Dos nobres feitos do Brasilio Marte ,  
Vou colher sem demora  
Flores em toda a parte ,  
E tecer-lhe depois em Dirce bella .  
Ao brilhar do meu canto , uma capella .

*Strofe 2.<sup>a</sup>*

D'entre larga espessura .  
Ouvindo a voz da patria , a quem opprime ,  
A tyrrannia dura .  
Sabe Viriata forte  
Invicto Lusitano ,  
E clamando vingança , e liberdade ,  
Resoa a voz na etéria immensidão .

*Antistrofe 2.<sup>a</sup>*

Qual da Sicilia o monte pavoroso ,  
Que , chamas vomitando ,  
Entre nuvens de fumo tudo abraza ;  
Qual Boreas furibundo ,  
Que , aberta a porta ao carcere profundo ,  
Com estampido atroador soando ,  
Vai as altas montanhas abalando .

*Epodo 2.<sup>a</sup>*

Tal Viriato , a patria defendendo ,  
O Quirino soberbo desbarata ;  
E , tigre furioso ,  
Fere , atassalba , e mata .  
O imperio quirinal ao vel-o genio ,  
Do susto cheio o Capitolio tremê .

*Strofe 3.<sup>a</sup>*

O Camarão potente,  
Indio famoso, illustre Brasileiro,  
Negro Aquillão fremente,  
E' dest'arte, que busca  
O Batavo em Goyanna;  
E, um dia inteiro em horrida batalha,  
Chovendo mortes, o inimigo espalha.

*Antistrofe 3.<sup>a</sup>*

Tanto valor não tem, constancia tanta  
O grande heroe troyano,  
Quando montado no veloz ginete  
Pela Patria peleja;  
Troveja mortes, danuos mil troveja;  
Brilha o ferreo pavez auribordado,  
Açoita as ancas o cocar deourado.

*Epodo 3.<sup>a</sup>*

Patrocolo denodado, que atrevido  
Ante os muros troyanos apparece  
Cedendo ao braço duro,  
Sucumbe, desfaltece;  
E o bravo heroe, inda apezar dos annos,  
Marcha na frente dos heroes troyanos.

*Strofe 4.<sup>a</sup>*

O Scipião famoso,  
O Belga em Santo Amoro derrotando,  
Cinge o louro ditoso,  
Seu aspetto annuncia  
A fugida, ou a morte  
De um lado a outro qual pelouro voa  
Soa a victoria quando o bronze soa.

*Antistrofe 4.<sup>a</sup>*

Mais velozes não foram na Sicilia  
De Pompeo os triumphos,  
Que avassalou ianumeras cidades  
Com deshumano estrago:  
Nem do heroe, q'de gloria encheo Carthago,  
E que, sendo o terror da invicta Roma,  
Fiamiudo, Scipião, Marcello doma.

*Epodo 4.<sup>a</sup>*

Não pôde estar em ocio descansado  
O heroe, a quem Mavorte inflamma o peito,  
Na illustre Parahyba  
O Hollandez é desfeito;  
Cunhaú, onde o Belga é triplicado  
Vê Camarão, o Belga subjugado.

*Strofe 5.<sup>a</sup>*

Sobre seu alto cume,  
Erguido Guararape, altivo mente,  
Qual fulgurante lume  
Por Jove dardejado,  
Brilhar tambem o viste  
Quando todo em furor, desfeito em ira,  
Vingança, e liberdade so respira.

*Antistrofe 5.<sup>a</sup>*

Quanto é grato suster da patria cara  
A fugitiva gloria!  
Deste modo se alcança no futuro  
Cobiçoso renome,  
Qae o tempo estragador jamais consome.  
E credora de inveja, é feliz sorte  
Pela patria acabar em doce morte.

*Epodo 5.<sup>a</sup>*

Agora, musa minha, em Porto-Calvo  
Colheremos a flor mais fresca, e bella,  
Que ha de ornar do guerreiro  
A brillante capella:  
Escape de uma vez o heroe famoso  
Do cego tempo ao ferro sanguinoso.

*Strofe 6.<sup>a</sup>*

Vibrando a longa espada,  
Ao lado marcha do brasilio esposo  
A nobre esposa amada.  
No campo dos Troyanos  
Camilla furiosa,  
Voando sobre a grimpia da seara  
Mais triumphos á morte não prepara.

*Antistrofe 6.<sup>a</sup>*

Assoberbão o Batavo nefando,  
O quente sangue espuma;  
Qual Belga foje, qual Brasilio fere;  
Quem evita o Mavorte  
Na espada feminil encontra a morte;  
Ambos assim cobertos d'alta gloria.  
Alcançao do Hollandez clara victoria.

*Epodo 6.<sup>a</sup>*

Brasilio Camarão, indio Mavorte,  
Recebe com prazer esta capella,  
Que te consagra o vate;  
Com ella adorna a frente;  
E da fama loquaz no excelso templo  
Aos futuros heroes dá nobre exemplo.

*Natividade Saldanha.*

## AOS COSTUMES DA BAHIA.

## SATYRA.

Destes que campão no mundo  
Sem ter ingenho profundo,  
E entre os gabos dos amigos  
Os vemos em papa-ligos  
Sem tempestade, nem vento;  
Anjo bento!

De quem com secretas letras  
Tudo o que alcança he por tretas  
Bacolejando sem pejo  
Por matar o seu desejo  
Desde manhã até a tarde,  
Deos me guarde!

Quem passeia tão farfante,  
Todo presado de amante,  
Por fôra luvas, botoes,  
Insignias, armas, galões,  
Por dentro pão bolorento;  
Anjo bento!

Destes beatos singidos,  
Cabisbaixos, encolhidos,  
Por dentro fataes maganos  
Sendo nas caras huns Janos  
Fazem dos vícios alarde,  
Deos me guarde!

Que vejamos teso andar,  
Quem mal sabe engatinhar,  
Muito intiero, e presumido,  
Ficando o outro abatido  
Com maior merecimento,  
Anjo bento!

Destes avaros mosfins,  
Que poe á mesa pepinos,  
De toda a iguaria isenta  
Com seu limão e pimenta  
Porque diz, que queima, e arde,  
Deos me guarde!

Que pregue um donto sermão  
Um alarve, um asneirão,  
E que esgrima em demasia  
Quem nunca lá na *Sophia*  
Soube pôr um argumento;  
Anjo bento!

Deste santo emascarado,  
Que falla do meu peccado,

E se tem por Santo Antonio,  
Mas em luta com o demônio  
Se mostra sempre covarde;  
Deos me guarde!

Que atropellando a justiça  
Se com virtude ostiga  
Se premee o delinquente,  
Castigando o inocente  
Por um leve pensamento;  
Anjo bento!

*Grigorio de Mattos.*

## A O DIA 7 DE SETEMBRO.

## ELOGIO (1).

Quel Dieu, quelle nouvelle aurore  
Nous ouvre les portes du jur?  
Un plus beau soleil vient d'éclore  
Et devolle un brillant séjour.

## GRESSET.

Da pomposa roupagem otaviada,  
Emblematica, risos derramando,  
Da filha de Cabral nas ricas plagas  
Assoma grata aurora, e espance as trevas:  
Qual Ethioute fogoso quer d'um salto  
A estância demandar, que Helio espera;  
Qual o plansto fulgente arrasta, leva,  
Insolitos fulgores diffundindo,  
Ao zenith, onde Apollo estampa, divo,  
Em carácter symbolico de fogo,  
Pedro, Brasil, Independencia ou Morte.

Dia sem par na duração dos evos!  
En te saudo, dia magestoso!  
Da cadea das eras desatado  
Emquanto a gloria for, serás risonho!  
De lustros cinco *ultimatum* ditoso  
Qu' a brasílico rei has outorgado,  
De prospero porvir sê grato horoscopo,  
Risonho precursor de mil venturas,  
Venturas que à Toseana deu Leopoldo,  
Em tí contemplão, superando o Tibre,  
O Soberbo Amazona, o rico Prata!

(1) Por occasião do festejo que se fez em casa do commendador Borges de Barros, em Paris.

Brasil feliz estancia prasanteira !  
 Rival de Roma em epochas de Numa !  
 Banida a sanha , os bellicos forores,  
 Eiras ferteis o campo de Mayorte ,  
 Um Cecrops tu verás em curto espaço  
 Da ordem rematar arduo projecto !  
 Sem Hippias , sem Hippóqueus ( torpes fructos  
 D'hypocrita Pisistrate nefando )  
 Simonides virão , Anacreontes ,  
 Tuas Napées encantar , mayiosos ,  
 E ja novos Homeros serão lidos  
 No famoso Panatheneo d'America ;  
 Pasmosos Phidias , Riphaeis evimios ,  
 ( Atavio , esplendor das nações cultas )  
 Formosear veras teus lindos lares ;  
 As sciencias , esclio dos reis livres  
 Do despotismo infando horror , imigas ,  
 Volveram ao teu centro ca da Europa :  
 Gaiussac immortal , do Brasil filho ,  
 Irá sondar as regiões ethereas  
 Em quanto que os Broussais , os Phomasinis ,  
 Do Brasil oriundos , d'elle adorno ,  
 Preserutarão mysterios d'Hypocrate ,  
 Brasil ditoso , Pedro , augusto joven !  
 Manarcha invicto , sé prestante , e justo !  
 Este dia , que marca nos teus fastos ,  
 Nos fastos do Brasil o acto solemne  
 Da tua acclamação , da independencia ,  
 Cunho indelevel , sobranceiro ao nada ,  
 Vividouro derrame sempre copias  
 De jubilo , de graças , de delicias  
 No grato coração dos Brasileiros !  
 Da patria o bem ( thermometro de Tito )  
 Da biographia tua seja a marca ,  
 O Signal que colloque a par de Codro  
 Teu nome egregio que abrillante a historia ,  
 E levante percame , forte muro  
 Entre Pedro piedoso , e Nero duro .

A. P. Maciel Monteiro.

SONETO (4) .

Eis ja dos mausoleos silencio horriendo  
 Me impede o respirar , a voz me esfria ;  
 Eis chega a noite eterna , eis morre o dia  
 E ao nada a natureza vai descendo .

(1) O marechal Luiz Paulino fez este bello soneto duas horas antes de morrer.

No da anniquilação passo tremendo  
 Escudo-me da sãa philosophia ,  
 Terror humilde o rosto não me ensia ;  
 Como Catão morreu , eu vou morrendo .

Mas ah ! tu d'alma nobre qualidade  
 Saudade cruel , com o sofrimento  
 Me arremesso á mares d'anciedade .

Mulher , filhos , amigos num momento  
 No momento do adeos p'ra a eternidade  
 Vós sois o meu cuidado , o meu tormento .

L. Paulino.

A HENRIQUE DIAS NATURAL DE  
 PERNAMBUCO E SEU RESTAURADOR  
 EM 1654.

ODE.

*Strofe 1.<sup>a</sup>*

Não posso , egregio Henrique , em larga copia  
 As lagrimas da aurora offerecer-te ;  
 Nem de marmor lucente  
 Padrões eternos contra o tempo erguer-te ;  
 Porém ao som do plectro que desfiro ,  
 Com aureo canto eternizar-te posso :  
 Dom de maior valia ,  
 Que cem columnas do opulento Efiro .

*Antistrofe 1.<sup>a</sup>*

Quando no olimpico circo ,  
 Não mortal , todo nome o argivo cysne  
 Da atropellada boca  
 Novos vibrava audaciosos hymnos ,  
 Quando a rival Corina  
 Raiava de escutar-lhe a voz divina !  
 Quanto o mesmo ginete que a victoria  
 Conseguio ao senhor , se encheo de gloria !

*Epodo 1.<sup>a</sup>*

Nem so de Illo bateu neptunios muros  
 O indomavel Achilles ,  
 Quando em torno correu do argivo campo ,  
 Largo ribeiro , o sangue de Patrocelo :  
 Nem o velho Nestor , que honrara Pylos ,  
 Transpoz somente á vida o curto espaço .

*Strofe 2.<sup>a</sup>*

Oh ! mil vezes ditoso , o que da lyra  
 Tirando sons , milagres de harmonia ,  
 Que o Patareo inspira ,  
 Rouba os heroes do tempo á foice impia

Ditoso, o que n'um frio esquecimento  
Não deixa sepultar a pátria glória !  
Assim Camões divino  
Ergueo-te, ó Gama, eterno monumento.

*Antistrofe 2.<sup>a</sup>*

Assim outrora Elpíno,  
Atropellando os evos fugitivos,  
Da imensa eternidade  
As bilores abriu formosas portas  
Quanta d'ali rutila  
Brilhante gloria em Azamer, e Arzila !  
Viste de novo Adamastor, ferrenho  
Sulcar teus mares, lusitano lenho.

*Epoado 2.<sup>a</sup>*

Qual furor divinal de mim se apossa !  
Que sacro entusiasmo  
Em grosses turbilhões me assalta a mente !  
Onde me elevas, impeto divino ? !  
Oh passado ! Oh futuro ! eu vejo tudo :  
Abrem-se os penetraes aos meus accentos ! ! !

*Strofe 3.<sup>a</sup>*

Henrique ! la me assoma em densa treva  
Do fero Belga a alta trincheira invicta !  
Que clamor, que se eleva ! ...  
Que terror nos cercados, que se excita ! ...  
O bipene cutello a parca afia  
No fuzilo dos elmos, das espadas ;  
Traq o bronze inflammando,  
Que em chuveiros a morte despedia.

*Antistrofe 3.<sup>a</sup>*

Como debalde intentas,  
Belga soberbo, te esquivar ao raio !  
Como ! ... Ja se arremessao  
Altas escadas ás trincheiras altas ;  
Ja tremula a primeira  
Sobre as muralhas portuguez bandeira ;  
Ja curvas, Hollandez, com fado escasso,  
Altiava fronte do Brasileiro ao braço.

*Epoado 3.<sup>a</sup>*

Freme na estancia o bellico Mayotte  
Fulminando ruinas.  
La Dias aparece... ah ! quao azinha  
Foje no vel-o a batavia atrocidade ,  
Assim de Heitor fugia o Grego imbelli ,  
Que as muralhas de Troya accommetta.

*Strofe 4.<sup>a</sup>*

Que confusão, o musa, que alarido !  
O céo se encobre de nevôa horreudo !  
Que estrondo nunca ouvido !  
Que sangue pe'a terra vai correndo ! ...  
Que é isto ! ... Mas la sou... a O Belga forte ,  
« Nas Salinas fugir em vão intenta ;  
« Henrique os atropella ,  
« E o seu lado se espalha a negra morte . »

*Antistrofe 4.<sup>a</sup>*

Tal do heroe de carnice  
Furia à vista a quinhual cohorte  
Quando em Tresbia valente  
O consui atrevido derrota.

*Tal fogo temeroso*

Do agor ermento à garra furibunda  
O aero bando de nimosas pombas,  
Tanto do Heitor brasili assusta o braço !

*Epoado 4.<sup>a</sup>*

Como la fege ao vel-o nas tabocas  
O Batavo medroso !  
Como sem cor, sem vida, espavor...  
De susto cheio, no Afogado fogo !  
Como tressua navegando os mort  
Na fea barca o sordido Ch'ronte !

*Strofe 5.<sup>a</sup>*

Guanarapes abaixa o n<sup>o</sup>bre cumé ;  
O illustre Scipião la val subindo ,  
Que nunca visto lame  
Da fulgorante espada ver-a sahindo !  
Re inchá o mitridor atro clado ,  
Sangue e fogo no ceo mastigando ;  
La se a la começa

Dos pelour *estriondo repetido* ! ...

*Antistrofe 5.<sup>a</sup>*

Qual do cavallo voa ;  
Qual sem ibega corpo vai rolando ;  
Qual decepado braço ,  
Qual tremendo aperta a quente espada ;  
Qual sem dema ginete  
Pisa, e repisa galopando o campo.  
La di costas o Belga, la procura  
Nas densas matas o mesquinho abrigo.

*Epoado 5.<sup>a</sup>*

Musa ! ... porém ja basta descancemos  
Um poucos, a lyra, d'ouro ;  
E entretanto conheca o mundo todo  
Que entre o remoto novo brasileiro  
Tambem se criao peitos mais que humanos ,  
Que não invejam Gregos nem Romaños .

*Natividade da Saldanha.*

**A MEU AMIGO J. NORBERTO DE S. S.  
o sonho.**

Curvado ao peso d' impressões bem tristes  
Qu'em minha alma gravou recente sonho,  
Vou, meu charo Norberto, no teu peito  
Parte dellas depor ; — que he grande allivio  
Ter-se amigo com quem se desabafe.

Profunda noite escurécia a terra,  
Qual a em que Josabeth predisse á filha  
Que o raio de Jehovah faria cinzas  
Do templo de Baal ja vacillante.  
Era a hora em que o gallo rouquejava,  
Segundo antiga crença, meia noite.  
Cançado do Besout e do Legendre  
orque mal vindo exame á porta bate ),  
A palpebras fechei, rendi-me ao sonno.

Fiquei — me entao na phantasia,  
Estraga por círculos e rectas  
Que em vasto campo de sarçais coberto,  
Todo estrepes e sylvas, eu me achava.  
Amena veiga se ava ao longe  
E ao meio borbulhando uma corrente  
Mais doce e pura que o maná e o nectar.  
A custo avizinhhei-me, e n'uma volta  
De escrutadores olhos diviseite  
Com raios — mas aleg res — companheiros  
A's margens desse río passeando.

Correr aos braços teus « g » rigo.  
Do unico lugar que me aprázi  
Eis o meu pensamento nesse instante  
Porem—qual s'ennuvia o ceo, e à vista  
Rouba do nauta o desejado porto — ,  
Do repente barreira inaccessible.  
Separou-me da veiga, em que te eu vira;  
E no duro terreno pouco a pouco  
Os sentidos perdi, tornei ao nada.

Entanto vinha o dia despontando;  
E do leito fugindo entrestecido  
A um velho dirigi-me. Encanecera  
Esse ancião no gremio da sciencia;  
Vinte lustros, que nella despendera  
Franquearão-lhe mil conhecimentos,  
Mesmo até no segredo do futuro.  
Sonhos interpretava, não fingindo  
Ser do ceo inspirado, mas ligando  
As idéas do sonho á natureza.  
« Mancebo, respondeu-me, o pensamento

« Que de tal narração deduzir pude  
« He duro para ti.... ser-te-ha funesto...  
— Dize, lhe proferi, dize o que pensas;  
« Animo para ouvir-te não me falta -- .  
« Pois bem joyeu audaz; escuta e treme.  
« É o mundo, em que estás, sarçal somente;  
« E a unica ventura que offerece  
« É a sabedoria; doce leiva  
« Por onde manso a manso o prazer d'alma  
« Não turbado um so atomo, murmura.  
« Lícito — nunca — ser-te-ha goza-lo;  
« Não és delle credor; a vida ingloria  
« Terás de supportar. Teu fado é este.....  
Inda o velho dizia: mas notando  
Que a pallidez da morte me alvejara,  
E gelido meu corpo vacillava,  
Sua voz suspendeu compadecido,  
E da morte á existencia revocou-me.  
Será verdade a predição do velho?...  
Uma voz me profere: « Oh! sim, verdade! »

*F. Octaviano de A. R.*

**O AMOR PERFEITO (1).**

Bardo, se o ceo te concede  
Saber arcanos de amor,  
Tu és vate e és amante  
Comprehende os desta flor.

Mal no peito a collocaste  
Pendeu logo ao coração,  
Tu és a flor que symbolisa  
A mais perfeita paixão!

Se Francina casta e pura  
Tal offerta te dóou,  
Recorda a mão que outorgou-a,  
E o dia em que t'a enviou;

E grava no pensamento,  
E no intimo do peito,  
Que o primeiro de seus mimos  
Foi, bardo, um amor perfeito!

Conserva-o por toda a vida,  
Pela mão que te offertou;  
Que em teu coração revira  
Pelo amor da que o inviou!

*F. J. Souza Silva.*

(1) Inedito.